COLEÇÕES EM FOCO
PALÁCIOS NACIONAIS
SINTRA QUELUZ PENA

#02 / 2019

PALÁCIO NACIONAL DE SINTRA

A ROYAL LUNCH. A VISITA A SINTRA DA RAINHA ALEXANDRA DO REINO UNIDO.

24 DE MARÇO DE 1905

COLEÇÕES EM FOCO
PALÁCIOS NACIONAIS
SINTRA QUELUZ PENA

#02 / 2019

A ROYAL LUNCH. A VISITA A SINTRA DA RAINHA ALEXANDRA DO REINO UNIDO.

24 DE MARÇO DE 1905

PALÁCIOS NACIONAIS

SINTRA QUELUZ PENA

#02 / 2019

Direção editorial Inês Ferro, António Nunes Pereira

Título A Royal Lunch. A visita a Sintra da Rainha Alexandra do Reino Unido. 24 de março de 1905.

Publicação associada ao projeto expositivo "A Royal Lunch", organizado pelo Palácio Nacional de Sintra | PSML, em colaboração com o Palácio Nacional da Ajuda | DGPC, no âmbito da iniciativa "A Place at the Royal Table", da Associação de Residências Reais Europeias, por ocasião do Ano Europeu do Património Cultural 2018.

Primeira edição digital Sintra, 16 outubro 2019

Coordenação editorial #02 Fernando Montesinos

Textos e seleção de imagens Maria João Burnay, Cristina Neiva Correia, Teresa Maranhas, Fernando Montesinos, Virgílio Nogueiro Gomes

Revisão de textos Inês Ferro, Fernando Montesinos
Colaboração Cristina Neiva Correia, Hugo Xavier, Cláudio Marques

Design e composição gráfica FPreto / Graphic design for closed and open media

Com a colaboração do Palácio Nacional da Ajuda

ISBN 978-989-54061-0-4 (volume 2)
978-989-99815-1-5 (coleção)

Edição © Parques de Sintra - Monte da Lua, S.A., 2019

COLEÇÕES
EM FOCO
PALÁCIOS
NACIONAIS
SINTRA QUELUZ PENA

#02 / 2019

ÍNDICE

Apresentação

Com este segundo volume da série de monografias "Coleções Em Foco" dá-se continuidade a uma iniciativa editorial da Parques de Sintra - Monte da Lua (PSML) que tem por objetivo a divulgação de investigações e estudos recentes sobre objetos, personagens, vivências e temas que envolvam os acervos dos Palácios Nacionais de Sintra, Queluz e Pena, com especial destaque para as coleções reais.

"Coleções Em Foco" é um projeto editorial inédito em Portugal na esfera dos Palácios Nacionais, tendo periodicidade regular e estando disponível para consulta e *download* no sítio web da PSML. Recorda-se que o volume inaugural desta publicação, em 2018, foi distinguido nos Prémios da Associação Portuguesa de Museologia (APOM) com uma Menção Honrosa na categoria "Investigação", entre muitos outros trabalhos de diversas instituições museológicas. Este primeiro volume, intitulado "Retrato de Jovem Nobre, Cavaleiro da Ordem de Calatrava" e que contou com a colaboração do *Norton Simon Museum* (Pasadena, USA) e do *Museo Nacional del Prado* (Madrid, Espanha), concentrou-se numa obra de referência da coleção de pintura do Palácio Nacional de Sintra, sobre a qual persistiam ainda muitas interrogações. De facto, a investigação permitiu esclarecer diversas questões sobre a identificação do personagem representado, a autoria da tela, a datação, o contexto de produção, a proveniência, o processo de aquisição, a incorporação nas coleções reais, entre outras.

O segundo volume, ricamente ilustrado, elabora um passeio detalhado pela memória de um dos últimos acontecimentos onde a rainha-mãe, D. Maria Pia, teve um papel protagonista: o almoço oferecido no "Real Paço de Cintra" em honra da rainha Alexandra do Reino Unido, em 24 de março de 1905. Quatro estudos, realizados por conservadores dos Palácios Nacionais de Sintra e da Ajuda, dão a conhecer novos aspetos da sua personalidade, da sua vida, do seu gosto pelos objetos sumptuosos, do seu papel de anfitriã. Mais de cem anos após a instauração da República, a ligação de

D. Maria Pia a este palácio continua viva, agora revitalizada e valorizada com trabalhos de investigação como este e com a nova museografia que está a ser concebida para o circuito de visita, que permitirá redescobrir os aposentos da última rainha portuguesa que habitou e deixou uma marca profunda na história do palácio.

"Coleções Em Foco" está em sintonia com os princípios do movimento *Open Access*, visando aumentar de forma rápida e gratuita o acesso, partilha e disseminação do conhecimento científico associado às coleções dos Palácios Nacionais sob gestão da PSML, bem como estimular novas investigações e estudos aprofundados que valorizem as coleções à sua guarda. Pretende-se que estas monografias venham a tornar-se edições de referência, não só junto da comunidade científica, mas também para o círculo alargado de investigadores, estudantes e profissionais do património, como a todos aqueles que se interessam pelos Palácios Nacionais, todos eles potenciais visitantes e leitores.

Este novo volume renova o compromisso da PSML com a sua missão de revitalização, conservação, investigação e divulgação do património histórico sob sua responsabilidade. Sabemos que a beleza e grandiosidade dos monumentos geridos pela PSML falam por si, mas o seu valor histórico e cultural é indissociável das pessoas e dos acontecimentos que os marcaram. É por isso que investimos em projetos de investigação que estudem a forma como estes espaços foram vividos, contribuindo em simultâneo para aumentar o conhecimento científico sobre momentos importantes da nossa História e para desenvolver o *storytelling* que ajuda a melhorar a experiência e a perceção de valor de todos os que nos visitam.

Dorabela Charneca
Administradora
Parques de Sintra - Monte da Lua, S. A.

Introdução

O Projeto "A Royal Lunch"

No início do século XX, e em especial nos anos de 1904 e 1905, a monarquia portuguesa recebeu chefes de Estado e membros de casas reais europeias, numa intensa atividade diplomática que passou também pela realização de banquetes, como o que ocorreu no Real Paço de Sintra, a 24 de março de 1905, durante a visita da Rainha Alexandra do Reino Unido.

Sem o saberem, todos os convivas deste primaveril e despreocupado passeio a Sintra, estavam a viver o crepúsculo de uma época. A Rainha D. Maria Pia, anfitriã de gosto requintado, muitas vezes acusada de despesismo mas a quem devemos a aquisição de peças importantes que hoje integram as coleções dos Palácios Nacionais, seria a última soberana a habitar o Paço de Sintra. Três anos após este alegre evento, o seu filho e o seu neto, o Rei D. Carlos e o Príncipe Real D. Luís Filipe, seriam assassinados no Terreiro do Paço. Dois anos depois, em 1910, dava-se a implantação da República e a consequente partida de D. Maria Pia para o exílio, justamente desde a sua residência em Sintra, fechando assim um arco de seis séculos de habitação real do velho Paço.

O acaso fez com que me tivesse sido mostrado, no Arquivo Real de Windsor, o álbum pessoal de fotografias e recordações da Rainha Alexandra, consorte do Rei Edward VII do Reino Unido, onde se incluíam instantâneos, documentos e comentários pessoais da sua visita a Lisboa e a Sintra, que pude pesquisar posteriormente durante a preparação deste projeto. Esta casualidade acicatou ainda mais o desejo latente de evocar no seu local original, a Sala das Pegas do Paço da Vila, o almoço oferecido em sua honra pela rainha viúva, D. Maria Pia, e pelo Rei D. Carlos, seu filho. Tratava-se também de uma oportunidade de abordar um tema mais periférico ao Palácio, como é o último período de vivência real, num monumento em que, pelo seu acervo e pelas próprias características históricas e arquitetónicas, os temas explorados tendem a relacionar-se com épocas mais recuadas e identitárias do Palácio, como o mudejarismo, a azulejaria, a expansão portuguesa ou o encontro de culturas nas Artes.

O projeto expositivo, que assim decorreu de 6 de julho a 7 de outubro de 2018, integrou a iniciativa "A Place at the Royal Table", promovida pela Associação das Residências Reais Europeias – a que o Palácio Nacional de Sintra pertence desde 2013 – no Ano Europeu do Património Cultural 2018[1]. Envolveu quatro Palácios Reais, uma vez que para além do Palácio Nacional da Ajuda, nosso parceiro neste projeto, contámos ainda com a colaboração dos Palácios de Belém[2] e de Mafra[3]. Na área dos Arquivos uma referência deve ser feita ao Arquivo Real de Windsor, que me disponibilizou a consulta direta do álbum de fotografias da rainha Alexandra. Impõe-se também destacar a cedência graciosa de imagens de fotografias e documentos antigos, provenientes dos acervos do Arquivo de Documentação Fotográfica da Direção-Geral do Património Cultural, do Arquivo Municipal de Lisboa, da Biblioteca da Ajuda, da Fundação da Casa de Bragança[4], da Hemeroteca Municipal de Lisboa e do Arquivo Histórico da Biblioteca Central da Marinha.

Tanto o projeto expositivo como a presente monografia foi sobretudo mérito de Fernando Montesinos, investigador e conservador do Palácio Nacional de Sintra, e das conservadoras do Palácio Nacional da Ajuda, Maria João Burnay, Cristina Neiva Correia e Teresa Maranhas. A partir do conhecimento da documentação já referenciada, desenvolveu-se uma extensa investigação envolvendo documentação inédita manuscrita e fotográfica para além de uma recolha exaustiva na imprensa nacional e estrangeira. Estas investigações, com dados inéditos, permitiram confirmar ou identificar os serviços e objetos transferidos do Paço da Ajuda para o Paço de Sintra, garantindo assim o rigor na evocação do almoço da Rainha Alexandra e o êxito do projeto.

Com efeito, o trabalho de pesquisa e de investigação teve como ponto de partida, por um lado, a revisão de documentação já levantada anteriormente pelo Palácio Nacional de Sintra[5], designadamente os planos da mesa de Estado e da segunda mesa, as listas de convidados, o menu e o programa de música que acompanhou o almoço, e, por outro, a localização de outra documentação que era preciso descodificar e contextualizar devidamente. Nesta documentação foram particularmente importantes os róis de março de 1905 que compreendem os serviços que foram do Real Paço da Ajuda para o Real Paço de Sintra, com diferentes versões e datas de redação. Estas relações, conservadas no Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda, mencionam os objetos e serviços

de mesa em prata, louça e vidro que foram transferidos da Ajuda para a residência de recreio de D. Maria Pia em Sintra, por ocasião dos dois almoços ali oferecidos no mês de março, o que permitiu identificar os serviços de mesa destinados aos almoços da rainha Alexandra (24 de março) e do imperador Wilhelm II da Alemanha (29 de março, apenas poucos dias depois) e também servir de base à montagem evocativa da mesa do almoço.

Como se compreenderá pelo acima exposto, tanto o projeto museográfico como a presente monografia não teriam sido possíveis sem a parceria com o Palácio Nacional da Ajuda, cujo Diretor, José Alberto Ribeiro, e o corpo de conservadoras, de imediato aceitaram o desafio lançado, dando mais uma vez testemunho da excelente comunicação que, independentemente das tutelas, sempre existiu entre os colaboradores dos Palácios Nacionais, permitindo a realização de projetos transversais, que refletem a própria dispersão das coleções reais. Daí resultam a produção de conhecimento e o aprofundamento do estudo de coleções e vivências comuns, o que nunca é demais valorizar.

Na montagem da mesa evocativa foi fundamental o acompanhamento atento das conservadoras do Palácio Nacional da Ajuda, incluindo Manuela Santana, conservadora de têxteis. A confeção dos arranjos florais a partir dos dados históricos compilados no decorrer do projeto ficou a cargo do designer de interiores Nuno Miguel de Amorim.

À Comissão Cultural de Marinha, na pessoa do Vice-Almirante Augusto Ezequiel, e à Banda da Armada, na pessoa do seu chefe, o Comandante Délio Gonçalves, devemos o concerto evocativo do Quinteto de Sopros da Banda da Armada, realizado no dia da inauguração, cujo repertório especial, por eles preparado, evocou aquele que, há mais de cem anos foi interpretado pela mesma Banda da Armada.

A concretização do projeto museográfico mobilizou de forma empenhada a pequena equipa do Palácio Nacional de Sintra e em especial a conservadora-restauradora Joana Amaral, o técnico superior Cláudio Marques e a técnica de museografia Graça Pinto, para além da colaboração de vários técnicos da Parques de Sintra[6]. O Atelier P-06 foi responsável pelo design e composição dos painéis interpretativos e a Bitclick pelo desenvolvimento da solução digital interativa.

Um total de 162.174 pessoas tiveram a oportunidade de contemplar o requinte de uma Mesa Real da fase final da monarquia em Portugal, e de consultar a informação *in situ*, nos painéis e suportes interativos disponíveis.

Acabada a exposição evocativa, fica-nos a presente monografia, como registo da documentação levantada e da investigação realizada pelos diferentes especialistas. Nela veremos desenvolvidos temas tão diversos como o contexto sociopolítico da época, o programa de eventos associados aos quatro dias da visita oficial ou a decoração dos espaços e da mesa. Teremos também oportunidade de acompanhar a Rainha D. Maria Pia nas suas compras pelos grandes armazéns parisienses deste princípio de século, conhecer o empreendedorismo e ascensão da manufatura de porcelanas *Haviland Limoges* ou compreender os significados das flores que decoravam a mesa do almoço. Poderemos ainda saber mais sobre o perfil dos convidados, comprovar a proximidade existente entre o embaixador português e a família real britânica ou descobrir porque é que na imagem icónica das três Rainhas, apenas D. Amélia se encontra sentada.

Ainda relativamente à presente publicação, é de justiça deixar patente o nosso agradecimento a todas as pessoas e entidades que generosamente contribuíram para o enriquecimento dos conteúdos deste segundo volume do projeto editorial "Coleções Em Foco". Gostaria de salientar os contributos do gastrónomo Virgílio Nogueiro Gomes, pela análise apurada do menu do almoço; o apoio e rápida resposta dada por Cristina Pinto Basto, coordenadora da Biblioteca da Ajuda, e do Senhor Embaixador Manuel Henrique Côrte-Real, cuja mediação junto do Senhor Embaixador Álvaro Mendonça e Moura, Secretário-Geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, permitiu a captação de imagens das magníficas peças *Odiot* adquiridas pelo MNE.

A todos os que, com o seu contributo, viabilizaram este duplo projeto, museográfico e editorial, o meu caloroso agradecimento.

Inês Ferro
Diretora do Palácio Nacional de Sintra *

NOTAS

1 Iniciativa constituída por uma série de exposições e eventos dedicados às Artes da Mesa e aos hábitos alimentares nas cortes europeias, que tiveram lugar nos principais palácios europeus.

2 No Palácio de Belém, Maria Antónia Pinto de Matos, Diretora do Museu da Presidência da República, ajudou a localizar o conjunto de doze cadeiras transferidas do Palácio Nacional de Sintra para o Palácio de Belém na década de 1930, hoje na Sala do Conselho das Ordens Honoríficas do Palácio.

3 De onde vieram os dois grandes aparadores que se encontram em depósito na Sala da Caça daquele Palácio, encomendados pela Rainha D. Maria Pia para a Sala das Pegas.

4 Arquivo onde, graças à disponibilização dos Álbuns de fotografia da Rainha D. Amélia e à colaboração, já existente, com Maria de Jesus Monge, Diretora do Museu Biblioteca da Casa de Bragança, Marta Páscoa, arquivista, e Joaquim Real Andrade, técnico do arquivo fotográfico, foi-nos possível identificar, por exemplo, a única imagem até agora conhecida da sala do átrio dos arcos góticos, então entaipados, da escadaria principal.

5 Para a qual foi determinante o trabalho de Judite Barbosa, técnica superior do Palácio Nacional de Sintra entre 2000 e 2008.

6 Pedro Trocado (suportes interpretativos), André Mingote (iluminação), Cristina Pais e Bruno Silva (segurança e vigilância).

* Texto redigido pela então Diretora Maria Inês da Franca Sousa Ferro, que cessou funções em junho de 2019.

A visita a Sintra da rainha Alexandra do Reino Unido, a 24 de março de 1905, representou um momento único na história do Paço da Vila à época de D. Maria Pia, a última rainha que habitou o vetusto palácio sintrense, de onde partiria para o exílio a 5 de outubro de 1910, na sequência da revolução republicana. A visita à corte portuguesa perpetuou-se na memória historiográfica como uma das mais significativas vivências da família real nos derradeiros anos da monarquia constitucional, facto corroborado pela ampla cobertura noticiosa[1] dada ao acontecimento na imprensa nacional e estrangeira[2]. Até os jornais lisboetas de filiação ou afinidade republicanas relataram nas suas páginas alguns aspetos da receção efetuada pela família real e por representantes do governo português e da cidade de Lisboa, embora com pontos de vista nada enaltecedores, por motivos óbvios. Salienta-se, neste sentido, o jornal *A Parodia*, designadamente as caricaturas satíricas da autoria de Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro[3] [fig. 1] e as crónicas de João Rimanso[4], em contraponto ao tom laudatório do discurso jornalístico geral, que não regateou encómios à soberana britânica e à reafirmação das boas relações entre Portugal e o Reino Unido. Porém, o presente texto não se debruça sobre as reflexões críticas ou humorísticas de um setor específico da imprensa portuguesa, por exemplo contra o despesismo derivado das visitas de soberanos estrangeiros a Portugal, o "planeamento" das manifestações de regozijo público[5], a cacofonia de ornamentações e luminárias[6] ou os sucessivos adiamentos da chegada da rainha Alexandra[7] [fig. 2]. Cinjo-me aqui à descrição e análise do almoço oferecido no Paço Real de Sintra e do contexto em que se realizou, identificando os espaços, objetos e personalidades que dele participaram, a partir de diversas fontes da época, com especial incidência nas informações fornecidas por publicações periódicas favoráveis à monarquia, embora estas fontes não fossem, naturalmente, as únicas consultadas para o efeito.

[fig. 1]

Galanteria Mystica

Caricatura de Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro publicada no jornal humorístico *A Parodia*. Edição de 17 de março de 1905.

[fig. 2]

A' espera da Rainha

Caricatura de Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro publicada na primeira página do jornal *A Parodia*. Edição de 24 de março de 1905.

Os duzentos e cinquenta convites para o jantar e o concerto no Palácio da Ajuda, emitidos pela mordomia-mor da Casa Real, foram distribuídos pela primeira vez no dia 13 de março. Ambos os eventos, que se deviam realizar a 19 desse mês, só acabariam por ter lugar no dia 22.

"[...] O jantar de gala no Paço da Ajuda é todos os dias annunciado para o dia seguinte, o que nos faz suppor que já deve estar ligeiramente requentado [...]". (*A Parodia*, 24 março 1905: 3).

Para o melhor conhecimento dos factos relevantes em torno do almoço – tais como a lista de convidados, os protagonistas nos bastidores do acontecimento, a organização das mesas e o embelezamento e recheio dos interiores do Paço da Vila com motivo da visita – são fundamentais os inventários dos bens do Palácio nos últimos anos do período de habitação de D. Maria Pia, as várias relações dos serviços e objetos que foram do Palácio da Ajuda para o de Sintra em março de 1905, as várias listas de pessoas convidadas e planos de mesa[8], a ementa definida para a ocasião, o programa de música que acompanhou o almoço e os álbuns de fotografias conservados no Palácio da Ajuda[9], no Museu Biblioteca da Casa de Bragança[10] e no Castelo de Windsor[11], entre outras fontes de interesse. Por outro lado, apesar de existirem registos fotográficos do "passeio a Cintra" da rainha Alexandra e de vários dos ambientes decorativos do Paço da Vila entre a década de 1890 e 1910, não existem – ou não se conhecem até ao momento – imagens do interior da Sala das Pegas do dia do almoço, palco da mesa de honra. Conhecem-se sim algumas imagens dos espaços de circulação e convívio adjacentes.

Algumas considerações sobre o contexto da visita

O alvor do século XX foi prolífico em visitas oficiais a Portugal de importantes personalidades, designadamente chefes de Estado e membros de famílias reinantes. Destaca-se o ano de 1905, com visitas de grande repercussão além-fronteiras, pela sua carga simbólica e política. A vinda dos duques de Connaught entre 7 e 12 de janeiro[12] [fig. 3], da rainha Alexandra do Reino Unido entre 22 e 25 de março, do imperador Wilhelm II da Alemanha poucos dias depois, entre 27 e 30 [fig. 4], e do presidente da República Francesa, Émile Loubet, entre 27 e 29 de outubro [fig. 5], assinalaram quatro momentos altos na história da monarquia e diplomacia portuguesas.

Vivia-se então um período de intensa agitação republicana, agravada pela insuficiência da elite política no poder e marcada, ainda, pelo rescaldo da problemática colonial do "mapa cor-de-rosa" e do decorrente ultimato britânico de 11 de janeiro de 1890, que desencadeou um sentimento patriótico de contestação

[fig. 3]

O grupo de convidados para o almoço oferecido pela rainha D. Maria Pia no Real Paço de Sintra, por ocasião da visita dos duques de Connaught e as duas filhas, Margaret e Patricia.

Fotografia de Joshua Benoliel. 10 de janeiro de 1905.

Palácio Nacional da Ajuda
Inv. 64130

© DGPC/ADF
Cortesia da Direção-Geral do Património Cultural

[fig. 4]

A família real com o grupo de convidados para o almoço em homenagem ao imperador da Alemanha, que se encontra de pé na primeira fila, entre as rainhas D. Amélia e D. Maria Pia, sentadas.

Fotografia de António Novaes (*Illustração Portugueza*). 29 de março de 1905.

Palácio Nacional da Ajuda
Inv. 64126

© DGPC/ADF
Cortesia da Direção-Geral do Património Cultural

[fig. 5]

Grupo de convidados para o almoço oferecido pelo rei D. Carlos ao Presidente Loubet no Paço de Sintra.

Fotografia de António Novaes. 28 de outubro de 1905.

Museu Biblioteca da Casa de Bragança
UI5201

© J. Real Andrade - MBCB, Arquivo Fotográfico
Cortesia da Fundação da Casa de Bragança

e desconfiança – nem sempre em prol do ideal republicano – contra o Reino Unido, o regime monárquico[13] e o próprio rei D. Carlos. É neste espírito de manifestação patriótica e de defesa do ideário republicano, enquanto alternativa ao desacreditado sistema da monarquia constitucional, que rapidamente emergem ventos políticos, sociais e culturais de cariz nacionalista.[14]

O projeto da África Meridional Portuguesa

"Mapa cor-de-rosa" é o nome dado ao projeto colonial português em África, apresentado na sequência das decisões da Conferência de Berlim (novembro 1884 - fevereiro 1885), que reuniu as potências europeias com interesses nos territórios africanos. As pretensões portuguesas em África provocaram uma forte reação do Reino Unido, desencadeando um conflito diplomático que culmina quando o governo britânico envia ao seu congénere português um memorandum – o "Ultimato" – a exigir a retirada imediata das tropas portuguesas das zonas compreendidas entre Angola e Moçambique, sob a ameaça de revogar a multissecular aliança luso-britânica e de ponderar uma eventual resposta militar. Impossibilitava-se assim a almejada ligação entre as duas províncias ultramarinas através de uma faixa de território que iria unir o oceano Atlântico ao Índico. Portugal acabaria por ceder às demandas transmitidas pelo ministro plenipotenciário do Reino Unido em Lisboa, George Petre, no dia 11 de janeiro de 1890. No parlamento e nos jornais as respostas à submissão do governo, que entretanto se demitira, multiplicaram-se. As profundas feridas do Ultimato estigmatizaram todo o reinado de D. Carlos, cujo desfecho foi o atentado contra a família real na tarde de 1 de fevereiro de 1908. O rei e o príncipe real, D. Luís Felipe, com apenas 44 e 20 anos, são assassinados no Terreiro do Paço, por volta das cinco horas e um quarto. Nada seria igual a partir daquele dia. Acontecimento marcante na História de Portugal, as suas consequências acabariam por precipitar a instauração da República, em 1910.

[fig. 6]
O rei D. Carlos, em traje de passeio
Estúdio fotográfico Camacho,
sito na rua Nova do Almada, n.º 116, Lisboa.
João Francisco Camacho (1833-1898)?
1890-1900

Palácio Nacional de Sintra
PNS5862

D. Carlos (1863-1908) [fig. 6], penúltimo rei de Portugal, é oficialmente aclamado a 28 de dezembro de 1889, aos 26 anos. O seu papel principal, enquanto chefe de Estado, era garantir as condições necessárias para que houvesse governo e assegurar a concórdia entre os poderes do Estado, em especial entre o ministério e o parlamento, sem descurar o seu papel como interveniente destacado nas relações externas do país.

O novo soberano teve um início de reinado muito complicado, denegrido por circunstâncias políticas nada favoráveis[15]. Apenas duas semanas depois da sua cerimónia de aclamação, despoleta o confronto diplomático-colonial com o Reino Unido. As negociações bilaterais tendentes à resolução do conflito não se fizeram

esperar, sobretudo tendo em conta que a reação da imprensa ao Ultimato foi implacável, avivando, sempre que possível, o sentimento de rancor e antipatia pelo Reino Unido e pelas instituições e líderes do regime vigente que tinham permitido tal afronta[16]. Tornava-se imperativo contrariar os efeitos prejudiciais do Ultimato, em larga medida acalentados pela propaganda republicana. Importava restabelecer a validade da monarquia constitucional e fortalecer a posição e legitimidade de D. Carlos, enquanto chefe de Estado e árbitro político, especialmente atento à política externa.

Assim, em junho de 1891, o Tratado assinado entre o rei D. Carlos e a rainha Victoria (1819-1901) tenta normalizar as relações entre ambos os Estados e regula, em parte, os limites das respetivas áreas de influência no continente africano, num esforço, sem grande êxito, para apaziguar o contencioso e restaurar a imagem de amizade entre Portugal e o Reino Unido. Em outubro de 1899, a declaração secreta luso-britânica[17] reafirma a aliança entre as duas nações e garante a defesa pela Grã-Bretanha das colónias portuguesas contra os inimigos presentes e futuros. Foi renovada em novembro de 1904, mediante a assinatura do Tratado de Windsor entre D. Carlos e o rei Edward VII (1841-1910), por ocasião da visita oficial do rei português à corte inglesa, acompanhado pela rainha D. Amélia e pelo ministro e secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, António Eduardo Villaça. Anteriormente, em 1903, o rei Edward VII tinha escolhido Portugal como destino para a sua primeira deslocação ao estrangeiro após a sua coroação, em 1902, retribuição da viagem de D. Carlos a Londres, Sandringham e Balmoral em 1895. A visita de Estado do monarca britânico em 1903, de 2 a 7 de abril, representou a primeira manifestação formal e pública, em solo português, deste ciclo pós-Ultimato de relações cordiais e de amizade entre Portugal e o Reino Unido. Uma receção apoteótica que marcou também o início dos anos dourados da diplomacia portuguesa durante o reinado de D. Carlos. Quase dois anos depois surgem boatos de um novo encontro entre as famílias reais inglesa e portuguesa, no seguimento da promessa efetuada aos reis de Portugal por Edward VII e Alexandra da Dinamarca, sua consorte, aquando da sua estadia em Windsor entre 15 e 21 de novembro de 1904.

Esta possível visita dos monarcas britânicos, que significaria a segunda deslocação oficial de Edward VII à corte portuguesa, nesta ocasião em companhia da sua esposa, inseria-se pois nesta etapa de recuperação da credibilidade de Portugal e do rei D. Carlos perante a opinião pública, nacional e europeia. Uma credibilidade onde as viagens políticas externas de D. Carlos e as subsequentes visitas oficiais a Portugal dos líderes das potências europeias da época se revelaram fulcrais. Tudo com vista a fortalecer, por um lado, os contactos pacíficos e as relações estáveis com países como o Reino Unido, a Alemanha e a França – cujos planos expansionistas em África colidiam com os interesses coloniais portugueses – e a assegurar, por outro, a já frágil reputação da monarquia portuguesa. As sequelas conspirativas e subversivas do Ultimato mostraram que nada se podia dar como adquirido e, neste empenho diplomático, colaboraram ativamente o rei D. Carlos e o marquês de Soveral, seu conselheiro e ministro na corte inglesa, também conselheiro e amigo pessoal do rei Edward VII.

As qualidades diplomáticas do rei português no plano externo poderiam ter sido também cultivadas no plano interno, como medida profilática, devido ao estado de tensão política e social crescente no país, palpável, por exemplo, nas manifestações abertas de jornais da órbita do republicanismo mais radical[18] e de líderes políticos descontentes com D. Carlos, inclusive os avessos à proclamação da República.

A RAINHA ALEXANDRA

A rainha Alexandra (Copenhaga, 1844 - Sandringham, 1925), filha do rei Christian IX da Dinamarca, já tinha completado os sessenta anos de idade na altura da sua primeira visita a Portugal.

Descendente do primeiro rei dinamarquês da casa de Glücksborg, era irmã de Maria Feodorovna (princesa Dagmar), viúva do imperador Aleksandr III da Rússia, e portanto tia do imperador Nikolai II; cunhada da princesa Marie d'Orléans, bisneta do rei D. Pedro IV de Portugal por linha materna e filha de Robert d'Orléans, duque de Chartres; irmã do rei Georg I da Grécia; tia, por afinidade, do imperador Wilhelm II da Alemanha; e irmã do rei Frederik VIII da Dinamarca.

Em 1863 casa com o príncipe de Gales, Albert Edward de Saxe-Coburgo e Gotha, posterior Edward VII, *King of the United Kingdom of Great Britain and Ireland, and of all the British Dominions beyond the Seas, Emperor of India*. Do seu casamento nascem os príncipes Albert Victor e George (George V), e as princesas Louise (princesa real), Victoria e Maud, esta última rainha consorte da Noruega pela união com o príncipe Carl da Dinamarca, seu primo, eleito rei por plebiscito em novembro de 1905, tomando o nome de Haakon VII da Noruega.

[fig. 7]
A rainha Alexandra

Fotografia do estúdio Lafayette, de 1902, publicada na edição de 16 de março de 1905 da revista *Brasil-Portugal*.

[fig. 8]
A família real inglesa

Fotografia de Byrne & Co., de 1889, publicada na edição de 16 de março de 1905 da revista *Brasil-Portugal*.

À frente a rainha Alexandra, entre o príncipe real Albert Victor e a princesa Louise. Atrás, da esquerda para a direita, a princesa Maud, o rei Edward VII, o príncipe George (futuro George V) e a princesa Victoria.

Em 1901, na sequência da morte da rainha Victoria, o sexagenário príncipe de Gales ascende ao trono. Alexandra torna-se então rainha consorte do Reino Unido. Devido a vários imprevistos e subsequentes adiamentos, as festas e cerimónias protocolares da coroação só acontecem em agosto de 1902, em data posterior ao regresso a Lisboa de D. Carlos e do príncipe real, no mês de julho. Na ausência do rei, o marquês de Soveral, por quem a rainha Alexandra tinha um sincero apreço, acabou por representar o país na sua condição de máximo dignitário do corpo diplomático português na corte de *St. James*.

O MARQUÊS DE SOVERAL

Luís Maria Pinto de Soveral (S. João da Pesqueira, 1851 - Paris, 1922), diplomata e homem de sociedade, primeiro e único marquês de Soveral, foi o último enviado extraordinário e ministro plenipotenciário da monarquia portuguesa no Reino Unido.

Entra na carreira diplomática em 1873, como adido na legação portuguesa em Viena de Áustria. Em 1874 é colocado em Berlim como segundo secretário. Em 1881 é promovido a primeiro secretário e transferido para Madrid, onde permanece até fevereiro de 1884, quando transita para Roma. Em dezembro de 1884 é primeiro secretário em Londres, tomando posse do cargo em janeiro seguinte. A partir de 1890, pouco depois do *Ultimatum*, inicia funções de encarregado de negócios interino. Finalmente, é promovido a ministro plenipotenciário na mesma Legação em janeiro de 1891, assumindo o cargo no mês de fevereiro. Em setembro de 1895 é nomeado ministro e secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, sendo exonerado do cargo em fevereiro de 1897 e, sem demora, de novo nomeado ministro de Portugal em Londres, posto que assume no mês de abril, permanecendo no cargo até ao advento da República. Par do Reino e conselheiro do rei D. Carlos desde 1898, em 1900 este concede-lhe o título de marquês de Soveral e, em 1901, um lugar efetivo no conselho de Estado. A 13 de outubro de 1910, perante a queda da monarquia e o exílio da família real, entrega a Legação ao respetivo secretário, sendo exonerado, a seu pedido, poucos dias depois.

Independentemente da influência, real ou sobrevalorizada, do marquês de Soveral nos decisores políticos do governo e da corte de Londres, vale a pena realçar a perceção do príncipe Bernhard von Bülow (1849-1929), diplomata de carreira e chanceler do império alemão entre 1900 e 1909. Nas suas memórias, posteriores à proclamação da República em Portugal, assevera que quando a casa de Coburgo-Bragança deixou de reinar em Lisboa e quando o marquês de Soveral, íntimo do rei Edward, deixou de representar Portugal em Londres, o Reino Unido deixou de se interessar por Portugal[19]. Uma convicção que o tempo acabaria por negar, designadamente em novembro de 1914, com a assinatura da Convenção Luso-Britânica, em que a República Portuguesa e a Grã-Bretanha declararam em vigor os antigos tratados de aliança.

A personalidade carismática do Marquês e o seu estilo elegante não deixavam ninguém indiferente, como transparece nas loas, críticas e caricaturas dos jornais e revistas de época, sendo um dos altos dignitários presentes no almoço em honra da rainha Alexandra no Paço da Vila de Sintra.[20]

[fig. 9]
O marquês de Soveral, em uniforme diplomático
Fotografia publicada na capa da revista *Brasil-Portugal*.
Edição de 1 de abril de 1903.

[fig. 10]
O marquês de Soveral
Caricatura de Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro escolhida como imagem em destaque da capa do jornal *A Parodia*. Edição de 10 de março de 1905.

Uma visita de primavera

> *Lisboa ha-de saber mostrar, não pela opulencia, que não possue,*
> *nem lhe ficaria bem aparentar, mas pela alegria, enthusiasmo e sinceridade*
> *do seu acolhimento, que é digna da honra que recebe.*
> (Agostinho de Campos, *Diario Illustrado Regenerador-Liberal*, 20 de março de 1905)

> *After the most charming three days at Lisbon we left Saturday March 25th.*
> *I never having had such an ovation and enthusiastic reception in all my life!!*
> *Which touched me greatly.*
> (Nota manuscrita da rainha Alexandra. Álbum "Mediterranean Cruise 1905", vol. 1, p. 19)

> *La embarcou no Terreiro do Paço. Aquela Rainha deixa as maiores saudades*
> *porque é grande no encanto como em tudo mais.*
> (Thomaz de Mello Breyner, relação de 25 de março de 1905)

A 6 de março de 1905, segunda-feira, o ministro e secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, António Eduardo Villaça, recebe um telegrama – parcialmente cifrado – do marquês de Soveral, enviado extraordinário e ministro plenipotenciário de Portugal em Londres, com a seguinte mensagem:

> Fui hoje recebido pelo rei Eduardo. Sua Magestade pediu-me para transmitter ao governo a expressão do seu pesar por não poder acompanhar a rainha na sua visita a Sua Magestade a rainha de Portugal. Era esse o seu maior desejo mas os negocios de Estado não o deixam ausentar-se por agora do seu paiz. (Peço a V. Ex.a dê a maior publicidade a este telegramma, assim como que a visita de S. M. A Rainha tem o caracter absolutamente official. El Rei decidirá portanto qual deve ser a recepção à chegada.) Soveral.[21]

Deste modo, por intermédio de uma audiência concedida em Buckingham ao marquês de Soveral, o soberano britânico faz saber ao governo português que lhe era impossível acompanhar a sua esposa na viagem combinada em Windsor, manifestando ainda a mais grata lembrança da visita de D. Carlos e D. Amélia em 1904 e o seu desejo sincero em visitar novamente Portugal.

Os jornais portugueses noticiam com rapidez a comunicação formal da augusta visita[22], passando a informar diariamente das datas de chegada e partida da rainha Alexandra, assim como do programa oficial das solenidades em sua honra, que acabariam por assumir o carácter de festas públicas. O influente jornal lisboeta

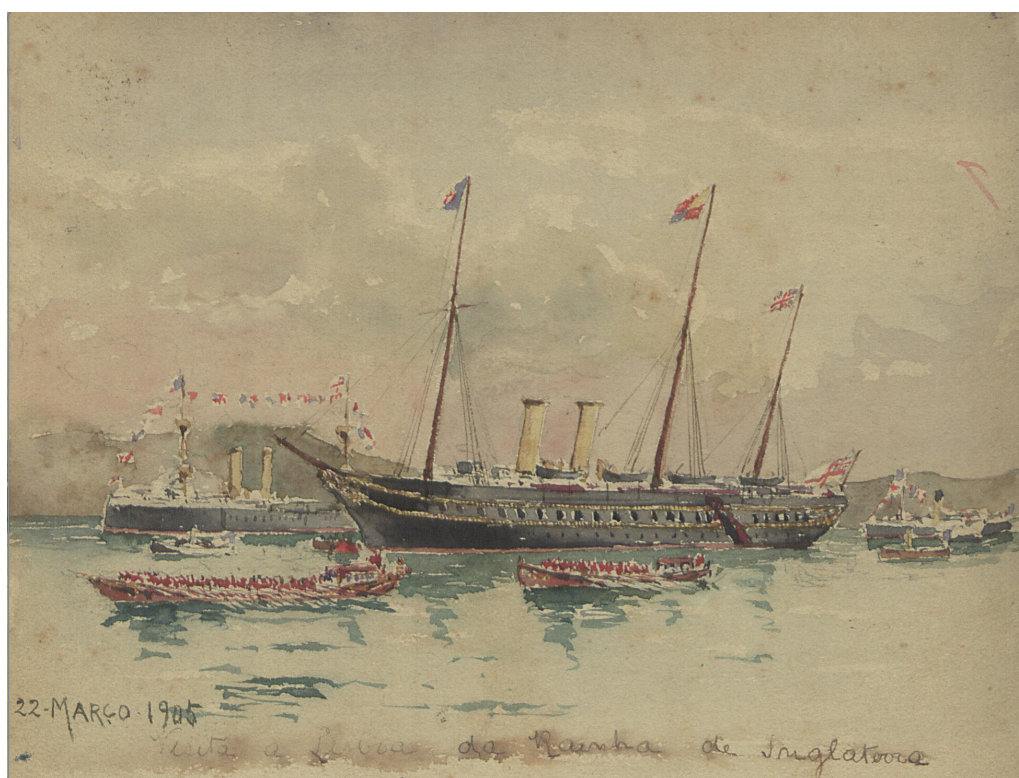
O Dia, dirigido por José Augusto Moreira d'Almeida, escreveria: "A alliança ingleza que o rei Eduardo VII veio pessoalmente confirmar [1903], tem agora a sua sagração suprema e solemnissima com a vinda a Lisboa da Rainha da Grã-Bretanha. *God save the Queen*!".[23]

Na tarde de 22 de março de 1905, quarta-feira, no dia seguinte ao equinócio da primavera[24], Lisboa recebe e saúda com simpatia e entusiasmo a rainha do Reino Unido. O dia tinha amanhecido melancólico, com o céu carregado de nuvens, mas a cidade exibia um semblante festivo, de grande animação. É na capital onde decorrem as cerimónias de maior aparato e projeção pública, a que o povo confere uma vivacidade tal que espanta e comove a régia visitante. Tratava-se da sua primeira visita a Portugal, acontecimento de carácter oficial com grande impacto nos jornais da época, que repetidamente enaltecem a personalidade gentil e a presença elegante – "ainda hoje" – da soberana, "apezar de ter completado 60 annos"[25]. Como exposto anteriormente, com esta visita pretendia-se também mostrar, perante a imprensa[26], a opinião pública e a classe política, a solidez da aliança luso-britânica e os laços de parentesco[27] e de amizade que uniam ambas as famílias reais.

A visita da rainha Alexandra integrou-se num cruzeiro pelo Mediterrâneo, a bordo do iate real "Victoria & Albert" [III], escoltado pelo cruzador "Cornwall", da armada real britânica. Acompanhavam-na as princesas Victoria e Maud, suas filhas, o príncipe Carl da Dinamarca, primo e marido da princesa Maud, com o príncipe Alexander[28] ("Little Olav"), de quase dois anos de idade, além de uma reduzida comitiva constituída por *sir* Frederick Treves, o *honourable* Henry Julian Stonor, *lord* Farquhar, o *honourable* Henry Charles Legge, *lady* Antrim e a *honourable* Charlotte Knollys[29]. Na tarde do dia 17 de março partem do porto de Portsmouth (Hampshire, Inglaterra), tendo como primeira escala oficial a capital portuguesa[30]. O cruzeiro, dizem-nos os jornais ingleses, tinha sido organizado "for the benefit of Princess Victoria's health",[31] ainda convalescente da intervenção devido a uma apendicite aguda feita a inícios de fevereiro por *sir* Frederick Treves, cirurgião da família real inglesa, enquanto a vinda específica da rainha Alexandra à corte portuguesa visava cumprir a promessa feita pelos soberanos à rainha D. Amélia, em Windsor, no outono de 1904, "to see her in her own home"[32]. E, de facto, assim

aconteceu, pois o local escolhido para alojar a soberana britânica foi o Palácio das Necessidades, residência oficial dos reis D. Carlos e D. Amélia[33], em aposentos comunicantes habitualmente utilizados pelo rei português: o "quarto de dormir de S. M.", tornado agora quarto de dormir da rainha Alexandra, com "quarto de *toilette*" e "sala de banho"; a "antiga sala do Throno" (ou sala de El-Rei), que se destinou a gabinete particular da rainha; a "sala Azul" (ou sala do Despacho), sala de receção da rainha; e a "sala Carmezim" ou Encarnada[34]. Sobre este assunto, a edição de 13 de março do jornal *O Seculo* noticia o seguinte: "Como se sabe, é n'este palacio, onde habitam actualmente os soberanos portugueses, que irão alojar-se sua magestade a rainha Alexandra [...] com as pessoas da sua comitiva, por ter manifestado a augusta esposa de Eduardo VII o desejo de estar na maior intimidade com os nossos monarchas, durante os dias que se demorar em Portugal"[35]. Esta dupla natureza da reunião, visita oficial – a forma mais elevada de contacto diplomático entre duas nações – e encontro familiar entre rainhas[36], transparece também nas demonstrações de caloroso afeto da cidade de Lisboa feitas à soberana britânica.[37]

A chegada ao Tejo do iate real "Victoria & Albert", prevista inicialmente para dia 15,[38] é adiada ao longo da travessia devido ao forte temporal, primeiro para 16,[39] depois para 17,[40] e assim até dia 22 de março, data efetiva do desembarque da rainha, permanecendo em Lisboa até dia 25, nas vésperas da chegada do Kaiser a bordo do transatlântico "Hamburg", a 27 de março. Dias antes, na madrugada de 13,[41] segunda-feira, chegaram no Sud-Express[42] o ministro de Portugal em Londres, marquês de Soveral[43], e o novo ministro do Reino Unido em Lisboa, *sir* Maurice Bunsen[44].

Apesar dos sucessivos adiamentos da partida do iate real britânico do porto de Portsmouth[45] e, consequentemente, da sua chegada a Lisboa, o programa oficial articulado para a ocasião entre o Ministério dos Negócios Estrangeiros, o Ministério do Reino e o Rei – representado pelo mordomo-mor conde de Sabugosa – quase não sofreu alterações[46]. A "falta de pontualidade" que alguns jornais portugueses atribuíram à rainha Alexandra permitiu, de facto, compensar a ausência dessa mesma virtude na conclusão das decorações[47] e construções efémeras integradas no acolhimento. Aliás, a execução da principal obra de arquitetura efémera, o pavilhão erigido no Terreiro do Paço frente ao Cais das Colunas[48], tinha sido

[fig. 11]

Chegada a Lisboa do iate real britânico

Aguarela do diário do comandante António Jervis de Athouguia Ferreira Pinto Basto, ajudante de campo do rei D. Carlos. O diário consta de 8 volumes manuscritos, ilustrados com aguarelas em quase todas as páginas.
A formação do comandante Pinto Basto com o pintor espanhol Enrique Casanova, professor de desenho e pintura de vários membros da família real portuguesa (D. Carlos, D. Afonso, D. Maria Pia, D. Amélia…) transparece na qualidade das ilustrações.
No dia 22 de março de 1905, por ordem do rei D. Carlos, o capitão-tenente Pinto Basto foi a bordo do iate real "Victoria & Albert", para ficar às ordens do comandante inglês e conduzir o navio ao entreposto de Santos, onde atracou depois de terem desembarcado os régios viajantes (*Diario de Noticias*, 22 março 1905: 2).

Diários, volume 4
Cota: COD 13494
Biblioteca Nacional de Portugal
Disponível em http://purl.pt/28033/4/
Cortesia da família Pinto Basto

iniciada a 10 de março[49] e duas semanas depois ainda era alvo de retoques e arranjos, nos últimos dias devido ao mau tempo.

Assim que o "Victoria & Albert" fundeia no Tejo [fig. 11], às 16h15, D. Carlos e D. Luís Filipe embarcam a bordo do bergantim real[50] no cais do Arsenal da Marinha, junto ao Terreiro do Paço, a fim de serem os primeiros a cumprimentar a família real britânica. Foram acompanhados, a bordo de outras embarcações (galeota e saveira reais), pelo infante D. Afonso, pelos ministros da Marinha e dos

[fig. 12]
Chegada do bergantim real português ao Terreiro do Paço
Fotografia de Augusto Bobone. 22 de março de 1905.

Arquivo Municipal de Lisboa
PT/AMLSB/BOB/000120

Negócios Estrangeiros, conselheiros Moreira Júnior e António Eduardo Villaça, pelo marquês de Soveral, pelos condes de Sabugosa, Tarouca e Figueiró, pelo visconde de Asseca, pelo coronel Duval Telles, o major Garcia Guerreiro e o capitão José de Mello Sabugosa. A rainha Alexandra, as princesas Maud e Victoria, o príncipe Carl da Dinamarca e toda a comitiva aguardaram na escada do navio até à chegada do rei e do príncipe real, por volta das 16h20, sendo recebidos com todas as honras a bordo do iate. Às 16h30, D. Carlos, D. Luís Filipe, o infante D. Afonso, o príncipe da Dinamarca e a rainha Alexandra embarcam no bergantim, sendo escoltados por escaleres a vapor da marinha portuguesa e do almirantado britânico. [fig. 12]

[fig. 13]

Chegada da rainha Alexandra no bergantim real

Fotografia de Augusto Bobone. 22 de março de 1905.

Desembarque no Cais das Colunas, ajudada pelo príncipe da Dinamarca, à esquerda da rainha, e pelo conde de Sabugosa, mordomo-mor da Casa Real, à direita.

Arquivo Municipal de Lisboa
PT/AMLSB/BOB/000124

Do programa executado em honra da Rainha salienta-se:

22 de março

- Cortejo fluvial;
- A soberana desembarca do bergantim no Cais das Colunas [fig. 13], onde recebe os cumprimentos das rainhas D. Amélia e D. Maria Pia, sob o olhar atento dos alunos da Escola Naval que, no cais, fizeram a guarda de honra à rainha Alexandra;
- Depois de trocados os primeiros cumprimentos entre as três rainhas, todas as pessoas reais, representantes de entidades oficiais e comitivas dirigem-se para o pavilhão do Terreiro do Paço, rompendo nesse momento as ovações e

[fig. 14]
À espera da rainha Alexandra no pavilhão real
Fotografia de António Novaes. 22 de março de 1905.

Arquivo Municipal de Lisboa
PT/AMLSB/ANV/000272

vivas da colónia inglesa e dos alunos do seminário inglês à soberana britânica, secundadas por toda a assistência. Uma grande passadeira carmesim marcava o caminho, do cais até ao pavilhão, ladeada por grandes vasos com plantas ornamentais. A rainha do Reino Unido sobe a escadaria do cais pelo braço do rei D. Carlos, seguidos pelo príncipe real, que dá o braço à rainha D. Amélia, sua mãe, e o príncipe da Dinamarca, dando o braço à rainha viúva D. Maria Pia. Na retaguarda todos os dignitários de serviço, além dos representantes das entidades oficiais e restantes espectadores;

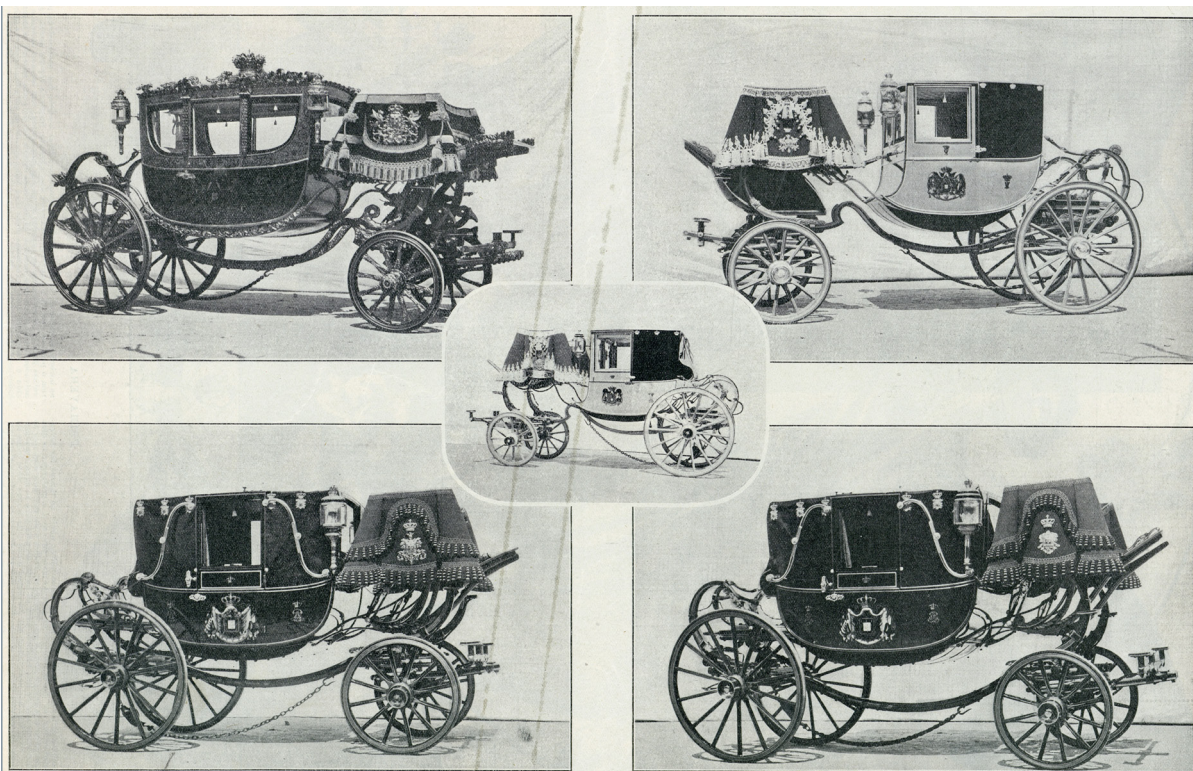
- No pavilhão [fig. 14] recebe os cumprimentos oficiais da Câmara Municipal, do Ministério, do conselho de Estado, dos dignitários das casas civil e militar do rei D. Carlos, diplomatas e oficiais do Exército e da Marinha. A guarda de honra,

integrada pelo corpo de marinheiros, alinhou-se à frente e à direita do Cais das Colunas, prolongando-se até em frente do arco triunfal da Rua Augusta, onde a comunidade inglesa se reunira entretanto;

- O cortejo solene de sete carruagens de gala [fig. 15, 16], de produção inglesa, segue pelas ruas engalanadas da cidade até ao Palácio das Necessidades[51]. *Suas Majestades e Altezas*, e respetivas comitivas, tomam lugar nas viaturas reais, previamente selecionadas pelo rei D. Carlos e o tenente-coronel Alfredo de Albuquerque: landau de D. Pedro V[52], landau de El-Rei D. Carlos[53], landau de Sua Majestade El-Rei D. Carlos[54], *coupé* de D. Pedro V[55], *coupé* de El-Rei D. Carlos[56], *coupé* de Sua Majestade A Rainha D. Amélia[57] e carruagem da Coroa[58]. A guarda de honra das carruagens reais é feita por um esquadrão do regimento de Lanceiros 2 e seis batedores da Casa Real, que abrem caminho, e a 4ª brigada de Cavalaria, atrás da carruagem da Coroa. Durante todo o cortejo são lançadas flores das janelas. O itinerário culmina no Palácio das Necessidades, onde a rainha Alexandra, o príncipe Carl e parte da reduzida comitiva são acomodados; [fig. 17]
- Continências e honras militares acompanham todo o trajeto do cortejo real, ao longo do qual a carruagem da Coroa [fig. 18] é alvo de uma chuva incessante de flores, por entre os aplausos e hurras da multidão [fig. 19]. A formatura dos diversos contingentes estende-se desde o Terreiro do Paço até à rampa de Santos (atual Calçada Ribeiro Santos). Os regimentos 2 e 4 da brigada de cavalaria formam no lado ocidental do Terreiro, voltados para sul, em coluna cerrada de esquadrões. O corpo de marinheiros da Armada dispõe-se no lado oriental do Terreiro, a partir do cais, tendo à direita a banda que, durante o cortejo régio, executa o Hino Luso-Britânico, da autoria do oficial António Maria Chéu, composição feita por ocasião da visita do rei Edward VII, em 1903, interpretada pela primeira vez no Paço das Necessidades. Segue a formatura da 2ª e 1ª brigadas de Infantaria, da Rua Áurea ao Largo Barão de Quintela, na Rua do Alecrim. A Infantaria da Guarda Municipal forma a continuação, da Rua do Alecrim até ao Jardim da Praça D. Luís. Na Rua 24 de Julho, até o Jardim de Santos, formam também o regimento de Artilharia 1 e o grupo de baterias de Artilharia a cavalo. Já no Largo das Necessidades, em frente ao Paço, a guarda de honra é feita pelos alunos da Escola do Exército. À direita desta força, a banda do regimento de Infantaria 11. No átrio do Palácio das Necessidades, para onde dão as janelas dos aposentos reais, a guarda de honra é feita pelos alunos de Cavalaria e Artilharia;

[fig. 15]

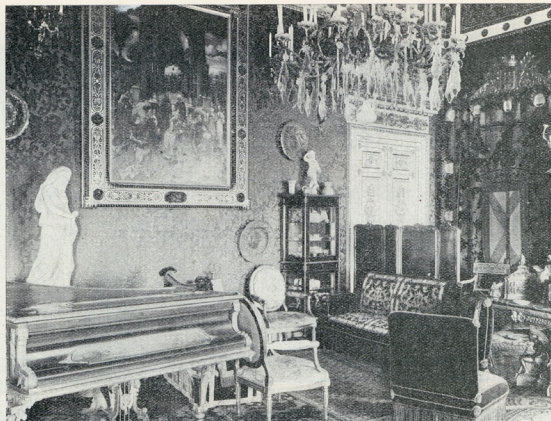
O cortejo no Terreiro do Paço, do lado do antigo Ministério dos Negócios Estrangeiros

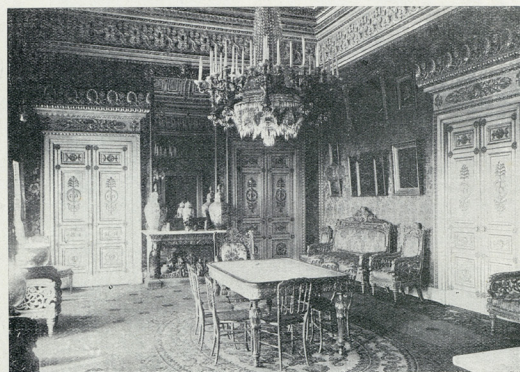
Álbum de fotografias (da rainha D. Maria Pia?)
Palácio Nacional da Ajuda
PNA 51520

[fig. 16]

As carruagens do cortejo real

Fotografias publicadas na revista *Illustração Portugueza*, edição de 20 de março de 1905.

Na imagem, as cinco viaturas de aparato, de produção inglesa, que integraram o cortejo de 22 de março de 1905.
De esquerda para direita, de cima para baixo: carruagem da coroa (MNC, V 0043), carruagem *coupé* D. Pedro V (MNC, PNA 50867), carruagem *coupé* D. Pedro V (no centro, MNC, V 0149), landau D. Pedro V (MNC, PNA 50860) e landau D. Pedro V (MNC, PNA 50861 ou PNA 50862).

314 II ANNO — ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA — 20 de março de 1905

O QUARTO DE DORMIR

A SALA CARMEZIM

A SALA AZUL ONDE SE REALISAM AS SESSÕES DE ASSIGNATURA REGIA, AGORA SALÃO DE RECEPÇÃO DA RAINHA ALEXANDRA

OUTRO ASPECTO DO QUARTO DE DORMIR

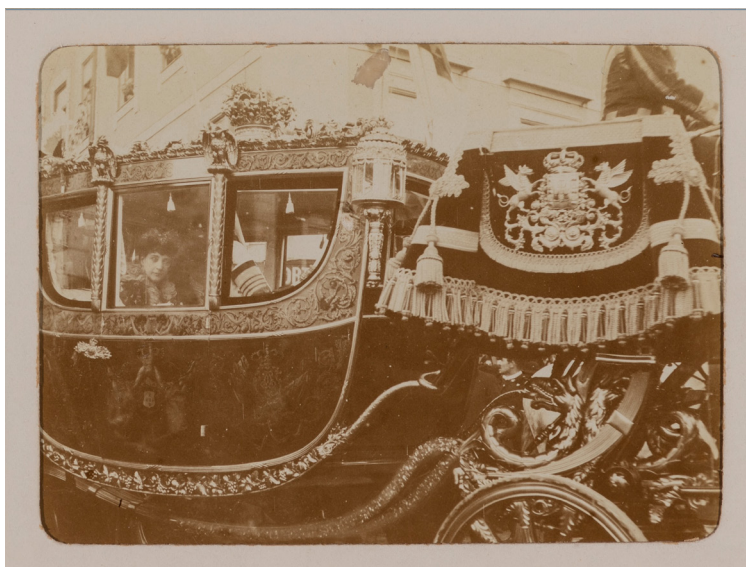
A ANTIGA SALA DO THRONO, AGORA GABINETE PARTICULAR DA RAINHA ALEXANDRA

OS APOSENTOS QUE S. M. A RAINHA ALEXANDRA OCCUPA NO REAL PAÇO DAS NECESSIDADES

[fig. 17]

Os aposentos à disposição da rainha Alexandra no Palácio das Necessidades

Fotografias publicadas na revista *Illustração Portugueza*, edição de 20 de março de 1905.

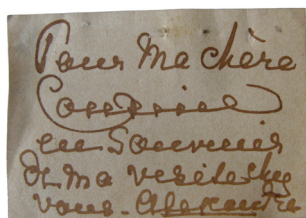
Estes aposentos, bem como os destinados ao príncipe da Dinamarca e à comitiva inglesa, foram alvo de ligeiras intervenções, sob a direção do coronel Fernando Eduardo de Serpa Pimentel, "Inspector Geral do Real Palácio ", sobretudo ao nível da decoração das salas.

[fig. 18]
A rainha Alexandra, no coche da Coroa, a caminho do Palácio Real das Necessidades

Álbum de fotografias (da rainha D. Maria Pia?)
Palácio Nacional da Ajuda
PNA 51520

[fig. 19]
Vista do Chiado, com o tenente-coronel Alfredo de Albuquerque, estribeiro-menor da Casa Real, conduzindo o cortejo.

Álbum de fotografias (da rainha D. Maria Pia?)
Palácio Nacional da Ajuda
PNA 51520

- Chá na Sala Azul do Palácio das Necessidades;
- Visita à rainha D. Maria Pia no Palácio da Ajuda, às 19h, antes do jantar de gala, que tem início pelas 20h-20h15. Foi provavelmente neste encontro de carácter privado que a rainha viúva recebeu um presente pessoal da convidada de honra: uma moldura com um retrato em miniatura da rainha Alexandra [fig. 20], pintado sobre marfim, a partir de uma das fotografias oficiais da soberana, em majestade, captadas por William Downey[59] por ocasião da coroação do rei Edward VII e da rainha Alexandra, a 9 de agosto de 1902; [fig. 21]

Pour ma chère
Cousine
en souvenir
de ma visite chez
vous - Alexandra

[fig. 20]

Moldura com miniatura da rainha Alexandra do Reino Unido

1902-1905

Moldura: Collingwood & Co.

Ouro, prata, esmalte e diamantes

Miniatura: W. & D. Downey

Pintura (a têmpera?) sobre marfim

Inscrições:

"DOWNEY", na orla lateral direita da miniatura.

"Pour ma chère / Cousine / en souvenir / de ma visite chez / vous - Alexandra", num pequeno pedaço de papel colocado dentro do estojo que guarda a moldura.

O facto da rainha Alexandra optar pela omissão da coroa no seu retrato e, sobretudo, a dedicatória afetuosa para D. Maria Pia, testemunham o carácter pessoal da oferta.

A imprensa não fez qualquer referência a esta lembrança, mas sim aos ricos presentes entregues pela soberana britânica aos condes de Figueiró, dignitários da corte portuguesa ao seu serviço, ao conde de Tarouca, ao coronel Fernando de Serpa e ao infante D. Manuel, entre outras pessoas. Vejam-se, por exemplo, as detalhadas descrições presentes na edição de 25 de março do jornal *O Dia* e nas edições de 26 de março dos jornais *O Seculo* e *Diario de Noticias*.

Palácio Nacional da Ajuda

PNA 2154

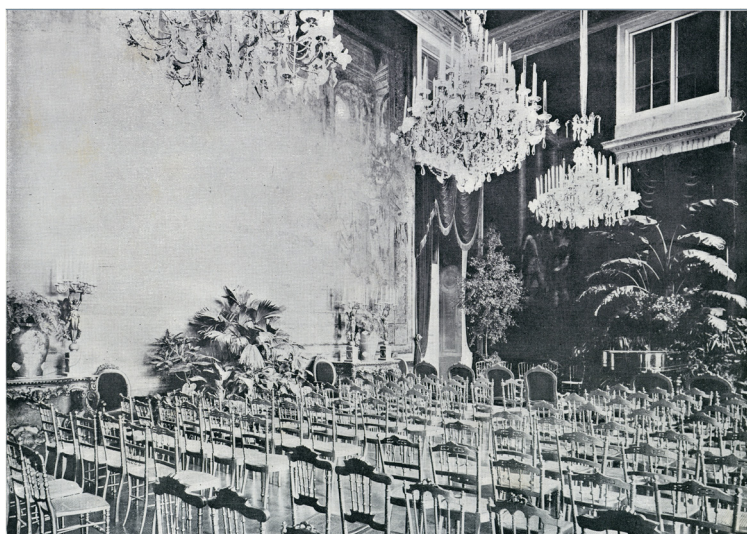
[fig. 21]

A rainha Alexandra do Reino Unido, com o traje e joias da sua coroação

Fotografia do estúdio W. & D. Downey, 1902.

Note-se que a rainha usa a coroa[60] com o célebre diamante Koh-i-Noor no centro.

Royal Collection Trust

RCIN 2510512

[fig. 22]
Ambiente decorativo da Sala D. João IV, no Palácio Real da Ajuda
Fotografia de Joshua Benoliel, publicada na revista Brasil-Portugal, na edição de 1 de abril de 1905.

À direita, o piano colocado sobre um estrado. Ao lado, as cadeiras destinadas aos artistas de São Carlos. A primeira fila, com cadeiras de maior imponência, ocupada pelas três rainhas, D. Carlos, o príncipe real, o príncipe da Dinamarca e o infante D. Afonso. De pé, à esquerda dessa fila de cadeiras, estava o mestre-sala conde de Figueiró.

- Jantar de gala na Sala da Ceia do Palácio Real da Ajuda[61]. A mesa, posta para 100 convivas[62], prolongava-se a todo o cumprimento da sala. Apresentava um aspeto deslumbrante pela riqueza das pratas e cristais ali dispostos, que rebrilhavam à luz das velas dos candelabros e serpentinas de prata e das velas e lâmpadas dos três grandes lustres de metal dourado com ornatos de cristal. Efeito multiplicado pelos monumentais espelhos de molduras douradas que intercalavam os aparadores, cobertos pela valiosa baixela Germain, propriedade da Casa Real. Na decoração da mesa destacavam-se os centros de prata, com espelhos, o serviço de porcelana e as ricas jarras com flores. As cadeiras, lacadas de branco com filetes dourados, estavam estofadas com damasco de seda creme[63]. Nos vãos das janelas estavam colocados vasos com plantas ornamentais e cameleiras de várias cores. Durante o jantar, na tribuna da sala, sobre a porta de entrada, tocou a orquestra da Real Câmara, regida pelo maestro Rio de Carvalho. Findo o banquete, pelas 22h-22h15, *Suas Majestades e Altezas* passaram para a Sala do Trono, onde lhes foi servido o café, espalhando-se por outras salas as pessoas que assistiram ao banquete. Na Sala D. João IV [fig. 22], pelas 22h30-22h40, principiou o concerto em honra da rainha Alexandra, para o qual foram convidadas 250 pessoas e no qual tomaram parte Piero Schiavazzi (tenor), Mario Ancona (barítono), Alexandre Gennesini (violino), Vicenzo Lombardi (piano) e a prima-dona Rina Giacchetti (soprano), principais figuras da companhia lírica do Teatro de São Carlos. Depois do concerto, terminado pelas 00h15, foi servida aos artistas e convidados do espetáculo uma ceia ligeira na mesma sala onde se realizou o jantar de gala.

23 de março

- O rei D. Carlos volta ao pavilhão do Terreiro do Paço, às 11h30, e aguarda o desembarque das princesas Maud e Victoria[64] para uma breve visita ao Palácio das Necessidades;
- Almoço íntimo no Palácio, depois da retirada das princesas pouco depois das 13h. Antes de ir para a mesa, a rainha Alexandra contempla quadros, esculturas, tapeçarias e mobiliário histórico das salas e aposentos dos reis D. Carlos e D. Amélia[65];
- Passeio pela cidade a pedido da rainha Alexandra, perto das 16h. Cortejo de quatro carruagens até ao Campo Grande[66] para ver as ornamentações feitas nos arruamentos. Regresso ao Palácio pelas 17h30;
- Jantar íntimo nas Necessidades, às 19h, com acompanhamento musical do sexteto do Teatro do Gymnasio[67];
- Récita de gala no real Teatro de São Carlos, pelas 22h, sendo cantados os primeiros três atos da ópera *Manon Lescaut*, de Puccini.

24 de março

- Passeio a Sintra: almoço no Paço da Vila e visita ao parque e Palácio da Pena;
- Jantar íntimo no Palácio das Necessidades. Acompanhamento musical do sexteto do Teatro do Gymnasio;
- Cortejo noturno de cinco carruagens para ver as coloridas iluminações elétricas das principais artérias da Baixa de Lisboa;
- Récita no Teatro de São Carlos com a ópera *Bohème*, de Puccini.

25 de março

- Audiência nas Necessidades a membros destacados da Real Sociedade de Geografia de Lisboa[68];
- Almoço íntimo na sala de jantar do Palácio das Necessidades, pelas 13h30-14h;
- Cortejo régio (quatro carruagens) até ao Terreiro do Paço (chegada pelas 15h), despedidas oficiais no pavilhão e partida no Cais das Colunas [fig. 23, 24, 25], no bergantim e galeotas reais (em companhia das restantes embarcações do cortejo fluvial), conduzindo a rainha Alexandra e comitiva até ao iate "Victoria & Albert" [fig. 26], abordado pelas 15h30;

[fig. 23]

Guarda de honra à chegada da rainha Alexandra, no Cais das Colunas

Fotografia de J. Alberto dos Santos. 25 de março de 1905.

Ao fundo, as colunas de madeira que substituíram as antigas colunas de pedra que caíram e davam o nome ao Cais. Com motivo da visita, estas colunas foram pintadas de branco, tal como informa a edição de 15 de março do *Diario Illustrado*.

Álbum de fotografias da rainha D. Amélia
Museu Biblioteca da Casa de Bragança
UI0126

[fig. 24]

O embarque da Rainha Alexandra

Fotografia de Jorge de Almeida Lima. 25 de março de 1905.

Cortejo desde o pavilhão até ao Cais das Colunas, local onde estava atracado o bergantim real português. A rainha Alexandra desce a escadaria do cais, segurando um ramo de cravos e avencas na mão direita e dando o braço esquerdo ao rei D. Carlos, seguido pelo príncipe da Dinamarca, que dá o braço à rainha D. Amélia. Depois o príncipe real, D. Luís Filipe, dando o braço à rainha D. Maria Pia. Logo a seguir, o infante D. Afonso, ministros, dignitários da corte, comitivas e diplomatas. Em alas, as casas civil e militar do rei D. Carlos.

Arquivo Nacional Torre do Tombo | © ANTT

[fig. 25]

A rainha D. Maria Pia despede-se da rainha Alexandra no Cais das Colunas

Fotografia de J. Alberto dos Santos. 25 de março de 1905.

Álbum de fotografias da rainha D. Amélia
Museu Biblioteca da Casa de Bragança
UI0126

[fig. 26]
A Rainha Alexandra a bordo do bergantim real
Fotografia de Augusto Bobone. 25 de março de 1905.

O bergantim real português parte do Cais das Colunas, conduzindo a rainha Alexandra até ao iate "Victoria & Albert". A bordo desta embarcação setenta e oito remadores transportam o rei D. Carlos, à direita da rainha, o príncipe D. Luís Filipe e o príncipe Carlos da Dinamarca, fazendo a continência. Ao fundo, uma multidão compacta assiste à cena.

Arquivo Municipal de Lisboa
PT/AMLSB/BOB/000003

[fig. 27]
Partida do iate real britânico
Aguarela do comandante António Jervis de Athouguia Ferreira Pinto Basto, ajudante de campo do rei D. Carlos.

Diários, volume 4
Cota: COD 13494
Biblioteca Nacional de Portugal
Disponível em http://purl.pt/28033/4/

Cortesia da família Pinto Basto

Às 17h em ponto, o iate real britânico inicia a navegação pelas águas do Tejo, em direção à barra [fig. 27], "soltando-se em terra ainda vivas calorosos a que os membros da família real inglesa correspondiam na popa do *yacht* acenando com os lenços".[69]

MARIA PIA DE SABÓIA (1847-1911)

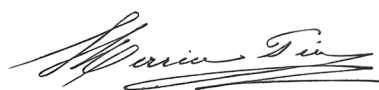
Últimas ações de representação

[fig. 28a]
Monograma de D. Maria Pia, MP, presente no serviço de porcelana "Florinhas", usado no almoço da rainha Alexandra
Limoges, *Haviland & Co.*

Em 2011, a historiadora e professora universitária Maria Antónia Lopes[70] deu a conhecer a ação diplomática "à semissombra" da rainha durante o reinado de D. Carlos, até então ignorada, debruçando-se na sua intervenção velada em assuntos de política externa, a pedido do rei, e na sua participação destacada nas obrigações de representação da Casa Real portuguesa por ocasião de visitas oficiais de chefes de Estado ou membros de famílias reinantes. A autora demonstrou assim que, embora retirada da ribalta do palco da família real, nunca se tornou uma figura insignificante. Contributo de grande relevância para os estudos posteriores que abordaram, direta ou indiretamente, os papéis por ela desempenhados enquanto rainha-mãe. No caso do presente trabalho de investigação, interessa de modo significativo o papel de anfitriã que D. Maria Pia assume por várias vezes em circunstâncias de Estado, recebendo ilustres convidados na sua "casa", com aplauso geral, quer em Lisboa, no Palácio da Ajuda, quer em Sintra, no Palácio da Vila. Uma função que foi muito além de fazer as honras da casa no contexto de uma receção oficial. Afinal, tratava-se de cativar com elegância, requinte e simpatia.

D. Maria Pia gostava de se refugiar no Paço da Vila de Sintra, sobretudo durante o período estival, sendo a sua segunda morada em Portugal para além do Palácio da Ajuda, mesmo após o falecimento do rei D. Luís, em outubro de 1889. Em maio de 1892 o seu filho D. Carlos, novo rei de Portugal, cede oficialmente a D. Maria Pia o uso do Paço sintrense[71], dando-lhe o direito de o habitar, em companhia dos seus dignitários e pessoal de serviço, agora diminuído face ao seu novo estatuto de rainha-mãe.[72]

Em Portugal, a partir de 1894, D. Maria Pia dividirá o seu tempo de férias entre Sintra e o Monte Estoril, onde adquire um *Chalet*, residência de praia que também habita por períodos alargados. A rainha tratou pessoalmente da decoração dos interiores destas duas residências de recreio. No caso do Paço da Vila, a simplicidade e ausência de luxo no recheio das salas mais emblemáticas e dos aposentos privados era patente, em contraste com os espaços apurados do Paço da Ajuda. Porém, o gosto da rainha D. Maria Pia acaba sempre por transparecer nos ambientes decorativos dos seus palácios, em particular a convivência de múltiplos estilos europeus no mobiliário e nas artes decorativas, às vezes combinados com influências orientais e exóticas, em sintonia com as tendências ecléticas da época.

O passeio a Sintra por ocasião de uma visita oficial era uma rotina protocolar que ainda hoje permanece[73]. É nesses momentos, pelo menos até 1907,[74] que algumas salas do Paço da Vila beneficiaram do gosto da rainha pelos objetos sumptuosos e pelas flores. Assim acontece, de modo especial, nos ambientes decorativos dos vários almoços oferecidos por D. Maria Pia na Sala das Pegas, com mesas de Estado cintilantes e coloridas, suporte de decorações florais cativantes e sofisticados serviços de prata, porcelana e cristal, impressão que nos é transmitida com insistência pela imprensa.

[fig. 28b]
Reprodução da assinatura de D. Maria Pia, usada nos papéis timbrados de uso privativo da Rainha

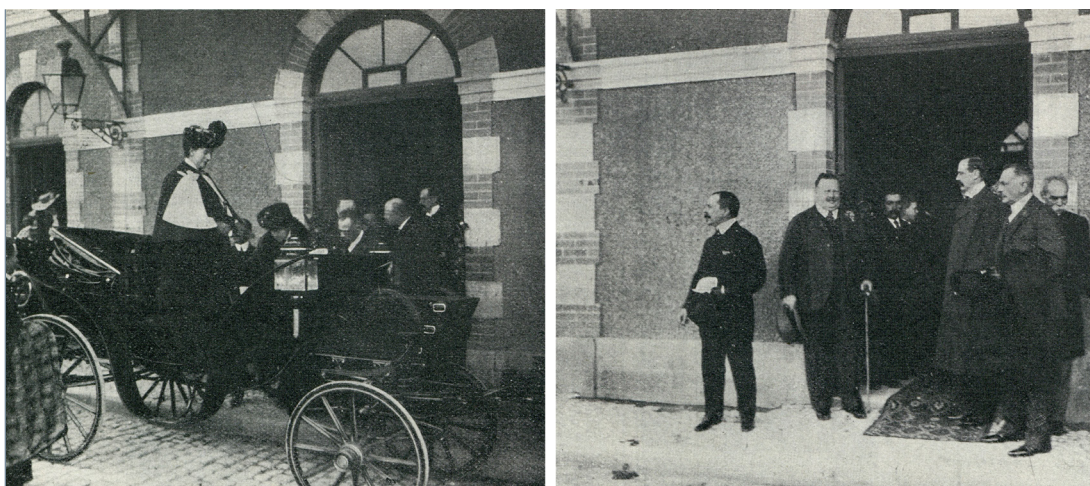
A la fin je me trouve à Cintra!![75]
O passeio a Sintra da Rainha Alexandra

> *Friday March 24th*
> *We made a most delightful expedition to Cintra* [and]
> *lunched with Queen Maria Pia at her lovely old Palace.*
> (Nota manuscrita da rainha Alexandra. Álbum "Mediterranean Cruise 1905", vol. 1, p. 14)
>
> *Three Queens at lunch. Gathering of royalty at the castle of Sintra.*
> (Título da notícia publicada no jornal *Daily Express*, edição de 23 de março de 1905)
>
> *From there drove on to Pena on the top of the hill*
> *where King Carlos and Queen Amélie live.*
> *A lovely spot.*
> (Álbum "Mediterranean Cruise 1905", vol. 1, p. 14)

No terceiro dia de visita oficial a Portugal efetua-se o passeio da rainha Alexandra à "formosa e pittoresca villa de Cintra"[76], em companhia da sua comitiva particular e do príncipe Carl da Dinamarca, seu genro e sobrinho, futuro rei da Noruega. Participam no passeio a família real portuguesa, membros destacados do corpo diplomático inglês em Lisboa e altos dignitários da corte e do governo. Organiza-se para o efeito um comboio real[77] que parte da estação de Alcântara Terra pelas 11h15 e que terá também transportado os vinte criados da Casa Real que fizeram o serviço do almoço, sob as ordens de António Duarte, e ainda Fortunato Gomes, "moço" ao serviço de D. Maria Pia, nesta ocasião responsável por levar os menus do almoço que se iria servir no Paço da Vila[78]. Horas antes, a rainha D. Maria Pia tinha partido de Benfica para Sintra em comboio especial, às 9h15, chegando a Sintra às 9h40, em companhia dos seus dignitários de serviço: as marquesas de Unhão e de Bellas, o duque de Loulé e o coronel Benjamin Pinto. Aguardavam na estação o infante D. Afonso e o seu ajudante de campo, D. José de Mello Sabugosa, e ainda o tenente-coronel Albuquerque.

O regresso a Lisboa no comboio real efetuou-se pelas 17h15, com desembarque em Alcântara Terra pelas 17h50. Para os convidados que desejassem regressar a Lisboa antes da partida da rainha Alexandra organizou-se um comboio especial com saída de Sintra às 13h15. A rainha D. Maria Pia voltou às 16h em comboio especial, em companhia do conde de Sabugosa e Fernando Eduardo de Serpa Pimentel.

O programa do passeio integrou:

- uma receção na estação de caminho de ferro de Sintra, toda embandeirada e guarnecida de plantas, flores e panos adamascados, com presença de autoridades como o administrador do Concelho Dr. Brito Chaves e o presidente da Câmara Municipal Dr. Virgílio Horta, de uma guarda de honra constituída por bombeiros voluntários de Sintra e da Real Philarmonica União Cintrense;
- um almoço no Paço da Vila, a convite da rainha-mãe, D. Maria Pia, e do rei D. Carlos, seu filho;
- e logo depois, passeio à Pena, de carruagem, e visita ao Palácio, residência de D. Carlos e D. Amélia em Sintra.

[fig. 29]
No momento de entrar para a carruagem à porta da estação de caminhos de ferro de Sintra

Fotografias publicadas na edição de 27 de março de 1905 do semanário *Illustracão Portugueza*.
À esquerda, as rainhas de Portugal e do Reino Unido. À direita, o rei de Portugal e o príncipe da Dinamarca.

Enquanto o tenente-coronel Alfredo de Albuquerque ia indicando a ordem do cortejo, o fotógrafo da *Illustração Portugueza* tirou estes e outros instantâneos, colocando a sua máquina no automóvel do infante D. Afonso, que amavelmente o convidou a utilizar esse estratégico ponto de mira.

O comboio real chegou a Sintra por volta das 11h50. O rei e o príncipe real desceram em primeiro lugar, seguindo-se a rainha Alexandra, a quem D. Carlos deu a mão para descer, bem como à rainha D. Amélia. Nesse momento, a Real Philarmonica executou o hino inglês, enquanto no ar estralejava um grande número de foguetes. Após algumas apresentações, os régios visitantes dirigiram-se para a porta da estação [fig. 29], organizando-se o cortejo sob a direção do tenente-coronel Alfredo de Albuquerque, estribeiro-menor da Casa Real.

PAÇO DAS NECESSIDADES

Distribuição pelas carruagens, na occasião da chegada á Estação do Caminho de Ferro de Cintra, das pessoas convidadas para o almoço dado por Sua Magestade A Rainha D. Maria Pia.

1.ª Carruagem 2 logares:
Sua Magestade A Rainha de Inglaterra.
Sua Magestade A Rainha.

2.ª Carruagem 4 logares:
Sua Alteza A Princeza Maud.
Sua Magestade El-Rei.
Sua Alteza O Principe Carlos da Dinamarca.
Sua Alteza O Principe Real.

3.ª Carruagem 4 logares:
Sua Alteza O Senhor Infante D. Affonso.
Sua Alteza O Senhor Infante D. Manoel.
Lord Farqkuar.
Coronel Legge.

4.ª Carruagem 4 logares:
Condessa d'Antrim.
Condessa de Figueiró.
Honorable Harry Stonor.
Ministro do Reino.

5.ª Carruagem 4 logares:
Honorable Charlotte Kewllys.
Ministra de Inglaterra.
Ministro de Inglaterra
Ministro dos Negocios Estrangeiros.

[fig. 30]

Distribuição dos convidados pelas carruagens

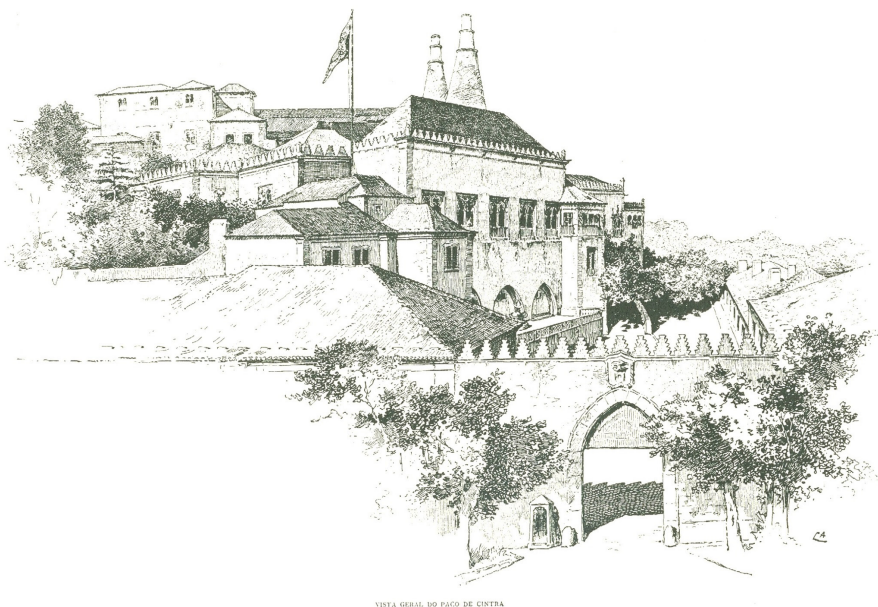
Na frente e no verso do documento figuram um total de 48 pessoas, distribuídas pelas 9 viaturas. A princesa Maud e o *lord* Farquhar, mencionados na segunda e terceira carruagem, não chegaram a visitar Sintra, permanecendo no iate real "Victoria & Albert".

Coleção Eduardo Nobre | Cortesia do colecionador

Nove carruagens conduziram a família real e os convidados da estação de caminhos de ferro para o Paço Real: uma "americana", quatro "vis-à-vis", três "break" e uma viatura italiana[79] [fig. 30]. Na primeira carruagem, as rainhas Alexandra e D. Amélia, seguida do automóvel do infante D. Afonso, que acabou por tomar a dianteira para avisar a rainha-mãe da próxima chegada do cortejo. Na segunda, o rei D. Carlos, o príncipe da Dinamarca e o príncipe real. Na terceira, o infante D. Manuel, o marquês de Soveral e o *honourable* Harry Stonor. Na quarta, as condessas de Antrim e Figueiró, o *honourable* coronel Legge e o ministro do Reino. Na quinta, a *honourable* Charlotte Knollys, o ministro dos Negócios Estrangeiros, o primeiro secretário da Legação inglesa em Lisboa e o ministro plenipotenciário de Inglaterra em Lisboa e esposa. Na sexta, os condes de Sabugosa, Figueiró e Tarouca, o comandante do iate real britânico, a condessa de Seisal e o segundo secretário da Legação inglesa em Lisboa e esposa. Na sétima, o conde da Ribeira Grande, o coronel Duval Telles, o visconde de Asseca e o conde de

Arnoso. Na oitava, o major Garcia Guerreiro, o primeiro-tenente Ivens Ferraz e três oficiais do iate real britânico. Na nona, o tenente-coronel Albuquerque, Fernando de Serpa Pimentel e os conselheiros Gomes de Araújo e Pedro Victor.

Apesar do céu acinzentado o sol rompia a custo por entre as nuvens compactas, pano de fundo para uma numerosa assistência que se aglomerava para receber com entusiasmo a soberana britânica[80]. As ovações da população acompanharam todo o trajeto do cortejo e as carruagens, desde as tribunas do percurso, receberam uma chuva de flores. O caminho estava embelezado com bandeiras portuguesas e inglesas, palmeiras e fetos em grandes vasos, cameleiras floridas, tapetes de flores de urze e arcos de verdura em abundância, com especial incidência entre o princípio da rua dos Paços do Concelho e o largo frente ao Paço Real, "dando [...] a illusão de se terem concentrado ali todos os jardins de Cintra"[81], trabalho de ornamentação confiado ao fiscal da Câmara Francisco dos Santos. Aquando da entrada da rainha Alexandra no largo Rainha D. Amélia, a filarmónica da Sociedade União Primeiro de Dezembro[82] – que estava junto ao edifício da Câmara, os Paços do Concelho[83] – interpretou os hinos inglês e português. A Vila apresentava um ar festivo e, entre as casas particulares, destacavam-se as fachadas do largo, que expunham, além de ornatos florais e "colgaduras", troféus, colchas e escudos com as legendas 'Welcome', 'God Save the Queen' e 'Viva a rainha d'Inglaterra'. Se bem que a vila de Sintra tivesse recebido já a visita de vários monarcas, "nenhuma d'essas visitas [despertou] tanto interesse como a da rainha de Inglaterra".[84]

No pátio interior[85] do Paço da Vila [fig. 31], frente à larga escadaria, encontrava-se a guarda de honra em continência, perante a rainha viúva. Composta por cinquenta praças do Batalhão de Caçadores 2, apresentaram armas sob o comando do capitão Chrysogono Pinto. Chegado o cortejo ao Paço, a banda de Caçadores 2 executou o hino inglês, enquanto a rainha D. Maria Pia, visivelmente satisfeita, ia recebendo os régios visitantes e personalidades no alto da escadaria principal [fig. 32], em companhia das damas camaristas da sua comitiva particular, marquesas de Unhão e de Belas. Marcava o caminho uma longa passadeira carmesim. Na parte inferior da escadaria, aguardaram e receberam os convidados o mordomo-mor e o veador de D. Maria Pia, o duque de Loulé e o coronel Benjamim Pinto; o mordomo-mor da Casa Real, conde de Sabugosa; o coronel Fernando Eduardo de Serpa Pimentel; e o

[fig. 31]

Desenho de Enrique Casanova com vista do portão de entrada ao pátio interior do Palácio, quando ainda se encontrava circundado pelas casas de aposentadorias e do almoxarifado.

Imagem retirada da monografia *O Paço de Cintra* (1903), da autoria do conde de Sabugosa.

Biblioteca do Palácio Nacional de Sintra

[fig. 32]

Receção dos convidados, à porta do vestíbulo de entrada

António Novaes

Álbum de fotografias da rainha D. Amélia

Museu Biblioteca da Casa de Bragança

UI 5189

[fig. 33]
Chegada do rei D. Carlos e do príncipe Carl da Dinamarca
António Novaes
Álbum de fotografias (da rainha D. Maria Pia?)
Palácio Nacional da Ajuda
PNA 51520

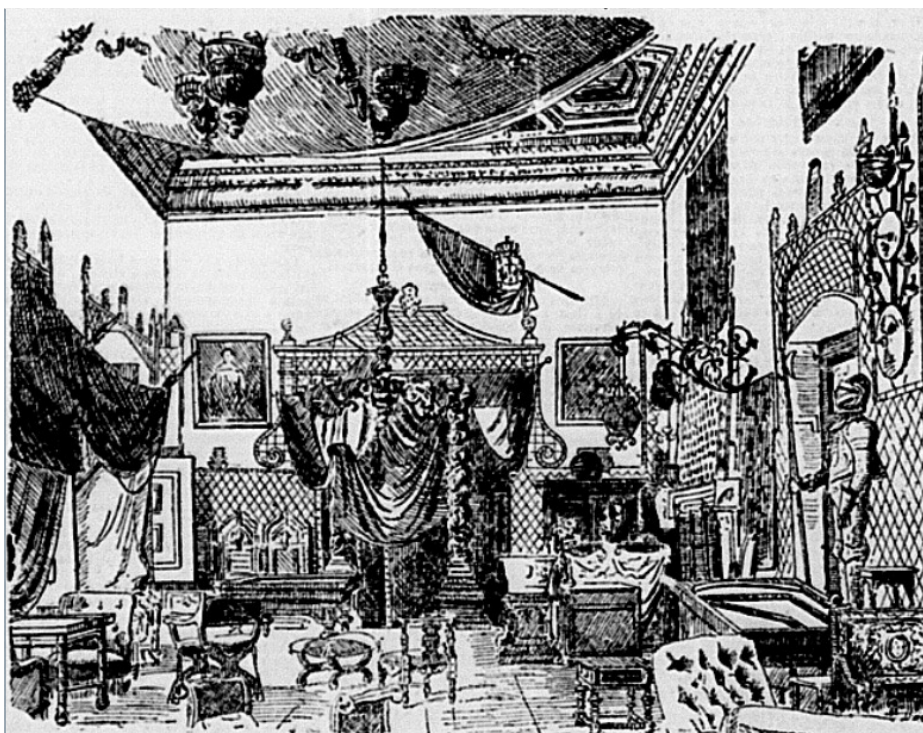
tenente-coronel Alfredo de Albuquerque [fig. 33]. Apenas D. Amélia e a rainha Alexandra cumprimentaram D. Maria Pia sem descer da viatura[86], prosseguindo pela rampa à direita da escadaria até chegar à "entrada para o elevador"[87], equipamento instalado num pequeno pátio, que integrava um "guincho" de controlo manual e uma cabina "estofada [...] de seda adamascada, tendo a cada lado um banco com almofada na mesma seda"[88]. Fazia a ligação direta entre o piso térreo e os aposentos da rainha viúva, no andar nobre, próximos da Sala dos Cisnes. Evitava-se assim os cerca de sessenta degraus da escadaria da fachada principal e das duas escadas interiores, em pedra, que ainda hoje levam o visitante até ao andar nobre [fig. 34]. Deste modo, *Suas Majestades e Altezas*, respetivos séquitos e convidados foram conduzidos para a Sala dos Cisnes às 12h30,[89] onde conversaram animadamente até poucos minutos depois da 1 hora da tarde [fig. 35], quando o almoço foi servido na sala imediata, Sala das Pegas, "que mereceu a Sua Majestade a Rainha Alexandra muito particular attenção".[90]

[fig. 34]
Pórtico da arcaria gótica, fechado com tabique, sob a Sala dos Cisnes
João Augusto Camacho
1896-1910

Museu Biblioteca da Casa de Bragança
UI 0072

Na fotografia vê-se o espaço, fechado à época, que servia de vestíbulo por onde os visitantes acediam ao interior do Paço. A entrada a este vestíbulo era possível apenas por um dos quatro arcos góticos no alto da escadaria principal exterior. Ao fundo, a escada que conduz, ainda hoje, à escada em caracol que leva para o andar nobre.

Nesta fotografia vê-se uma secretária, com alçado independente; um tapete; lanternas de metal de parede e de suspensão; vários tipos de móveis de assento; grandes bandeiras entrelaçadas e uma longa passadeira que, nas situações de visita oficial ou de Estado, se prolongava até à Sala dos Cisnes, salão de receção de convidados . Este foi o tipo de arranjo que os convidados viram, decerto incluindo para a ocasião bandeiras entrelaçadas do Reino Unido e de Portugal, bem como uma profusão de plantas ornamentais.

D. Maria Pia, como era habitual, envolveu-se pessoalmente nos preparativos do almoço – inicialmente previsto para 19 de março[91] –, para que tudo estivesse como era seu desejo, da seleção dos serviços de prata, porcelana e cristal à decoração da sala e, especialmente, da mesa. Já no dia 16 de março, pelas quatro da tarde, se encontrava em Sintra com o objetivo de examinar os trabalhos que estavam a ser efetuados no Paço para a receção da rainha Alexandra, bem como para

[fig. 35]
Vista da metade poente da Sala dos Cisnes
Desenho publicado na edição de 30 de março do *Diario de Noticias*.

Nos jornais e revistas da época não foram publicadas imagens fotográficas dos interiores das Salas dos Cisnes e das Pegas. Da primeira sala, salão principal de recepção do Paço da rainha viúva, apenas foi publicado este desenho, feito a partir de uma fotografia. Apresenta o ambiente decorativo associado à última década da monarquia constitucional, enriquecido com tapeçarias, tapetes, reposteiros e "numerosos objectos de grande valor estimativo". Ao fundo, a porta que abre para a Sala da Audiência, ladeada por duas pinturas da antiga Galeria do Rei D. Luís: o retrato de Paola Visconti e o Filósofo. Ao centro, o "panno de Arraz" suspenso do teto, em forma de dossel, colocado por ocasião do almoço oferecido aos duques de Connaught a 10 de janeiro de 1905. À direita, a lareira e a porta de passagem para o Pátio Central e para a Sala das Pegas. A ausência de plantas ornamentais, "artisticamente dispostas", evidencia que estamos perante uma imagem, dir-se-ia hoje, 'de arquivo'.

dar as ordens necessárias para a sua ultimação, acompanhando os vários afazeres até ao próprio dia do almoço[92]. De facto, quando D. Maria Pia chegou ao Palácio analisou minuciosamente a requintada mesa onde o almoço iria ser servido e a decoração "simples e elegante" das salas onde o encontro iria decorrer, dando as últimas orientações. "Desde a escadaria principal ao mais simples aposento, tudo se encontra[va] ornamentado e decorado com o mais perfeito bom gosto [...]"[93]. Logo à entrada do edifício, na parede do vestíbulo sob a Sala dos Cisnes, viam-se desfraldadas e entrelaçadas grandes bandeiras de Portugal e do Reino Unido, fórmula protocolar que foi aplicada também, por exemplo, nas visitas do rei de Espanha[94], Alfonso XIII, em 1903, e do imperador da Alemanha.[95]

Às ordens da rainha-mãe estavam dois funcionários experientes, ao serviço da Casa Real desde o tempo do rei D. Luís: Manoel Caetano da Silva, o "senhor Manuel" referido nos jornais, "primeiro cozinheiro e encarregado da Real Cozinha" no Paço da Ajuda, e António Duarte, o "commendador Antonio Duarte" referido nos jornais, "encarregado do serviço das mezas de Estado e outras refeições" no Paço da Ajuda[96], responsáveis pelo serviço de cozinha e dos 'bastidores' da mesa (incluindo o serviço do almoço), respetivamente, em articulação com o mestre-sala conde de Figueiró, responsável por funções a nível de protocolo e etiqueta, pela sua vez sob as ordens do mordomo-mor da Casa Real, conde de Sabugosa. Afinal, o almoço no Paço da Vila de Sintra, "cenário [privilegiado] de convivialidade e diplomacia em torno da mesa"[97], constava no programa oficial da visita desde o primeiro momento, mesmo antes da sua fixação e divulgação detalhadas.[98]

Além destes dois funcionários, também merece ser sublinhado o papel de Jorge da Cruz Reis, almoxarife do Real Paço de Sintra, responsável pela gestão da equipa do almoxarifado, pela administração financeira da propriedade régia[99], pela manutenção do Palácio e pela conservação e inventariação do recheio à sua guarda[100]. A administração do almoxarifado passava igualmente pelo apoio na organização dos eventos ou cerimónias que tivessem lugar na residência régia[101], inclusive acompanhando as melhorias a serem realizadas no âmbito da visita, trabalho este fiscalizado pelo "Inspector Geral do Real Palácio", Fernando de Serpa Pimentel. O *Diario de Noticias* é o único jornal que menciona o papel importante que Jorge da Cruz Reis também deteve nos bastidores do almoço: "Cintra, 20 [de março]. No Paço está tudo preparado para a visita. Para isso tem sido incançavel todo o pessoal superiormente dirigido pelo digno almoxarife sr. Jorge da Cruz Reis".[102]

Já no século XV, notáveis do reino e embaixadores estrangeiros eram recebidos no Paço de Sintra para audiências régias, concretamente na "câmara das Pegas"[103], dependência onde, de acordo com os costumes medievais, também podiam ser servidas, em privado, as refeições diárias do Rei[104]. Esta função específica, associada ao consumo de refeições numa divisão fixa do Palácio, iria alcançar uma progressiva afirmação no decorrer do século XIX[105], com mobiliário próprio adequado à função e encomendado para o efeito[106], espelhando a adoção de um novo modo de servir à mesa. Nas memórias do príncipe Felix Lichnowsky, aquando da sua visita aos

Palácios Reais de Sintra em 1842, a convite de D. Fernando e D. Maria II, é referida a "salla das pegas" como a "casa de jantar" do Paço da Vila[107], uso que tem continuidade no reinado de D. Luís I. Em 21 de setembro de 1885, por exemplo, oferece na Sala das Pegas – sala de jantar do(s) Rei(s) – um banquete em homenagem aos oficiais do exército e heroicos exploradores de África que haviam ligado por terra as costas de Angola e Moçambique: o vice-almirante Hermenegildo Capelo, futuro ajudante de campo dos reis D. Luís e D. Carlos, e o capitão de fragata Roberto Ivens, futuro oficial às ordens e ajudante de campo de D. Carlos[108]. Em 1905, realizaram-se também, como já apontado, os almoços oferecidos aos duques de Connaught, ao imperador da Alemanha e ao presidente da República Francesa e, em 1907, o chá ao rei da Saxónia.

Se no reinado de D. Luís a Sala das Pegas foi o espaço escolhido para a *meza de Estado*[109], onde se sentavam os monarcas às refeições [fig. 36, 37, 38], no período de habitação da rainha viúva consegue-se identificar a alternância de dois registos diferentes neste espaço, consoante as necessidades: sala de estar familiar [fig. 39, 40], intimista, ou sala para almoços de representação, com muitos convidados. À margem destas funções diferenciadas, em 1905 quatro elementos destacavam-se no ambiente decorativo do espaço: o teto, cujos motivos pintados remontam ao século XV; o imponente lustre em cristal de Murano com 97 luzes[110]; o revestimento azulejar das paredes, com motivos geométricos de laçaria, de inícios do século XVI, e a lareira quinhentista de mármore proveniente do desaparecido Paço de Almeirim, transferida para o Palácio da Vila na segunda metade do século XVIII, após o terramoto de 1755, e instalada na Sala das Pegas em 1898[111]. A sala contígua (sala de jantar da rainha)[112], de menores dimensões, foi o local elegido por D. Maria Pia para as refeições do quotidiano [fig. 41]. A esta mesa, que comportava habitualmente um máximo de doze pessoas, sentavam-se a rainha viúva, o infante D. Afonso, seu filho, os dignitários de serviço e, por vezes, algum ou alguns convidados. Os espaços que serviam de apoio ao serviço das refeições, contíguos à Sala das Pegas e à Sala de Jantar da Rainha, eram a Sala das Sereias e a Casa de Trinchar ou Copa[113]. A mantearia[114] e áreas associadas[115], num piso inferior, comunicavam com a casa de trinchar através de uma escada helicoidal, em pedra, e de um elevador de carga, em casquinha pintada e fixo à parede, de cerca de 145 centímetros de largura e 53 de profundidade[116], que permitia o transporte de pratos e comida. A cozinha grande e dependências associadas comunicavam com a mantearia graças a um corredor

[fig. 36]

Sala das Pegas – Sala de Jantar

Enrique Casanova
1889 - cerca de 1892
Aguarela sobre papel

Palácio Nacional da Ajuda
PNA 55450/16

Em 1889, D. Maria Pia quis oferecer ao rei D. Luís no dia do seu aniversário um álbum de aguarelas com as salas mais significativas das residências reais da Ajuda, Cascais e Sintra, relacionadas com a vivência de D. Luís nesses espaços. Deste álbum, que retrata ao todo dezanove salas, interessa especialmente a presente aguarela, muito provavelmente executada a partir de uma ou várias fotografias. Esta aguarela foi fundamental para a reconstituição histórica da Sala das Pegas montada como sala de jantar, revelando pormenorizadamente os objetos e a sua disposição no espaço, e ainda a cor das paredes, caixilharias, porta e alcatifa.

Vê-se uma mesa posta e parte do mobiliário adquirido expressamente pela rainha, em Paris, para a "Salle à manger particulière de Sa Majesté le Roi": uma mesa extensível, doze cadeiras e três aparadores neorrenascença, ao gosto da época. Ao fundo, um biombo de veludo encarnado, uma mesa de apoio, duas colunas entalhadas e um relógio de caixa alta.

De notar que o lustre veneziano não figura neste 'retrato' pictórico da Sala das Pegas e que o relógio de caixa alta representado parece não espelhar, totalmente, as características formais do único relógio *Maple & Co* ainda integrante do acervo do Palácio Nacional de Sintra.

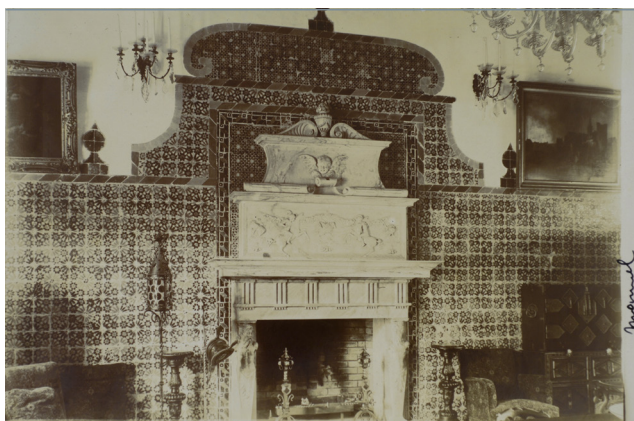
[fig. 37, 38]
A Sala das Pegas montada como sala de jantar
Enrique Casanova (?)

Imagens anteriores a 1898, data em que a lareira em mármore foi transferida para aqui. Na imagem de cima é visível no seu lugar um aparador trinchante com tampo de mármore.

Museu Biblioteca da Casa de Bragança
UI 0072
© MBCB, Arquivo Fotográfico
Cortesia da Fundação da Casa de Bragança

Palácio Nacional da Ajuda
PNA 62595
© DGPC | Foto: Luís Pavão, 2018

de serviço que permite o acesso ao pátio central. É neste espaço, a céu aberto, onde se encontra a entrada da já mencionada escada helicoidal, que faz a ligação com a Sala das Sereias e a *Caza de Trinchar*, no andar nobre, e a manteraria e dependências, no piso inferior.

Por ocasião da vinda da rainha Alexandra, opta-se por uma mesa sumptuosa, reflexo do gosto apurado da rainha viúva. D. Maria Pia requisita para Sintra uma enorme quantidade de peças de exceção. Esplêndidas peças e talheres em prata da baixela *Veyrat* [fig. 42], *Odiot* [fig. 43] e até *Germain*, bem como das casas *Tétard* [fig. 44] e *Christofle*, reluziam junto ao delicado serviço de cristal da *Compagnia di Venezia e Murano* [fig. 45]. Salvas da baixela *Germain* – dizem-nos os jornais – estavam expostas, em grande destaque, numa função de aparato, nos dois aparadores em estilo neorrenascença que ladeavam a lareira de mármore italiano.

[fig. 39]

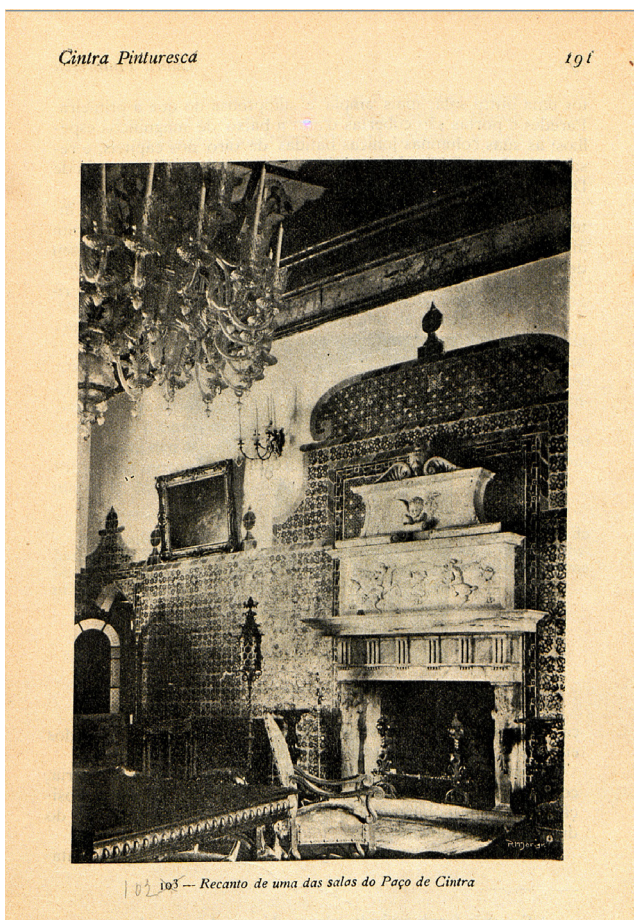
A Sala das Pegas montada como sala de estar

Infante D. Manuel de Bragança, futuro D. Manuel II
Fotografia assinada: "Manuel"
1898-1906

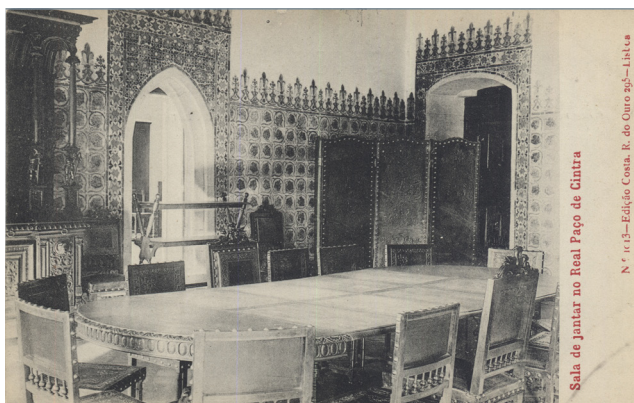
Museu Biblioteca da Casa de Bragança
UI 5188

No canto superior direito da fotografia vê-se a parte inferior do grande lustre que iluminou a sala no dia do almoço. Atualmente encontra-se na Sala Manuelina.

Cintra Pinturesca 191

103 — *Recanto de uma das salas do Paço de Cintra*

[fig. 40]

A Sala das Pegas montada como sala de estar

Fotografia inserida na edição de 1904-1905 do livro *Cintra Pinturesca*, que permite apreciar a imponência do lustre veneziano.

[fig. 41]

Vista da sala de jantar da rainha viúva

Postal ilustrado, número 1013
Edição Costa, Rua do Ouro, 295, Lisboa
Década de 1910

Coleção particular

[fig. 42]
Fruteiro triplo ou "prato montado"
Maison Veyrat, Augustin Veyrat
Paris, século XIX (terceiro quartel)
Prata e cristal

Palácio Nacional da Ajuda
PNA 50756

[fig. 43]
Refrescadores de garrafa
Maison Odiot, Gustave Odiot
Paris, 1893
Prata

Camélias e violetas, flores evocadoras das três rainhas presentes no almoço, multiplicavam-se entre o brilho da prata e do cristal, nas floreiras e na grande profusão de jarras. Um efeito primaveril notável também valorizado pelo serviço de porcelana *Haviland Limoges* [fig. 46 , 58]. Plantas ornamentais nos cantos da sala, em vasos de prata, realçavam a riqueza das artes da mesa da Casa Real Portuguesa.

[fig. 44]
Jardineira
Maison Tétard, Edmond Tétard
Paris, cerca de 1890
Prata e cristal

Palácio Nacional da Ajuda
PNA 50767

[fig. 45]
Serviço para bebidas
Compagnia di Venezia e Murano
Veneza, entre 1875 e 1903
Vidro

Palácio Nacional da Ajuda
PNA 22889

[fig. 46, 58]
Pratos e chávenas do serviço de mesa "Florinhas". Diferentes tipologias.
Limoges, manufatura *Haviland & Co*
Paris, 1893-1904

Da esquerda para a direita:

Prato de sopa, prato raso e prato de sobremesa.

Chávena para almoço (almoçadeira); para chá; para chá (do conjunto Tête-a-Tête); e para café.

Palácio Nacional de Sintra
PNS2018 (prato de sopa)
PNS1886 (prato raso)
PNS2130 (prato de sobremesa)
PNS2639 (chávena) e PNS2670 (pires)
PNS2718 e PNS2781
PNS2512 e PNS2513
PNS2400 e PNS2399

CAMÉLIAS E VIOLETAS: UMA PRIMAVERA À MESA

Nos arranjos florais patentes na mesa do almoço, a predominância de camélias e violetas não foi casual. Estiveram sempre presentes em praticamente todas as manifestações de admiração e afeto em honra da rainha Alexandra, oficiais e públicas, do princípio ao fim da visita. Milhares de camélias e pequenos *bouquets* de violetas tornaram-se uma "chuva de flores" de primavera[117] que deleitou a Rainha no dia da sua chegada, na passagem do cortejo. Em todos os momentos do programa oficial recebeu ramos das suas flores prediletas[118], desde lírios do vale – vindos expressamente de Paris[119] – a rosas e lilases e, naturalmente, violetas, muito provavelmente da espécie *viola odorata*[120], ofertas que a augusta soberana sempre agradeceu sorridente.[121]

[fig. 47]
Ramo de violetas
Álbum de aguarelas da autoria da rainha D. Maria Pia
Sem data.
Aguarela sobre papel

Palácio Nacional da Ajuda
PNA 42255/18

© DGPC/ADF
Foto: José Paulo Ruas, 2017

[fig. 48]
Ramo de flores com camélia ('D. Maria Pia, Rainha de Portugal'?), rosas, amores-perfeitos e jasmim
Álbum de aguarelas da autoria da rainha D. Maria Pia
Sem data. Aguarela sobre papel.

Palácio Nacional da Ajuda
Inv. PNA 42255/1

© DGPC/ADF
Foto: José Paulo Ruas, 2017

As violetas evocavam a própria rainha Alexandra, homenageada com uma variedade de *viola odorata* quando ainda era princesa de Gales: uma variedade azul-violeta, criada em França, com grandes folhas em forma de coração e suave aroma. As *viola odorata* [fig. 47] cresciam também na serra de Sintra, florindo de fevereiro a abril. Nas palavras de contemporâneos, no inverno, nas decorações das salas, a escassez de flores levou a que as violetas fossem empregues para guarnições, em pequenos vasos, ou para preencher os espaços que os vasos de camélias deixavam entre si nas jardineiras, colmatando esses espaços de forma primorosa.[122]

Por seu lado, as camélias prestavam homenagem às Rainhas de Portugal, D. Amélia e D. Maria Pia, e também eram o ex-líbris de Sintra, do seu régio Jardim, onde "vive[m] opulenta[s] [...], abandonada[s], sem cultura e dispersa[s] por a matta do Palácio Real da Penna, como no seu estado primitivo no paiz natal [Japão]"[123]. Entre as variedades de *camellia japonica* introduzidas no parque da Pena pelo rei D. Fernando (1816-1885), criadas em Portugal e oferecidas pelo reputado "horticultor e jardineiro multiplicador" José Marques Loureiro, importa referir a camélia 'Dona Maria Pia, Rainha de Portugal'[124], com forma de rosa e cor branca riscada de carmim[125] [fig. 48]. Nos jardins de Sintra, entre a diversidade de flores ornamentais existentes, a camélia assume-se, ainda hoje, como a rainha das flores de inverno, cuja floração decorre de outubro a abril. As suas folhas luzidias e cores delicadas conjugavam-se, por um lado, com os motivos multiflorais do serviço de porcelana *Haviland Limoges*[126] e, por outro, com o cintilar das pratas parisienses[127] e dos cristais venezianos[128].

Pouco depois da 1 hora da tarde, *Suas Majestades e Altezas*, seguidas de todos os convidados, dirigiram-se para a Sala das Pegas. Na mesa de Estado, para 40 pessoas[129], a disposição dos lugares era o seguinte:

Conde de Tarouca (*jure uxoris*)
Gentil-homem da Câmara do Rei D. Carlos

Convidado	Lugar	Lugar	Convidado
Tenente Howard Oficial do iate real "Victoria and Albert"	10	10	Tenente Harold Douglas Briggs Oficial do iate real "Victoria and Albert"
Subtenente John Robert Guy Moncrieffe Oficial do iate real "Victoria and Albert"	9	9	Conselheiro Pedro Victor da Costa Sequeira Administrador Geral da Fazenda da Casa Real
Conde de Arnoso Oficial às ordens do Rei e seu secretário particular	8	8	William Edmund O'Reilly 2º Secretário da Legação britânica em Lisboa
Visconde de Asseca Gentil-homem da Câmara do Rei, ao serviço do Príncipe Real	7	7	Conde de Figueiró Mestre-sala da Casa Real Veador às ordens da Rainha Alexandra
The Honourable Henry Julian Stonor *Groom in Waiting* e *Gentleman Usher* do Rei Edward VII	6	6	Marquês de Soveral Ministro da monarquia portuguesa em Londres
Conselheiro António Eduardo Villaça Ministro dos Negócios Estrangeiros	5	5	Marquesa de Belas Dama camarista da Rainha D. Maria Pia
Marquesa de Unhão Dama camarista da Rainha D. Maria Pia	4	4	Conde de Sabugosa Mordomo-mor da Casa Real
Sir Maurice William Ernest de Bunsen Ministro da monarquia britânica em Lisboa	3	3	*The Honourable Miss* Charlotte Knollys *Woman of the Bedchamber* da Rainha Alexandra e sua secretária particular
Condessa de Antrim *Lady in Waiting* da Rainha Alexandra	2	2	Infante D. Manuel, Duque de Beja (futuro D. Manuel II, Rei de Portugal)
Príncipe Carl da Dinamarca (futuro Haakon VII, rei da Noruega)	1	1	Rainha Alexandra do Reino Unido (consorte do Rei Edward VII)
D. Maria Pia, Rainha-Mãe			**D. Carlos I, Rei de Portugal**
D. Luís Filipe, Príncipe Real de Portugal	1	1	D. Amélia, Rainha de Portugal
Lady de Bunsen Senhora de *Sir* Maurice de Bunsen	2	2	Infante D. Afonso, Duque do Porto
Conselheiro António Augusto Pereira de Miranda Ministro do Reino	3	3	Condessa de Figueiró Dama camarista da Rainha D. Amélia Ao serviço da Rainha Alexandra
Condessa de Seisal Dama camarista da Rainha D. Amélia	4	4	Duque de Loulé Mordomo-mor da Rainha D. Maria Pia Estribeiro-mor da Casa Real
Conde da Ribeira Grande Mordomo-mor da Rainha D. Amélia	5	5	Maria Carmen Mercedes Joana Lewin Senhora do Dr. António de Castro Feijó
Mrs. O'Reilly Senhora de Mr. William O'Reilly	6	6	*The Honourable* Henry Charles Legge *Equerry* do Rei Edward VII e da Rainha Alexandra
António Joaquim de Castro Feijó Encarregado de Negócios da monarquia portuguesa em Estocolmo (Suécia) e Ministro não residente em Copenhaga (Dinamarca)	7	7	Arthur Peel 1º Secretário da Legação britânica em Lisboa
Capitão George Robert Mansell Comandante do iate real "Victoria and Albert"	8	8	Coronel Fernando Eduardo de Serpa Pimentel Ajudante de Campo do Rei D. Carlos Inspector Geral do Real Palácio

Coronel António Augusto Duval Telles
Ajudante de Campo do Rei D. Carlos

ENTRADA

Fernando Montesinos (investigação) | Cláudio Marques (arquitetura) | Filipe Preto (design gráfico)

[fig. 49, 50]

Dois planos prévios da mesa de honra. Sala das Pegas.

APNA, 9.1.1., cx. 2, doc. 79a e 79b.

[fig. 51]

Versão final do plano da mesa de honra, na Sala das Pegas, estando os convivas dispostos segundo as precedências.

APNA, 9.1.1., cx. 2, doc. 79c.

Na sala contígua, sala de jantar de D. Maria Pia, foi posta uma segunda mesa, para 9 pessoas[130]:

Almoço em Cintra em 24-3-905

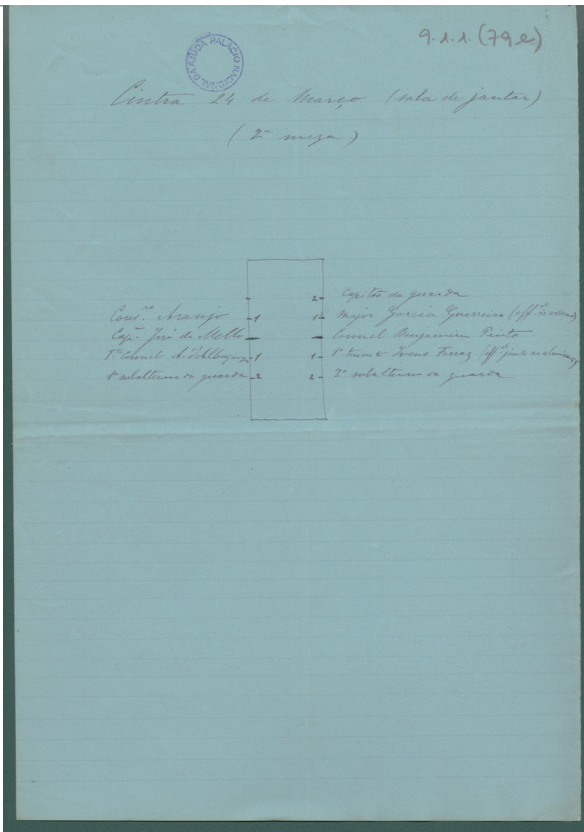
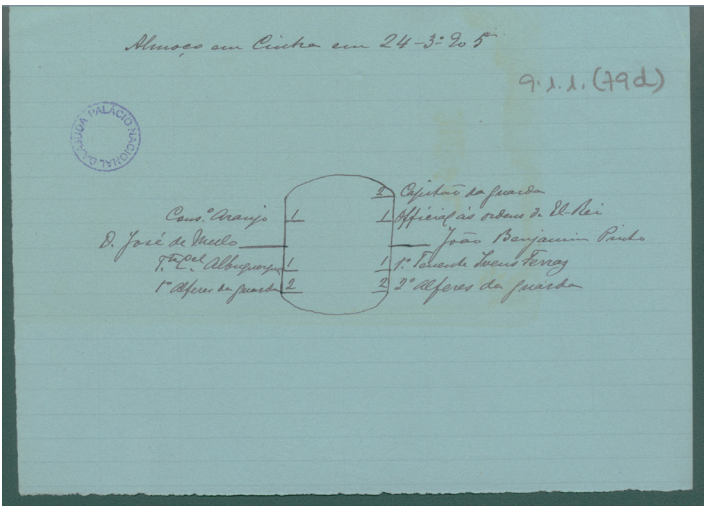
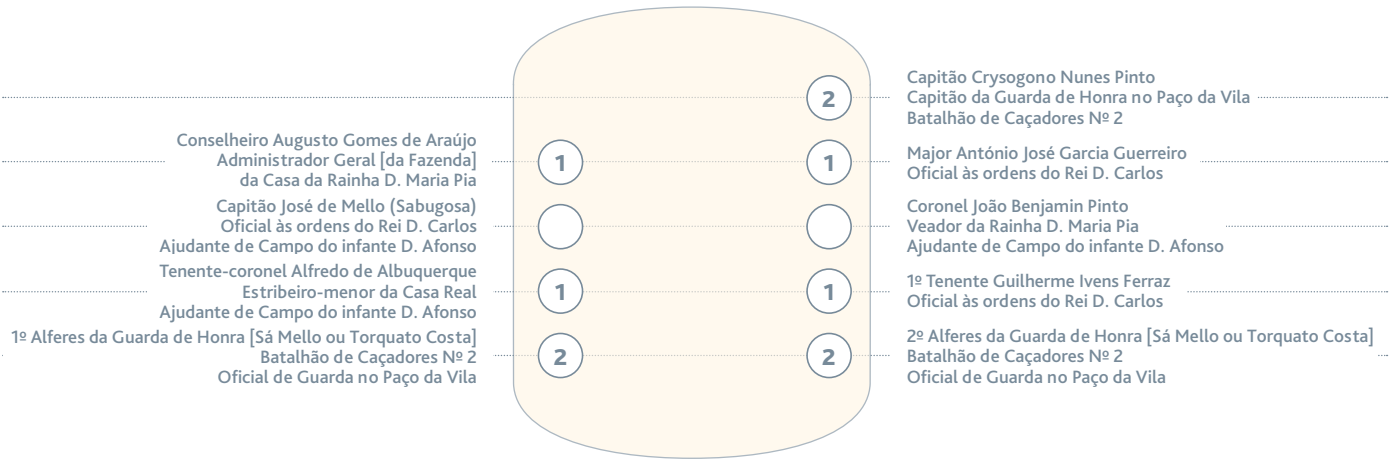
9.1.1.(79d)

Cons.º Araujo 1
D. José de Mello
Tte. Cel. Albuquerque 1
1º Alferes da guarda 2

2 Capitão da guarda
1 Official ás ordens de El-Rei
João Benjamin Pinto
1 1º Tenente Ivens Ferraz
2 2º Alferes da guarda

9.1.1.(79e)

Cintra 24 de Março (sala de jantar)
(2ª meza)

[fig. 52, 53]

Dois planos da segunda mesa. Sala de jantar da rainha viúva.

APNA, 9.1.1., cx. 2, doc. 79d e 79e.

OS CONVIDADOS DO REAL ALMOÇO[131]

[fig. 54]

Fotografia do álbum privado da Rainha Alexandra. *Mediterranean Cruise 1905*, volume 1, p. 15.

António Novaes ou Joshua Benoliel

Windsor Castle
RCIN 2513352.d

Royal Collection Trust
© Her Majesty Queen Elizabeth II

NA PRIMEIRA FILA, esquerda-direita

1 — D. Carlos de Bragança, Rei de Portugal (1863-1908; rei 1889)
Penúltimo rei de Portugal, primogénito dos reis D. Luís e D. Maria Pia.

2 — Infante D. Afonso, Duque do Porto (1865-1920)
Segundogénito de D. Luís e D. Maria Pia.
Irmão do rei D. Carlos.

3 — D. Maria Pia de Sabóia, Rainha de Portugal (1847-1911; rainha 1862)
Filha mais nova dos primeiros reis constitucionais de Itália.

4 — Rainha Alexandra do Reino Unido (1844-1925)

5 — D. Amélia de Orléans, Rainha de Portugal (1865-1951; rainha 1889)
Filha primogénita do último Príncipe Real da França.

6 — *Lady* Louisa Jane McDonnell (1855-1949), condessa de Antrim
Lady in Waiting da rainha Alexandra durante o cruzeiro pelo Mediterrâneo.

7 — *Lady* Bertha de Bunsen (1869-1954)
Senhora de *Sir* Maurice de Bunsen.

8 — *The Honourable* Charlotte Knollys (1830-1935)
Woman of the Bedchamber da rainha Alexandra e sua secretária particular.

9 — D. Luís Filipe de Bragança, Príncipe Real de Portugal (1887-1908)
Primogénito de D. Carlos e D. Amélia.

NA SEGUNDA FILA

António de Vasconcelos e Sousa, conde de Figueiró (1858-1922)
Mestre-sala da Casa Real, veador de D. Amélia e veador às ordens da rainha Alexandra durante a sua estadia em Portugal.

10

Coronel João Benjamin Pinto (1851-1914)
Veador de D. Maria Pia e ajudante de campo do infante D. Afonso.

11

Coronel Fernando Eduardo de Serpa Pimentel (1853-1929)
Ajudante de campo de D. Carlos e inspector geral do Real Palácio.

12

Infante D. Manuel, futuro D. Manuel II (1889-1932; rei 1908)
Segundogénito de D. Carlos e D. Amélia.

13

Príncipe Carl da Dinamarca (1872-1957)
Genro dos reis do Reino Unido.

14

Josefa de Sandoval y Pacheco (*Pepita*), condessa de Figueiró (1859-1919)
Dama camarista de D. Amélia e dama ao serviço da rainha Alexandra durante a sua estadia em Portugal.

15

Luís Maria Pinto de Soveral, marquês de Soveral (1851-1922)
Enviado extraordinário e ministro plenipotenciário da monarquia portuguesa na corte de Londres.

16

António Maria Vasco de Mello Silva César e Meneses, conde de Sabugosa (1854-1923)
Mordomo-mor da Casa Real.

17

Eugénia Xavier Teles da Gama, marquesa de Unhão (1848-1931)
Dama camarista de D. Maria Pia.

18

Maria Luísa Carmen Mercedes Joana Lewin (1878-1915)
Senhora do Dr. António Joaquim de Castro Feijó.

19

Conselheiro António Augusto Pereira de Miranda
Ministro do Reino.

20

NA TERCEIRA FILA

Capitão José de Mello (Sabugosa) (1857-1922)
Ajudante de campo do infante D. Afonso e oficial às ordens de D. Carlos.

21

Tenente-coronel Alfredo Augusto José de Albuquerque (1875-19??)
Ajudante de campo do infante D. Afonso, oficial às ordens de D. Carlos e estribeiro-menor da Casa Real.

22

Mrs. O'Reilly
Senhora de Mr. William O'Reilly, segundo secretário da legação inglesa em Lisboa.

23

Maria Germana de Castro Pereira, condessa de Seisal (1860-19??)
Dama camarista de D. Amélia.

24

Maria da Piedade Correia de Lacerda Lebrim e Vasconcelos, marquesa de Belas (1857-1925)
Dama camarista de D. Maria Pia.

25

Mr. Arthur Robert Peel (1861-1952)
Primeiro secretário da legação inglesa em Lisboa.

26

***Sir* Maurice William Ernest de Bunsen (1852-1932)**
Enviado extraordinário e ministro plenipotenciário da monarquia britânica na corte de Lisboa.

27

Conselheiro António Eduardo Villaça (1852-1914)
Ministro e secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros.

28

NA QUARTA FILA

Coronel *The Honourable Sir* Henry Charles Legge (1852-1924)
Oficial às ordens de Edward VII.

29

Coronel António Augusto Duval Telles (1852-1906)
Ajudante de campo de D. Carlos.

30

Mr. William Edmund O'Reilly (1873-1934)
Segundo secretário da legação inglesa em Lisboa.

31

Tenente-coronel Sebastião Pereira da Silva de Sousa e Menezes, conde de Tarouca *jure uxoris* (1855-1934)
Gentil-homem da câmara do rei D. Carlos.

32

The Honourable Sir Henry Julian Stonor (1859-1939)
Gentil-homem da câmara do rei Edward VII.

33

NA QUINTA FILA

Major António José Garcia Guerreiro
Oficial às ordens de D. Carlos.

34

Bernardo Pinheiro Correia de Melo, conde de Arnoso (1855-1911)
Oficial às ordens de D. Carlos e seu secretário particular.

35

Subtenente John Robert Guy Moncrieffe (1884-1934)
Oficial da Marinha Real Britânica, em serviço no iate real "Victoria and Albert".

36

António Maria Correia de Sá e Benevides Velasco da Câmara, visconde de Asseca (1840-1910)
Gentil-homem da câmara do rei D. Carlos, ao serviço do príncipe D. Luís Filipe.

37

Capitão George Robert Mansell
Oficial da Marinha Real Britânica, comandante do iate real "Victoria & Albert", sob as ordens do contra-almirante *Sir* Archibald Berkeley Milne.

38

Dr. António Joaquim de Castro Feijó (1859-1917)
Encarregado de Negócios da monarquia portuguesa em Estocolmo (Suécia) e Ministro plenipotenciário não residente em Copenhaga (Dinamarca).

39

José Maria Gonçalves Zarco da Câmara, conde da Ribeira Grande (1843-1907)
Mordomo-mor da Casa da Rainha D. Amélia.

40

NA SEXTA FILA

Capitão Crysogono Nunes Pinto (1862-19??)
Capitão da Guarda de Honra no Palácio de Sintra, Batalhão de Caçadores 2.

41

Tenente Howard
Oficial da Marinha Real Britânica, em serviço no iate real "Victoria & Albert".

42

Conselheiro Pedro Victor da Costa Sequeira (1846-1905)
Administrador Geral da Fazenda da Casa Real.

43

Alferes Torquato Costa
Oficial subalterno da Guarda de Honra, Batalhão de Caçadores 2.

44

Alferes Sá Mello
Oficial subalterno da Guarda de Honra, Batalhão de Caçadores 2.

45

Tenente Harold Douglas Briggs (1877-1944)
Oficial da Marinha Real Britânica, em serviço no iate real "Victoria & Albert".

46

Conselheiro Augusto Gomes de Araújo (1842-1915)
Administrador Geral [da Fazenda] da Casa da Rainha D. Maria Pia.

47

Pedro José de Mendoça Rolim de Moura Barreto, duque de Loulé (1830-1909)
Mordomo-mor da Casa da Rainha D. Maria Pia e estribeiro-mor da Casa Real.

48

Primeiro Tenente Guilherme Ivens Ferraz (1865-1956)
Oficial às ordens de D. Carlos.

49

[fig. 55]

Menu do almoço oferecido em honra da Rainha Alexandra no Palácio Real de Sintra

Papel. Ferros em relevo e impressão a ouro e cor.
Maison Maquet, 10 rue de la Paix, Paris.

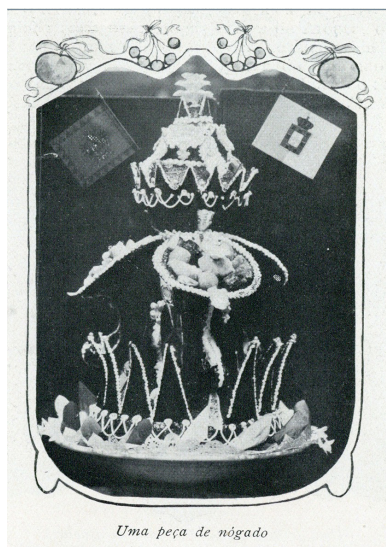
Menu debruado a ouro com ornatos concheados de inspiração rococó, no topo e na parte superior do *placement*. Ao centro apresenta a palavra "Menu", em letras góticas, e abaixo a descrição dos pratos a servir. Na parte inferior, no canto direito, o monograma da rainha D. Maria Pia (MP), anfitriã do almoço, encimado pela Coroa Real.

A *Maison Maquet* era uma das papelarias parisienses mais conceituadas, fornecedora de artigos de luxo para várias cortes europeias.

Palácio Nacional da Ajuda
PNA 54913

HORS D'ŒUVRE	ENTRADAS
Petits pains à l'Allemand	Pãezinhos à Alemã
Langue à l'Ecarlatte	Língua Escarlate
Canapè de Thon	Canapé de Atum
Consommé Chancelière	Consomé *Chancelière*
Oeufs à la Montglas	Ovos à Montglas
Saumon à la Genevoise	Salmão à Genovesa
Tournedos à la Bordelaise	Tornedós à Bordalesa
Mousse de foie-gras à la Reine	*Mousse* de *foie gras* à la Reine
Poulardes de Bresse sauce Périgord	Galinhas de Bresse com molho *Périgord*
Asperges glacées sauce Tartare	Espargos frios com molho Tártaro
Pouding à l'Ecossaise	Pudim à Escocesa
Glace Vivienne	Gelado *Vivienne*
Patisserie – Pièce en nougat	Pastelaria – Peça de *nougat*
Cafee – Vins – Liqueurs	Café – Vinhos – Licores

O serviço de cozinha foi dirigido por Manoel Caetano da Silva, coadjuvado nas cozinhas do Paço pela sua equipa[132], responsável pela confeção do conjunto de pratos do menu [fig. 55]. O serviço de copa foi fornecido[133] pela pastelaria e confeitaria casa Ferrari.[134] [fig. 56]

Tendo em consideração a dimensão da Sala das Pegas, o elevado número de convidados e os tempos do almoço (pouco mais de uma hora), é admissível pensar que o serviço dos *hors d'oeuvres*[135] e até do *consommé* tenham tido lugar na Sala dos Cisnes[136], numa tentativa de simplificar a própria logística do almoço. As normas de etiqueta da época permitiam-no e os ricos serviços de porcelana disponíveis no Paço da Vila – nomeadamente o serviço *Haviland Limoges* "Florinhas" para

[fig. 56a]
Peça montada de *nougat*
Produção da "Pastelaria Marques", um dos estabelecimentos especializados em voga à época, tal como a "Pastelaria Ferrari".

Cliché de Novaes ou Benoliel.
Imagem retirada da edição de 13 de janeiro de 1908 da revista *Illustração Portugueza*.

[fig. 56b]
Exemplo de apresentação de uma *pièce montée en nougat*, proposto por Urbain Dubois e Émile Bernard
Fonte: *La cuisine classique. Études pratiques, raisonnées et démonstratives de l'école française appliquée au service à la Russe* (1888), 14ª edição, Paris : E. Dentu Éditeur, tomo II, pormenor da estampa 59, página 255.

Biblioteca do Palácio Nacional da Ajuda
Cota: PNA 19-1932

60 pessoas – tinham peças suficientes e próprias para necessidades específicas. Por exemplo, os "pratos com tres divisões"[137] ("compotiers 3 divisions")[138], fáceis de manusear para quem oferecia os aperitivos [fig. 57], e as "tigellas d'almoço" e "pires das ditas"[139] ("chavenas e pires d'almoço")[140], suficientemente grandes para o *consommé* [fig. 58, p. 56], eventualmente servido antes de se entrar na sala da mesa de Estado, beneficiando os criados de travessas de diferentes formas e tamanhos para o serviço[141] [fig. 59, 60]. No fim do almoço foram servidos café e licores, porventura também na Sala dos Cisnes.[142]

[fig. 57] [fig. 59] [fig. 60]

[fig. 61]

Reprodução do menu pessoal da rainha Alexandra
Desenho de Maria José Rosa a partir do desenho de D. Carlos no menu original, conservado no Castelo de Windsor.

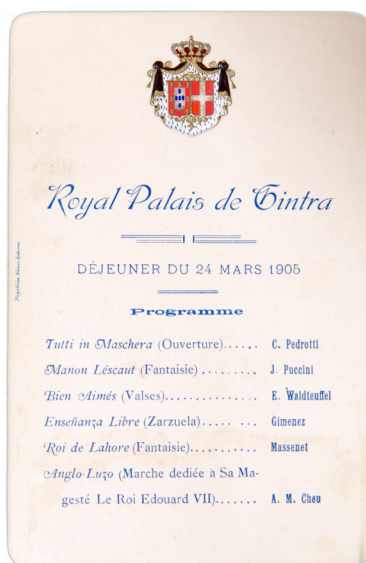
[fig. 62]

António Maria Chéu
BCM - AH, Secção Fotográfica: Oficiais da Armada - Álbum de Oficiais nº 4, página 7, nº de ordem 38.

Royal Palais de Cintra

DÉJEUNER DU 24 MARS 1905

Programme

Tutti in Maschera (Ouverture)...... C. Pedrotti
Manon Léscaut (Fantaisie)........ J. Puccini
Bien Aimés (Valses).............. E. Waldteufel
Enseñanza Libre (Zarzuela)..... ... Gimenez
Roi de Lahore (Fantaisie).......... Massenet
Anglo-Luzo (Marche dediée à Sa Magesté Le Roi Edouard VII)....... A. M. Cheu

[fig. 63]

Programa de música interpretado pela Banda do Corpo de Marinheiros da Real Armada, sob regência do Chefe de Música e oficial de Marinha António Maria Chéu, o primeiro maestro português da Banda da Armada.

Palácio Nacional da Ajuda
PNA 58670

Tutti in Maschera (Ouverture), Carlo Pedrotti

Manon Léscaut (Fantaisie), Giacomo Puccini

Bien Aimés (Valses), Émile Waldteufel

Enseñanza Libre (Zarzuela), Gerónimo Giménez

Roi de Lahore (Fantaisie), Jules Massenet

Anglo-Luzo (Marche dediée à Sa Magesté Le Roi Edouard VII), A. M. Cheu

No menu da rainha Alexandra, D. Carlos desenhou uma pega [fig. 61], ave copiada das pinturas decorativas do teto da sala em que o almoço foi realizado. Nesse momento, a soberana manifestou: "I will keep it in remembrance of beautiful Cintra"[143]. E, de facto, o menu conserva-se, ainda hoje, no álbum privado de fotografias da rainha, no Castelo de Windsor.

Durante o almoço a soberana britânica mostrou-se sempre muito jovial, conversando com *Suas Majestades e Altezas*, bem como com os restantes convivas. Entretanto, a Banda do Corpo de Marinheiros da Armada Portuguesa, sob regência do seu maestro António Maria Chéu[144] [fig. 62], executava no pátio central os hinos português e inglês e o programa acima ilustrado. [fig. 63]

Quando a banda executava a *Enseñanza Libre* um criado, por ordem do rei, mandou interromper a música por alguns minutos. D. Carlos pronunciou então um sentido brinde, em francês, em honra da rainha Alexandra, que agradeceu comovida.

> Sinto-me muito feliz por poder n'este momento agradecer a Vossa Magestade, em nome de minha Mãe, o grande prazer que ella teve, e para mim honra, de aqui ter vindo; e aproveito esta occasião para expressar a Vossa Magestade todo o nosso reconhecimento pela visita que nos fez.
>
> Vossa Magestade deve ter adquirido a convicção do muito que por todos nós é amada. Pelos vossos encantos, pelas vossas qualidades e pela vossa graça, soubestes conquistar todos os corações, e deveis ter apreciado tambem o muito que o vosso Rei soube captivar os portuguezes; e mais do que as minhas palavras, todos estes sentimentos os deveis ter reconhecido nas manifestações com que tão jubilosamente tendes sido acclamada.
>
> E é por isso que, com enthusiasmo, bebo à saúde de Vossa Magestade.
>
> Transcrição da tradução para português do brinde, publicada nos jornais da época.[145]

O almoço terminou entre as 14h e as 14h15. As pessoas reais e comitivas passaram então para a Sala dos Cisnes. Todos eles com raminhos de violetas ou camélias na *boutonnière*. Logo que a banda de música[146] se retirou do pátio central, o grupo acedeu a este espaço, onde foram fotografados por António Novaes[147] [fig. 64] e Joshua Benoliel[148] [fig. 65]. Os dois célebres instantâneos com as Três Rainhas foram tirados por A. Salgado[149] [fig. 66a, 66b] e Joshua Benoliel[150] [fig. 67], por concessão especial. O rei D. Carlos[151], a rainha Alexandra, a condessa de Seisal, o coronel Legge [fig. 68] e até um dos oficiais do iate real britânico, munidos de câmaras, captaram diversas imagens dos convidados no pátio central.[152]

Nesse local, o príncipe real D. Luís Filipe e o infante D. Manuel, seu irmão, convidaram alguns dos presentes, incluindo a rainha Alexandra, a aproximar-se da "sala de banho", a casa de fresco do Paço. Os painéis azulejares das paredes, a azul e branco, representam fontes, jardins e cenas galantes e escondem um engenhoso sistema de repuxos cruzados. A água, que podia brotar em esguicho através de duas linhas de orifícios quase invisíveis que circundam as paredes do espaço, refrescavam o ambiente em dias de maior calor e causavam surpresa nos visitantes incautos que se detinham a examinar os azulejos. Foi o que fizeram os príncipes quando a rainha e outros convidados estavam no interior da casa de fresco[153] [fig. 69], surpreendendo-os e molhando-os, o que fez rir a todos.[154]

[fig. 64]

Fotografia de António Novaes
27,2 x 38,3 cm

Imagem publicada no semanário londrino *The Graphic* e na revista quinzenal *Brasil-Portugal*, nas edições de 1 de abril de 1905.

Palácio Nacional da Ajuda
PNA 64129

[fig. 65]

Fotografia de Joshua Benoliel (?)

Imagem publicada no semanário lisboeta *Illustração Portugueza*, na edição de 27 de março de 1905.

[fig. 66a]

Fotografia de A. Salgado
16,2 x 12 cm

Imagem publicada no semanário lisboeta *Illustração Portugueza*, na edição de 27 de março de 1905.

Por ocasião desta fotografia de grupo, a rainha D. Amélia pediu a sombrinha à rainha Alexandra, para assim aparecer com um objeto pessoal da soberana.

Palácio Nacional da Ajuda
PNA 62965

[fig. 66b]

Fotografia de A. Salgado (?)

Álbum privado da rainha Alexandra, *Mediterranean Cruise 1905*, volume 1, página 15.

Windsor Castle
RCIN 2513352.a

[fig. 67]

Fotografia de Joshua Benoliel

Arquivo Municipal de Lisboa
PT/AMLSB/JBN/002608

[fig. 68]

As três Rainhas posando para a fotografia
Fotografia do coronel Henry Charles Legge

Álbum de fotografias da rainha D. Amélia

Museu Biblioteca da Casa de Bragança
UI 5189

[fig. 69]
Pórtico de entrada à Sala de Banho

Álbum de fotografias da rainha D. Amélia
Museu Biblioteca da Casa de Bragança
UI 0072

[fig. 70]
Partida do Palácio de Sintra para o Palácio da Pena

Fotografia de Joshua Benoliel.

Álbum de fotografias da rainha D. Amélia
Museu Biblioteca da Casa de Bragança
UI 5189

Pelas 14h30, depois da rainha Alexandra ter visitado algumas salas do Paço da Vila, as carruagens partiram com os convidados [fig. 70], quase pela mesma ordem em que chegaram, para o Palácio da Pena[155], envolvido em neblina. A guarda de honra formou novamente no pátio de entrada, a banda tocou o hino inglês e, à porta do Paço, manifestaram-se ovações públicas às Rainhas, efusivas e prolongadas. A anfitriã do almoço, D. Maria Pia, não acompanhou os seus convidados à Pena[156], mantendo-se à janela do seu Palácio até os perder de vista.

O ÁLBUM DA RAINHA ALEXANDRA

As vistas e momentos especiais do cruzeiro pelo Mediterrâneo de 1905 foram captados em fotografia pela rainha Alexandra do Reino Unido, compondo uma interessante narrativa da viagem em dois álbuns conservados no Castelo de Windsor[157]. A Rainha, fotógrafa amadora, surge em diversas imagens com a sua câmara Eastman Kodak e, de facto, são muitas as fotografias da sua autoria. No caso das quatro páginas com imagens que registam o "Passeio a Cintra", aqui apresentadas, a soberana britânica reúne instantâneos da Vila e dos Palácios Reais de Sintra, um papel manuscrito com a transcrição em inglês do brinde do rei em sua honra, o menu do almoço na Sala das Pegas com o desenho assinado por D. Carlos, o programa de música interpretado pela Banda dos Marinheiros da Armada e várias legendas pessoais, preservando a memória da visita a Sintra e do almoço oferecido pela rainha viúva, D. Maria Pia.[158]

[fig. 71, 72, 73, 74]
Da esquerda para a direita, páginas 14 a 17. Windsor Castle, RCIN 2923732, 2513352, 2513353, 2923733.
Royal Collection Trust | © Her Majesty Queen Elizabeth II

Foi assim que, num almoço oficial de protocolo aparentemente descontraído, numa ancestral residência régia de vilegiatura, a rainha viúva desempenhou de novo um papel protagonista, recebendo e figurando em primeiro plano da ação diplomática desenvolvida pelo seu filho. Uma das últimas vivências destacadas da família real no Paço da Vila de Sintra, na Sala das Pegas, cujo teto de masseira apainelado e pintado, de motivos quatrocentistas, recordava a plurissecular aliança luso-britânica de amizade e prestação de socorro mútuo. Afinal, o primeiro "Tratado de Windsor" (1386) foi selado em 1387 através do casamento de D. João I com a princesa Philippa de Lancaster, neta do rei Edward III de Inglaterra e filha do duque de Lancaster, John de Gaunt. Uma aliança matrimonial evidenciada em linguagem simbólica mediante 136 pegas que seguram nos bicos uma cartela com o dístico "por bem", alusivo ao rei D. João, e nas patas, a rosa da Casa de Lancaster, família à qual pertencia a rainha D. Filipa (Philippa). [fig. 75]

A impressão da visita foi tão positiva que, em pouco tempo, os jornais britânicos informaram sobre o planeamento de uma nova viagem da família real a Portugal, no "próximo" mês de maio[159]. E de facto assim aconteceu, pois a rainha Alexandra regressou a Lisboa numa segunda e última visita, com carácter privado, em 18 de maio de 1906, porém, de novo, sem o seu marido. A rainha e a princesa Victoria visitaram o Palácio de Queluz, demorando-se na sala em que se achava o retrato de aparato do infante D. Miguel de Bragança (Ender, 1827), e depois seguiram para o Palácio da Pena, onde foi servido um almoço para vinte comensais. Terminado o *lunch*, a rainha Alexandra, os reis de Portugal, o príncipe real, a princesa Victoria, o infante D. Manuel e comitivas, desfrutaram de um agradável passeio pelo parque, onde alguns fotógrafos, como Benoliel, obtiveram permissão para os retratar.[160] [fig. 76]

[fig. 75]
Teto da Sala das Pegas (pormenor)

[fig. 76]
Fotografia de Joshua Benoliel. 18 de maio de 1906.
Imagem publicada postumamente no segundo fascículo do *Arquivo Gráfico da Vida Portuguesa 1903-1918*.

A Royal Lunch
Entre a evocação e a reconstituição

Em 2018, a Associação das Residências Reais Europeias (ARRE) assinalou o Ano Europeu do Património Cultural com o projeto "A Place at the Royal Table | Um Lugar à Mesa Real", dedicado às artes da mesa nas cortes europeias. A Parques de Sintra - Monte da Lua (PSML), membro da ARRE, associou-se à iniciativa e promoveu um projeto expositivo conjunto, homónimo, organizado em vários núcleos. Envolveu os Palácios Nacionais de Sintra, Queluz e Pena, e ainda o Chalet da Condessa d'Edla, visando estabelecer um diálogo entre os espaços, vivências e coleções destes Palácios Reais com as práticas e tradições da mesa régia.

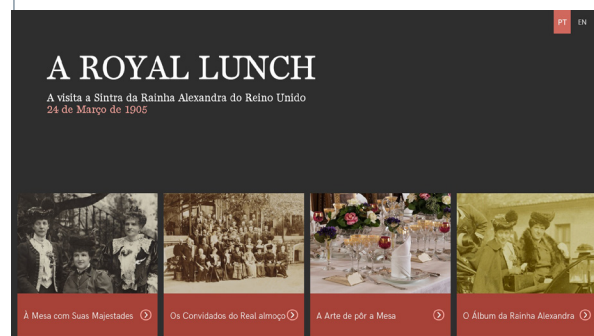
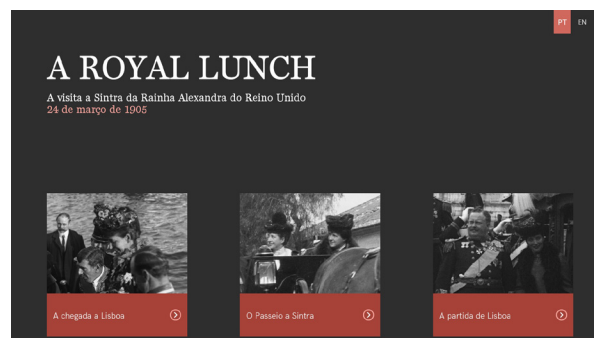
No Palácio Nacional de Sintra, a exposição "*A Royal Lunch*. A visita a Sintra da Rainha Alexandra do Reino Unido. 24 de março de 1905" [fig. 77] esteve patente de 6 de julho e 7 de outubro[161], evocação do almoço oferecido na Sala das Pegas do Paço da Vila em honra da soberana britânica, a convite da rainha D. Maria Pia e do seu filho, o rei D. Carlos.

[fig. 77]
Vista da Sala das Pegas no dia da inauguração
© PSML | Foto: Luís Duarte, 2018

O projeto expositivo *A Royal Lunch* permitiu:

- Evocar a mesa posta por ocasião da visita oficial da rainha Alexandra, a partir de documentação manuscrita, periódicos, iconografia e literatura sobre copa e cozinha da época, incorporando os serviços de prata, porcelana e cristal utilizados, com a disposição dos objetos de acordo com o serviço à russa, bem como o menu e a decoração floral que embelezou o almoço, entre outros elementos de interesse;
- Reconstituir o ambiente decorativo da Sala das Pegas à época da rainha D. Maria Pia, com o mobiliário adquirido expressamente para a sala de jantar dos Reis;
- Efetuar o levantamento exaustivo da memória fotográfica e da documentação associada ao acontecimento (listas de convidados, planos de mesa, brinde do rei, relações dos serviços de mesa que foram para Sintra, entre outra), disponíveis através de painéis e suportes interpretativos digitais; [fig. 78, 79]
- Recordar o acompanhamento musical realizado em 1905 pela Banda do Corpo de Marinheiros da Armada, no pátio central, através de diversos trechos de época executados pelo Quinteto de Sopros da Banda da Armada[162]; [fig. 80]
- Produzir a presente publicação, segundo volume do projeto editorial "Coleções Em Foco", apresentando a narrativa da visita ao Paço da Vila, a partir de periódicos e fotografias de época, bem como os resultados das investigações realizadas pelas equipas dos Palácios Nacionais de Sintra e da Ajuda no âmbito da exposição.

O desenvolvimento do projeto expositivo *A Royal Lunch*, coordenado pelo Palácio Nacional de Sintra, não teria sido possível sem a frutuosa colaboração do Palácio Nacional da Ajuda, nomeadamente do seu Diretor, José Alberto Ribeiro, e das conservadoras Teresa Maranhas (coleção de joalharia e ourivesaria), Cristina Neiva Correia (coleção de cerâmica), Maria João Burnay (coleção de vidros) e Manuela Santana (coleção de têxteis e traje). Os resultados das suas investigações e estudos, publicados nesta edição, são fundamentais para a compreensão das requisições de prata, louça e cristal à mantearia do Real Paço da Ajuda, destinadas ao almoço da rainha Alexandra, determinantes na configuração da mesa e do seu ambiente decorativo.

[fig. 78]
Vista parcial do painel interpretativo da Sala das Pegas, integrando o menu e o programa de música originais.

[fig. 79]
Páginas principais dos dois suportes interpretativos digitais, disponíveis no átrio da Sala dos Cisnes e na Sala das Pegas.

[fig. 80]
O Quinteto de Sopros da Banda da Armada no pátio central do Palácio

[fig. 81]
Quatro contos oitenta e oito mil cento sessenta e cinco réis (4.088.165) foi a despesa registada pelo Almoxarifado do Real Paço da Ajuda por ocasião das receções em honra da rainha do Reino Unido e do imperador da Alemanha no Real Paço de Sintra, em 24 e 29 de março de 1905.

APNA, 3.1.2., cx. 1, doc. 65, 31 de março de 1905.

A mesa evocada apresentou uma versão para 20 convivas, metade dos presentes na mesa de honra original. Pela primeira vez, o público pôde ver parte dos serviços de prata, porcelana e cristal utilizados no almoço. Pretendeu-se, por um lado, reproduzir o efeito brilhante, primaveril e eclético da mesa, onde conviveram de forma equilibrada o neorrococó (com predominância do estilo *Louis XV*), o naturalismo de cariz romântico e a fantasia historicista; e, por outro lado, reconstituir o ambiente da sala de jantar dos Reis, de linguagem também revivalista, com o mobiliário oitocentista de inspiração renascença adquirido expressamente por D. Maria Pia para a Sala das Pegas. Uma mesa requintada, num cenário carregado de História, ideal para a reafirmação das boas relações entre Portugal e o Reino Unido. [fig. 81]

..... § .....

© PSML | Foto: e.m.i.g.u.s, 2018

1

Centro de mesa (jardineira e *plateau*)
Edmond Tétard
Paris, cerca de 1890
Prata e cristal

Na impossibilidade de expor peças da *Maison Odiot*, ao gosto *Louis XV*, optou-se por uma solução de compromisso, selecionando peças da *Maison Ed. Tétard* para a decoração da mesa, que também foram requisitadas para Sintra.

Palácio Nacional da Ajuda

PNA50767 (guarnição de prata)
PNA50767/A (taça de cristal)
PNA50768 (bandeja espelhada)

2

Faqueiro da baixela "Veyrat"
Augustin Veyrat
Paris, século XIX (terceiro quartel)
Prata

Este faqueiro, com 194 talheres, integra a baixela de prata executada em Paris nas oficinas da *Maison Veyrat*, sob a direção de Augustin Veyrat. A baixela, conhecida na documentação coetânea pelo nome de "prata do casamento", veio de Itália com D. Maria Pia, aquando do seu casamento em Lisboa com o rei D. Luís, em 1862.

Palácio Nacional da Ajuda

3

Fruteiros
Edmond Tétard
Paris, cerca de 1890
Prata e cristal

Palácio Nacional da Ajuda

PNA10785 a PNA10790

4
5
6
7
8

4

Jardineira em forma de cisne
Obra em prata cinzelada, do ourives alemão Martin Mayer, de cerca de 1900, adquirida por D. Maria Pia, muito provavelmente nos primeiros meses de 1901.

Palácio Nacional da Ajuda
PNA 4383

5

Cafeteira, leiteira e açucareiro do serviço de chá e café da baixela da *Maison Veyrat*

Palácio Nacional da Ajuda
PNA 50770
PNA 50771
PNA 50772

6

Lavabos e pratos respetivos
Compagnia di Venezia e Murano

7

Azulejos hispano-mouriscos
Sevilha, Espanha, século XVI (início)

8

Lareira de mármore
Itália, século XVI

9
10
11
12

9

Menu do almoço, feito na *Maison Maquet* de Paris, e **porta-menu em prata** da *Maison Odiot*, ao gosto *Louis XV*

Palácio Nacional da Ajuda
PNA54913 (menu)[163]
PNA44634 (porta-menu)

10

Serviço para bebidas
Compagnia di Venezia e Murano
Veneza, entre 1901 e 1903
Padrão "Regina Margherita"
Vidro transparente incolor, esmaltes, dourado.
Apresenta as armas da rainha D. Maria Pia, pintadas a esmalte policromo.

Da esquerda para direita: decantador de vinho, jarro de água, copo para água, vinho tinto, taça de champagne, copo para vinho do Reno (vidro vermelho rosado) e da Madeira.

Deste serviço foram também requisitados copos para vinho do Porto e para licor, bem como lavabos e respetivos pratos.

Palácio Nacional da Ajuda
PNA22889

11

Coleiras para garrafa da baixela da *Maison Veyrat*

Palácio Nacional da Ajuda
PNA 50744
PNA 50745

12

Serviço de mesa "Florinhas"
Limoges, manufatura *Haviland & C^{o}*
Paris, 1893-1904.
Modelo "Marseille", de Albert Louis Dammouse.
Padrão "Fleurs Saxe", de Henri Léon Pallandre.

Porcelana moldada, modelada, aplicada, recortada, dourada e cromolitografada em policromia.
Apresenta monograma da rainha D. Maria Pia, MP, a dourado, encimado por coroa.

Serviço de jantar, pequeno-almoço, chá e café adquirido expressamente por D. Maria Pia, em Paris, para o Real Paço de Sintra.

Palácio Nacional de Sintra

13
19
20
17
18
15
16
14
21
22
JACQUEMIN

13

Mobília de jantar em estilo neorrenascença

Adquirida por D. Maria Pia em Paris, na *Maison Krieger A. Damon & Cie*.[164]
Em 1888, a rainha encomendou mobília para guarnecer a "Salle à Manger Particullière de Sa Majesté le Roi" (Sala das Pegas), no Real Paço de Sintra. O conjunto de móveis, expedido pelo vapor "St. Pierre" no dia 5 de maio de 1889, deu entrada no Paço da Vila nesse mesmo mês, poucos meses antes da morte do rei D. Luís.

O recibo[165], emitido pelo estabelecimento comercial a 4 de junho de 1889, discrimina a lista de peças e respetivos preços, em francos:

1 Buffet Renaissance Vieux noyer / 2810
1 Aparador, estilo Renascença, em madeira envelhecida de nogueira

1 Buffet Dressoir noyer ciré sculpté Renaissance / 3000
1 Aparador *dressoir*, estilo Renascença, em nogueira entalhada e encerada

1 Table a Découper, forme étagère assortie, marbre rouge royal / 900
1 Mesa [aparador] trinchante com prateleira e [tampo de] mármore *Rouge Royal*

1 Table, 4 allonges, a pietement noyer ciré sculpté assortie / 960
1 Mesa, 4 extensões, com pés em nogueira entalhada e encerada

12 Chaises noyer ciré sculpté, garnies tendues maroquin La Valliere, avec encadrement siége e dossier genre Missel / 2640
12 Cadeiras em nogueira entalhada e encerada, estofadas a couro *La Vallière*[166], com cercadura tipo *Missel*[167] no assento e espaldar

Os dois **aparadores**, "buffet" e "buffet dressoir", foram executados pelo marceneiro ou ebanista francês Jacquemin[168], como testemunha a assinatura "JACQUEMIN"[169] do aparador PNS3484, colocada em local oculto do móvel: nas quatro bases dos elementos verticais que suportam a primeira prateleira, na face interna.

"Salla das Pêgas [...] 2-3 – Dois ditos de carvalho [aparadores] entalhados com columnas e figuras sustentando os etageres"
Relação de 1894

"Casa de Jantar [...] Verba numero 203 [PNS3483] / Um aparador em nogueira, estylo renascença, [...]"
"Casa de Jantar [...] Verba numero 204 [PNS3484] / Um aparador em nogueira, estylo renascença, [...]"
Inventário judicial de 1910

Palácio Nacional de Sintra
PNS3483 (esquerda)
PNS3484 (direita)
Em depósito no Palácio Nacional de Mafra

O **aparador trinchante** com tampo de mármore, visível na figura 37, não se encontrava na Sala das Pegas na altura do almoço, mas numa das salas adjacentes.

"Casa de Jantar [...] Verba numero 206 / Um trinchante de madeira de nogueira com tampo de marmore, [...]"
Inventário judicial de 1910

Palácio Nacional de Sintra
PNS3284
Em depósito no Palácio Nacional de Mafra

A **mesa** com quatro tábuas de extensão ("mesa elástica") não integrou a exposição evocativa. Foi transferida de Sintra para a Cidadela de Cascais em data desconhecida, após a implantação da República. Encontra-se atualmente no Palácio Nacional de Belém.

"Caza de Jantar [atual Quarto D. Sebastião] / 1 Uma meza elastica de madeira de carvalho com pés entalhados de phantasias"
Relação de 1894

"Casa de Jantar [atual Quarto D. Sebastião] / Verba numero 202 / Uma mesa de jantar elastica em nogueira [...]"
Inventário judicial de 1910

Palácio Nacional de Belém / Museu da Presidência

O conjunto de doze **cadeiras** em nogueira, com elementos torneados e entalhados, apresenta encostos e assentos estofados, revestidos com cabedal castanho com decoração gravada e dourada em forma de faixas-cercadura. Estes revestimentos possuem ainda tiras de remate de cabedal, fixas com pregaria decorativa de metal dourado. As cadeiras tiveram outrora, na parte superior do espaldar, um dragão.

O conjunto foi transferido de Sintra para o Palácio Nacional de Belém em 15 de novembro de 1939.

"Caza de Jantar [atual Quarto D. Sebastião] [...] [4] – Doze cadeiras de carvalho com costas baixas forradas de couro lavrado com dragões e pregos amarellos"
Relação de 1894

"Casa de Jantar [...] Verba numero 210 / Doze cadeiras em nogueira encerada, tendo costas e assentos estofados de couro com cercaduras douradas, quatro pés torneados e moldados, tres travessas lisas na parte inferior das costas, sete balaustres e na [parte] supperior um dragão"
Inventário judicial de 1910

Palácio Nacional de Belém / Museu da Presidência
De MPR/PB/MOB/2977A a MPR/PB/MOB/2977L

14

Dado o elevado número de convidados e a dimensão da sala, as cadeiras empregues no almoço não foram as anteriormente referidas, mas sim cadeiras volantes em madeira dourada[170], do tipo "Chiavari"[171], elegantes, de estrutura leve e facilmente transportáveis. Algumas com assento estofado, outras – a maioria – com assento em palhinha. São as cadeiras visíveis nas fotografias captadas no Pátio Central. Na exposição, porém, optou-se pelas cadeiras neorrenascença encomendadas em 1888, ainda no reinado de D. Luís I.

PNA 51520 (fotografia, pormenor)

15

Colunas entalhadas
Par de colunas espiraladas com decoração em talha, entrelaçando aves com cachos de uvas e folhas de videira.

Palácio Nacional de Sintra
PNS3392
PNS3393

"Salla das Pêgas [...] 15-16 – Duas colunas menores de carvalho entalhadas (imitando cacho d'uva)"
Relação de 1894

"Salla das Pegas [...] Verba numero 170 / Duas ditas menores espiraladas com parras e cachos e a base quadrangular em obra de talha"
Inventário judicial de 1910

Fotografia do Palácio Nacional da Ajuda
PNA 62359

16

Relógio (pormenor)
Londres, século XIX (final)
Madeira, metal, vidro e tecido
Inscrição no mecanismo: “MAPLE & C.^{O} L.^{TD} / LONDON”

O mostrador central é encimado por dois mostradores subsidiários: à esquerda, para definir a opção de toque das horas (“CHIME”) ou de silêncio (“SILENT”) e, à direita, para definir a opção de toque das melodias 'Westminster' ou 'Whittington' a cada hora.

“Salla das Pegas [...] Verba numero 197 / Um relogio inglez com caixa de madeira escura, mostrador em metal dourado com desenhos em relevo, timbres e minuetes – autor Maplé e Comp L London”
Inventário judicial de 1910

Palácio Nacional de Sintra
PNS3090

Um relógio de caixa alta *Maple & Co* foi vendido no leilão de artigos de mobiliário do Palácio Nacional de Sintra iniciado no dia 7 de junho de 1935, pelas 13 horas, e continuado nos domingos seguintes, à mesma hora.

17

Teto pintado
A designação de Sala das Pegas deve-se à pintura do teto, um dos mais antigos do Palácio.

18

Lustre de 97 pontos de luz
Compagnia di Venezia e Murano
Cristal transparente incolor. Ouro.
360 cm de altura
240 cm de diâmetro
Etiquetas numeradas:
“Compagnia / Venezia Murano / Venezia”

Palácio Nacional de Sintra
PNS5603

O lustre, originalmente previsto para iluminação elétrica e mais tarde adaptado para velas, foi instalado na Sala das Pegas em data posterior a 1894[172], muito provavelmente entre 1896 e 1904[173]. Retirado da Sala das Pegas em outubro de 1996, para restauro, foi novamente armado em novembro de 1999, na Sala Manuelina.

19

Biombo
290 cm de altura
72 cm de largura em cada pano

Biombo de seis panos com armação em madeira, revestido a veludo vermelho, preso à armação por meio de pregos em forma de flor.

"Salla das Pêgas [...] 13 – Um biombo forrado de Riço encarnado com 5 [6] corpos"
Relação de 1894

"Salla das Pegas [...] – Verba numero 172 / Um biombo grande de seis corpos, forrado de risso encarnado e pregaria amarella".
Inventário judicial de 1910

Palácio Nacional de Sintra
PNS3291

20

O pavimento da Sala das Pegas estava revestido por um **tapete** aveludado liso, cor laranja, servindo de alcatifa.

Em 1892, D. Maria Pia fez uma grande encomenda deste tipo de tapetes, de cor laranja e grená, para o Real Paço de Sintra, no estabelecimento de "José Ferreira, Armador e Estofador"[174]. Em 1910, a rainha ainda optava por este tipo de tapetes para revestir os pavimentos de várias divisões do Paço, como a Sala dos Cisnes, a "Salinha de El-Rei D. Sebastião", a Sala das Pegas e a Sala de Jantar. Nas aguarelas de Enrique Casanova[175] é possível verificar o aspeto destes tapetes.

"Caza de Jantar [atual Quarto D. Sebastião] [...] (5) Um tapete grande de Riço servindo d'alcatifa"
Relação de 1894

21

Toalha de mesa, em damasco de linho branco, com as Armas da Rainha D. Maria Pia de Sabóia, com decoração floral e vegetalista. Século XIX.

Palácio Nacional da Ajuda
PNA35075

Guardanapos e **guardanapos de sobremesa** com as Armas da rainha D. Maria Pia: as armas de aliança de Portugal e Sabóia. Século XIX.

Palácio Nacional da Ajuda

22

Camélias e violetas

"[…] na mesa, a todo o comprimento da sala, onde rebrilhava a riquíssima baixela […], havia grande profusão de jarras com flores, predominando as camélias e violetas […]".
O Seculo, 25 de março de 1905

Decorações florais que, sem dúvida, produziram um efeito admirável na mesa da Rainha Alexandra.

A ROYAL LUNCH
A visita a Sintra da Rainha Alexandra do Reino Unido
24 de março de 1905

FICHA TÉCNICA DO PROJETO EXPOSITIVO

Organização Palácio Nacional de Sintra | PSML

Coordenação geral Inês Ferro

Comissariado Fernando Montesinos

Investigação e textos
PNA: Maria João Burnay, Cristina Neiva Correia, Teresa Maranhas
PNS: Fernando Montesinos
Apoio à investigação: Cláudio Marques, Graça Pinto
Colaboração *ad hoc*: Virgílio Nogueiro Gomes

Conservação preventiva
Joana Amaral (coordenação)
Graça Pinto (apoio técnico)

Conservação e restauro
Joana Amaral (coordenação), Graça Pinto (apoio técnico)
Metais: Archeofactu, Mariana Cardoso e Pedro Dias
Mobiliário: Lina Falcão, Portal de São Domingos e Tiago Dias
Relojoaria: Paulo Anastácio
Têxteis: Madalena Serro

Reprodução do menu TVM Designers

Montagem
PNS: Joana Amaral, Inês Ferro, Fernando Montesinos
Apoio à montagem: Cláudio Marques, Graça Pinto, Rui Francisco
PNA: Maria João Burnay, Cristina Neiva Correia, Manuela Santana
Apoio à montagem: Filomena Mira, Joaquim Afonso, Ludovina Leitão, Eugénia Vidal
Arranjos florais: Nuno Miguel de Amorim
Iluminação: André Mingote

Comunicação
Ana Martins, Miguel Coelho, Filipa Moroso, Wilson Pereira, Susana Quaresma

Transporte de bens culturais FeirExpo

Seguros Lusitania Seguros

Suportes interpretativos
Pedro Trocado (coordenação)
P-06 Atelier (design dos painéis interpretativos)
BITCLIQ (solução digital)

Segurança Cristina Pais (coordenação)

Instituições emprestadoras
Palácio Nacional da Ajuda
Palácio Nacional de Belém
Palácio Nacional de Mafra
Museu Nacional de Arte Antiga

Imagens - Agradecimentos
Arquivo de Documentação Fotográfica - Direção-Geral do Património Cultural
Arquivo Fotográfico - Arquivo Municipal de Lisboa - Câmara Municipal de Lisboa
Arquivo Histórico da Biblioteca Central da Marinha
Biblioteca da Ajuda - Palácio Nacional da Ajuda
Hemeroteca Digital - Hemeroteca Municipal de Lisboa - Câmara Municipal de Lisboa
Museu Biblioteca da Casa de Bragança - Fundação da Casa de Bragança
Secretaria-Geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros

NOTAS

1 Foram consultadas cerca de sessenta publicações periódicas, maioritariamente do universo português e britânico, abrangendo, especialmente, os meses de fevereiro, março e abril de 1905. Após a leitura e exercício comparativo das mesmas, foi possível compor, de forma rigorosa, o relato da visita a Sintra da rainha Alexandra. No final do presente trabalho, nas "Fontes e Bibliografia", são referenciadas todas as revistas e jornais utilizados, independentemente do volume de dados disponibilizados, sendo que nas notas de rodapé apenas se faz alusão específica àquelas fontes com abundância de informações ou com dados concretos de especial interesse no âmbito deste estudo. No contexto nacional, saliento: *A Parodia*; *Brasil-Portugal: revista quinzenal ilustrada*; *Diario Illustrado: Regenerador-Liberal*; *Diario de Noticias*; *Illustração Portugueza*; *O Occidente: revista illustrada de Portugal e do extrangeiro*; *O Dia* e *O Seculo*.

2 No dia do desembarque da rainha Alexandra, cerca de quarenta e cinco fotógrafos distribuíram-se entre o Terreiro do Paço e a redação do jornal *O Dia* para captar vários momentos do acontecimento (*O Dia*, 22 março 1905: 3), contando ainda com a presença de enviados especiais de importantes periódicos europeus, como o semanário inglês *The Graphic* (*Diario Illustrado*, 19 março 1905: 1).

3 Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro (1867-1920). Ilustrador e ceramista, iniciou a sua atividade como caricaturista nos projetos editoriais do seu pai, Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905), destacando-se no semanário *A Parodia*, dirigido por Manuel Gustavo entre finais de janeiro de 1905, após a morte de Rafael, e junho de 1907.

4 Pseudónimo de João Pinheiro Chagas (1863-1925), mais conhecido por João Chagas. Jornalista, escritor, panfletário e crítico literário integrado na corrente política empenhada em minar a instituição monárquica, trabalhando aturadamente em prol da instauração da República. A sua participação política na imprensa acender-se-ia com o Ultimato britânico – acontecimento que gerou grandes reservas em relação à Monarquia e ao governo vigente – redigindo uma série de artigos incendiários e afiliando-se ao partido republicano. Após a implantação do regime republicano foi presidente do Conselho de Ministros, em 1911 e em 1915, e ministro plenipotenciário de Portugal em Paris, de 1911 a 1923, com duas interrupções.

5 "[...] Regulamento da Direcção Geral de Regosijo Público [...]". *A Parodia*, 17 março 1905: 5.

6 "[...] As ornamentações das ruas de Lisboa são o producto, cremos nós, da imaginação collectiva. Assim como se fez uma subscripção para as despezas, assim se fez uma subscripção para as idéias [...]". *A Parodia*, 24 março 1905: 3.

7 "[...] Chegará a rainha ámanhã? Chegará depois? [...] O jantar de gala no Paço da Ajuda é todos os dias annunciado para o dia seguinte, o que nos faz suppor que já deve estar ligeiramente requentado [...]". *A Parodia*, 24 março 1905: 3.

8 Agradeço a Cristina Pinto Basto, Coordenadora da Biblioteca da Ajuda, pelo acesso à documentação e pela assistência.

9 Agradeço a José Alberto Ribeiro, Cristina Neiva Correia e Dulce Freitas Ferraz, Diretor e conservadoras do Palácio Nacional da Ajuda, o acesso a estas fotografias e respetivas fichas de inventário.

10 Agradeço a Maria de Jesus Monge e Joaquim Real Andrade, Diretora do Museu Biblioteca da Casa de Bragança e técnico do arquivo fotográfico da mesma entidade, o acesso a estas fotografias e a oportunidade de as disponibilizar na presente edição.

11 Levantamento fotográfico complementado com pesquisa nos acervos do Arquivo de Documentação Fotográfica/DGPC, Arquivo Municipal de Lisboa/Fotográfico, Arquivo Municipal de Sintra/Iconográfico, Arquivo Nacional da Torre do Tombo/Fotográficos, Biblioteca Central de Marinha/Arquivo Histórico e do Centro Português de Fotografia, para além do registo das fotografias veiculadas em páginas de publicações da época, designadamente jornais e revistas.

No caso das fotografias e outros documentos respeitantes a Sintra presentes no álbum privado da rainha Alexandra, conservado no Castelo de Windsor, o levantamento foi feito em setembro de 2017 por Inês Ferro, então Diretora do Palácio Nacional de Sintra, na sequência da sua visualização em 2009, no âmbito do curso *Royal Collection Studies*, promovido pela *Royal Collection Trust* e organizado pelo *Attingham Trust*.

12 Em 17 de janeiro de 1905 o conselheiro da Legação Portuguesa na corte de *St. James*, Jerónimo da Câmara Manoel, envia ao cuidado de A. Eduardo Villaça, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, o recorte de uma notícia da edição de 16 de janeiro do jornal *The Sun* (secção *People Who Are Talked About*), intitulada "A possible Royal Alliance".
O assunto tratado era o boato de casamento entre D. Luís Filipe, príncipe real de Portugal, na altura com quase 18 anos, e uma das duas filhas do duque de Connaught, irmão de Edward VII. "Should he select a princess of England for his bride, it would effectively bind the two countries closely together, a matter of no insignificant importance, considering Portugal's extensive coast line, wich might be dangerous or advantageous to England in war", publicou *The Sun*. Arquivo Histórico Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros (AHD-MNE), S16-E06-P01-86801, maço 1.

13 Nesses anos, os dois partidos políticos que alternavam no poder eram o Partido Progressista e o Partido Regenerador. São os dois partidos históricos do rotativismo da monarquia constitucional portuguesa. Em março de 1905, na altura da visita da rainha Alexandra, o Partido Progressista estava no poder, sob a chefia do conselheiro José Luciano de Castro, sendo António Augusto Pereira de Miranda ministro do Reino e António Eduardo Villaça ministro dos Negócios Estrangeiros, ambos presentes no almoço oferecido no Real Paço de Sintra em honra da soberana britânica.

14 No universo das artes, exemplo disso mesmo é *A Portuguesa*, composição musical da autoria de Alfredo Keil e letra de Henrique Lopes de Mendonça. Autêntico hino patriótico, de protesto contra os britânicos, nasceu sem ideias partidárias ou revolucionárias subjacentes, mas acabaria por ser cantado nos momentos mais marcantes da luta republicana, como na marcha dos revoltosos de 31 de janeiro de 1891, acompanhando a tentativa de derrube da monarquia no Porto, ou na revolução de 1910, tornando-se hino nacional em 1911.

15 O desgaste da legitimidade da instituição monárquica e da dinastia de Bragança, bem como a crescente ascensão do ideário republicano, são uma realidade que D. Carlos vê progredir nos últimos anos do reinado do seu pai, D. Luís († 1889).

16 Na realidade, o jovem rei D. Carlos pouco ou nada poderia ter feito face ao Ultimato do Império Britânico, cujo poderio militar, em 1905, continuava a ser incontestável, "homenagem prestada ao dom da força, ao deus das batalhas, que continúa presidindo ao destino dos povos", como observa Agostinho de Campos no *Diario Illustrado*, jornal do partido regenerador-liberal, na sua edição de 14 de março. No mesmo texto, o redator principal da publicação, monárquico convicto, parafraseia o diário londrino *The Times*: "A Inglaterra está preparada para defender os seus direitos e tem com que os defender". *Diario Illustrado*, 14 março 1905: 1. Em contraste, o rei português acabaria por ter um papel determinante no restabelecimento de relações com o Reino Unido após o complicado e tenso episódio, como demonstra a historiografia nacional. Entre os trabalhos de maior relevância saliento a exaustiva biografia da autoria do historiador Rui Ramos, publicada em 2006, na série *Reis de Portugal*, sob a chancela das editoras Círculo de Leitores e Temas & Debates. O autor dedica especial atenção ao impacto do Ultimato britânico no reinado de D. Carlos e ao ambiente e consequências do regicídio.

17 Declaração de Windsor.

18 "Morra o Rei!" e "O regicídio passa a ser um direito!" são frases que ilustram, em grau superlativo, os inflamados protestos contra D. Carlos vertidos em jornais após o Ultimato britânico. Introduzem a ideia – em sentido figurado ou literal – do assassinato justificado. Estas frases foram publicadas em destaque no jornal portuense *O Rebate*, no seu número de 10 de abril de 1890. Veja-se Ramos, 2006: 65.

Em 1905, quinze anos mais tarde, este desejo de garantir a queda definitiva da instituição monárquica e da família real persiste nas vozes da imprensa republicana. A título de exemplo: "Os Braganças estão para Portugal, como os gafanhotos para o Egipto! São uma praga que é preciso exterminar, fazer-lhes uma guerra sem tréguas interrupta e persistentemente." *Resistência*, 2 fevereiro 1905: 2. Esta afirmação galvanizadora, publicada no jornal conimbricense *Resistência, órgão do Partido Republicano*, reflete o clima de contestação existente na altura. Em 1907, poucos meses antes do regicídio, Júlio Marques de Vilhena, chefe do Partido Regenerador contrário ao governo ditatorial de João Franco, escreve o seguinte no jornal *O Popular*: "[…] isto que estamos presenciando não pode continuar [ditadura franquista, apoiada por D. Carlos]. Isto termina fatalmente por um crime ou por uma revolução. O crime, que Deus afaste, será para nós um dia de luto. A revolução, essa não a promovemos […]". Veja-se Ramos, 2006: 277 e 306. *O Popular*, 20 outubro 1907: 1.

19 "The time came when the House of Coburg-Braganza no longer sat on the throne in Lisbon, to be dealt with tenderly by British policy owing to its close affinity with the British royal house, and when the elegant Marquis of Soveral, King Edward's intimate, no longer represented Portugal in London, but some Portuguese radical or other who had no entree into English society. Then Britain lost interest in Portugal." Bülow (Fürst von): 272. O príncipe von Bülow foi ministro dos Negócios Estrangeiros do Império alemão entre 1897-1900 e chanceler entre 1900-1909.

20 Para esta resenha biográfica baseei-me, sobretudo, nas informações recolhidas no *Processo individual do Marquês de Soveral*, AHD-MNE, cx. 135.

21 AHD-MNE, *Legação de Portugal em Londres*, S16.E06.P01, cx. 101, maço 4, doc. 24. Descodificação da parte cifrada entre parênteses curvos.

Os jornais, nacionais e estrangeiros, depressa ecoam o imprevisto, bem como o desgosto do monarca britânico em não poder acompanhar a rainha Alexandra por "motivos imperiosos do serviço do Estado". A título de exemplo, *Diario de Noticias*, 9 março 1905: 2; *Diario Illustrado*, 9 março 1905: 1; *Sheffield Evening Telegraph*, 9 março 1905: 3; *La Correspondencia de España*, 11 março 1905: 3. Também os jornais brasileiros acompanham a viagem a Portugal da rainha Alexandra, confirmando o seu carácter "puramente official". *Correio da Manhã*, 19 março 1905: 2. A 1 de maio, após a passagem da soberana pela corte lisboeta, a imprensa britânica noticia os boatos sobre uma possível nova visita a Portugal, esta vez de carácter privado, do rei Edward VII e da rainha Alexandra, juntos. *Western Daily Press*, 1 maio 1905: 10; *Belfast News-Letter*, 1 maio 1905: 8; *Western Times*, 1 maio 1905: 4.

22 Veja-se, por exemplo, *Diario de Noticias*, 6 março 1905: 1.

23 *O Dia*, 18 março 1905: 1.

24 "Inaugura-se ámanhã a primavera, chega como uma rainha que ao subir ao throno faz reverdecer as arvores, desabrochar as flores, colorir os ceus do mais puro azul e prolongar os dias como para mais de espaço se mostrar em todo o seu esplendor […]". *Illustração Portugueza*, 20 março 1905: 308.

25 *O Seculo*, 6 março 1905: 1.

26 No dia do desembarque da rainha Alexandra no Terreiro do Paço, os representantes da imprensa e fotógrafos tiveram livre acesso ao Cais das Colunas, entre eles António Novaes, Joshua Benoliel e Jorge Almeida Lima.

27 Edward VII, primeiro rei britânico da casa de Saxe-Coburgo e Gotha, era filho da rainha Victoria – descendente da casa de Saxe-Coburgo-Saalfeld (Saxe-Coburgo e Gotha a partir de 1826) por linha materna – e do príncipe Albert de Saxe-Coburgo e Gotha, primo direito da soberana, descendente da mesma casa por linha paterna e descendente da casa de Saxe-Gotha-Altenburg por linha materna. Fernando de Saxe-Coburgo e Gotha (Fernando II de Portugal, 1816-1885), avô do rei D. Carlos, era, portanto, primo direito tanto da rainha Victoria como do príncipe Albert. O avô comum dos três era o príncipe Franz Friedrich (1750-1806), duque soberano de Saxe-Coburg-Saalfeld. D. Carlos era assim primo em 4º grau do rei Edward VII (1841-1910), pouco mais novo do que o rei D. Luís (1838-1889), pai de D. Carlos.

Agradeço a António Nunes Pereira, Diretor dos Palácios Nacionais de Sintra, Queluz e Pena, pela partilha de conhecimento sobre a casa de Saxe-Coburgo e Gotha.

28 Filho do príncipe da Dinamarca e da princesa Maud, futuro Olav V da Noruega.

29 *Lady* Antrim e *lord* Farquhar estiveram ao serviço dos reis de Portugal durante a sua estadia na corte inglesa em 1904.

30 Dizem-nos os jornais que a viagem de Portland (Inglaterra) a Finisterre (A Coruña, Espanha) decorre sem contratempos, mas uma forte tempestade impede o iate real de aceder à costa portuguesa, tendo de arribar no porto de Vigo na manhã de 20 de março, onde permanece até à tarde do dia seguinte. Veja-se, por exemplo, *El Correo Español*, 20 e 21 março 1905: 2.

A edição de quarta-feira 22 de março do *Diario de Noticias* transmite a mensagem de um telegrama da rainha Alexandra emitido na manhã do dia anterior: "[…] Diz a augusta soberana […] que a travessia até Vigo foi boa e com pouco balanço, mas horrivel no domingo de tarde e toda a noite, forçando portanto a arribada e a demora em Vigo até que o temporal diminua. […] manifesta tambem a augusta soberana o seu grande pesar por não poder chegar a Lisboa tão depressa quanto desejava". *Diario de Noticias*, 22 março 1905: 1.

31 Veja-se, por exemplo, *Nottingham Evening Post*, 7 março 1905: 4.

32 *O Seculo*, 9 março 1905: 1. *Manchester Courier and Lancashire General Advertiser*, 13 março 1905: 6.

O telegrama enviado pelo ministro de Portugal em Londres ao ministro dos Negócios Estrangeiros a 6 de março confirmava esta visita de rainha a rainha. AHD-MNE, *Legação de Portugal em Londres*, S16.E06.P01, cx. 101, maço 4, doc. 24.

33 Durante o reinado de D. Carlos, Lisboa foi por diversas vezes visitada por chefes de Estado estrangeiros, que ficavam instalados no Palácio de Belém, como sucedeu com o imperador da Alemanha e o presidente da República Francesa, em 1905. Contudo, o Palácio das Necessidades será utilizado também como local de receções oficiais em honra desses chefes de Estado ou como residência, por exemplo por ocasião da visita do rei Edward VII, em 1903, e da rainha Alexandra, em 1905.

34 São os mesmos aposentos ocupados por Edward VII em 1903. Estes aposentos comunicavam com o rés-do-chão, onde ficou instalada parte da comitiva da rainha. Para o príncipe da Dinamarca e a princesa Maud foram reservados os quartos denominados "dos hóspedes", sendo destinados três aposentos à princesa e outros tantos ao príncipe (sala particular, quarto de dormir, quarto de *toilette*). O rei D. Carlos instalou-se junto dos quartos dos seus dignitários de serviço.

35 *O Seculo*, 13 março 1905: 1.

36 Este duplo carácter da visita, oficial e familiar, é referido na edição de 8 de março do *Daily Mail*. Semanas depois, a edição de 23 de março do mesmo jornal descreve o desembarque da soberana no Terreiro do Paço e o primeiro contacto das rainhas consortes em solo português: "The Queen-Dowager of Portugal [Maria Pia] descends the steps of the quay, the first to welcome England's Queen. A ceremonious salute is fired, and directly afterwards Queen Amelia, at the top of the steps, meets her royal sister, being unable to go on board owing to a sprained ankle. The two Queens kiss and embrace affectionately, and then proceed to the pavilion along with the King." Convém lembrar ainda que a mãe de D. Amélia, Marie-Isabelle d'Orléans e Bourbon, condessa de Paris, era amiga de infância da rainha Alexandra, sendo de destacar que, após Lisboa, a escala seguinte do cruzeiro foi Cádiz, onde um comboio especial iria conduzi-la a Villamanrique, província de Sevilha, para visitar a condessa viúva na sua residência andaluza.

37 A propósito da receção do povo português ao imperador da Alemanha, aparentemente menos calorosa do que a receção à rainha do Reino Unido, o professor Thomaz de Mello Breyner, médico da Real Câmara na corte de D. Carlos, regista o seguinte no seu diário: "[O Kaiser] Cá esteve 3 dias sem novidade de maior. O povo ficou penhorado e honrado com tal visita, mas não teve o carinho que teve com o Rei Eduardo e ultimamente com a Rainha Alexandra". Veja-se Breyner [relação de 30 de março de 1905, quinta-feira]: 44.

38 *Diario de Noticias*, 6 março 1905: 1. *O Seculo*, 6 março 1905: 1.

39 *Diario de Noticias*, 7 março 1905: 2. *O Seculo*, 9 março 1905: 1.

40 *Diario de Noticias*, 10 março 1905: 1; 12 março 1905: 1. *O Seculo*, 11 março 1905: 1.

Sobre este assunto, Thomaz de Mello Breyner escreve no seu diário: "[...] Vai cá grande azafama com a proxima vinda da Rainha Alexandra que vem para este Paço [das Necessidades] na próxima 6ª feira [17 de março]. Dia de grande temporal. É capaz a Rainha d'Inglaterra d'addiar a partida de Portsmouth que deverá ser amanhã [...]". Veja-se Breyner [relação de 13 de março de 1905, segunda-feira]: 36. Dias mais tarde regista: "[...] Tempo melhorou e segundo me disse o Sabugoza a Rainha Alexandra partiu hoje pª cá às 3 ½ da t. [...]". Breyner [relação de 17 de março de 1905, sexta-feira]: 38.

41 "[...] Chegou o Soveral e o novo ministro d'Inglaterra que se chama Sir Maurice W. Ernest de Bunsen". Breyner [relação de 13 de março de 1905, segunda-feira]: 36.

A cerimónia de entrega das credenciais ao rei D. Carlos decorreu no Palácio das Necessidades, a 15 de março, na Sala Azul.

42 Serviço ferroviário de passageiros que ligava Lisboa a Paris, via Madrid. Comboio de luxo, equipado com carruagens-cama e restaurante, utilizado pela burguesia e elite de finais do século XIX e inícios do século XX.

43 A 9 de março o marquês de Soveral envia um telegrama cifrado ao ministro dos Negócios Estrangeiros a informar desta viagem, programada para 11 de março, sábado, em companhia do novo ministro inglês. AHD-MNE, *Legação de Portugal em Londres*, S16.E06.P01, cx. 101, maço 4, doc. 25.

44 "We are officially informed that the King has been pleased to approve the appointment of Mr. Maurice William Ernest de Bunsen, C.B., to be his Majesty's Envoy Extraordinary and Minister Plenipotentiary at Lisbon", declara a edição de 9 de março do *London Daily News*.

45 Prevista inicialmente para dia 13 de março, como confirma um telegrama cifrado do marquês de Soveral com data de 5 de março. AHD-MNE, *Legação de Portugal em Londres*, S16.E06.P01, cx. 101, maço 4, doc. 23.

46 As visitas ao Mosteiro dos Jerónimos e aos Museus da Artilharia, das Janelas Verdes e de São Roque foram retiradas dos programas propostos inicialmente.

47 No Largo das Duas Igrejas destacava-se, por exemplo, uma grande coroa constituída a partir de lâmpadas elétricas, de onde pendiam fitas de cor vermelha e branca, entrelaçadas com hera.

48 Entrada nobre de Lisboa situada na zona ribeirinha em frente ao Terreiro do Paço. Nos seus degraus de mármore desembarcaram cabeças coroadas, chefes de Estado e outras figuras de destaque.

49 *Diario Illustrado*, 10 março 1905: 1. *O Seculo*, 11 março 1905: 1.

50 Embarcação mandada construir pela rainha D. Maria I por ocasião das núpcias do príncipe D. João (João VI) com a infanta espanhola D. Carlota Joaquina e da infanta D. Maria Ana Vitória com o infante espanhol D. Gabriel, as quais decorreram em Lisboa, em 1784. A construção ficou concluída em 1783, estando exposta no Museu da Marinha, em Lisboa, desde 1963. Medidas: comprimento, 29,33 m; boca, 3,98 m; pontal: 1,32 m. Número de inventário: MM.04627.

51 Itinerário: Terreiro do Paço (do lado do Ministério dos Negócios Estrangeiros), Ruas do Ouro, Praça D. Pedro IV (Rossio), Chiado (Rua do Carmo, Rua Garrett, Largo das Duas Igrejas), Rua do Alecrim, Praça Duque da Terceira, Aterro da Boavista (atual Avenida 24 de Julho, do Cais do Sodré até Alcântara), Rampa de Santos (atual Calçada Ribeiro Santos), Rua das Janelas Verdes, de São Francisco de Paula (atual Rua Presidente Arriaga), Calçada da Pampulha, Rua do Sacramento, Rua e Largo das Necessidades e Paço Real, residência de D. Carlos e D. Amélia.

52 Conde da Ribeira Grande, visconde de Asseca, coronel Duval Telles e major Garcia Guerreiro. Trata-se, provavelmente, do landau preto com as armas e o monograma do rei D. Pedro V. Museu Nacional dos Coches, número de inventário PNA 50860. Agradeço a Rita Dargent, conservadora do Museu Nacional dos Coches, a sua ajuda inestimável na identificação das viaturas que integraram o cortejo.

53 Conde de Tarouca, coronel Legge e *honourable* Henry Stonor. Trata-se do landau preto com as armas reais de D. Pedro V e o monograma do rei D. Carlos. Museu Nacional dos Coches, número de inventário PNA 50862.

54 Condes de Figueiró, *honourable* Charlotte Knollys e condessa de Seisal.

55 Conde de Sabugosa e condessa de Antrim. Trata-se da carruagem *coupé* de gala exposta no Museu Nacional dos Coches, com o número de inventário V 0149.

56 O infante D. Afonso e o capitão José de Mello (Sabugosa).

57 O príncipe real e o príncipe da Dinamarca. Trata-se de outra carruagem *coupé* de gala, exposta no Paço Ducal de Vila Viçosa. Museu Nacional dos Coches, número de inventário PNA 50867.

58 É a viatura de aparato encomendada em Londres para o rei D. João VI, onde foi construída em 1824, tendo chegado a Lisboa no ano seguinte. Sofreu adaptações para a coroação do rei D. Carlos, sendo utilizada pela última vez em 1957, aquando da visita a Portugal da rainha Elizabeth II do Reino Unido. Museu Nacional dos Coches, número de inventário V 0043.

Na carruagem, no dia 22 de março de 1905: o rei D. Carlos e as rainhas Alexandra e D. Amélia. A rainha portuguesa dava a direita à rainha britânica e, em frente, ia D. Carlos.

59 Identifico, neste sentido, um espécime em particular: o retrato fotográfico da soberana, de corpo inteiro, sentada e a três quartos, conservado nas coleções reais inglesas, com o número de inventário RCIN 2510512. Ficha de inventário disponível em: https://www.rct.uk/collection/search#/1/collection/2510512/queen-alexandra-1844-1925

60 Coroa ornada com 277 pérolas, 2.785 brilhantes, 5 rubis, 17 safiras e 11 esmeraldas, detalha o *Diario Illustrado*, 23 março 1905: 1.

61 Cenário da maioria dos grandes banquetes da Casa Real e de algumas cerimónias marcantes do século XIX, como a aclamação de D. Miguel (1828) e o casamento de D. Carlos (1886), ainda hoje é o local onde se realizam banquetes de gala por ocasião de visitas de chefes de Estado.

62 Acabam por assistir 97 pessoas.

63 São as cadeiras encomendadas pelo rei D. Carlos, em 1903, por ocasião do jantar oferecido ao rei Edward VII, então de visita oficial a Portugal. Ainda hoje se encontram na mesma sala e são utilizadas nas cerimónias da Presidência da República.

64 As princesas Maud e Victoria não desembarcaram no dia 22, dado o estado de saúde desta última não o permitir, abandonando e regressando ao iate real em escassas ocasiões para visitas pontuais. No caso da princesa Victoria, sempre em companhia de *sir* Frederick Treves, médico-cirurgião de Edward VII e da família real inglesa. As princesas e a rainha Alexandra estiveram sempre em comunicação direta durante a sua estadia em Lisboa, através de uma linha particular entre os aposentos da soberana nas Necessidades e os quartos das suas filhas no iate real "Victoria & Albert", estabelecida pela "companhia dos telephones". *Diario Illustrado*, 23 março 1905: 2.

65 *Diario Illustrado*, 24 março 1905: 2.

66 O passeio seguiu este itinerário: Aterro da Boavista, Rua do Arsenal, Rua do Ouro, Praça D. Pedro IV e Avenida até ao Campo Grande, regressando ao Paço das Necessidades pela Rua do Carmo, Chiado e Alecrim.

67 O sexteto do Gymnasio era considerado pelos entendidos como um dos principais do país, se não o primeiro. Constituído pelos violinistas Júlio Cardona e José Gonçalves de Magalhães, o violetista Arthur Manoel Duarte, o contrabaixista Joaquim Filipe da Silva, o pianista Júlio da Silva e o violoncelista Augusto Moraes Palmeiro, diretor do sexteto.

68 Almirante Francisco Ferreira do Amaral, capitão de fragata Ernesto de Vasconcelos e médico naval Francisco Xavier da Silva Telles, presidente e secretários-gerais da Sociedade de Geografia de Lisboa, respetivamente. O rei Edward VII tinha sido feito sócio honorário em 1903.

69 *O Occidente*, 30 março 1905: 6.

70 Maria Antónia Lopes é Doutora (2000) e Agregada (2008) em História Moderna e Contemporânea pela Universidade de Coimbra, Professora da Faculdade de Letras da mesma Universidade, Investigadora do Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra e Colaboradora do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa de Lisboa. A sua área de investigação é a história social de Portugal nos séculos XVIII a XX. Entre as suas publicações, destacam-se *Rainhas que o Povo Amou: Estefânia de Hohenzollern e Maria Pia de Saboia* (Círculo de Leitores, 2011), as primeiras biografias destas duas rainhas consortes assentes, sobretudo, em investigação de documentação primária, e o capítulo integrado na monografia de 2012 *Portugal e o Piemonte: a Casa Real Portuguesa e os Saboias: nove séculos de relações dinásticas e destinos políticos (XII-XX)*, intitulado *Maria Pia de Saboia (1847-1911), rainha de Portugal: um pilar da monarquia portuguesa e das relações Portugal-Itália*, que salienta novamente o papel político de D. Maria Pia, tanto em Portugal como nas relações diplomáticas com Itália, tese já desenvolvida no seu livro de 2011, além de outros aspetos da sua biografia e personalidade. Também nesse ano, centenário da morte da Rainha, é publicada a *Fotobiografia* da autoria de Maria do Carmo Rebello de Andrade. Estudo rigoroso ilustrado com fotografias inéditas da coleção do Palácio Nacional da Ajuda. Cerca de duas centenas de fotografias, que medeiam a década de 1850 e o início do século XX, compõem um percurso biográfico da rainha, acrescido de um capítulo introdutório de contextualização histórica, baseado em correspondência inédita.

71 Lopes, 2011: 322. Veja-se a nota número 1 do capítulo.

72 O rei D. Luís morre a 19 de outubro de 1889, com 51 anos. A sua consorte, D. Maria Pia, tinha então 42 anos e, embora viúva, continuava a ser rainha. Na verdade, na documentação oficial de época a rainha viúva passa a ser referida como "Sua Magestade A Rainha A Senhora Dona Maria Pia". Em Portugal era inusual utilizar as expressões "rainha-mãe" ou "rainha viúva" para referir-se a D. Maria Pia de modo oficial. No entanto, são palavras empregues habitualmente na imprensa da época, nacional e estrangeira.

73 A mais recente visita ao Paço da Vila de Sintra no âmbito de uma visita oficial ou de Estado decorreu no dia 12 de outubro de 2017, integrada no programa da receção oficial a Suas Majestades os Reis dos Países Baixos.

74 O último "almoço" oferecido no Paço da Vila de Sintra em honra de um rei, a convite da rainha D. Maria Pia e do rei D. Carlos, decorreu a 11 de março de 1907, por ocasião da visita de Friedrich August III, rei da Saxónia e filho de D. Maria Ana de Bragança, infanta de Portugal, filha dos reis D. Maria II e D. Fernando. Serviu-se um *tea* às 17 horas, que teve o seguinte menu: "Petits pains à la française, Croquettes de veau aux truffes, Dindonneaux rotis, Jambon York à la gelée, Galantine de Poularde, Sandwiches variées, Pâtisserie melée, Glace à l'Orange, Glace au chocolat, Punch au rhum, Café, thé et liqueurs". *Diario Illustrado*, 12 março 1907: 1.

75 Nota manuscrita da rainha Alexandra inserida no primeiro volume do seu álbum de fotografias "Mediterranean Cruise 1905", na página 17. Grafia original, não atualizada.

76 *Diario Illustrado*, 25 março 1905: 2.

77 Composição do Comboio Real Português, além da máquina (locomotiva): dois salões reais, o salão do trono, um salão da *Compagnie Internationale des Wagons-Lits*, um salão *restaurant*, um salão de serviço da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portugueses, uma carruagem de primeira classe, uma carruagem de segunda classe e dois *fourgons*, sendo um elétrico.

78 No comboio veio também o fotógrafo "Bellem de Oliveira", incumbido de tirar clichés para o jornal londrino *The Daily Mirror* (*O Dia*, 24 março 1905: 1) e o semanário *Nuevo Mundo* (*Diario de Noticias*, 25 março 1905: 1). A edição de 30 de março do periódico madrileno iniciava a notícia sobre a visita da soberana britânica com esta frase: "La inquebrantable adhesión de Portugal hacia Inglaterra se ha patentizado en el entusiasta recibimiento tributado a la reina Alejandra". *Nuevo Mundo*, 30 março 1905: 3.

79 *Diario de Noticias*, 20 março 1905: 1.

80 Entre a assistência encontravam-se "Celia Roma" e "Alice Crain", correspondentes do *Daily Mail*. *Diario de Noticias*, 25 março 1905: 2.

81 *Diario de Noticias*, 23 março 1905: 2.

82 De São Pedro de Penaferrim.

83 É o edifício do atual *NewsMuseum*, imóvel situado no centro histórico, próximo do Palácio Nacional de Sintra. O novo edifício dos Paços do Concelho, com construção iniciada em 1906 e concluída em 1909, foi construído no Largo Dr. Vergílio Horta, segundo projeto do arquiteto Adães Bermudes, no ponto de encontro entre a vila velha e o novo bairro da Estefânia, chamado assim em homenagem à rainha D. Estefânia, mulher de D. Pedro V.

84 *O Seculo*, 24 março 1905: 2.

85 O terreiro fronteiro ao Palácio, hoje aberto sobre o centro histórico, era outrora uma espécie de pátio de entrada, fechado por muros e edifícios, à maneira medieval, representados nos desenhos que Duarte de Armas fez do Palácio na primeira década do século XVI, documentos iconográficos de referência por serem anteriores aos empreendimentos arquitetónicos *ex novo* do período de D. Manuel I e porque permitem pensar sobre o que era o Paço da Vila na altura da primeira fase de remodelação manuelina, em que o edifício estava a ser dotado de maior requinte e sentido decorativo. Séculos depois, no período da monarquia constitucional, este efeito de perímetro construtivo compacto mantém-se. As edificações, compostas de rés-do-chão e primeiro andar, serviam de habitação aos funcionários do almoxarifado, particulares, reposteiros, retretas e criadagem, bem como às damas, camaristas, veadores e oficiais de serviço. Estas edificações, estruturas habitacionais e de serviços que completavam o Paço, foram reconstruídas em 1899 (Sabugosa, 1903: 149) e demolidas a partir de 1912.

86 A rainha D. Amélia tinha sofrido dias antes uma entorse no pé direito.

87 Entrada situada depois da porta de aparato do corpo manuelino. Identificação do espaço e do equipamento retirada da planta n.º 5 da autoria de Joaquim Antonio de Abreu Victal, feita em 1902. Este elevador, provavelmente mandado instalar por ordem da rainha D. Maria Pia, acabaria por ser desmantelado após a implantação da República. Infelizmente, não se conhece nenhuma imagem do equipamento. Agradeço ao meu colega Cláudio Marques, técnico superior do Palácio Nacional de Sintra, o conhecimento da existência deste elevador nos anos finais da Monarquia.

Veja-se Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT), Casa Real, Plantas, Almoxarifado de Sintra, nº 327 (planta nº 5). Documento disponível em ANTT Digitarq: https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4643543.

88 Arquivo Histórico do Museu Biblioteca da Casa de Bragança, *Paço de Cintra. Arrolamento judicial em Dezembro de 1910*, cota NNG 3263. Agradeço a Maria de Jesus Monge e Marta Páscoa o acesso à referida documentação.

89 *O Dia*, 24 março 1905: 1. *Times*, 25 março 1905.

90 *O Seculo*, 25 março 1905: 2.

91 *Diario de Noticias*, 13 março 1905: 2.

92 *Diario de Noticias*, 17 março 1905: 1.

93 *O Seculo*, 21 março 1905: 5.

94 *Diario Illustrado*, 13 dezembro 1903: 2.

95 *O Seculo*, 30 março 1905: 2.

96 Estes dois funcionários integravam o quadro de pessoal efetivo do Real Paço da Ajuda, ao serviço de D. Maria Pia neste palácio, com destacamentos sempre que a rainha viúva ocupava as residências de vilegiatura em Sintra (Paço da Vila) e no Monte Estoril (Chalet). Em 1904, António Duarte, então com quarenta e oito anos, figura como "particular honorario, Chefe das mezas" e Manuel Caetano da Silva, então com cinquenta e um anos, figura como "1º Cozinheiro". Veja-se APNA, 8.5.2., *Pessoal do Real Paço d'Ajuda 1904*.

Em maio de 1904, Manoel Caetano da Silva já exerce como "primeiro cozinheiro", por portaria de 21 desse mês, e a 31 Joaquim Isidoro de Sousa, "mordomo particular da Casa de S. M. A Rainha D. Maria Pia", redige uma ordem de serviço para a Real Cozinha, estabelecendo que Manoel Caetano da Silva, "primeiro cozinheiro", passe também a desempenhar a função de "encarregado de serviço da Real Cozinha", a começar no dia 1 de junho. APNA, 4.1.2., cx. 3, doc. 87, *Constituição da Real Cozinha do Paço da Ajuda. Ordem de serviço para a Real Cozinha enviada pela mordomia particular da rainha D. Maria Pia*, 31 maio 1904.

Importa lembrar que, após a morte do rei D. Luís, o pessoal ao serviço de D. Maria Pia no Palácio da Ajuda foi reduzido, incluindo o pessoal da Real Cozinha. De salientar também que, em 1901, a rainha chegou a ter ao seu serviço um chefe de cozinha e um cozinheiro italianos: Francesco Provenzano e Giuseppe Cartoccio, este último ainda no ativo em maio de 1904 como "1º cozinheiro extraordinario", ao serviço exclusivo da cozinha e pastelaria. APNA, 8.5.2., *Pessoal do Paço da Ajuda 1901;* e 4.1.2., cx. 3, doc. 87. Veja-se também Marques Pereira, 2012: 205.

97 Aproprio-me aqui da acertada frase usada por Teresa Maranhas, conservadora do Palácio Nacional da Ajuda, no capítulo "A prata do serviço para Sintra" da presente publicação.

98 Como se pode constatar, por exemplo, no *Diario Illustrado*, 10 março 1905: 1. "Sua Majestade a Rainha Senhora Dona Maria Pia offerecerá um almoço no Paço Real de Cintra no dia destinado á visita áquella villa. Caso haja tempo, a família real ingleza irá á quinta de Monserrate ver especialmente a arvore que Eduardo VII ali plantou e que se denomina <<a arvore de prata>>". No dia anterior o *Diario de Noticias* já tinha declarado que "o programma d'estas [festas oficiais] ainda não está por completo organisado" e que "a rainha Alexandra, apoz as festas officiaes, passará alguns dias, [...], por forma mais intima, com os nossos soberanos, com quem dará vários passeios", mencionando-se, além de Sintra, outros três locais de vilegiatura (Alfeite, Cascais e Mafra), que não chegaram a integrar o programa desta visita.

99 Responsável por enviar as contas de receita e despesa mensais do almoxarifado de Sintra ao Administrador da Fazenda da Casa Real, Pedro da Costa Sequeira.

100 Trabalho fiscalizado pelo Inspector do Real Palácio, Fernando de Serpa Pimentel, responsável pela implementação das alterações e reparações necessárias em cada um dos palácios reais – das quais dava conta ao Administrador Geral da Fazenda – e pela gestão dos respetivos recheios, designadamente aquando da requisição de objetos de uma residência para outra por ocasião de visitas oficiais ou de Estado ou de outros eventos que pudessem ocorrer.

101 Para saber mais sobre a organização interna e elementos humanos da Casa Real Portuguesa durante o reinado de D. Carlos, veja-se *"Nos bastidores da Corte": O Rei e a Casa Real na crise da Monarquia 1889-1908*, tese de doutoramento do historiador Pedro Urbano, apresentada em 2013 na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Disponível em https://run.unl.pt/handle/10362/12317.

102 *Diario de Noticias*, 21 março 1905: 2.

103 Assim designada no manuscrito *Esta he a medida das casas de Syntra filhada per covado de medyr Pano* (fólio 178), inserido no *Livro de Conselhos de el-rei D. Duarte*. O mais antigo documento que descreve o conjunto de dependências do Paço do período joanino, redigido pelo próprio D. Duarte (1391-1438), filho de D. João I (1357-1433). Veja-se ANTT, *Livro de...*, f. 177v-179v. Disponível em https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4248785.

104 Uma síntese historiográfica dos estudos portugueses sobre a vida quotidiana da casa e da mesa na Idade Média, em Portugal, incluindo a vertente dos paços régios e nobres, é oferecida pela historiadora Maria Helena da Cruz Coelho, professora catedrática da Universidade de Coimbra, no seu artigo *A vida quotidiana medieval portuguesa. Percurso historiográfico*, publicado na revista *Imago Temporis Medium Aevum*, da Universidade de Lleida, Espanha. Coelho, 2015: 343-359 [português] e 25-45 [inglês].

105 Veja-se, por exemplo, a tese de doutoramento de Carlos Franco, *Casas das elites de Lisboa. Objectos, interiores e vivências 1750-1830* (2014), onde se demonstra que a criação ou adaptação de uma divisão da casa nobre para sala de jantar, enquanto espaço autónomo reservado exclusivamente a refeições, foi uma realidade "inexistente nas residências lisboetas até muito tarde, que se foi divulgando no terceiro quartel do século XVIII e se afirmou, enquanto sala autónoma, de uma forma mais generalizada, na centúria de Oitocentos". Tese disponível em https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/18122

Constituem exceções, por exemplo, a "caza de jantar" (atual Sala das Merendas) e a "sala do decer" (*Dessert*; atual Quarto D. Quixote) do Palácio Real de Queluz, espaços contíguos situados no âmago dos aposentos privados dos monarcas, com funções específicas destinadas a refeições, patente nos nomes atribuídos na documentação histórica. No terceiro quartel do século XVIII, a sala das Merendas teria funcionado como sala de jantar privativa dos aposentos reais, enquanto na sala do *dessert* era montada a mesa das sobremesas. Em Queluz, a localização da mesa das refeições variava conforme a ocasião, o gosto pessoal dos vários reis que habitaram o Palácio e a própria localização dos seus apartamentos privados. Veja-se Ferro, 2000.

106 Nas duas residências régias de D. Maria Pia, Ajuda e Sintra, o estilo escolhido para o mobiliário da sala de jantar é o neorrenascença.

107 Lichnowsky, 1843: 278. As memórias do príncipe Lichnowsky, publicadas em português pela primeira vez em 1844, são um relato escrito na primeira pessoa, repleto de pormenores, sobre a sua visita a Portugal em 1842. Transmite as suas impressões e conhecimentos sobre o país (incluindo *Cintra*), o povo português e várias personalidades da vida política e social de então. A propósito de Sintra, visitou as obras do Palácio da Pena a convite do rei D. Fernando, em companhia da rainha D. Maria II. Sobre o Palácio da Vila, cujas salas emblemáticas chega a conhecer, escreveria: "Quando voltámos da Pena, estava já a meza posta para jantar no palacio de Cintra. As pessoas convidadas, e a corte reunem-se em uma sala comprida, em cujo tecto estão pintados em molduras separadas 27 cysnes coroados, [...] Junto á sala indicada acha-se um gabinete, onde ElRei D. Sebastião resolveu commetter a desgraçada empreza de Africa, [...]. Serve de casa de jantar a conhecida, e muitas vezes descripta *salla das pegas*. O tecto, e os frisos das paredes estão cheios de pegas pintadas, [...]". Lichnowsky, 1844: 127.

108 *Diario Illustrado*, 21 setembro 1885: 1. "Capello e Ivens. Estão em Cintra os illutres exploradores e devem d'ali regressar amanhã. Acham-se hospedados, por convite d'el-rei no palacio real. Hoje ser-lhes ha ali offerecido um jantar".

109 Nos Palácios Reais era hábito servir as refeições diárias em mesas diferentes (mesa de Estado, 2ª mesa, 3ª mesa...), de acordo com o estatuto cortesão das pessoas que nelas comiam. Neste sentido, a mesa de Estado era a mais importante, presidida pelos Reis. Desta mesa faziam também parte um número variável de pessoas, destacando-se o oficial às ordens do rei, o mordomo-mor, a camareira-mor, o veador de serviço, o médico e os oficiais de guarda ao palácio. No caso do dia-a-dia do Paço da Vila de Sintra, em agosto de 1892 foram servidas três mesas: mesa de Estado (16 pessoas, incluindo a rainha viúva, o príncipe real, o infante D. Afonso, o infante D. Manuel, a camareira-mor marquesa de Funchal, uma das damas de serviço de Sua Majestade, uma das damas de serviço de Sua Alteza, um dos veadores de serviço, um dos ajudantes-de-campo do infante D. Afonso, o farmacêutico José Tedeschi, o capelão, o pintor Enrique Casanova e quatro oficiais de destacamento), 2ª mesa (12 pessoas, incluindo o almoxarife) e 3ª mesa (19 pessoas, sobretudo criados). Veja-se APNA, 8.5.2., *Pessoal que vence comedorias em Cintra Agosto 1892*.

110 Hoje exposto na chamada "Sala Manuelina".

111 Sabugosa, 1903: 163.

112 Atual "Quarto D. Sebastião".

113 Atual "Sala Júlio César".

114 No Palácio da Ajuda, os serviços de mesa e bebidas destinados à mesa de Estado, pertencentes à rainha viúva, eram guardados em armários na "mantieiria". O guarda da real mantearia, coadjuvado por vários moços do Palácio, encarregava-se da manutenção e disposição dos serviços que pertenciam à mesa real. No Paço da Vila de Sintra, a mantearia esteve instalada numa área entre o Pátio Central e o Pátio do Leão, com fáceis acessos à sala de jantar. Conhece-se uma fotografia de época que revela que as paredes do atual "Quarto D. Sebastião" (sala de jantar da rainha viúva) chegaram a estar parcialmente ocupadas por armários que guardariam alguns dos serviços de louça e vidro pertencentes a D. Maria Pia, talvez os destinados às refeições do quotidiano, sendo que o espaço de armazenagem especificamente designado para servir de depósito destes objetos denominou-se "arrecadação" ou "casa da louça", próximo da mantearia. Portanto, as salas que continham armários para arrumação e exposição de alguns serviços de mesa, contíguas à Sala das Pegas, eram completadas com espaços de maior área, no piso inferior, como a chamada "Casa da Louça".

115 Por exemplo, a “casa das luzes” (ou “dos candieiros”) e a “arrecadação da louça”.

116 Dimensões fornecidas por Cláudio Marques.

117 Os jornais portugueses falaram de uma encomenda de 50.000 camélias, feita pela comissão responsável pelas ornamentações e luminárias da cidade aos melhores viveiristas do Porto. A comissão era composta, sobretudo, por comerciantes, lojistas e moradores da zona Baixa-Chiado, cujos estabelecimentos comerciais e casas particulares integravam o percurso do cortejo real. Veja-se, por exemplo, *Diario Illustrado*, 14 março 1905: 1; *Diario de Noticias*, 14 março 1905: 1. Os jornais ingleses, por outro lado, detalharam que o número de flores entregues aos residentes de todas as ruas lisboetas por onde passaria a rainha Alexandra ascendia a 80.000, provenientes do Porto e de Sintra, nomeadamente camélias, sublinhando o efeito “shower of flowers”. Veja-se, por exemplo, *Edinburgh Evening News*, 23 março 1905: 6; *Daily Mail*, 23 março 1905.

118 Outras flores estimadas pela rainha Alexandra eram a flor de laranjeira, de *spiraea* e de murta, bem como o amor-perfeito (*viola tricolor*), as azáleas, jacintos, prímulas, miosótis e rainúnculos. A sua preferência pela cor branca manifestava-se também no seu gosto pelas camélias, apreciando a cor branca pura das variedades dos jardins do parque da Pena. “Quando ao ver, deslumbrada, nos pittorescos jardins da Pena, massiços de camelias brancas, a graciosa rainha comparou a brancura d'ellas á alma candida do nosso povo, teve a noção sentida da verdade que a natureza lhe offereceu n'um dos seus mais encantadores aspectos”. *Brasil-Portugal*, 1 abril 1905: 66.

119 *O Século*, 23 março 1905: 2. *Diario Illustrado*, 23 março 1905: 2.

120 No dia 23 de março, a rainha D. Amélia enviou a bordo do iate real britânico, para as princesas Maud e Victoria, “um cesto cheio de formosos lilazes e violetas de Parma”. *O Seculo*, 24 março 1905: 2.

Durante o período da rainha Victoria e do rei Edward VII, as violetas de Parma foram flores associadas à aristocracia e à realeza inglesas, atingindo o seu apogeu na viragem do século XIX para o século XX. Nos jardins do Castelo de Windsor 3000 vasos estavam destinados ao cultivo de três tipos de violetas, duas delas eram violetas de Parma (*viola* ‘Marie Louise’ e *viola* ‘Lady Hume Campbell’) e a terceira era a *viola odorota* ‘Princesse de Galles’ (futura rainha Alexandra). Cuthbertson, 1910: 89.

121 *O Occidente*, 30 março 1905: 6.

122 Oliveira e Silva, 1872: 191.

123 Veja-se o “Ensaio sobre a camellia” escrito por José Duarte de Oliveira Júnior, redator do *Jornal de Horticultura Pratica* (propriedade de José Marques Loureiro), no volume III da edição de 1872, p. 51-54.

124 Nomenclatura de José Marques Loreiro. A camélia ‘Dona Maria Pia, Rainha de Portugal’ floresceu no seu estabelecimento pela primeira vez em 1864 ou 1865. Em 1865, na Exposição Internacional Portuguesa que teve lugar no Porto, no Palácio de Cristal, exibiu um exemplar desta flor contrafeita em cera. Esta camélia integrava a árvore genealógica da casa constitucional de Bragança. Ao todo, dezoito novas camélias portuguesas – obtidas na sua maioria no estabelecimento portuense do senhor Marques Loureiro – que alcançaram então o prémio da medalha de primeira classe. Esta notável coleção de novas variedades, que homenageava a família real portuguesa, foi oferecida à rainha D. Maria Pia, que agraciou Marques Loureiro com o título de “Fornecedor da Casa de Sua Majestade A Rainha”. A ‘árvore’ de camélias estava disposta pela sua ordem genealógica: “Imperador e Rei D. Pedro IV; Infanta D. Isabel Maria; Imperatriz D. Leopoldina; Imperatriz D. Amélia; Princeza D. Amélia; D. Maria II, Rainha de Portugal; D. Fernando II, Rei de Portugal; D. Pedro V, Rei de Portugal; D. Stephania, Rainha de Portugal; Infante D. João; Infanta D. Maria Anna; Infanta D. Antónia; Infante D. Fernando; Infante D. Augusto; D. Luiz I, Rei de Portugal; D. Maria Pia, Rainha de Portugal; D. Carlos Fernando, Príncipe Real e Infante D. Affonso Henriques”. Oliveira Júnior, 1872: 160.

125 “Forma rosa, cor branca virginal, estriada de carmim”. Descrição de Marques Loureiro (1865), ainda em vigor no registo oficial de camélias da *International Camellia Society*. Convém esclarecer que o adjetivo “carmim” aqui utilizado para descrever as riscas de cor que animam a brancura desta variedade de *camellia japonica*, não alude a uma tonalidade vermelha, mas sim a uma tonalidade magenta ou rosada.

Agradeço a Nuno Oliveira e Elsa Isidro, Diretor Técnico para o Património Natural da PSML e arquiteta paisagista da mesma entidade, a disponibilização de fotografias de camélias 'Dona Maria Pia, Rainha de Portugal' captadas nos últimos anos no parque do Palácio da Pena.

126 Sobre os serviços de porcelana de *Limoges* (*Haviland*) do acervo do Palácio da Vila de Sintra, adquiridos pela rainha D. Maria Pia em Paris, veja-se o capítulo da autoria de Cristina Neiva Correia, conservadora do Palácio Nacional da Ajuda.

127 Adquiridas, sobretudo, nas frequentes deslocações de D. Maria Pia a Paris, onde a rainha tomou contacto com as mais prestigiadas casas comerciais, de onde provêm os estojos da *Maison Odiot* conservados no acervo do Palácio Nacional da Ajuda. Sobre as requisições de prata à mantearia do Real Paço da Ajuda para a receção da rainha Alexandra no Paço da Vila de Sintra, veja-se o capítulo da autoria de Teresa Maranhas, conservadora do Palácio Nacional da Ajuda.

128 Sobre os serviços para bebidas transferidos do Palácio da Ajuda para o Palácio da Vila de Sintra, veja-se o capítulo da autoria de Maria João Burnay, conservadora do Palácio Nacional da Ajuda.

129 Inicialmente para 48 pessoas. Alguns dos convidados ausentes por motivos de força maior foram: a princesa Maud; *lord* Farquhar; o marquês do Faial (capitão da Guarda Real dos Archeiros); o Dr. António de Lancastre (médico da Real Câmara); o comandante do cruzador "Cornwall" e os seus oficiais.

130 Inicialmente para 12 pessoas.

131 Agradeço a Pedro Urbano a colaboração na identificação e confirmação dos ofícios desempenhados pelos membros das comitivas dos Reis de Portugal à época.

132 Em maio de 1904, o pessoal do serviço de cozinha do Real Paço da Ajuda, dirigido pelo "primeiro cozinheiro e encarregado" Manoel Caetano da Silva, era composto pelos seguintes elementos: Manoel António dos Santos, primeiro cozinheiro [adido]; Domingos da Cruz, ajudante de cozinha; José Júlio Christovão dos Santos, aprendiz de primeira classe; José Massimo Pedrozo, aprendiz de primeira classe [adido]; Francisco José Barreto, segundo cozinheiro; Silvestre Gaspar, moço de cozinha; Francisco Paulo Vagueiro, moço de cozinha; Miguel Henriques Pinto, moço de cozinha. Veja-se, por exemplo, APNA, 4.1.2., cx. 3, docs. 35 e 87. Para garantir o êxito do almoço, foram contratados cozinheiros e moços de cozinha extraordinários. APNA, 3.1.2., cx. 1, doc. 65, *Almoxarifado do Real Paço d'Ajuda. Relação de despezas. Festas dadas em honra de Suas Magestades A Rainha d'Inglaterra e Imperador d'Allemanha no Paço de Cintra em 24 e 29 de Março de 1905*, 31 março 1905.

133 "Doce fornecido pela caza Ferrari – [Importância:] 161,850 [réis]". APNA, 3.1.2., cx. 1, doc. 65.

134 *O Seculo*, 24 março 1905: 6. A pastelaria da casa Ferrari, fundada em 1846 e situada na Rua Nova do Almada, era uma das mais conceituadas de Lisboa, "fornecedora da Casa Real". Destacou-se na preparação de refeições elegantes para a burguesia e a aristocracia, sendo três das suas especialidades os doces de copa (doce de ovos, neve...), as peças de confeitaria artisticamente montadas e a oferta de vinhos de qualidade, nacionais e estrangeiros.

135 Aperitivos servidos no princípio de uma refeição.

136 Hipótese proposta por Cristina Neiva Correia.

137 APNA, 10.2.2., doc. 13, *Inventario da louça e vidros pertencentes* ..., fl. 5, *Serviço louça de Limoges, branca com dourado e flores ... Nº 5*, sem data. Veja-se também APNA, 10.2.2., *Rol de louças*, docs. 286-286c, *Louça Nº 5 para 46 ou 58 pessoas Limoges ... P. Cintra*, doc. 286, p. 15.

138 APNA, 7.1.1., doc. 75, *Fatura da Haviland & Co*, 6 novembro 1901.

139 APNA, 10.2.2., doc. 13, *Inventario da louça e vidros pertencentes* ..., fl. 5, *Serviço louça de Limoges, branca com dourado e flores ... Nº 5*, sem data.

140 APNA, cx. 10.2.1. (nº 455), *Avillan. Louça Limoges de Cintra para 60 pessoas de florinhas*. [apontamentos de D. Maria Pia, Paris, 1896].

141 Agradeço a partilha desta reflexão a Cristina Neiva Correia.

142 Não encontrei documentação com informações sobre o local onde foi servido o café, seguramente na Sala das Pegas ou na Sala dos Cisnes. No almoço em honra do imperador da Alemanha, efetuado poucos dias depois, o café foi servido na Sala dos Cisnes. *O Seculo*, 30 março 1905: 2.

143 *Daily Mail*, 24 março 1905.

144 Em abril de 1903, dirigiu a Banda num concerto após o jantar oferecido no Paço das Necessidades ao rei Edward VII. Pessoa estimada pelo rei D. Carlos, dirigiu frequentemente a Banda em concertos na Tapada da Ajuda e no Palácio da Pena de Sintra durante o tempo de vilegiatura da família Real.

145 Veja-se, por exemplo, *O Seculo*, 25 março 1905: 2.

146 D. Maria Pia mandou oferecer jantar no Paço aos regentes das bandas do Corpo de Marinheiros e de Caçadores 2. *O Seculo*, 25 março 1905: 2.

147 António Novaes (1855-1940). "Fotógrafo da Casa Real", capta os principais acontecimentos e figuras da época. Integrava uma família de artistas ligados à fotografia, tanto os seus irmãos, Eduardo e Júlio, como os seus sobrinhos, Mário e Horácio, filhos de Júlio, que prosseguem o negócio familiar durante a segunda metade do século XX. Colaborou em periódicos como a *Illustração Portugueza*, *Serões*, *O Occidente*, *Brasil-Portugal*, *A Época* e *A Nação*. Por ocasião da visita da rainha Alexandra, fornece ao semanário londrino *The Graphic* uma fotografia do grupo de convidados do almoço no Paço da Vila. *The Graphic*, 1 abril 1905: 383 (14). Novaes parece cessar a sua atividade profissional com a afirmação do novo regime republicano.

Em 25 de março de 1905, Novaes entregou ao rei D. Carlos, no Palácio das Necessidades, uma fotografia 30 x 40 cm do grupo de convidados do almoço no Paço de Sintra, que D. Carlos ofereceu à rainha Alexandra. Trata-se, provavelmente, da fotografia inserida no álbum particular da soberana, com o número de inventário "RCIN 2513352.d". Fotografias com o mesmo grupo estavam expostas na *Tabacaria Neves*, na esquina da Praça D. Pedro IV com a Calçada do Duque. *Diario de Noticias*, 26 março 1905: 3.

148 Joshua Benoliel (1873-1932). Repórter fotográfico, fez a cobertura jornalística dos grandes acontecimentos da sua época. Trabalhou sobretudo para o diário lisboeta *O Século* e para a revista *Illustração Portugueza*, semanário do mesmo jornal, mas também para *O Occidente*, *Brasil-Portugal* e *O Panorama*, entre outros periódicos. Postumamente é publicado o *Arquivo Gráfico da Vida Portuguesa*, com prefácio de Rocha Martins. Obra dividida em oito capítulos temáticos distribuídos por seis fascículos, não datados, que reúne trabalhos fotográficos da autoria de Benoliel, realizados entre 1903 e 1918.

A direção do semanário inglês *The Illustrated London News* encomendou a Benoliel o fornecimento de clichés fotográficos das visitas da rainha Alexandra e do imperador da Alemanha, sendo que outras publicações estrangeiras o incumbiram da mesma responsabilidade, como informa a edição de 19 de março do *Diario de Noticias*. Em 25 de março de 1905, no Palácio das Necessidades, Benoliel entrega a D. Carlos uma prova do grupo das três rainhas que tirou no Paço de Sintra por concessão especial, que foi muito apreciada pelo rei e pela rainha Alexandra. Trata-se provavelmente da fotografia inserida no álbum particular da soberana, com o número de inventário "RCIN 2513352.a". *Diario de Noticias*, 26 março 1905: 3.

149 *O Dia*, 24 março 1905: 1. Na manhã de 25 de março, este fotógrafo colaborador da *Illustração Portugueza* entregou no Palácio das Necessidades duas fotografias tiradas por ele no pátio central do Paço da Vila. Uma destas fotografias de grupo, captando as três rainhas, de corpo inteiro, conserva-se no Palácio Nacional da Ajuda, com o número de inventário PNA 62965. Segundo o jornal *O Dia* de 25 de março, Novaes e Benoliel também ofereceram à rainha Alexandra, momentos antes da sua partida, "lindissimos grupos tirados hontem no passeio a Cintra". *O Dia*, 25 março 1905: 2. Poderão ser estas algumas das fotografias presentes no álbum da soberana, referidas em notas anteriores.

150 *O Dia*, 24 março 1905: 2.

151 *O Dia*, 24 março 1905: 2.

152 *Diario de Noticias*, 25 março 1905: 2. *O Seculo*, 25 março 1905: 2.

153 À época os arcos do pórtico exterior encontravam-se fechados por uma estrutura de madeira com rede.

154 *Lancashire Evening Post*, 27 março 1905: 2.

155 Estiveram no terraço orientado para o lado de Mafra, apreciando uma das vistas privilegiadas sobre a serra de Sintra e a sua envolvente. A rainha Alexandra visitou algumas das salas e terraços do Palácio, incluindo a capela do antigo convento de Nossa Senhora da Pena. O passeio continuou no parque, para o lado dos lagos, com paragem na Fonte dos Passarinhos, pavilhão situado na base da encosta do Jardim das Camélias e com frente para o Vale dos Lagos.

156 Percurso do cortejo: Largo da Rainha D. Amélia, Avenida Garrett, Sabrosa e Arrabalde, S. Pedro, estrada de Penalva e Calçada da Pena, em direção ao parque. Depois de visitar o Palácio e o parque, o cortejo seguiu para os lados da Quinta do Relógio, residência onde D. Carlos e D. Amélia, enquanto príncipes, tinham passado a lua-de-mel. A carruagem das rainhas foi a única que seguiu até a quinta da Penha Verde.

157 Número de inventário do álbum que integra as fotografias da visita a Lisboa e Sintra: 2923718. Números de inventário (RCIN) das páginas do álbum com fotografias relativas a Sintra: 2513352-2513353 e 2923732-2923733.

158 Para mais informação, veja-se Dimond, 2004.

159 Veja-se, por exemplo, *The Belfast News-Letter*, 1 maio 1905: 8. "KING EDWARD TO VISIT PORTUGAL. / Lisbon, Sunday. / It is stated that King Edward and Queen Alexandra will visit Portugal incognito next May."

160 *Diario Illustrado*, 19 maio 1906: 2.

161 Inauguração: 5 de julho de 2018, pelas 18 horas.

162 No dia da inauguração, o Quinteto de Sopros da Banda da Armada evocou este momento musical através da execução do seguinte programa: *Les Masques - Overture* (1856), Carlo Pedrotti; *Anglo-Luso*, António Maria Chéu; *Intermezzo* de "Cavalleria Rusticana", Pietro Mascagni; *Divertimento*, Joseph Haydn; *Hornpipe*, Georg Friederich Haendel; *Serenade K. 525*, Wolfgang Amadeus Mozart; *Les Toréadors* de "Carmen", Georges Bizet; *Quinteto em Fá Maior (5 and.)*, Anton Reicha; *Radetzky*, Johann Strauss; *Marcha dos Marinheiros*, Carlos Calderon. Instrumentistas: flauta, 1º Sargento B Rui Marques; oboé, 1º Sargento B Fausto Nobre; trompa, 1º Sargento B Orlando Caldeira; fagote, Sargento B Amândio Canteiro; clarinete, Sargento Ajudante B Nelson Caetano. Especial agradecimento à Marinha Portuguesa, à Comissão Cultural de Marinha, na pessoa do Vice-Almirante Augusto Mourão Ezequiel, e à Banda da Armada, na pessoa do Comandante Délio Gonçalves, Chefe da Banda da Armada.

163 O menu e o programa de música originais estiveram expostos numa vitrine, garantindo as melhores condições de conservação preventiva e, em simultâneo, a melhor visualização por parte do público. Os menus dispostos na mesa eram réplicas de alta qualidade realizadas pela empresa TVM Designers.

164 Uma das mais conceituadas casas de mobiliário de Paris na segunda metade do século XIX, estabelecida no número 74 da *rue Faubourg St. Antoine*.

165 ANTT, Casa Real, cx. 7009, Recibo da Maison Krieger - A. Damon & Cie, de 4 de junho de 1889, dirigido à rainha D. Maria Pia. Integra várias compras, incluindo a aquisição de mobília para a "Salle à manger particullière de Sa Majesté le Roi". Agradeço a Maria José Gaivão de Tavares, conservadora da coleção de mobiliário do Palácio Nacional da Ajuda, a partilha deste documento, cuja associação ao Paço da Vila de Sintra foi agora confirmada.

166 Tipo de cor resultante do tingimento do cabedal, castanho claro, próxima da cor dourada das folhas mortas ("feuille-morte").

167 Cercadura dourada.

168 No *Annuaire-almanach du commerce, de l'industrie, de la magistrature et de l'administration: ou almanach des 1.500.000 adresses de Paris, des départements et des pays étrangers*, edição de 1888, figura um tal "Jacquemin, ébéniste" (p. 1229 e 2578). As grandes casas parisienses de mobiliário, como a *Maison Krieger*, vendiam peças de luxo executadas por artífices que trabalhavam em pequenas oficinas estabelecidas na rua de Faubourg-Saint-Antoine. No caso do "Jacquemin, ébéniste" mencionado no *Annuaire-almanach*, a oficina onde trabalhava localizava-se no número 18 da rua de Saint-Nicolas, próxima da rua de Faubourg-Saint-Antoine. É nesta última, no número 74, onde a *Maison Krieger* (*A. Damon & C.ie*) tinha o seu estabelecimento principal. Uma sucursal encontrava-se nos números 13 e 15 do Boulevard de la Madeleine.

169 Estampilha que identifica o apelido do marceneiro ou ebanista principal responsável pela manufatura das peças. Encontrada no âmbito da intervenção de conservação e restauro efetuada em 2018 pela empresa Portal de S. Domingos, especializada em alta marcenaria. Informação facultada no dia 2 de fevereiro de 2018 por Gabriela Cordeiro, conservadora do Palácio Nacional de Mafra, a quem agradeço.

170 Há exemplares deste tipo de cadeiras no Palácio Nacional da Ajuda, com ligeiras variações tipológicas, conforme transmitido pela conservadora Maria José Gaivão de Tavares. No acervo do Palácio Nacional de Sintra conserva-se apenas um exemplar, de braços e assento em palhinha (PNS2905).

171 A cadeira "Chiavari" ou "Chiavarina" é um modelo de design italiano, concebido a princípios do século XIX. Inspira-se em cadeiras do estilo Imperio francês, mas numa versão despojada de elementos decorativos. Tornou-se célebre nos ambientes palacianos, sobretudo com Napoléon III, Imperador dos Franceses, e Carlo Alberto de Sabóia, rei da Sardenha. Este tipo de cadeiras volantes foi muito usado, por exemplo, nos *salons de réception* de residências palacianas europeias. Na viragem do século XIX para o século XX, as fotografias da Sala dos Cisnes do Paço Real de Sintra, salão de receção e convívio de personalidades, mostram numerosos exemplares deste tipo de móvel de assento.

172 Veja-se APNA, 9.5.1, cx. 1, doc. 28, *Real Paço de Cintra. Mobília, louças, pannos e mais artigos pertencentes a Sua Magestade A Rainha A Senhora D. Maria Pia. Salla das Pêgas*, 1894. É a relação de bens, propriedade de D. Maria Pia, existentes no Real Paço de Sintra em 1894.

173 A página 191 da edição de 1904-1905 de *Cintra pinturesca* apresenta uma fotografia não datada, embora – à partida – coeva desta segunda edição da monografia, com uma vista parcial da Sala das Pegas, montada como sala de estar, sendo visível parte do grande lustre. Relativamente à data de edição da publicação, a disparidade de datas na capa (1904) e na folha de rosto (1905) deve-se, muito provavelmente, ao facto de terem sido comercializadas em cadernetas semanais, como um colecionável. Uma vez completada a coleção proceder-se-ia à eventual encadernação da obra (brochado). Dado curioso é o da editora sintrense *A Camelia*, como informa *O Domingo - Semanario Noticioso, Litterario e Agricola*, jornal de Aldegallega (atual município de Montijo) que, em março de 1903, recebe "a primeira caderneta da *Cintra Pinturesca* [...] uma obra primorosa de publicação semanal em cadernetas de 16 paginas, illustrada com 8 gravuras pelo menos, e custa apenas a modica quantia de 60 réis. Pedidos á casa editora *A Camelia*, largo da Misericordia, Cintra [ou aos seus agentes].". *O Domingo*, 29 março 1903: 2.

174 ANTT, Casa Real, cx. 6634, Recibo emitido por José Ferreira, Armador e Estofador, em nome de Sua Majestade a Rainha a Senhora D. Maria Pia, 27 de setembro de 1892.

175 Enrique Casanova (1850-1913), pintor espanhol que veio para Portugal por volta de 1880, foi professor de pintura do príncipe real D. Carlos e do infante D. Afonso entre 1881 e 1884. Outros membros da família real foram também alunos de desenho e pintura de Casanova, cujos ensinamentos frutificaram na obra artística de D. Maria Pia, D. Luís, D. Amélia e D. Carlos. Nomeado Pintor da Real Câmara em novembro de 1885, consolidou o seu estatuto no círculo restrito da Corte, passando a acompanhá-la nas suas itinerâncias pelos Paços Reais. Casanova foi essencialmente pintor, cultivando a aguarela, o guache, o pastel e o óleo, mas também desenvolveu trabalhos como ceramista, escultor, ilustrador gráfico e fotógrafo amador. Veja-se o catálogo da exposição *Um Olhar Real - Obra Artística da Rainha D. Maria Pia*, patente na Galeria de Pintura do Rei D. Luís, do Palácio Nacional da Ajuda, de 16 de dezembro de 2016 a 31 de maio de 2017, que revelou ao público, pela primeira vez, a faceta artística de D. Maria Pia, nas vertentes do desenho, aguarela e fotografia.

Casanova, na produção das aguarelas dos interiores do Palácio Real de Sintra, pode ter conciliado o modelo de representação a partir "do natural" com um novo modelo de referência, possibilitado pela fotografia, tal como fez nas aguarelas do Paço da Cidadela de Cascais. Veja-se APNA, 9.5.1., cx. 1, doc. 18, *Carta de Enrique Casanova para o duque de Loulé*, 2 de setembro de 1891. O pintor, cerca de dois anos depois de ter iniciado a execução das aguarelas, envia uma carta ao mordomo-mor da Casa da Rainha D. Maria Pia, com os seguintes comentários: "Indudavelmente precisarei reaver as cores de muitas das mobílias dos quartos de Cascaes [...] como tenho que ir la brevemente [...] terei ocasião [...] de as pintar com propriedade. A dificuldade tem sido em tirar as photographias para saber a posição dos moveis [...] Peço a VEª para prevenir a Sua Majestade que não me esquezo de trabalhar, e de lhe dizer [...] o muito que tem que façer as agoarellas por ser de asuntos forzados e de muitos detalhes alem de ser em tamanhos muito resumidos [...]".

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES MANUSCRITAS

Arquivo do Museu Biblioteca da Casa de Bragança (AMBCB)

AMBCB, cota NNG 3263, *Paço de Cintra*. *Arrolamento judicial*, de dezembro 1910 a janeiro de 1911.

Arquivo Histórico Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros (AHD-MNE), Fundo MNE

Legação de Inglaterra em Portugal, S16.E06.P01, Número 86801, maços 1 e 4, 1905.

Legação de Inglaterra em Portugal, S16.E19.P08, Número 87142, 1905-1907.

Legação de Portugal em Londres, S11.3.E4.P1, Número 70921, *Copiadores de correspondência expedida para o Foreign Office*, 1883-1905

Processos individuais de pessoal diplomático, consular e especializado, cx. 135, *Marquês de Soveral*.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT)

ANTT, Arquivo da Casa Real (ACR)

ANTT, CR, cx. 6066, Cartas do Inspector Geral do Real Palácio ao Administrador da Fazenda da Casa Real, 1905.

ANTT, CR, cx. 6634, Recibos emitidos por José Ferreira, Armador e Estofador, em nome de Sua Majestade a Rainha a Senhora D. Maria Pia, setembro 1892.

ANTT, CR, cx. 7009, Recibo da *Maison Krieger - A. Damon & Cie*, 4 junho 1889.

ANTT, CR, cx. 7120, *Repartição das Reais Cavalariças. Serviços que a repartição tem de prestar por ocasião da visita da Rainha Alexandra de Inglaterra*, 17 março 1905.

ANTT, CR, Plantas do Almoxarifado de Sintra (1836, 1850, 1902), disponíveis em https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4499639

ANTT, Arquivo Histórico do Ministério das Finanças (AHMF)

ANTT, AHMF, cx. 7805, *Processo d'arrolamento ao Paço de Cintra. Direcção da Justiça*. 2ª Repartição, de 10 de dezembro de 1910 a 7 de janeiro de 1911.

ANTT, Manuscritos da Livraria 1280-1900

ANTT, *Livro de Conselhos de el-rei D. Duarte*. Disponível em https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4248785

ANTT, Documentos diversos 1821-1912

ANTT, Família Ferreira do Amaral, cx. 1, Nota sobre a estadia da rainha Alexandra e do imperador Guilherme II em Lisboa.

Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda (APNA)

APNA, 3.1.2., cx. 1, doc. 65, *Relação das despezas do Almoxarifado do Real Paço d'Ajuda: Festas dadas em honra de Suas Magestades A Rainha d'Inglaterra e imperador d'Allemanha, no Paço de Sintra, em 24 e 29 de março de 1905*, 31 março 1905.

APNA, 4.1.2., cx. 3, doc. 12-12b, *1885 Processo Nº 17 Instrucções para a Real Cosinha: 1 Regulamento para o pessoal da cosinha do Paço d'Ajuda a começar no dia 1 de Maio de 1885 2 Officio d'Administração da Fazenda da Casa Real aprovando o dito regulamento*.

APNA, 4.1.2., cx. 3, doc. 35, *Relação do pessoal pago pela Administração da Fazenda da Caza Real*, 1904(?).

APNA, 4.1.2., cx. 3, doc. 87, Constituição do pessoal da Real Cozinha. Ordem de serviço enviada pela mordomia particular da rainha D. Maria Pia, 31 maio 1904.

APNA, 4.1.2., Ofício do conselheiro Pedro Victor da Costa Sequeira, Administrador da Fazenda da Casa Real, para Joaquim Isidoro de Sousa, mordomo particular da rainha D. Maria Pia, sobre o pessoal da cozinha do Real Paço da Ajuda, 24 maio 1904.

APNA, 4.1.2., Aviso de Joaquim Isidoro de Sousa, mordomo particular de D. Maria Pia, para António Duarte, chefe das Reais mesas de Estado, 28 maio 1904.

APNA, 5.1.27., Listagens de serviços de louça e vidro de D. Maria Pia, 1894.

APNA, 8.5.2., *Pessoal que vence comedorias em Cintra. Agosto 1892. Meza d'Estado. 2ª Meza. 3ª Meza. Cozinha*.

APNA, 8.5.2., Pessoal do Palácio da Ajuda, 1901.

APNA, 8.5.2., *Pessoal em serviço no Real Paço* d›Ajuda *1 de Janeiro de 1903*.

APNA, 8.5.2., *Pessoal do Real Paço d'Ajuda 1904*.

APNA, 8.5.2., Relação do pessoal do Palácio da Ajuda e respetivos ordenados.

APNA, 9.1.1., Relação dos convidados por ocasião da visita a Sintra da rainha do Reino Unido: planos de mesa e organização segundo as precedências, 24 março 1905.

APNA, 9.1.1., Relação das meias de seda entregues por ocasião das festas da rainha do Reino Unido e do imperador da Alemanha.

APNA, 9.5.1., cx. 1, docs. 30, 28 e 20, *Real Paço de Cintra. Mobília, louças, pannos e mais artigos pertencentes a Sua Magestade A Rainha A Senhora D. Maria Pia. Salla dos Cysnes/Salla das Pegas/Salla de Jantar*, 1894.

APNA, 9.5.1., cx. 1, doc. 18, Carta de Enrique Casanova dirigida ao duque de Loulé, 2 setembro 1891.

APNA, 10.2.2., doc. 4, Relação dos serviços de louça francesa pertencentes a D. Maria Pia.

APNA, 10.2.2., doc. 11, Relação das pratas pertencentes a D. Maria Pia, 1891.

APNA, 10.2.2., doc. 13, *Inventario da louça e vidros pertencentes a Sua Magestade A Rainha A Senhora D. Maria Pia*, 31 dezembro 1894.

APNA, 10.2.2., doc. 83, Índice do livro referente a pratas e louça, Janeiro de 1906.

APNA, 10.2.2., docs. 108-131, Róis de vidros.

APNA, 10.2.2., docs. 152-176, Róis de louça.

APNA, 10.2.2., doc. 251, *Serviço que foi p. Cintra (R. Ingueleza) a 15-3º-905*.

APNA, 10.2.2., doc. 252, *Serviço q. foi p. Cintra (R. Ingleza) 16-3-905*.

APNA, 10.2.2., doc. 272, *Serviço em Cintra 21 Março de 1905*.

APNA, 10.2.2., doc. 273, *Serviço para Cintra*.

APNA, 10.2.2., doc. 284-284b, Relação dos serviços de vidro pertencentes a D. Maria Pia.

APNA, 10.2.2., doc. 285-285a, *Louça em arrecadação no Real Paço de Cintra*.

APNA, 10.2.2., docs. 286-286c, Róis dos serviços de louça do Real Paço de Sintra.

APNA, 10.2.2., doc. 287-287a, Relação dos serviços de vidro em arrecadação no Real Paço de Sintra e no Estoril.

APNA, 10.2.2., doc. 314, Inventário de louças, pratas e vidros em Sintra, Ajuda, Belém, Real Tesouro e Sirius.

APNA, 10.2.2., docs. 316-320, Relações de louças, pratas e vidros de Suas Majestades e Altezas.

APNA, 10.2.2., docs. 323-324a, Apontamentos manuscritos sobre encomendas de D. Maria Pia no estrangeiro, 21 dezembro 1896.

Arquivo do Palácio Nacional de Sintra (APNS)

Ofícios e correspondência 1850-1910.

Copiadores do Almoxarifado: ofícios e correspondência recebida e expedida 1835-1910.

FONTES ICONOGRÁFICAS

Aguarelas de Enrique Casanova (1850-1913). Palácio Nacional da Ajuda.

Álbum de fotografias da Rainha Alexandra, "Mediterranean Cruise 1905". Castelo de Windsor, Royal Collection.

Coleção de fotografia do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Coleção de fotografia da Biblioteca Central de Marinha - Arquivo Histórico.

Coleção de fotografia do Museu Biblioteca da Casa de Bragança.

Coleção de fotografia do Palácio Nacional da Ajuda.

Coleções de fotografia e de bilhetes-postais ilustrados do Arquivo Municipal de Sintra.

Coleções de fotografia e de bilhetes-postais ilustrados do Palácio Nacional de Sintra.

Desenhos e fotografias dos periódicos consultados.

Diários do comandante António Jervis de Athouguia Ferreira Pinto Basto. Biblioteca Nacional de Portugal.

Ilustrações da literatura de copa e cozinha consultada.

PERIÓDICOS

PORTUGAL:

A Parodia
Arquivo Grafico da Vida Portuguesa 1903-1918
Boletim Photographico
Brasil-Portugal: revista quinzenal ilustrada
Diario Illustrado: Regenerador-Liberal
Diario de Noticias
Illustração Portugueza
Jornal de Horticultura Prática
O Occidente: revista illustrada de Portugal e do extrangeiro
O Dia
O Seculo
Tiro e Sport: Revista de Educação Physica e Actualidades

REINO UNIDO:

Banffshire Journal and General Advertiser
Belfast News-Letter
Birmingham Daily Gazette
Bournemouth Daily Echo
Bradford Daily Telegraph
Dublin Daily Express
Eastern Daily Press
Edinburgh Evening News
Evening Star
Gloucester Citizen
Illustrated London News
Irish Independent
Irish Times
Lancashire Evening Post
Larne Times
Leeds Mercury
London Daily News
London Evening Standard
London Gazette

Manchester Courier and Lancashire General Advertiser
Morning Post
Norfolk Chronicle
Nottingham Evening Post
Oxford Times
Penny Illustrated Paper
Preston Herald
Sheffield Daily Telegraph
Sheffield Evening Telegraph
Shields Daily News
Southern Echo
The Daily Telegraph
The Graphic
The Sketch
The Sphere
The Tatler
Waterford Standard
Western Daily Press
Western Gazette
Western Morning News
Western Times
Yorkshire Post and Leeds Intelligencer

ESPANHA:
El Correo Español
El Dia
El Liberal
Hojas Selectas
La Correspondencia de España
La Época
Nuevo Mundo

RECURSOS ELECTRÓNICOS

Gallica - Bibliothèque numérique de la Bibliothèque nationale de France et de ses partenaires
http://gallica.bnf.fr

Hemeroteca Digital, Biblioteca Nacional Brasil
http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital
http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital

Hemeroteca Digital, Biblioteca Nacional España
http://hemerotecadigital.bne.es/index.vm

Hemeroteca Digital, Câmara Municipal de Lisboa
http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt

MatrizNet - Catálogo coletivo online dos Museus e Palácios Nacionais portugueses
http://www.matriznet.dgpc.pt

Projeto “O Real em Revista”, Real Gabinete Português de Leitura
http://www.orealemrevista.com.br

Publicações Periódicas, Biblioteca Nacional Portugal
http://purl.pt/index/per/PT/index.html

The British Newspaper Archive - The British Library
http://www.britishnewspaperarchive.co.uk

FONTES IMPRESSAS E BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Maria do Carmo Rebello de (2011): *Maria Pia de Sabóia, Rainha de Portugal. Fotobiografia*, Lisboa, Instituto dos Museus e da Conservação/Palácio Nacional da Ajuda.

AURORA, Conde d' (1939): *A rainha D. Maria Pia. Elogio Histórico e Biográfico*, Porto.

BORRALHO, Maria Luísa/FORTES, Mário Luís (2016): "Flores à mesa da Rainha D. Maria Pia". Comunicação (não publicada) apresentada ao Colóquio DIAITA III, *A Mesa e as Artes*, Palácio Nacional da Ajuda, Maio de 2016.

BENEVIDES, Francisco da Fonseca (1879): *Rainhas de Portugal. Estudo historico com muitos documentos*, volume 2, Lisboa, Typographia Castro Irmão.

BESSONE, Silvana (2008) (coord.): *D. Carlos. Um Homem do seu Tempo* [catálogo da exposição], Lisboa, Instituto de Museus e Conservação/MNC. Lisboa: Museu Nacional dos Coches, 28 maio 2008-25 janeiro 2009.

BORREGO, Nuno Gonçalo Pereira (2007): *Mordomia-mor da Casa Real. Foros e ofícios 1755-1910*, dois tomos, Lisboa, Tribuna da História.

BOTTO, Joaquim Maria Ferreira (1909): *Promptuario analytico dos carros nobres da Casa Real Portuguesa e das carruagens de gala*, Lisboa, Imprensa Nacional.

BREYNER, Thomaz de Mello (1930): *Memórias do Professor Thomaz de Mello Breyner, 4.º Conde de Mafra, 1869-1880*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira.

BREYNER, Thomaz de Mello (1934): *Memórias do Professor Thomaz de Mello Breyner, 4.º Conde de Mafra, 1880-1883*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira.

BREYNER, Thomaz de Mello (2003): *Diário de um monárquico 1905-1907*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida.

BREYNER, Thomaz de Mello (2004): *Diário de um monárquico 1908-1910*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida.

BREYNER, Thomaz de Mello (2005): *Diário de um monárquico 1902-1904*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida.

BÜLOW, Fürst von (1932): *Prince von Bülow Memoirs 1897-1903*, London - New York, Putnam.

CÂNCIO, Francisco (1955): *O Paço da Ajuda*, Lisboa, Instituto de Coimbra e Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia.

COELHO, Maria Helena da Cruz (2015): "A vida quotidiana medieval portuguesa. Percurso historiográfico", in *Imago Temporis Medium Aevum*, IX, p. 343-359.

COLAÇO, Branca de Conta (1930): *Memórias da Marqueza de Rio Maior*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira.

CÔRTE PORTUGUEZA (Junho de 1896): *Casa de Suas Magestades*, Lisboa, Ateliers Graphicos Brito Nogueira.

CÔRTE PORTUGUEZA (15 de Maio de 1902): *Casa Civil de Suas Magestades*, Lisboa, Inspecção Geral do Real Palácio.

CÔRTE PORTUGUEZA (15 de Maio de 1902): *Casa Militar de Sua Magestade El-Rei*, Lisboa, Inspecção Geral do Real Palácio.

CÔRTE PORTUGUEZA (1 de Maio de 1906): *Casa Militar de Sua Magestade El-Rei*, Lisboa, Casa Militar.

DIMOND, Frances (2004): *Developing the Picture. Queen Alexandra and the Art of Photography*, London, Royal Collection Publications.

FERRO, Maria Inês da Franca Sousa (2000): *O Pavilhão Robillion do Palácio Nacional de Queluz. História, Arte, Construção e Restauro (1758-1940)* [dissertação de mestrado], Lisboa, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

FIRMIN-DIDOT, Ambroise (1888) (dir.): *Annuaire-almanach du commerce, de l'industrie, de la magistrature et de l'administration : ou almanach des 1,500,000 adresses de Paris, des départements et des pays* étrangers, Paris.

FONTES, Vital/PÉREZ, Rogério García (2018): *Vital Fontes. Servidor de Reis e de Presidentes*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.

FRANCO, Carlos José de Almeida (2014): *Casas das elites de Lisboa. Objectos, interiores e vivências 1750-1830* [tese de doutoramento], Porto, Escola das Artes, Universidade Católica Portuguesa.

GIRVEAU, Bruno (2001) (coord.): *A table au XIXe siècle* [catálogo de exposição], Paris, Réunion des musées nationaux/Flammarion. Paris: Musée d'Orsay, 4 dezembro 2001-3 março 2002.

GUEDES, Armando Marques (1938): *A Aliança Inglêsa (Notas de História Diplomática)*, Lisboa, Editorial Enciclopédia.

GUEDES, Armando Marques (1946): *A Aliança Inglesa. Subsídios para o seu estudo*, volume I, Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa.

GUEDES, Armando Marques (1947): *A Aliança Inglesa. Subsídios para o seu estudo. Compilados e anotados por José de Almada*, volume II, Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa.

GUEDES, Armando Marques (1948): *A Aliança Inglesa. Subsídios para o seu estudo. Compilados e anotados por José de Almada*, volume III, Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa.

JUROMENHA, Visconde de (1904-1905), *Cintra pinturesca ou Memoria descriptiva das villas de Cintra e Collares e seus arredores. Nova edição profusamente illustrada e desenvolvida com muitas annotações, por Antonio A. R. da Cunha. Membro da Sociedade Litteraria Almeida Garrett*, Lisboa, Empreza da Historia de Portugal - Sociedade Editora.

LAVRADIO, José Luiz de Almeida (1947) (coord.): *Memórias do Sexto Marquês de Lavradio*, Lisboa, Edições Ática.

LICHNOWSKY, Felix von Fürst (1843): *Portugal Erinnerungen aus dem Jahre 1842*, Mainz, Verlaj von Victor von Zabern.

LICHNOWSKY, Felix von Fürst (1844): *Portugal. Recordações do anno de 1842*, Lisboa, Imprensa Nacional.

LOPES, Maria Antónia (2011): *Rainhas que o povo amou. Estefânia de Hohenzollern. Maria Pia de Saboia*, Lisboa, Círculo de Leitores.

LOPES, Maria Antónia / RAVIOLA, Blythe Alice (coord.) (2012): *Portugal e o Piemonte. A Casa Real portuguesa e os Sabóias. Nove séculos de relações dinásticas e destinos políticos (XII-XX)*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra. Disponível em http://hdl.handle.net/10316/29591

LOURO, Francisco de Carvalho (coord.) (1985): *Visitas Reais entre as Cortes Portuguesa e Britânica 1902-1910* [catálogo da exposição], Lisboa, Palácio Nacional da Ajuda / British Historical Society of Portugal. Lisboa: Palácio Nacional da Ajuda, 25 março-30 abril 1985.

MARTINS, Rocha (1926): *D. Carlos. História do seu Reinado*, Estoril, Edição do Autor, Oficinas do "ABC".

NOBRE, Eduardo (2003): *Casa Real. Fotografias, documentos, manuscritos, memorabilia*, Lisboa, Quimera.

NOBRE, Eduardo (2002): *Família Real. Álbum de Fotografias,* Lisboa, Quimera.

PAVÃO, Luís (2016) (coord.): *Tirée par… A Rainha D. Amélia e a fotografia* [catálogo da exposição], Fundação da Casa de Bragança/Documenta. Lisboa: Palácio Nacional da Ajuda, 29 setembro 2015-12 janeiro 2016. Vila Viçosa: Paço Ducal, 6 maio-11 setembro 2016. Porto: Centro Português de Fotografia, 11 novembro de 2016-8 janeiro 2017.

PEREIRA, Ana Marques (2012): *Mesa real. Dinastia de Bragança*, Lisboa, A Esfera dos Livros.

PEREIRA, Vera Lúcia Silva Pereira (2010): *Música e poder simbólico. A Banda da Armada como paradigma nacional*, Porto, Comissão Cultural da Marinha.

PIMENTA, Alfredo (1934): *Os Bens da Casa de Bragança. Resposta às duas cartas que um abalisado advogado escreveo em defeza do Decreto nº 23.240*, Lisboa, Edição do Autor.

RAMOS, Rui (2006): *D. Carlos 1863-1908*, Lisboa, Círculo de Leitores.

SABUGOSA, Conde de (1903): *O Paço de Cintra. Apontamentos historicos e archeologicos*, Lisboa, Imprensa Nacional.

SILVA, José Custódio Vieira da (2002): *O Palácio Nacional de Sintra*, Londres, Scala Publishers/IPPAR.

SILVEIRA, Luís Nuno Espinha da/FERNANDES, Paulo Jorge (2006): *D. Luís*, Lisboa, Círculo de Leitores.

SOARES, Luís Filipe da Silva (2010): *Palácio Nacional de Sintra. Circuito Expositivo. Análise da sua evolução 1910-2009* [dissertação de mestrado], Lisboa, FCSH, Universidade Nova de Lisboa.

SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e (2006): *Artes da mesa em Portugal. Do século XVIII ao século XXI*, Porto, Civilização Editora.

URBANO, Pedro (2013): *Nos bastidores da Corte. O Rei e a Casa Real na crise da Monarquia 1889-1908* [tese de doutoramento], Lisboa, FCSH, Universidade Nova de Lisboa.

VALENÇA, César (2002): *A sala de jantar na segunda metade do século XIX*, Braga, Museu Nogueira da Silva.

VAZ, João (2016) (coord.): *Um Olhar Real. Obra Artística da Rainha D. Maria Pia. Desenho, Aguarela e Fotografia* [catálogo da exposição], Lisboa, DGPC/Palácio Nacional da Ajuda. Lisboa: Galeria de Pintura do Rei D. Luís, 16 dezembro 2016-31 maio 2017.

VIEIRA DE CASTRO, Luís (1936): *D. Carlos I. Elementos de História Diplomática*, Lisboa, Editorial Império.

ROYAL PALAIS DE CINTRA
Déjeuner du 24 Mars 1905
HORS D'ŒUVRE

A partir da Borgonha durante a Idade Média e a partir de Versailles nos séculos XVII e XVIII, uma elaborada forma de apresentar e servir os banquetes, o *service à la française* (serviço *à francesa)*, irradiara para todas as mesas reais e aristocráticas europeias. Ainda que com variações compreensíveis, é a matriz que se faz sentir até meados de Oitocentos. Proporcionara banquetes espetaculares, elaborados, onde a prata e as artes efémeras brilhavam, marcas visuais de banquetes que se queriam memoráveis pela ordem, simetria e surpresas apresentadas, gastronómicas ou outras.

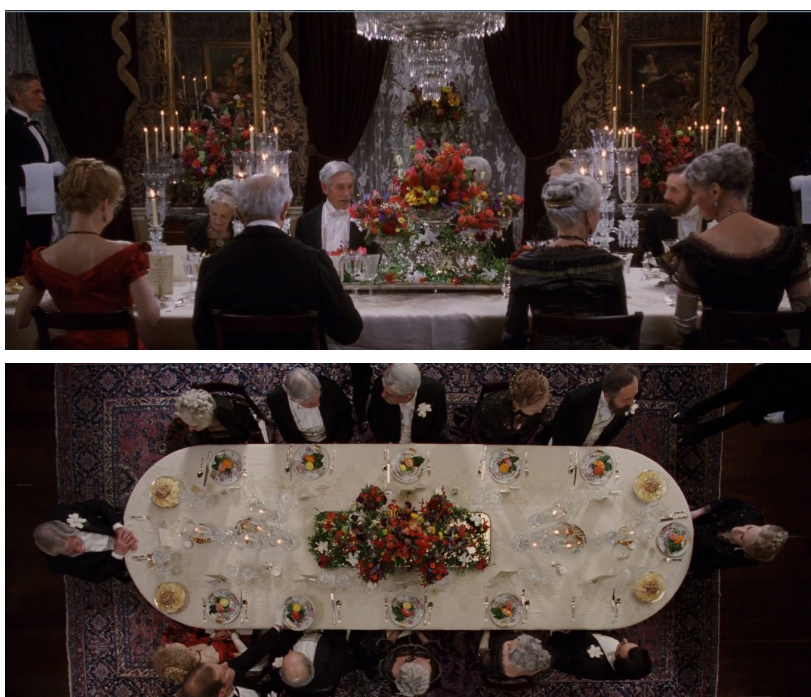
Quando se trata da mesa real as refeições equiparam-se, de certa forma, a uma peça de teatro onde cenário, tempo, objetos e comensais obedecem a códigos e têm um papel preciso. Trata-se de cerimónias marcantes do ponto de vista social. A *mise en scène*, a encenação, a par do desempenho, são fundamentais nesses espetáculos.

A evolução da sociedade e também da culinária requeriam, à medida que o século XIX avançava, novas fórmulas para a mesa: nos processos de confeção, nos modelos de apresentação, na etiqueta que regulava comportamentos. É por volta de 1810 que o príncipe A. B. Kourakine (1752-1818), embaixador da Rússia em Paris entre 1808 e 1812, faz substituir o obsoleto *service à la française*. Agiliza-se o serviço, garantem-se refeições quentes, apresenta-se em simultâneo a todos os convidados um menu comum. A partir de Paris, impõe-se o *service à la russe* (serviço à russa). Os cozinheiros franceses Antonin Carême (1784-1833), Urbain Dubois (1818-1901) e, mais tarde, Auguste Escoffier (1846-1935) mudam para sempre as bases da cozinha e trazem-na para a atualidade. Através dos livros da sua autoria, muito do que preconizaram constitui, ainda hoje, a cozinha clássica nos melhores restaurantes europeus.

Como resultado da adoção do serviço à russa, multiplicar-se-iam os objetos de mesa como nunca antes se vira. Do domínio das grandes peças de prata passa-se a uma mesa com toalha adamascada de um branco inexcedível, sobre a qual uma prataria contida mas requintada – produzida entre muitas outras pelas casas *Odiot* ou *Veyrat* e depois *Christofle* – se reparte em sofisticadas peças para múltiplos fins; brancas porcelanas da China, de Meissen ou de Sèvres são pintadas com cores e decorações cativantes; copos de cristal da Boémia, de Murano, de Saint Louis, talhados ou gravados, refletem a luz em todas as direções; flores e frutos de cores apetecíveis marcam os "caminhos de mesa" ao centro, faixas longitudinais para onde todos os olhares convergem.

Uma mesa completa e de muito *bom gosto* revela-se então acessível à alta burguesia e a um público inteiramente novo, endinheirado, desejoso de novidades e pronto a comprar qualquer produto que se apresente com uma aura de sofisticação e luxo. Tal como a sociedade se desmultiplicara em estratos por via do crescimento da burguesia, assim a mesa refletia, como nunca, essa estratificação. Os ingleses da primeira metade do século XIX tinham até uma expressão alusiva ao fenómeno, *the trial by fork*, o julgamento através do garfo. O domínio dos vários utensílios de mesa, das convenções associadas ou até mesmo a sua mera inclusão nas refeições, denunciavam o estrato a que se pertencia.

A mesa oitocentista de luxo, o requinte da mais alta sociedade, é magistralmente materializada no filme *The Age of Innocence* (1993), de Martin Scorcese[1], no plano de mesa e no serviço do banquete dos van der Luyden [fig. 1, 2], na presença da condessa Olenska. Ainda que se trate de uma mesa americana, própria da sofisticada elite nova-iorquina da década de 1870, ela reflete o que se fazia de mais moderno na Europa. Luminosa, organizada, definida por peças de excelência, na qual são apresentados pratos compostos com elegância, perfeitamente ordenados; marcada por um centro armado com flores coloridas, em torno do qual se dispõem os pratos montados de frutos e doces de cores contrastantes, valorizado pelo brilho dos cristais: uma mesa exemplar do serviço *à russa*.

No que toca às porcelanas europeias, concorrendo com a produção de Meissen e Sèvres, a um quarto do preço e do tempo de fabrico, tornam-se progressivamente indispensáveis os muito completos serviços de mesa propostos pela *Haviland & Co.*

[fig. 1, 2]
A evocação do serviço à russa no filme "A Idade da Inocência".

A partir de meados do século XIX torna-se a maior fábrica de porcelana em Limoges, vendendo a maioria dos seus produtos através do colossal *Grand Dépôt* [fig. 3], um dos grandes armazéns do comércio parisiense que inspira o romance *Au Bonheur des Dames* (1882) de Émile Zola. Um microcosmos representativo das Exposições Universais, permanentemente ao dispor do público, onde a marca "H&Co." não poderia faltar.

A aquisição de serviços inteiros e a reposição de falhas nos mesmos a preços razoáveis e em prazos curtos exigiram um enorme avanço técnico da *Haviland*. Prova de contemporaneidade e requinte, "un Yankee millionnaire se croirait déshonoré s'il n'avait pas à montrer à ses invités au moins un ou deux services Haviland"[2], é a mensagem transmitida no já então célebre e conceituado *Le Figaro*, jornal francês onde se afirma que esta é, na época, uma "marque aussi célèbre que celle des manufactures de Sèvres, de Saxe ou de Haguenau"[3]. Em pouco tempo, a *Haviland* seduz os clientes europeus, muito para além do seu alvo inicial. Os avanços técnicos e artísticos, que impõe a partir do seu complexo fabril, permitiram que os custos dos seus produtos não se tornassem proibitivos, não se perdendo as margens de lucro e mantendo as altíssimas expectativas. A nosso ver, é também esta a vantagem comercial que leva D. Maria Pia a adquirir, ao longo de dez anos, seis serviços de mesa de uma qualidade extraordinária, destinados às suas residências da Ajuda, Monte Estoril e Sintra.

[fig. 3]

Publicidade do *Grand Dêpot E. Bourgeois* na secção *Annonces* da edição de 18 de dezembro de 1909 do jornal *L'Illustration*.

O *Grand Dêpot*, situado na rua Drouot, foi um dos grandes armazéns parisienses e o maior fornecedor dos serviços de porcelana e cristal da rainha D. Maria Pia.

© Coleção particular

[fig. 4]

O Real Paço de Sintra

Rainha D. Maria Pia
Portugal, setembro de 1892
Prova positiva em gelatina sal de prata, em suporte papel
Verso a lápis: "MP-9-92", caligrafia de D. Maria Pia

Palácio Nacional da Ajuda, inv. 62334

Este é o registo fotográfico mais antigo conhecido, da autoria da rainha viúva, correspondendo a uma vista geral do Paço da Vila de Sintra.

© DGPC | Foto: Luisa Oliveira, 2016

Muitos deles são comprados na presença do duque de Loulé[4], mordomo-mor da Rainha que anota, como veremos, todas as aquisições: o que é pago de imediato, o que deve ser pago para que a encomenda seja válida, o que é logo enviado… Por vezes D. Maria Pia anota "Avisar o DL" o que revela que o Duque nem sempre está presente. Nas recomendações para o reforço dos serviços, quem controla o que falta, é "o Souza", com probabilidade Narciso António de Souza, intendente do Real Paço da Ajuda, ou Joaquim Isidoro de Souza, mordomo particular da Casa da rainha D. Maria Pia[5]. Anota as faltas não só da residência oficial da Corte mas também dos Palácios de vilegiatura.

Sintra era o refúgio de D. Maria Pia durante os vinte anos em que, com D. Luís I, reinou sobre Portugal. O Paço da Vila foi a sua residência de eleição longe das obrigações da Corte, lugar de modernas ocupações artísticas como a fotografia – que exerceu em Sintra[6], pelo menos, a partir de 1892 [fig. 4] – e de passeios de bicicleta, piqueniques,

reuniões com o seu círculo de amigos mais íntimos. Mais tarde, nos seus anos de rainha viúva, dividiria estes momentos de lazer entre Sintra e o seu novo Chalet do Estoril.

É em Sintra que Sua Majestade se encontra, em março de 1905, para duas receções de Estado, em que D. Carlos, rei desde 1889, claramente recorre aos talentos de anfitriã de sua mãe. A representação da Coroa era um papel que desempenhava com mestria. Vemo-la aqui ativa na diplomacia, como no almoço oferecido em honra da rainha Alexandra do Reino Unido. Pretendia-se consolidar a aliança secular entre os dois reinos, apesar das mágoas do *Ultimatum*.

Para fazer face a representantes de velhas monarquias europeias D. Maria Pia joga uma carta imbatível: um Palácio que materializa a história de Portugal como nenhum outro, que remonta à primeira dinastia e à conquista do território. Um cenário privilegiado para o exercício de Majestade, mas também para a convivialidade entre monarcas.

Dispõe para isso de um conjunto abundante de empregados, vindos do Palácio da Ajuda, prontos a servi-la à altura dos eventos que se aproximam. Nas folhas de pagamento vemos surgir toda a hierarquia das cozinhas, copa, mantearia, ucharia e demais repartições ligadas à mesa. As gratificações próprias das jornadas, já que o serviço implicava a deslocação e estadia fora da capital, demonstram o acréscimo de trabalho[7]. São os velhos funcionários da Ajuda que irão assegurar o bom desenrolar do banquete: à frente das cozinhas, Manuel Caetano – o "Sr. Manuel" mencionado nos jornais de época – e António Duarte, há anos responsável pelas mesas reais. O primeiro entrara ao serviço em 1870, sendo nomeado em 1885 como "Ajudante da 2ª Secção da Real Cozinha, Copa - Pastellaria e Conservaria", cujo verbete tem o título de "Aprendiz da Real Cozinha", e viria a percorrer os cargos da hierarquia da cozinha até ao topo. O segundo, António Duarte, é nomeado para "Encarregado interino das Mezas de Estado"[8] também em 1885, e vem depois a ser promovido a efetivo "Encarregado das Mezas de Estado e outras refeições", por portaria de 28 de junho de 1886. À época do almoço oferecido à rainha Alexandra, ambos serviam a Casa Real há largos anos. A sua experiência colocou-os no cenário deste esplêndido banquete.

O gosto europeu e os padrões florais na porcelana

Flores, muitas flores, uma primavera sobre a mesa, foi a escolha de D. Maria Pia para aquele almoço memorável no dia 24 de março de 1905. Recebia-se no Paço de Sintra Alexandra, rainha do Reino Unido, em companhia dos reis D. Carlos e D. Amélia. António Duarte, "Encarregado das Mezas de Estado e outras refeições", responsável pelos bastidores da mesa real, controlava os serviços de mesa em vidro, porcelana e cerâmica mas também os têxteis, assegurara a vinda do Palácio da Ajuda, residência de D. Maria Pia em Lisboa, de uma quantidade de peças que excede largamente um banquete[9]. Organizava em simultâneo o almoço seguinte, em honra do imperador da Alemanha, para daí a poucos dias. A azáfama terá sido grande, como sempre naquelas ocasiões, que se faziam mais raras desde que a rainha-mãe enviuvara.

Que mesa apresentar? Que imagem transmitir através de um almoço aparentemente descontraído, fora do lugar central da Corte? A mesa entendia-se como expressão do anfitrião, a vários níveis, e D. Maria Pia demonstrara sempre administrar com perícia a sua função de soberana, ainda que já tivesse perdido o papel principal e que muitos a considerassem relegada para um lugar meramente acessório. Se lermos este banquete nas entrelinhas, a mesa da rainha surge atualizada mas discreta, sofisticada, ordenada, irrepreensível, como sempre fora. Uma mesa de tão bom efeito, evocador da Primavera, anunciava o renovar da natureza e também das boas relações entre os dois países.

Dos cerca de 100 serviços que chegam à atualidade no acervo dos Palácios Nacionais, alguns de jantar, alguns de chá e café, mais completos uns que outros, a maioria corresponde a um gosto hoje dito clássico. Tal como os acervos das diversas casas reais europeias, integra serviços oriundos das maiores manufaturas europeias: *Meissen* e *Sèvres* mas também *Pillivuyt*, *Pirkenhammer*, *Herend*, *Copeland*, *Davenport*, *Minton's*, *Vista Alegre* e numerosos serviços de encomenda real de porcelana chinesa de exportação. Ainda que alguns sejam decorados com elementos ornamentais ou mesmo paisagens, na generalidade os serviços que os reis D. Luís e D. Maria Pia escolheram são florais ou, mais precisamente, botânicos. [fig. 5]

[fig. 5]

Pratos com motivos decorativos botânicos
De cima para baixo:

prato raso, Alemanha, *Meissen*, século XIX (2ª metade), inv. 16259;

prato raso, Inglaterra, *Copeland*, século XIX (3º quartel), inv. 55276;

prato raso, França, Limoges, *Haviland & Co.*, século XIX (década de 1880), inv. 17144;

prato de sobremesa, *Minton*, século XIX (último quartel), inv. 17478.

Foto: EPI - Escola Profissional de Imagem, 2017

[fig. 6]

Ramo de flores
Álbum de aguarelas da autoria da rainha D. Maria Pia
Sem data, aguarela sobre papel

Palácio Nacional da Ajuda, inv. 42255/11

© DGPC | Foto: José Paulo Ruas, 2017

Do rococó ao romantismo, na decoração das cerâmicas foram surgindo motivos florais com maior ou menor sucesso, muitos dos quais se tornaram famosos: as *fleurs fines de Strasbourg*, os *Bouquets de Marseille*, as *Deutsche blümen* (flores alemãs, por influência dos movimentos artísticos nacionalistas) e as *Indianische blümen* (flores das Índias, por influência da cerâmica asiática), as rosas de Sèvres... Consoante a manufatura e a corrente decorativa, a representação das flores tinha características específicas, reconhecidas por um público apreciador que as valorizava em cada época. Ao longo de dois séculos, verifica-se que no gosto europeu dominante, seja ele alemão, francês ou inglês, os motivos botânicos na cerâmica reproduziam ou procuravam reproduzir as flores de forma quase científica, seguindo as gravuras em circulação. Muito para lá de uma linha estética, ou de apenas uma moda, as flores estavam carregadas de sentido que hoje, na sua grande maioria, nos escapa. Numa corrente decorativa já vinda do século XVIII, resultante também da valorização dos sentimentos no século seguinte, as flores são dotadas de significados e constituem uma forma de comunicação sentimental no Romantismo[10]. A "linguagem das flores" toca de perto a rainha D. Maria Pia, ela própria pintora de flores, arte que experimenta até sobre porcelana. A inclinação por este tema é patente na sua obra gráfica.[11] [fig. 6]

Por norma de gosto tradicional, D. Maria Pia seguiu muitas vezes as aquisições da sua prima e cunhada Margherita de Sabóia (1851-1926), rainha de Itália[12], e foi escolhendo para os palácios que habitou uma quantidade de objetos aos quais tem acesso nas suas viagens pela Europa. Estas constituem a ocasião para observar o que de mais recente surgia no mercado. Porém, de uma Rainha esperava-se um gosto seguro, reflexo de uma educação transmitida ao longo de séculos em famílias que tinham tido contacto com o melhor que se produzira em cada época, um bom gosto revelador da sua posição social, entenda-se: conservador. Ao longo do seu reinado, D. Maria Pia mostra-se às vezes inesperadamente arrojada. As tendências francesas parecem ser as suas preferidas, em particular a linha do ecletismo de Napoléon III, o período de Louis XV e o neo-Renascimento. Seja por economia de meios, seja por gosto pelas novas correntes, na década de 1880 a rainha vai reunir um número assinalável de objetos de artes decorativas produzidos para o mercado americano. A constatação de que optara pela linha moderna é intrigante.[13]

Constantemente criticada pelos seus gastos, sabemos que muitos deles corresponderam aos recheios dos seus palácios de vilegiatura. Em março de 1905, D. Maria Pia dispõe, no Paço de Sintra, de dois serviços modernos e adequados a uma refeição de sessenta pessoas, se o desejasse. São quantidades de quem pretende servir almoços ou jantares de Estado e não propriamente para o dia-a-dia. Ambos são serviços de Limoges, produzidos por um dos maiores fabricantes de porcelana de mesa destinada originalmente ao mercado americano: a manufatura *Haviland & Co*. Por ocasião da visita a Sintra da rainha Alexandra, uma dúvida decerto assaltou a rainha viúva: qual destes serviços escolher para o almoço?

Pouco tempo antes do almoço, e como era hábito na Corte portuguesa, a rainha fizera vir para o Paço da Vila um grande número de objetos para assegurar as funções sequenciais que aí teriam lugar. Para além do almoço das três Rainhas, ali deveria decorrer também o almoço oferecido ao imperador da Alemanha. Assim, ao serviço *Théodore Haviland* (identificado como 'Haviland Limoges' e 'A la Paix Paris' nos inventários de época) [fig. 7], que já se encontrava ali[14], juntam-se o serviço de mesa de Estado *Pillivuyt* ('N° 4'), e o serviço de "Louça de Alcântara" ('N° 8')[15], em faiança fina, com as armas reais portuguesas sustentadas por uma serpe alada, certamente

[fig. 7]

Três pratos do serviço "A la Paix / Paris"
Manufatura de *Théodore Haviland*
França, Limoges
Porcelana moldada, monocromada e dourada
Monograma de D. Maria Pia, MP, encimado por coroa
De esquerda para direita: prato de sopa, prato raso e prato de sobremesa.

Palácio Nacional de Sintra
PNS1544 (prato de sopa)
PNS1329 (prato raso)
PNS1610 (prato de sobremesa)

© PSML | Foto: e.m.i.g.u.s photography, 2018

[fig. 8]

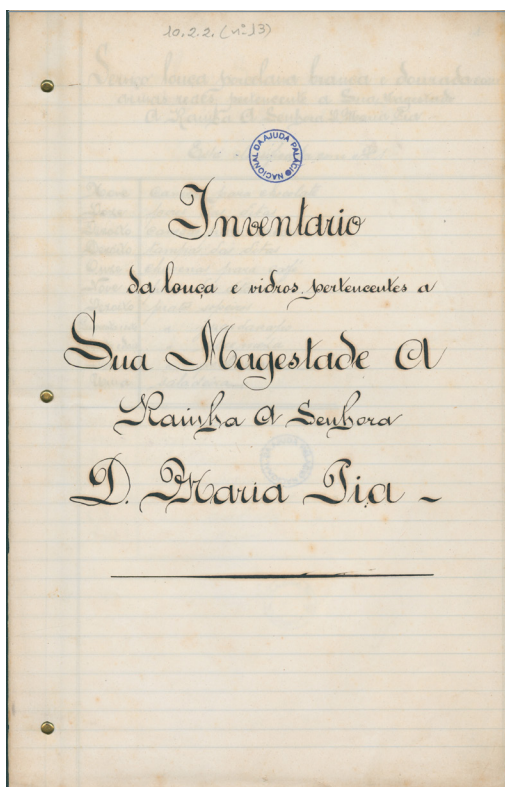
Prato com pegas do serviço "Alcântara"
Fábrica d'Alcântara, firma Lopes & Companhia
Portugal, Lisboa
Faiança fina, moldada, recortada, monocromada e dourada

Palácio Nacional da Pena
PNP 23/005

© PSML | Foto: Sara Gonçalves, 2019

destinado às segundas e terceiras mesas do Paço de Sintra, abaixo da Mesa de Estado [fig. 8]. Nas listagens da mantearia da Ajuda[16], o serviço de "louça branca e dourada tem corôa e monnogramma, alguma tem pintura azul [...] está classificada com o Nº 4 [Pillivuyt]"; logo continuada na folha seguinte pela "louça de Limoges branca com dourado e flores, tem corôa e monograma [...] está classificada com o Nº 5 ['Haviland Limoges Florinhas']", identificáveis, ainda que com parca descrição, pelas peças que os compõem e pelas convenções que conhecemos em relação ao uso de uns e outros. [fig. 9]

10.2.2. (n.º 13)

Inventario
da louça e vidros pertencentes a
Sua Magestade A
Rainha A Senhora
D. Maria Pia –

[fig. 9]

Capa do inventário da louça e vidros. 1894.

Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda
APNA, 10.2.2, doc. 13

Cortesia da DGPC / PNA / Biblioteca da Ajuda

Pela confrontação desta listagem com a do "Serviço que foi para Sintra" é-nos possível compreender quais os serviços que foram trazidos do Paço da Ajuda e quais os que estavam já disponíveis no Paço da Vila de Sintra[17]. Dos vários serviços ricos disponíveis naquele início de Primavera pode deduzir-se que, por um lado, dos dois Haviland Limoges foi escolhido o "de Florinhas". Por outro lado, o serviço da *Pillivuyt* [fig. 10a], mais conservador e convencional, foi considerado mais adequado para o almoço oferecido ao imperador da Alemanha, poucos dias depois[18]. No Palácio da Ajuda este último era um dos serviços usados na *Meza d'Estado*[19]. Integrava o serviço de jantar, branco e dourado [fig. 10b], que apresentava o monograma coroado do casal régio "LM" (Luís & Maria Pia), e o serviço azul e ouro com as armas reais de Portugal [fig. 10c]. Conquanto não sejam iguais, deveriam ser utilizados em conjunto, na mesa de Estado.

A *Pillivuyt* era uma manufatura apreciada na Casa Real portuguesa. A rainha D. Maria II adquirira pelo menos um serviço, hoje no Paço Ducal de Vila Viçosa, e também D. Pedro V, hoje em mão de privados. O de D. Maria Pia foi arrolado desde cedo em conjunto com o serviço de sobremesa e de bebidas exóticas, decorado parcialmente com um luminoso esmalte azul translúcido. Comprado em diferentes

[fig.10a]

Tipologias diversas do serviço da mesa de Estado
(serviço de jantar, pequeno-almoço, chá, café e chocolate)
Manufatura de *Pillivuyt & Cie.*, 1889-1895

Palácio Nacional da Ajuda, inv. 18594 a 18607 e 17723 a 17730

[fig. 10b]

Prato raso.
Serviço da Mesa de Estado.
Manufatura de *Pillivuyt*
França, Mehun-sur-Yèvre, 1889-1895
Porcelana, esmaltes polícromos e ouro

Palácio Nacional da Ajuda, inv. 18905

[fig. 10c]

Prato de sobremesa.
Serviço da Mesa de Estado.
Manufatura de *Pillivuyt*
França, Mehun-sur-Yèvre, 1889-1895
Porcelana, esmaltes polícromos e ouro

Palácio Nacional da Ajuda, inv. 18905

[fig. 11]

Prato de sobremesa do Serviço "A la Paix / Paris", visto à contraluz

É visível na aba o contraste entre o verde céladon, discreto, e o requintado relevado, translúcido, da decoração floral.

Palácio Nacional de Sintra
PNS1615

remessas, uma em 1889 e uma segunda em 1895, é de uma qualidade irrepreensível, sofisticado, com o seu grande monograma lateral e friso de ornamento a ouro. É o mais completo em termos de formas no acervo do Palácio da Ajuda. Nem todas as tipologias constam nas faturas[20], pelo que deduzimos que ainda terá sido entregue um terceiro lote, senão mais.

Quanto aos dois serviços *Haviland Limoges*, ambos requintados e de extrema qualidade, tinham uma variedade assinalável de peças, adequando-se por isso ao menu servido no almoço da rainha Alexandra. O *A la Paix* era muito recente, requintado, embora menos cenográfico que o *Florinhas*. Dentro da moda da época, pelo japonismo das formas, sem quebra entre a caldeira do prato e o bordo; pela cor e pelas técnicas usadas na decoração, com a sua barra verde *céladon* e dourados sublinhados a traço preto, remetia de imediato para a Ásia [fig. 11]. Fora premiado na exposição de Paris em 1900 e comprado em 1902 pela rainha na casa *A la Paix*. Este serviço, concebido por Albert Dammouse para Théodore Haviland, chegara ao Palácio da Vila em 1903 e era de uso diário na mesa de Estado[21]. Sendo esta uma ocasião especial, importava usar 'loiça' à altura do acontecimento, que causasse impacto, à altura das restantes peças apresentadas, em prata e cristal. Afinal de contas, tratava-se de Sintra. A imagem da mesa, tal como transmitida pelos jornalistas, estava em harmonia com o princípio da Primavera: "Na meza, a todo o comprimento da sala, onde rebrilhava a riquíssima baixela [...], havia grande profusão de jarras com flores, predominando as camélias e violetas"[22]. A associação destas flores às três rainhas era conhecida de todos os presentes e as cores irresistíveis

garantiam uma mesa acolhedora, alegre e colorida como se pretendia na época. A riqueza cromática do serviço permitia colmatar a falta de frutos 'obrigatórios' nas decorações do centro da mesa, já que as árvores estariam ainda em flor. É pois sobre o serviço de *Florinhas* que nos debruçaremos em mais pormenor.

Para que se possa abarcar a importância de semelhante conjunto, e não só a sua escolha para este momento, importa perceber o contexto em que foi produzido, as técnicas envolvidas, a decoração patente, as peças escolhidas de entre as muitas disponíveis e a proposta comercial apresentada ao comprador, neste caso a rainha D. Maria Pia. Em suma, a história e viagem deste serviço, de Limoges para Sintra.

Limoges, Haviland e o empreendedorismo de uma dinastia

A Haviland foi uma das empresas que mais interveio na evolução do padrão botânico da sua época, tendo começado por afirmar-se pela qualidade da sua porcelana. A porcelana de Limoges era muito valorizada pela sua excelência e várias das suas manufaturas geravam um caudal apreciável de peças. O auge da porcelana aí fabricada, graças a grandes empresas familiares como a *Pouyat*, a *Alluaud* e a *Haviland*, vai elevar esta produção a um outro patamar. A segunda metade do século XIX marca, pois, o apogeu da porcelana de Limoges[23], com presença constante nas Exposições Universais, premiada até com alguma frequência independentemente do fabricante. Se muitas peças eram já produzidas em Limoges, não será demais sublinhar que a *Haviland* foi a primeira empresa a assegurar que todo o processo fosse levado a cabo localmente: produzir e decorar em Limoges marcou a diferença.

Em 1840, David Haviland (1814, Nova Iorque - 1879, Limoges) é um ambicioso e visionário dono de um estabelecimento em Nova Iorque que importa e vende cerâmica de mesa. Pioneiro, vem à Europa em busca de negócios vantajosos, numa época em que a sua empresa precisava de se expandir. David é o primeiro da dinastia Haviland, que em 1842 se instala em França, tornando-se fabricante de porcelana, enquanto nos Estados Unidos mantém o negócio original dedicado à importação, retalho e distribuição.

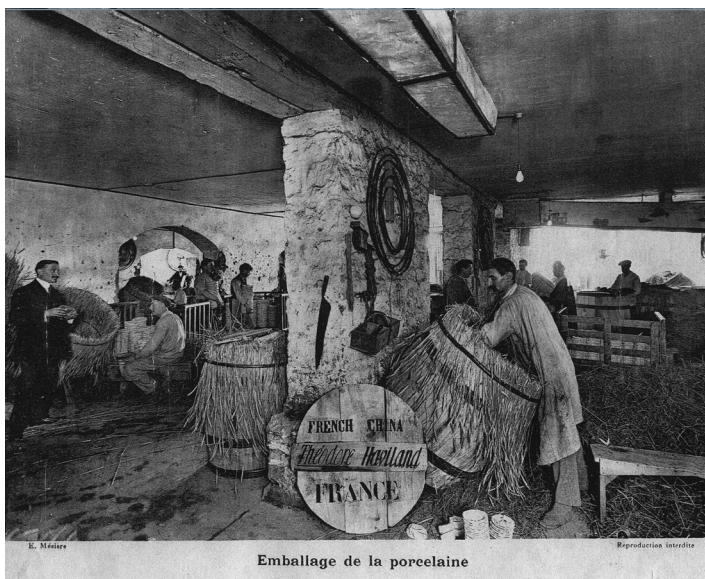
A história transmitida até hoje, considerada mítica pelos principais investigadores desta manufatura, conta que David teria vindo à Europa com uma chávena de um dos seus clientes, em busca do produtor daquela porcelana, a melhor que alguma vez vira. Localizou em Limoges um material de exceção na qual valeria a pena investir. Foi a viragem determinante da sua vida e de uma empresa que até aí fora, sobretudo, retalhista de faiança fina ou meia-porcelana inglesa.

Excelente gestor, David apercebe-se da oportunidade única de negócio. Opta por estabelecer a sua base em Limoges, de onde envia para os Estados Unidos da América peças fabricadas localmente. No espaço de uma década, exporta peças criadas para o público americano. Na década seguinte, envia já peças com decoração adequada ao gosto americano. São os Haviland que dão um impulso notável à indústria da porcelana de Limoges. Da sua descendência destacaremos Charles Edward Haviland (1839, Nova Iorque - 1921, Limoges) e Théodore Haviland (1842, Limoges - 1919, Limoges), visto que são deles as marcas nas peças pertencentes aos acervos dos Palácios Nacionais. Extremamente empreendedores, arrancam de um comércio retalhista em dificuldades nos Estados Unidos, para um extraordinário complexo fabril europeu que faz face à crise de um e de outro lado do Atlântico. As dificuldades durante guerras, as crises laborais que atravessam e as desavenças familiares, são assuntos que não trataremos aqui mas que estão amplamente estudados[24]. O que é fundamental reter, para que possamos compreender os serviços *Haviland* de D. Maria Pia é que, a dado momento, existem dois ramos que vão usar o nome Haviland no comércio de porcelana, que produzem serviços em Limoges mas que detêm, na verdade, três empresas diferentes: a de Charles Haviland (Haviland & Co.), a de Théodore Haviland (TH), já de 1893, e ainda a de Charles Field Haviland (CH Field Haviland), primo dos anteriores, com algum sucesso.

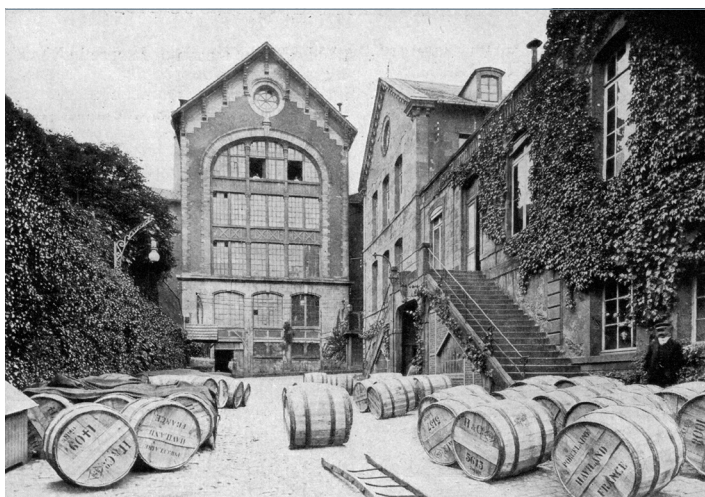
Charles, o filho mais velho de David Haviland, ficara na Europa com o objetivo de trabalhar a porcelana em moldes modernos, desenvolver processos de produção de custos controlados (reduzidos sucessivamente pela implementação de processos técnicos criados na própria empresa), promover a indústria e reenviar para os Estados Unidos peças de elevada qualidade a custo acessível, conquistando novos públicos. A exportação faz-se via Paris e Marselha, com grande sucesso para os

Estados Unidos, como previsto, mas também para toda a Europa que, entretanto, adere com entusiasmo a produtos cada vez mais apelativos. Ao princípio, na *Haviland & Co.*, sob a direção de Charles, produzem-se modelos de gosto conservador. Em pouco tempo apostam em agradar aos seus novos clientes. Promovem, contratam e incentivam artistas novos, estabelecem uma oficina de pesquisas artísticas de vanguarda em Paris (o *atelier d'Auteil*), integram a onda do japonismo e tornam-se fazedores de tendências, sobrepondo-se aos ditames de outras empresas. O sucesso foi inegável. Assimilam com rapidez novas correntes artísticas e, com grande arrojo empresarial, colocam no mercado uma profusão de artigos tal, que ainda hoje é difícil abarcar na totalidade. Vários autores sustentam que existiram cerca de 30.000 padrões decorativos, sendo que alguns referem mesmo 60.000. Desses, à volta de 3.000 terão sido identificados pela colecionadora americana Arlene Schleiger, desde cerca de 1940. A sua codificação facilita ainda hoje a busca de peças para substituição de quebrados ou perdidos no vibrante mercado americano.

São do início do século XX as fotografias que nos revelam pormenores da produção e da exportação, já na colossal empresa de Théodore Haviland: o interior da fábrica e os seus sectores diferenciados, onde centenas de trabalhadores executavam as suas tarefas; a embalagem dos grandes barris com palha para proteção dos serviços de porcelana [fig. 12]; um número assinalável de barris junto aos armazéns aguardando embarque por via marítima [fig. 13]. Vemos anúncios da fábrica nos periódicos da época, tal como vemos postais com fotografias do complexo fabril, identificado com Limoges. A máquina de propaganda, marketing como hoje o designamos, é notável. A ideia de grandeza, modernidade e eficácia transmitida ainda hoje impressiona.

De facto, a *Haviland* oferece desde cedo um produto extremamente tentador para os seus clientes: um serviço apreendido como original e único, de enorme valor decorativo e de uma porcelana pristina, cuja pintura parece feita à mão e a douragem da mais alta qualidade. Em suma, um produto de luxo, a todos os títulos. A isto acresce um adjectivo irresistível para a clientela a que se dirigia: "Céramique Moderne", aliás o título presente na capa do seu catálogo de 1889.[25]

[fig. 12]

Embalagem dos produtos *Haviland* com palha, em barris, para envio por via marítima.

© Haviland Collectors International Foundation | Cortesia da HCIF

[fig. 13]

Barris com porcelanas da fábrica *Haviland* prontos para embarque. 1917.

© Haviland Collectors International Foundation | Cortesia da HCIF

A preços muito interessantes, as encomendas eram entregues em prazos curtos. Era o desafio assegurado pelas empresas que forneciam o *Grand Dépôt*, como a *Haviland*. "Nos services étant toujours très complets en Magasin, peuvent être livrés de suite et réassorties n'importe à quelle époque"[26]. Por "de suite", esclareciam, "Nous prévenons que nous demandons [...] quinze jours pour un Service de table en porcelaine française décorée"[27]. Enquanto a maioria das outras empresas levavam cerca de três meses, a *Haviland* prometia fazê-lo em 15 dias.

Ao cliente oferecia-se o privilégio e o prazer de escolher, entre uma miríade de hipóteses, a forma, o padrão decorativo, o enriquecimento com filetes de ouro variados e tipificados, o monograma coincidente ou não com a marca de posse, e

o eventual brasão. Ao retalhista era ainda possível optar pela aposição de uma estampilha comercial no verso (*Grand Dépôt*, *A la Paix*, *l'Escalier de Cristal* são marcas presentes no acervo da casa real).

A imbatível estratégia comercial da *Haviland & Co.* passava pela divulgação eficaz e atenção personalizada ao cliente: as peças eram apresentadas e premiadas numa variedade importante de exposições internacionais (a de 1855 foi determinante para a marca); os serviços e as peças constavam nos catálogos dos grandes armazéns de Paris, ainda que neles não fosse patente a ligação à marca de origem; os clientes podiam receber a visita dos agentes comerciais da firma, catálogos, imagens ilustrativas e, nalguns casos, protótipos para escolha de barras, monogramas, brasões, etc.

É interessante notar alguma coincidência na estratégia de conquista do mercado da *Haviland & Co.* e do *Grand Dépôt*, um dos grandes armazéns parisienses. A união de forças não se terá dado por acaso. Os Haviland e Emile Bourgeois, fundador do *Grand Dépôt*, tinham muito em comum para além do negócio. Conquistadores ambiciosos e aguerridos, uns e outros, recorriam a estratégias de implantação no mercado verdadeiramente inovadoras. Ainda que a *Haviland* tivesse loja própria em Paris, no número 60, *rue du Faubourg Poissonnière*, o *Grand Dépôt* é um dos seus intermediários de maior sucesso.

No acervo do Palácio Nacional da Ajuda encontramos cinco pratos-mostruário[28], que ainda conservam interessantes etiquetas do *Grand Dépôt* no tardoz, de formatos diferentes [fig. 14]. Aí se indica o preço dos pratos com as características do prato de amostra. As decorações propostas, sobre o modelo *Feston*, apresentam barras decorativas inteiras, seccionadas, de maior ou menor espessura, variados filetes dourados com diferentes estilos de monogramas ou brasões, ficando estes dispostos ao centro ou na própria barra e até na diagonal, como no serviço *Torse*, outro dos serviços adquiridos pela Rainha.

[fig. 14]

Prato-mostruário da *E. Bourgeois*, com etiqueta *Grand Dépôt*. Frente e tardoz.

Palácio Nacional da Ajuda, inv. 49597

© PNA | Foto: EPI - Escola Profissional de Imagem

Igualmente interessante, do ponto de vista de estudo dos serviços, é o próprio catálogo do *Grand Dépôt*[29]. Aí se listam as peças necessárias para um serviço de jantar, à russa, bem entendido. Para 6 lugares, lista-se o serviço de mesa com 24 pratos rasos, 6 pratos de sopa, 1 terrina, 1 saladeira, 1 molheira, 1 legumeiro, 2 pratos de conservas (ou *raviers* como eram chamados em França; azeitoneiras na designação portuguesa actual), 2 pratos de serviço redondos de dois tamanhos e 1 travessa oval. Completava-se este serviço com o de sobremesa, constituído por 12 pratos de sobremesa, 1 fruteiro de pé, 2 pratos de pé e 1 açucareiro oval. Era esta a composição dita ordinária. Muito mais peças podiam incorporar os serviços e estavam disponíveis para uma mesa de qualidade: para além dos mencionados, propunham-se tamanhos crescentes para cada um dos objectos de serviço: travessas de peixe, oveiros, cremeiras e pratos apresentadores das mesmas, para seis ou nove pequenos potes. Nos serviços de sobremesa acresciam, caso desejado, fruteiros baixos e taças. Nos serviços de chá e café: chávenas e pires de chá, de café, almoçadeiras, bules, açucareiros e cremeiras. Era muito claro o pressuposto de que "Les Services seront composés à la volonté des Acheteurs aux prix ci-contre".[30]

A inovação técnica e o Japonismo

Tal como referido, na *Haviland* estudaram-se e puseram-se em prática métodos inovadores de produção, com qualidade irrepreensível e a custos mais moderados do que aqueles encontrados no mercado de luxo. "À cabeça do progresso técnico, Charles Edward Haviland introduz a cozedura a carvão, o amassar mecânico, o forno de chama invertida, a calibragem mecânica e [em 1884] a cromolitografia. Haviland torna-se a locomotiva de Limoges"[31]. Na sua maioria, tratava-se de vários procedimentos que permitiam economizar matéria-prima e garantir cálculos mais correctos, assegurar prazos de produção, menor refugo e, sobretudo, menor perda de peças logo no fabrico dos *blanks* ou *white wares*, isto é, as peças por decorar, se considerarmos, como na época, que os relevos da pasta respeitam à forma.

A viragem a favor de peças mais artísticas verifica-se, porém, com o implemento da cromolitografia. O recurso a folhas de decalques policromadas, de grande qualidade, produzia um resultado semelhante à pintura e permitia a cozedura simultânea das várias cores, reduzindo substancialmente os custos. Finalmente, o poder disponibilizar os motivos decorativos em múltiplas folhas de decalques, deixando de depender dos muito qualificados e caros artistas pintores de porcelana, constitui um extraordinário passo em frente, dado pela *Haviland*.

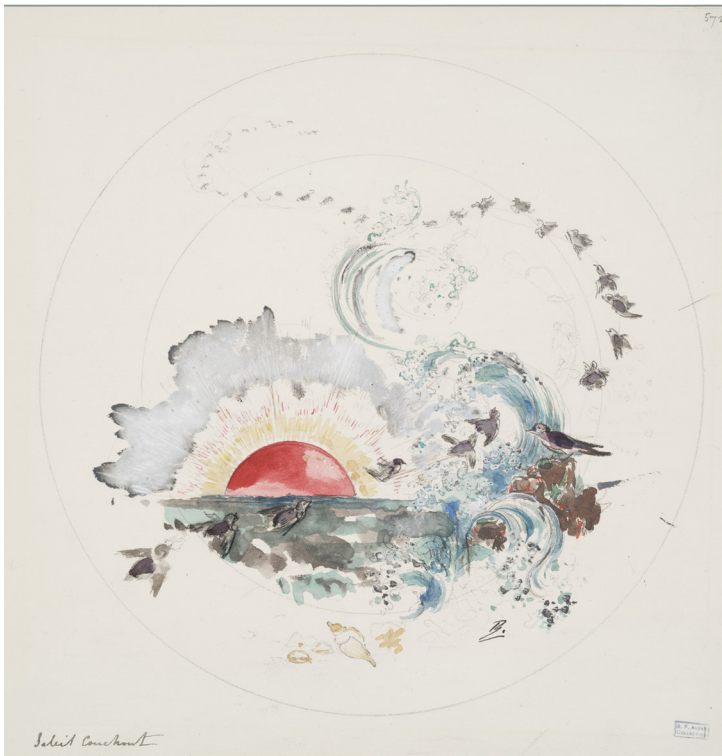
A consciência de que a porcelana não admite imprecisões decorativas, como a faiança ou mesmo a faiança fina comercializada por Inglaterra com tanto sucesso (e que estava na origem dos negócios quer dos Haviland, quer de Bourgeois), leva a *Haviland* a apostar numa cromolitografia de alta qualidade. O responsável pelo sector, contratado por Charles Haviland depois de Mérigot, e que virá a substituir Bracquemond à cabeça do *atelier d'Auteuil*, veio a ser Edouard Jochum[32]. As obras dos artistas dirigidos por Bracquemond, como Henri-Léon Pallandre, e a sua transferência para as peças, é assegurada por processos de cromolitografia modernizados por Jochum. Engenhosamente, recortes dos motivos retirados das pranchas ilustradas eram aplicados e ajustados de forma artística, diferente em cada objeto, com o efeito de uma decoração original[33] e até 'feita à mão' tal a qualidade dos decalques. Recursos técnicos como estes possibilitaram à *Haviland* manter-se no topo dos fabricantes na sua época, emparelhando com as melhores manufaturas.

Para além das inovações técnicas, a *Haviland* projeta-se para a ribalta pelo constante acompanhamento do gosto dos seus públicos. Produtos variados, dos convencionais aos vanguardistas, permitiram a captação de um público alargado e a capacidade de desenvolver ou suspender o fabrico de determinadas linhas, com extrema flexibilidade.

Na década de 1870, Félix Bracquemond[34], chefe de *atelier* de pintura na muito respeitada e cobiçada manufatura de *Sèvres*, fora chamado pela *Haviland* para dirigir um estúdio de experimentação artística em pleno Paris, o *atelier d'Auteil*. Os pavilhões do Japão nas exposições de Paris desde 1867 e a divulgação da arte japonesa através da revista *Le Japon artistique*, lançada por Siegfried Bing em 1888, influenciam profundamente as artes decorativas da época. A recusa do ornamento, o abandono do reportório do Romantismo, tomara novo impulso sob influência de Bing e da sua loja *l'Art Nouveau*, aberta em 1895. Bracquemond, para muitos o verdadeiro introdutor do japonismo na cerâmica, vai trazer o cunho de atualidade indispensável à *Haviland*: a escolha de uma paleta de tons invulgar, a assimetria de motivos, uma gramática decorativa inovadora e métodos decorativos novos. Esta tendência do japonismo está presente nalguns catálogos do *Grand Dépôt* durante um curto espaço de tempo.[35]

O japonismo terá entrado em Limoges pela mão de Bracquemond com o seu serviço *Parisien*, icónico, do qual faz parte o *Soleil Couchant* (Pôr do Sol)[36] [fig. 15]. Trata-se, sem dúvida, de uma das correntes muito apreciadas naquele fim de século à qual D. Maria Pia adere rapidamente. É também nessa época e neste ambiente que a decoração de serviços de mesa dá um passo extraordinário e imprime um novo fôlego às artes da mesa francesas.

Os serviços da Rainha

Pelos documentos, sabemos que em Paris a rainha D. Maria Pia ia aos grandes armazéns, visitava as exposições e tomava notas, mas sabemos também que chamava os representantes ao hotel onde se encontrava. Não localizámos qualquer catálogo de cerâmica do *Grand Dépôt* proveniente da Casa Real, ao contrário do catálogo de vidros, mas não será de excluir que D. Maria Pia a eles tenha tido acesso. Era, afinal de contas, "La plus grande maison du monde pour les services de Table, Dessert et Cristaux"[37], como anunciavam nas suas faturas, em suma, um dos mais importantes entrepostos

[fig. 15]

Aguarela para o prato *Soleil couchant*
Félix Bracquemond
Haviland, Limoges, 1876

The New York Public Library Digital Collections

Um exemplar deste prato está no *Musée national Adrien Dubouché*, Limoges, *Cité de la céramique*. (Inv. ADL. 2822)

comerciais parisienses. É interessante notar que a maior parte das aquisições de porcelana da rainha aí tenham sido feitas, mas é uma informação que não se aplica a todas.

O ano de 1888 fora intenso em compras de *toilettes*, de tal forma que até levou a princesa D. Antónia, sua cunhada, a escrever ao rei D. Luís, acusando D. Maria Pia de gastadora e de um comportamento muito pouco próprio de uma rainha, talvez só comparável ao esperado de uma atriz. Muito acintosa, comentava: "Ela vai ao teatro? Ou ainda está a desembalar as coizas que trousse de Paris, ela nem pode trazer tudo o que compra."[38] Aquela seria a última deslocação ao estrangeiro que D. Maria Pia realizaria com o seu marido, pois D. Luís viria a morrer em outubro do ano seguinte. Não sabemos se foi nessa viagem que D. Maria Pia se interessou pela Casa *Haviland*. Vira as suas porcelanas nas lojas especializadas de Paris? Talvez no *Grand Dépôt E. Bourgeois* ou na *Escalier de Cristal*? Na realidade, já antes, em 1867, a rainha visitara Paris e estivera na *Exposition Universelle*[39], onde Bracquemond, futuro diretor artístico do *atelier d'Auteuil* da *Haviland*, apresentou o célebre

serviço *Rousseau*[40] – concebido para o marchand François Eugène Rousseau – e, por outro lado, a "porcelaine blanche et décorée" da *Haviland* ganhara uma medalha de prata[41]. Quando exatamente terá ficado cativada pelas porcelanas desta manufatura é uma pergunta para a qual não temos ainda resposta.

Na verdade, anos antes, em 1882, nos róis da mantearia do Palácio da Ajuda, não constam serviços *Haviland Limoges*. Esse é o ano da criação do padrão das *Fleurs Parisiennes* por E. Girardin. Um dos primeiros serviços multiflorais impressionistas, cujas flores garridas e pouco definidas, de acentuada assimetria, vão ter um enorme sucesso. Este ano baliza a data mais recuada em que este serviço teria dado entrada no Palácio da Ajuda. O limite superior é o ano de 1889, visto que ostenta o monograma LM, de D. Luís e D. Maria Pia. Daí para a frente, por morte do rei, os serviços da rainha serão personalizados com as iniciais MP. Até à data, estão por localizar os documentos do primeiro lote do *Fleurs Parisiennes*.

Com um recorte da aba tipicamente francês, a forma de base dos pratos *Feston* revela-se uma solução simples de enorme sucesso. Sem relevos na pasta, o recorte é a única característica que define este modelo. Cabia assim à cromolitografia e ao filete a ouro o papel decorativo e o efeito luxuoso do serviço.

Girardin foi o responsável pelas doze pranchas conhecidas das *Fleurs Parisiennes* que o decoram. É interessante verificar que este é dos poucos autores cujo nome vem referido no catálogo de 1889 do *Grand Dépôt*, associado à decoração [fig. 16]. Constatamos que, na grande maioria, os nomes dados às séries de ilustrações não correspondem aos nomes comerciais dos serviços. Apesar do nome, que se refere ao motivo de inspiração, trata-se neste caso de um extraordinário serviço japonizante, de decoração assimétrica e cores apelativas. Sobre a imagem impressa a cromolitografia, cujas estampas seriam comercializadas com paletas diferentes, era acrescentada uma última camada de requinte: pequenas pinceladas de esmaltes sobre o vidrado. Não passam de pequenos pontos de relevo mas o seu efeito táctil prende o olhar e contribui para a simulação de pintura manual pretendida, uma técnica japonesa em si própria que a *Haviland* deixaria cair a seu tempo pelo encarecimento técnico dos produtos.

[fig. 16]

Porcelaine Feston. Filet Or et Fleurs Girardin.
Desenho inserido na página '92' do catálogo *La Céramique Moderne par Le Grand Dépôt* (Paris, 1889).

Coleção particular

[fig. 17]

Interior de uma das lojas *Escalier de Cristal*, situada nas ruas Scribe e Auber
Gravura de Michel Charles Fichot, publicada na edição de 20 de dezembro de 1873 do semanário francês *L'Univers illustré*.

Coleção particular

Este serviço impressionista viria a ser aumentado em 1895, através do *l'Escalier de Cristal* [fig. 17], uma das lojas preferidas de D. Maria Pia e difusora do japonismo em Paris, onde a clientela de luxo encontrava peças de produção europeia com inspiração asiática.

As suas peças são marcadas com a estampilha verde sob vidrado "H&C.º / L / FRANCE", marca de fabricante dos brancos; sobre o vidrado, a vermelho, a do "l'ESCALIER de CRISTAL / Paris", marca do decorador. A rainha manteve, no segundo lote, o monograma e faz um reforço considerável deste serviço "grand modele, feston [...] lobée, filet or et grandes fleurs coloriées".[42] Curioso é que, desde 1889 pelo menos, o *Grand Dépôt* garantia ter a exclusividade dos modelos que representava: "Ajoutons, pour prouver bien que notre œuvre nous appartient bien, que nous avons déposé nos modèles et que toute reproduction est interdite même aux manufactures qui les exécutent pour notre compte"[43]. Neste caso, do serviço "Nº 5863 [...] Feston fleurs Girardin"[44], com toda a evidência, a regra foi quebrada.

Alguns anos depois, surge nova documentação relevante para o tema em causa. 1893 viria a ser um ano especial: o das bodas de prata dos reis de Itália, Umberto e Margherita de Sabóia. As celebrações justificam a viagem de D. Maria Pia a Roma e Turim, para festejar aquela data importante para o seu irmão mais velho e para a sua prima e cunhada favorita. Mas é também o ano da chegada a Lisboa de três barris carregados com uma carga preciosa, um dos mais primaveris serviços adquiridos por D. Maria Pia, já como rainha viúva.

O Serviço de "Florinhas"

Assim o designava a rainha D. Maria Pia e os que a rodeavam, por oposição ao das *Fleurs Parisiennes*, de flores maiores e garridas. Os responsáveis pelo envio são Louis & Sigismond Kohn, provavelmente transitários já que a lista de comerciantes de Paris nessa data não os refere[45]. A fatura [fig. 18] discrimina desde logo uma extensa lista de peças. Trata-se nada menos do que a primeira entrega deste serviço, parece-nos, expedido pelo vapor "Bordeaux", em 6 de novembro de 1893. Com recorte *Feston*, apresentava o relevo *Marseille* e, sobre ele, a decoração cromolitografada de flores de

[fig. 18]

Correspondência de Louis & Sigismond Kohn

Paris, 6 de novembro de 1893

ANTT, Casa Real, caixa 7008

que adiante falamos. Só a conjugação da vasta documentação consultada no âmbito do projeto expositivo *A Royal Lunch* permitiu reatribuir esta fatura ao serviço "Florinhas" e nela reconhecer as peças do serviço do Palácio da Vila de Sintra, já que a designação "Marseille" parecia antes referir-se a um outro conjunto com o mesmo relevo.

Paris, 1896, vésperas de Natal: a rainha preparava as suas compras. Regista a lápis em múltiplas pequenas folhas de papel timbrado do Hotel Liverpool o que precisava de ver, uma ou outra morada, o que já tinha visto, o que pagara e o mais que capta a sua atenção. Como quem já conhecia bem o serviço, anota numa das folhas: "Mandar vir o homem aqui / Comprar esta lista [...] Louça de Cintra / das florinhas / Já disse [...] Avillan / Louça Limoges [...] para 60 pessoas [...] Esta loiça é fundo branco / e flores"[46] [fig. 19]. O duque de Loulé, seu mordomo-mor, anota no topo de outra folha: "Já feito [...] Grand-dépot". Na mesma folha também se lê: "Avillan [...] Louça Limoges de Cintra para 60 pessoas de florinhas", seguindo uma breve lista do necessário[47] [fig. 20]. Nestes apontamentos transparece o gosto pelas compras na cidade de onde a moda irradia para a Europa. Por outro lado, o confronto com as respetivas faturas e com outras notas do duque de Loulé[48], permite-nos avançar datas para alguns destes registos. Conjugando dados com documentação diversa, podemos localizar alguns deles em 1893, 1896 e 1900. Com o decorrer do tempo, estes papéis terão sido misturados e perderam a sua sequência cronológica, mas é revelador o que nos transmitem, como veremos.

Nesta viagem de 1896, D. Maria Pia e o duque de Loulé tomam notas repetidamente sobre a "louça de Cintra de florinhas"[49]. Formas e quantidades desejadas, a decisão de ir ao *Grand Dépôt* (anotada pelo duque de Loulé), alterada, já que a rainha aponta a sua vontade de fazer um representante da *Haviland* vir ao Hotel. É deveras interessante a leitura desta documentação em espelho: as notas da rainha, mais impulsivas, e as do seu mordomo-mor, por dever de ofício, mais organizadas.

A rainha tem a intenção de comprar louça para 60 pessoas, mas refere apenas uma escolha das formas básicas: pratos de sopa, rasos e de sobremesa, chávenas de chá, café e almoçadeiras. Tratar-se-ia seguramente do reforço de um serviço pré-existente. D. Maria Pia tem em conta o destino do serviço "Florinhas".

10.2.1 (nº 455)

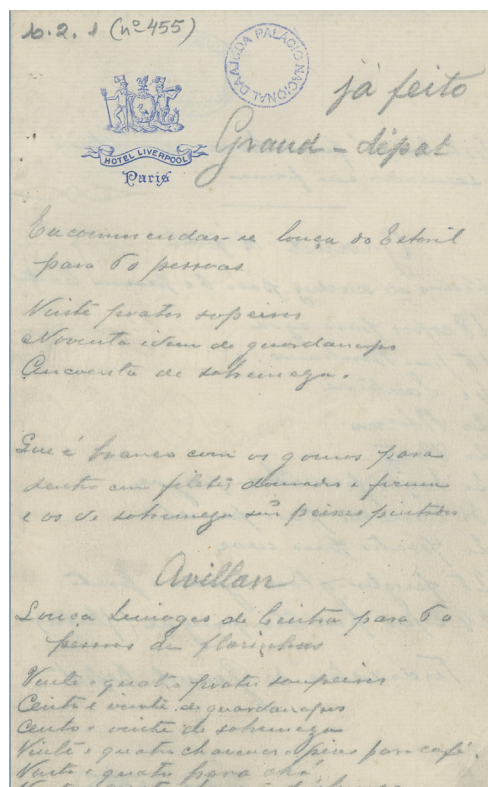
já feito
Grand-dépôt

Encommendar-se louça [illegible] para 60 pessoas.
Vinte pratos sopeiros
Noventa idem de guardanapo
Cincoenta de sobremeza.

Avillan
Louça Limoges de Cintra para 60 pessoas de florizinhas
Vinte e quatro pratos sopeiros
Cento e vinte de guardanapos
Cento e vinte de sobremeza
Vinte e quatro chavenas e pires para café
Vinte e quatro para chá

[fig. 19]

Apontamentos manuscritos da rainha D. Maria Pia em papel timbrado do Hotel Liverpool, Paris [1896]
Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda
APNA, 4.3.2., capilha 24, sem data

Cortesia da DGPC / PNA / Biblioteca da Ajuda

[fig. 20]

Apontamentos manuscritos do duque de Loulé e da rainha D. Maria Pia, Paris [1896]
Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda
APNA, 10.2.1., doc. 455, sem data

Cortesia da DGPC / PNA / Biblioteca da Ajuda

Uma peça artística, escolhida para o seu tão estimado Paço de Sintra, onde ainda hoje se conserva.

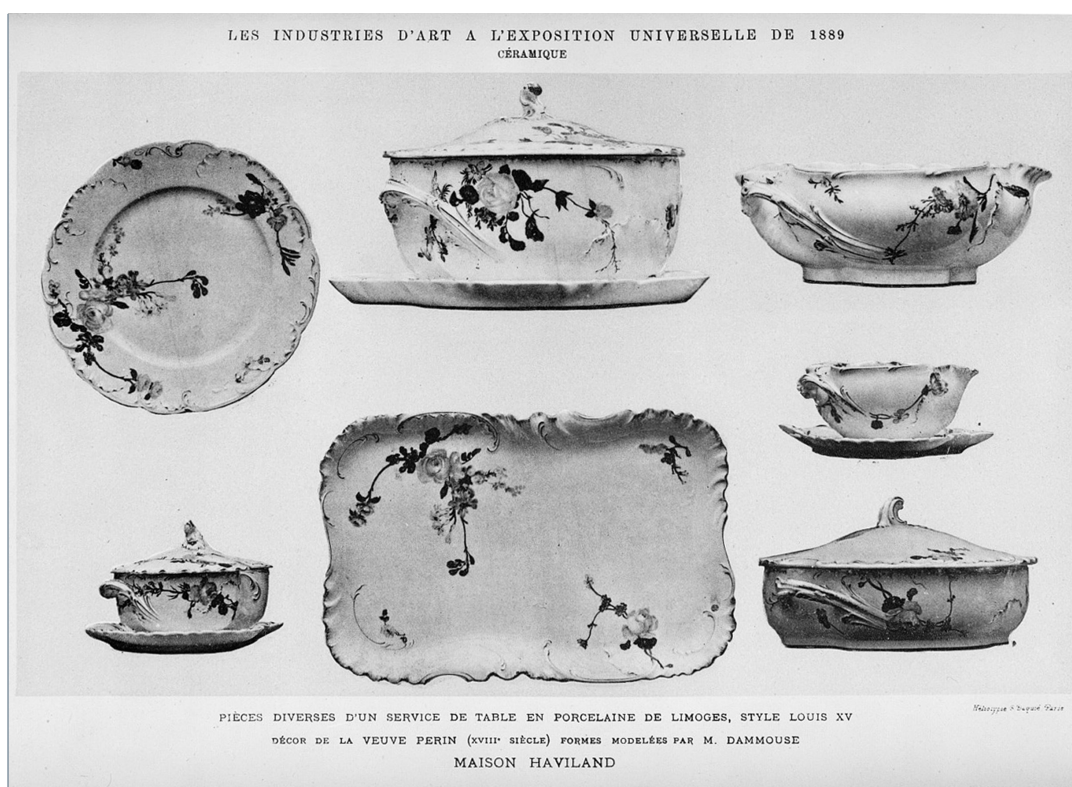
Só pontualmente os serviços *Haviland* receberam nome e nem sempre conhecemos os seus criadores. Não é o caso deste serviço. Na linha neo-rococó, porém de proporções equilibradas, este serviço é comercializado com o nome "Marseille". Aliás, na nota de envio é identificado como "Marseille +3546", designação e código relativos à forma do branco e ao tipo de filete dourado, respetivamente[50]. Na historiografia sobre a *Haviland*, as formas do serviço foram atribuídas a Edouard Lindeneher ao longo de anos[51]. Contudo, na *Revue des Arts Décoratifs* de 1891, contemporânea do serviço, Victor Champier, crítico de arte e fundador da publicação, refere inequivocamente as suas "formes modelées par M. Dammouse" junto da ilustração em fotogravura de

[fig. 21]

Ilustração publicada no suplemento da edição de janeiro-fevereiro de 1891 da *Revue des arts décoratifs*, intitulado *Les industries d'art à l'Exposition universelle de 1889*. Volume II. Fascículo XVI.

Coleção particular

sete peças do modelo *Marseille* com decoração floral da manufatura de Marselha *Veuve Perrin*[52] [fig. 21]. É pois importante corrigir esta atribuição e prestar a devida homenagem ao seu autor.

Albert-Louis Dammouse (1848-1926) descende de um modelador e pintor de porcelana de Sèvres, onde inicia a sua formação. Segue depois para a *Ecole Nationale des Beaux-Arts* e para a *Ecole Nationale des Arts Décoratifs*, desenvolvendo uma carreira de sucesso como ceramista. Inspira-se nas delicadas decorações do médio e extremo oriente, muito apreciadas em finais da década de 1890. Virá também a trabalhar em vidro perto de finais do século XIX.

Este é um dos mais complexos serviços em termos de formas disponíveis e o acervo do Palácio Nacional de Sintra é prova disso mesmo: as suas mais de 800 peças correspondem a 48 tipologias. Albert Dammouse, reputado ceramista, vai criar várias

-5-

Serviço louça de Limoges, branca com dourado e flores, tem corda e monogramma pertencente a Sua Magestade A Rainha A Senhora D. Maria Pia

Está classificada com o N.º 5

Sessenta	pratos sopeiros
Cento noventa e um	" guardanapo
Cento quarenta e quatro	" sobremesa
Dezeseis	" travessos
Quatro	terrinas pequenas, com tampas
Quarenta oito	chavenas para chá
Quarenta oito	pires das ditas
Quarenta e oito	chavenas para café
Quarenta e oito	pires das ditas
Quarenta e oito	tijellas d'almoço
Quarenta e oito	pires das ditas
Quinze	travessas differentes
Quatro	" compridas, para peixe
Duas	pratos para peixe; teem almas
Dez	[illegible]
Quatro	travessas para espargos; teem almas
Oito	" quadradas, teem azas
Quarenta e oito	pratos com duas divisões
Dez	" cobertos
Cinco	saladeiras, teem azas
Trinta	fructeiros differentes
Quatro	pratos covos
Um	centro de meza
Doze	mostardeiras com tampas
Vinte quatro	canecas para creme cru
Quarenta e oito	" com tampas, para creme cosido
Quatro	pratos com tres divisões
Quatro	terrinas grandes
Um	taboleiro de louça

[fig. 22]

Serviço de louça N.º 5. Inventário da Louça e Vidros. 1894.
Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda
APNA, 10.2.2, doc. 13, páginas 5-6

Cortesia da DGPC / PNA / Biblioteca da Ajuda

peças em forma de folha, com maior ou menor estilização, remetendo-nos para um mundo vegetal que a decoração do pintor decorador virá depois completar na perfeição.

Se acompanharmos este serviço à medida que vai sendo adquirido e reforçado, vemos com interesse que algumas das peças vêem a sua função alterada. É, por exemplo, o caso dos pequenos "*coquetiers*" (oveiros), referidos na nota de envio de Louis & Sigismond Kohn[53], que surgem como "canecas para geleia" [fig. 22] no registo da mantearia do Palácio Real da Ajuda em 1894,[54] e acabam como "canecas para gelado" em 1906,[55] no Paço de Sintra[56]. Uma função a que não se adequavam, claramente. No rol dos serviços que foram para Sintra, para servir nos almoços da rainha do Reino Unido e do imperador de Alemanha, verifica-se a requisição de peças de vidro para essa função.

O século XIX vivia fascinado pela possibilidade de produzir uma peça escultórica numa dimensão e, depois, reproduzi-la em vários tamanhos sequenciais. As artes decorativas da época são marcadas por estas experiências que permitiram conceber esculturas de grande dimensão e reproduzi-las em número controlado no muito apreciado pequeno formato. Por exemplo, reconhecemos assim este impulso na escolha de uma determinada forma para a terrina da sopa e – redimensionando-a ou adaptando-a até a um menor tamanho – produzir o prato coberto, as molheiras, a taça e as cremeiras, ou ainda as várias dimensões das travessas, com intervalos de um centímetro, da travessa de peixe até ao pequeno prato de conservas. As formas das travessas, inovadoras na sua apresentação em retângulo. Não era uma novidade para os tabuleiros apresentadores mas bastante menos comum nos pratos de servir. As exceções não são, pois, menos interessantes. Destacamos o extraordinário *Plat turbot à grille* (prato pregado com escorredor), destinado ao pregado com a sua forma sobredimensionada e escorredor transfurado (diríamos rendilhado pelo recorte artístico pouco usual), ao qual D. Maria Pia não resiste, apesar de nunca termos detetado pregado nos menus do acervo do palácio (que correspondem apenas a década de 1880). Designada *Plat à rigoles*, a grande travessa de assados, tão em uso em Inglaterra, com os seus sulcos, foi também adquirida.[57]

De tal maneira D. Maria Pia gostou das formas e decoração deste serviço que, para além do serviço de mesa, adquiriu também um serviço de chá e café, *tête*-à-*tête* porque destinado a duas pessoas e *cabaret* porque dispunha de um tabuleiro próprio.

Se as formas são de Dammouse, não menos famosa é a decoração de Pallandre[58], criada cerca de vinte anos antes da produção do serviço de D. Maria Pia e já então a dar sinais de intemporalidade: *Fleurs Saxe*, ou *Saxon Flowers* na versão inglesa, um dos grandes sucessos da *Haviland & Co* [fig. 23], o primeiro padrão decorativo a ser produzido no *atelier de Auteuil*. Temos assim, finalmente, identificado o padrão "Florinhas" com algo mais substancial do que o sugerido por tão discreto nome. Aparentemente, as *Fleurs Saxe* exibem flores europeias e naturalistas. Mas se até meados do século XIX as flores representadas na cerâmica alemã evocada na designação eram reconhecíveis nas publicações científicas de botânica, quase individualmente, no caso deste serviço revela-se o descolar da representação floral do Romantismo. Parecendo tratar-se de flores do campo, simples, despretensiosas,

[fig. 23]

***Fleurs Saxe variées*. N.º 143.**
Ilustração inserida no catálogo de vendas *La Céramique Moderne par Le Grand Dépôt* (Paris, 1889).

Coleção particular

revelam-se porém, quando estudadas, flores sofisticadas, exóticas, manipuladas quer em termos botânicos quer na sua representação artística. Nos *bouquets* formados constam quase todos os cultivares da época. Flores transformadas, domadas, ao gosto do seu tempo[59]. Pallandre, "a bien pris soin d'organiser une véritable assymetrie de son décor de fleurs éffeuillées, symbole du temps qui passe"[60]. Para especialistas de botânica, é já detetável um sopro de modernidade: algumas das flores afastam-se subtilmente dos seus originais, revelam uma aproximação na representação, uma estilização de fantasia mais do que um estrito rigor científico.

Tanto quanto se sabia, o serviço ostentava 12 motivos principais multiflorais, recortados e usados em disposições únicas[61]. Rentabilizava-se estes motivos decorativos complexos, compostos de tal forma que os motivos de origem, individuais, são dificilmente reconhecíveis. O levantamento exaustivo e o estudo comparativo dos motivos botânicos existentes neste serviço[62], simples e compósitos,

[fig. 24]

Pratos de sopa do serviço "Florinhas"

Palácio Nacional de Sintra
De esquerda para a direita: PNS2028, PNS2018, PNS2046, PNS2066, PNS2045, PNS2021.

revela algo de surpreendente: para além dos 12 motivos multiflorais já identificados e descritos em 2000 pelo historiador da arte Robert Rorex[63], acrescentamos agora outros 4 e ainda 9 motivos vegetais (*Légumes Saxe*) [fig. 24], presentes apenas nos pratos de sopa: alcachofra, alho, alho-francês, beringela, cabaça, cardo, cenoura, cogumelo e ervilhas. A conjugação e complexidade únicas destes motivos constituem um dos valores diferenciadores do serviço da rainha D. Maria Pia. Ter-se-á tratado, possivelmente, de um pedido especial de D. Maria Pia ou de uma proposta que lhe tenha sido feita[64]. Se atendermos a que alguns dos cultivares correspondem a introduções na Europa já no final do século XIX e a que algumas das flores possam corresponder a espécies representadas em estampas japonesas[65], porventura na posse dos chefes de *atelier de Auteil*[66], opinião já enunciada por Rorex para a produção *Haviland*. Formulamos então uma nova hipótese: se por volta de 1875 a Haviland já tinha no mercado serviços de porcelana decorados com motivos multiflorais *Fleurs Saxe*[67] e se no catálogo comercial da Haviland & Cº de 1879 esta decoração já aparece

[fig. 25]

Légumes Saxes

Ilustração inserida numa das folhas de registo dos motivos decorativos disponibilizados pela manufatura *Haviland*. De notar que à data do documento apenas existia "1 seule feuille": o motivo dos alhos. Relativamente aos motivos multiflorais (*Fleurs Saxes*), lê-se o seguinte: "12 fleurs variees [...]"

© Archives Haviland | Foto: Fred Daniels
Cortesia da HCIF

referenciada[68], então é possível pensar que as pranchas feitas a partir dos desenhos de Pallandre – concebidos em 1873 segundo Jean d'Albis[69] – foram produzidas em momentos diferentes, nas décadas de 1870 e 1880, incluindo os quatro novos *bouquets* e parte dos motivos vegetais (legumes e hortaliças) presentes no serviço da rainha D. Maria Pia. Um destes últimos encontra-se recortado e referenciado em livro de registo dos motivos avulsos [fig. 25], no arquivo da *Haviland*. Importa investigar os arquivos de *Limoges* em busca desta prancha e de outras eventuais, de forma a confirmar esta hipótese.

Em conversas com os especialistas Arthur e Karen Levin, bem como Fred Daniels, no âmbito do colóquio *Haviland 2018*, estes mencionaram terem detetado desenhos para vários serviços que parecem não ter sido utilizados. O que leva a crer que, por vezes, os desenhos para determinado padrão decorativo tenham sido intencionalmente limitados a 12 pranchas. Será o caso, mais óbvio, do serviço "Florinhas" mas de outros casos a estudar no futuro. Ainda no âmbito dessas investigações, terão surgido fotografias de *bouquets* naturais. Isso permitiria compreender erros de transposição para desenho, denotando por exemplo a

falta das três dimensões ou flores planificadas[70]. Torna-se necessária mais investigação já que na imagem do ramo multifloral que nos foi dada a ver, este é substancialmente menos sofisticado do que os que integram o serviço, o que excluiria esta explicação. Permite, porém, lançar uma outra hipótese: a possibilidade do *atelier de Auteuil* ter recorrido a fotografias como base de trabalho. Será uma linha de investigação a desenvolver.

Pallandre terá sido de facto o primeiro a realizar os primeiros *transfers* integrais a cores, na opinião de Jean d'Albis, e as *Fleurs Saxe* serão o primeiro padrão a ser realizado com litografia a cores, representando o início de uma técnica que marcará o futuro da produção de porcelana.[71]

Os motivos multiflorais *Fleurs Saxe*

RR = identificação de motivos e de espécies botânicas do historiador da arte Robert Rorex (2000)[72]

LB&MF = identificação de espécies dos arquitetos-paisagistas Luísa Borralho e Mário Fortes (2018)[73]

1 (RR). Double rose, clustered pea-flowers (possibly crown-vetch), and forget-me-nots.
(LBMF). Coronilla (ou Securigera), Myosotis sylvestris, Rosa hibrida (talvez a Enfant de France), Rosa x centifolia (Rose de Mai).

2 (RR). Double rose, tulip, and small flowering vine.
(LBMF). Rosa hibrida (talvez a Enfant de France), Rosa x centifolia (Rose de Mai), Convolvulus tricolor, Tulipa fosteriana "Parrot".

3 (RR). Double rose, tulip, and bellflower.
(LBMF). Rosa hibrida (talvez a Enfant de France), Rosa x centifolia (Rose de Mai), Tulipa fosteriana "Parrot", Primula, Campanula, flores de leguminosa.

4 (RR). Crested anemone, tulip, and forget-me-nots.
(LBMF). Tulipa fosteriana "Parrot", Paeonia ou Anemone, Campanula (poscharskyana).

5 (RR). Crested anemone, second anemone seen from the back, and wood hyacinth.
(LBMF). Anemone, Primula, Hyacinthus, Anemone hibrida.

6 (RR). Clustered lily, smaller clustered flowers, small daisy-like flowers.
(LBMF). Pelargonium (peltatum?), Lillium asiaticum (hibrido), asteraceae (a flor parece de Felicia amelloides, mas o resto não), sombra de Jasminum.

7 (RR). Poppy, double buttercup (ranunculus), and a branch with catkins, probably birch.
(LBMF). Amentilho de Betula, Anemone azul, Rosa amarela (ou Ranunculo?), Anemone vermelha, flores cor-de-rosa.

8 (RR). Bearded iris, cactus dahlia, statice, and double buttercup.
(LBMF). Iris, Asteraceae (a flor amarela grande não é uma dália cacto, mas sim uma Asteraceae, talvez um Chrysanthemum?), Limonium, Rosa floribunda (?) amarela, Asteraceae trepadeira com folhas que parecem Smilax e flor que parece Convolvulaceae.

9 (RR). Single rose, daisy, and forget-me-nots.
(LBMF). Rosa "églantine", Asteraceae (Arnica ou Calendula), Chanomeles speciosa ou Camellia japonica.

10 (RR). Carnation, fringed double poppy, and forget-me-nots.
(LBMF). Dianthus azul, Anemone coronaria, Papaver somniferum hibrida (ou Anemone hibrida?), Myosotys sylvestris, Primula vermelha.

11 (RR). Flowers seen mostly from the back; lily, poppy, and columbine (aquilegia).
(LBMF). Aquilegia hibrida, Papaver somniferum hibrida, Dianthus amarelo (?)

12 (RR). Lily, poppy, and larkspur (annual delphinium).

Quatro novos motivos multiflorais *Fleurs Saxe* [74]

NO = identificação de espécies do engenheiro florestal Nuno Oliveira (2019), Diretor Técnico para o Património Natural da PSML

13 (NO). Flor rosa: Syringa vulgaris? Flor azul: Hyacinthoides non-scripta? Flor laranja: Senécio (senecio confusus)?

14 (NO). Flor rosa: Gladiolus italicus. Flor laranja: Tulipa "Parrot"? Flor azul: Lathyrus odoratus?

15 (NO). Flor branca: Lilium.

16 (NO). Flor azul: Gentiana clusii? Flor laranja: Tulipa "Parrot".

Os *Légumes Saxe*

Motivos presentes nos pratos de sopa do serviço "Florinhas".

Gostaríamos ainda de voltar ao tema do almoço da rainha Alexandra. Se na mesa de Estado, na Sala das Pegas, vemos este serviço utilizado para 40 pessoas, não devemos esquecer-nos da segunda mesa, montada na sala adjacente, para 9 pessoas, bem como das mesas postas fora do âmbito destes espaços. A segunda mesa terá sido servida com o mesmo serviço ou com o outro serviço *Haviland Limoges* (*A la Paix*)? Ou com o serviço "Alcântara"? É provável que este último, também transferido da Ajuda para Sintra por ocasião do almoço, fosse utilizado nas mesas menos importantes. A relação de objetos requisitados no "Serviço para Sintra" mostra-nos que é incluída a "Louça Alcântara / 100 pratos guardanapo / 30 pratos sopa"[75]. Estranha-se a falta de pratos para sobremesa, mas não temos como explicá-la à luz dos dados atuais. Este era o serviço "Alcântara" encomendado em 1901, aquando da viagem de D. Carlos e D. Amélia à Madeira e aos Açores, reforçado em 1903. Os restantes serviços da fábrica de Alcântara têm uma dimensão menor.

Por tudo o que acima fica exposto há que reconhecer que não só a mesa principal, mas também as secundárias, se apresentavam irrepreensíveis, acompanhando a moda recente com discrição e ordem. Também a ementa revelava um certo comedimento e seguia os ditames da cozinha de Urbain Dubois e Auguste Escoffier, não faltando até os gelados denominados "Vivienne", provável evocação dos gelados e sorvetes muito em voga em Paris [fig. 26], designadamente na célebre *Galerie Vivienne*[76] [fig. 27], passagem coberta situada entre o *Palais Royal*, *La Bourse* e os *Grands Boulevards*, repleta de estabelecimentos comerciais, cafés e restaurantes, porventura visitados pela própria rainha D. Maria Pia durante o Segundo Império.

Em conclusão, *Lunching with flowers* (Almoçando com flores) é a nosso ver uma expressão eloquente para descrever o almoço da rainha Alexandra, mas é também um irresistível trocadilho com o nome da exposição *Dining with Flowers: Haviland Porcelain from 1860 to 1910*, apresentada em 2001 no Museu de Arte da Universidade de Iowa, com curadoria de Wallace Tomasini e Robert Rorex. É a nossa homenagem aos estudos destes autores, fundamentais ainda hoje para a compreensão do serviço "Florinhas". [fig. 28, 29]

..... § .....

[fig. 26]

"GLACES ET SORBETS".
Outside a boulevard café.
Volume 1 de *Paris Herself Again in 1878-9* (1880), de George Augustus Sala.

Coleção particular

[fig. 27]

Fachada da *Galerie Vivienne* com confeitaria do lado esquerdo (pormenor).
Gravura, século XIX

Coleção particular

[fig. 28]

Tipologias diversas do serviço "Florinhas"

França, Limoges, manufatura *Haviland & Co.*
Modelo *Marseille*, de Albert-Louis Dammouse, com padrão *Fleurs Saxe*, de Henri-Léon Pallandre.
Porcelana moldada, modelada, aplicada e recortada; cromolitografada em policromia e dourada.Monograma de D. Maria Pia, MP, encimado por coroa.

Serviço de jantar, pequeno-almoço, chá e café adquirido por D. Maria Pia expressamente para o Real Paço de Sintra.

[fig. 29]

Armário louceiro do serviço "Florinhas"
Móvel que, ainda hoje, acondiciona o serviço da *Haviland*.

Palácio Nacional de Sintra
PNS3544

O MENU

Virgílio Nogueiro Gomes
Gastrónomo

Estamos no início do século XX, no tempo áureo do *serviço à russa*, que ditou o serviço moderno à mesa. Era moda evidenciar nos menus detalhes de elementos associados ao convidado especial. Dado tratar-se de um almoço sentado e com rigor de protocolo, estando presentes três rainhas e um rei, o serviço teria sido à russa, o mais prático e elegante nessa época. É provável que alguns pratos frios estivessem colocados na mesa. Já a construção do menu é claramente francesa, cozinha que ainda brilhava em toda a Europa e também em Portugal, nação que tinha como rainha uma princesa de França, D. Amélia, primogénita de Louis Philippe Albert d'Orléans, conde de Paris e último príncipe real da França.

HORS D'ŒUVRE

Petits pains à l'Allemand

Langue à l'Ecarlatte

Canapè de Thon

Consommé Chancelière

Oeufs à la Montglas

Saumon à la Genevoise

Tournedos à la Bordelaise

Mousse de foie-gras à la Reine

Poulardes de Bresse sauce Périgord

Asperges glacées sauce Tartare

Pouding à l'Ecossaise

Glace Vivienne

Patisserie – Pièce en nougat

Cafee – Vins – Liqueurs

A presença de receituário francês é notória e maioritária, com receitas associadas a localidades: "Montglas", "Bordelaise", "Bresse" e "Périgord". De notar que, mesmo em Portugal, se iniciava então a publicação de receituário com indicação geográfica como é o exemplo do livro de Carlos Bento da Maia, *Tratado Completo de Cozinha e Copa* (1904). Este menu apresenta uma composição rica, conforme os exemplos a seguir descritos. A presença da cozinha francesa é ainda evidenciada nos termos de confeção culinária, como "Chancelière" e "à la Reine". Este último poderá ter uma dupla leitura: por um lado, a indicação de entrada de amêndoas na confeção, e por outro, uma homenagem às rainhas presentes no almoço. Uma receita delicada são os ovos à *Montglas,* pequenas *tartelettes* com ovos mexidos com pedacinhos de presunto, *foie gras* e trufas. Tudo ligado com um molho de vinho da Madeira com tomate.

O salmão *à la Genevoise* é possivelmente o prato mais simples. Seguramente com salmão selvagem, ligeiramente cozido e servido em prato com batata cozida e um pouco de salsa. Para acompanhar, um molho com um caldo feito com a cabeça do salmão e legumes, a que se junta manteiga, ervas aromáticas e vinho tinto, reduzindo para metade. No final, adicionava-se mais um pouco de manteiga com essência de anchovas. Uma presença italiana, em homenagem à rainha D. Maria Pia – anfitriã do almoço e filha do primeiro rei constitucional de Itália – e a Génova, capital da Ligúria, território vizinho do Piemonte, onde a rainha-mãe nasceu. De lembrar que D. Maria Pia chegou a ter ao seu serviço um chefe de cozinha e um ajudante italianos.

O tornedó tenro, de boa vitela, viria acompanhado com um molho de carne com vinho de Bordéus. A presença de *foie gras* era quase obrigatória. Aqui num pequeno intervalo guloso servido em mousse *à la Reine*, o que significa que, na própria mousse ou no molho que a acompanhava, se incorporavam outros elementos como amêndoas e, forçosamente, cogumelos e trufas. As famosas galinhas engordadas de Bresse também estão presentes com um molho Périgord feito a partir de um caldo de carne com essência de trufas, cujos pequenos pedaços conferiam um gosto dominante. Os espargos glaceados, bem moldados na sua gelatina, eram acompanhados de molho Tártaro. Apesar da base deste molho ser de origem espanhola, foram os franceses que o tornaram célebre com a designação de *mayonnaise*. No Reino Unido teve uma variante com o acréscimo de alcaparras e estragão.

No que toca à rainha Alexandra, foi incluído um pudim à Escocesa, que remete para um dos países do Reino Unido, de onde o termo *pudding* é originário. Na realidade, tratava-se de um tradicional pudim francês ao qual se adicionava fruta fresca. Apesar de a rainha Alexandra ser a convidada de honra, não haveria naquele tempo culinária identitária da Dinamarca e, talvez por isso, não haja nenhuma referência gastronómica. Ainda nas sobremesas, um gelado, moda trazida por Caterina de Medici para a corte francesa.

Um menu bem identificador da época, sem reflexos da cozinha portuguesa, a qual só viria às mesas de prestígio nos finais da década de 1940. Bem estruturado, revela contudo um sentido de modernidade, com entradas, caldo quente, peixe, duas carnes e acompanhamentos, sobremesa, gelado e pastelaria variada, que poderia acompanhar o chá ou o café.

NOTAS

1 Adaptação cinematográfica do prestigiado romance da escritora nova-iorquina Edith Wharton, publicado em 1920, vencedor do Prêmio Pulitzer de 1921. A sumptuosa e rigorosa reconstituição de época valeu ao filme, em 1993, uma nomeação aos Óscares da Academia de Hollywood na categoria melhor Direção Artística e o Oscar ao melhor Guarda-roupa.

2 Tradução da autora: "un milionário americano considerar-se-ia desonrado se não tivesse como mostrar aos seus convidados pelo menos um ou dois serviços Haviland". *Le Figaro. Supplémment Littéraire*, 27 dezembro 1890: 212. Agradeço a Fernando Montesinos, conservador do Palácio Nacional de Sintra, a referência a esta fonte.

3 "[...] marca tão célebre como a das manufaturas de Sèvres , de Saxe ou de Haguenau". Tradução da autora. *Le Figaro. Supplémment Littéraire*, 27 dezembro 1890: 212.

4 Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda (APNA), 10.2.2., doc. 323, *Apontamentos do Duque de Loulé*, Paris, 21 de dezembro de 1896.

O 3º duque de Loulé, D. Pedro José Agostinho de Mendoça Rolim de Moura Barreto (1830-1909), 10º conde de Vale de Reis, foi mordomo-mor da rainha D. Maria Pia e estribeiro-mor da Casa Real, entre muitos outros cargos na Corte ao longo da sua vida.

5 Propostas de identificação lançadas por Fernando Montesinos.

6 Sobre as experiências fotográficas de D. Maria Pia, veja-se Jardim, 2017: 166-205.

7 APNA, 4.1.2., cx. 1, doc. 773, *Nomeação de pessoal da Cozinha do Palácio da Ajuda*; APNA, 4.1.2., cx. 3, doc. 87, *Ordem para pagamento de gratificações, Mordomia Particular, 31 Maio 1904*.

8 APNA, 5.II.1. (a), *Livro de registo dos funcionários do Paço da Ajuda*, verbete de Manuel Caetano da Silva, fls. [27v e 28]; verbete de António Duarte, fls [58v-59].

9 APNA, 10.2.2., doc. 272-273, *Relação do serviço que foi para Sintra, 21 Março 1905*.

10 Richards, 1999: 190.

11 Vaz, 2016.

12 Margherita Maria Teresa Giovanna di Savoia foi, entre 1878 e 1900, rainha consorte do Reino de Itália, casada com o rei Umberto I da Itália, irmão mais velho de D. Maria Pia. A correspondência entre estas primas e cunhadas não se encontra publicada. A Rainha de Itália é mencionada frequentemente nas anotações de D. Maria Pia. "Como o de Margarida", é um comentário que vamos encontrando quase como um qualificativo de certas peças que queria comprar. As duas cunhadas dispunham, em consequência, de alguns serviços idênticos ou das mesmas manufaturas. Note-se que, ao contrário de D. Maria Pia, a rainha Margherita é considerada muito conservadora pela maioria dos historiadores.

13 Correia, 2018.

14 Entrou na arrecadação do Real Paço de Sintra a 25 de abril de 1903. APNA, 10.2.2., doc. 176.

15 APNA, 10.2.2., doc 272-273, *Relação do serviço que foi para Sintra, 21 Março 1905*.

16 APNA, 10.2.2, doc. 13, Inventário da Louça e Vidros pertencentes a Sua Majestade a Senhora D. Maria Pia, fls. 4-5.

17 No Arquivo do Palácio Nacional de Sintra (APNS) conserva-se uma relação dos serviços de louças e vidros que estavam no Real Paço de Sintra em 1 de janeiro de 1906, onde consta a contagem e sumária descrição dos serviços *Haviland Limoges* em causa: "Florinhas" e "A La Paix".

18 A propósito do almoço do Kaiser, a edição de 30 de março do *Diario Illustrado* descreve o seguinte: "Os serviços de louça e vidros eram finissimos, com adornos a côres e respectivas armas Reaes, tendo o monograma M. L. (Maria e Luiz)". *Diario Illustrado*, 30 março 1905: 1. Agradeço este dado a Fernando Montesinos.

19 A *Meza d'Estado*, no período que tratamos, é a designação pela qual se qualifica a mesa onde tomam assento os monarcas, seja a de quotidiano, seja a de gala, nos palácios sede da Corte ou nos palácios de vilegiatura. Tem uma hierarquia própria, sob as ordens do Encarregado da Mesa de Estado e servem-na cinco moços da prata com uniforme azul-escuro com galões a prata, no quotidiano, segundo memorialistas da época.

20 IANTT, CR, cx. 4842, Orçamento de Pillivuyt & Cie, 11 outubro 1888, cujo conhecimento agradeço a Cristina Ramos e Horta. IANTT, CR, cx. 7009, Factura de Pillivuyt & Cie, 23 Julho 1889 e IANTT, CR, cx. 7008, Fatura de Pillivuyt & Cie, 23 Janeiro 1895. Documentação partilhada por Maria do Carmo Rebello de Andrade.

21 No estudo deste serviço destaco o trabalho de inventariação realizado por Judite Barbosa, membro da equipa do Palácio Nacional de Sintra entre 2000 e 2008, responsável por coligir os dados da mantearia deste serviço para aquela data e por associar a sua utilização no dia-a-dia, na mesa da rainha D. Maria Pia.

22 *O Seculo*, 25 março 1905: 2. Dado fornecido por Fernando Montesinos. Sobre a visita a Portugal da rainha Alexandra e o seu impacto na imprensa, veja-se o primeiro capítulo da presente publicação, da sua autoria.

23 Meslin-Perrier, 1996: 5.

24 Veja-se, por exemplo, o sítio web da *Haviland Collectors International Foundation*, disponível em: http://www.havilandcollectors.com

25 *La Céramique Moderne par le Grand Dépôt*, 1889.

26 «Os nossos serviços, estando sempre muito completos na loja, podem ser entregues de imediato e ter reposições em qualquer altura». Tradução da autora. *La Céramique…*, 1889: 7.

27 Por «de imediato», esclareciam, «Avisamos que solicitamos [...] quinze dias para um Serviço de mesa em porcelana francesa decorada» Tradução da autora. *La Céramique…*, 1889: 2.

28 Palácio Nacional da Ajuda. Números de inventário: 49593 a 49597.

29 *La Céramique Moderne par le Grand Dépôt*, 1889: 6 e seguintes.

30 «Os Serviços serão compostos à vontade dos compradores pelo preço aqui apresentado». Tradução da autora. *La Céramique…*, 1889: 8.

31 Albis, Laurens d', *Les Haviland, une famille de porcelainiers*. Tradução da autora. Acedido em 2018, em: https://www.museeprotestant.org/notice/haviland-une-famille-de-porcelainiers.

32 Carnoy, 1987.

Agradeço a Laurens d'Albis, especialista da produção *Haviland*, a sua informação sobre a substituição de Mérigot por Jochum. Comunicação via Arthur Levin (*Haviland Collectors International Foundation*).

33 Tomasini, 2000: 19.

34 Entre 1872 e 1880-81 o artista dirige, para *Haviland & Co*, o *atelier d'Auteuil*. No caso de Bracquemond, a inovação encontra-se sobretudo na adaptação à cerâmica do seu conhecimento das artes gráficas, que são a sua especialidade. É precisamente para as artes gráficas que Bracquemond transfere a estética e os motivos japoneses.

35 Seria importante perceber até que ponto estaria o grande armazém a lançar o gosto ou a corresponder a um gosto do público, tema mais lato que se integra no estudo dos consumos em Paris, no sector das artes da mesa em particular, onde muito há ainda por desvendar, ideia formulada, por exemplo, por Pasdelou, 2014.

36 *Félix Bracquemond et les Arts Décoratifs*, 2005.

37 "A maior firma do mundo para os serviços de mesa, sobremesa e cristais". Tradução da autora.

38 APNA, cx. 66, doc. 501, Correspondência de D. Antónia para D. Luís, Sigmaringen, 7 dezembro 1888, levantada e transcrita por Francisco Louro (f. 1991), Bibliotecário do Palácio Nacional da Ajuda, no âmbito da recolha de correspondência da princesa D. Antónia, então em curso.

39 Para saber mais sobre a visita a Paris da rainha D. Maria Pia em 1867, veja-se Montesinos, 2017: 153-155.

40 Medalha de bronze, Exposição Universal de 1867, Paris.

41 Presentes na *classe* nº 17 (*Porcelaines, faïences et autres poteries de luxe*) da *galerie* nº 3 do *Palais*, galeria centrada nos "meubles et autres objets destinés à la habitation". Veja-se o *Catalogue officiel des exposants récompensés par le Jury international*, 1867: 18-22.

42 ANTT, CR, cx. 7008, recibo da casa *l'Escalier de Cristal*, Paris, 17 janeiro 1895.

43 «Acrescentamos, para provar que a nossa obra nos pertence de facto, que registámos os nossos modelos e que qualquer reprodução é interdita inclusive às manufacturas que as executam por nossa conta». Tradução da autora. Veja-se o catálogo de vendas *La Céramique…*, 1889 : 6 e seguintes.

44 *La Céramique…*, 1889: [92].

45 *Annuaire-almanach du commerce…* Paris, 1893.

46 APNA, 4.3.2., capilha 24, *Apontamentos de D. Maria Pia*, Paris, Hotel Liverpool, sem data.

47 APNA, 10.2.1, doc. 455, *Apontamentos de D. Maria Pia e do duque de Loulé*, Paris, Hotel Liverpool, sem data.

48 APNA, cx. 10.2.2, doc. 323, *Apontamentos do duque de Loulé*, Paris, 21 dezembro 1896.

49 APNA, 10.2.1, *Apontamentos pessoais de D. Maria Pia*, Paris, Hotel Liverpool, sem data.

50 ANTT, Casa Real, cx. 7008, Nota de envio de Louis & Sigismond Kohn, Paris, 6 novembro 1893.

51 Tomasini / Rorex, 2000: 25.

52 Champier, 1891. Se esta prancha já tinha sido localizada em anteriores estudos e nos fora enviada por Fernando Montesinos no conjunto de documentação reunida para este estudo, é Arthur Levin, investigador da produção da *Haviland* e membro da *Haviland Collectors International Foundation*, quem repara e nos comunica um detalhe determinante: a atribuição deste serviço numa publicação da época ao grande ceramista Dammouse. Também Laurens d'Albis concorda com esta atribuição. É assim possível corrigir definitivamente a atribuição anterior deste serviço a Lindeneher, quer por Tomasini, em 2000, quer no guia de formas *Marseille* pelos Wendt, em 2003.

53 ANTT, Casa Real, cx. 7008, Nota de envio de Louis & Sigismond Kohn, Paris, 6 novembro 1893.

54 APNA, cx. 10.2.2., *Mantearia do Palácio Nacional da Ajuda. Inventário da louça e Vidros pertencentes a Sua Magestade a rainha a Senhora D. Maria Pia*, Lisboa, 31 dezembro 1894.

55 APNS, Ofícios de 1903 a 1910 Diversos, *Serviços de louças e vidros que estão no Real Paço de Cintra em 1 de Janeiro de 1906 (n.º 5)*.

56 Para este e outros exemplos da modificação de funções das peças e respetiva nomenclatura, veja-se o apêndice documental.

57 ANTT, Casa Real, cx. 7008, Nota de envio de Louis & Sigismond Kohn, Paris, 6 novembro 1893.

58 Henri-Léon Pallandre, nascido em 1831, foi pintor de flores na manufatura de Sèvres de 1853 a 1870. Veja-se Lechevallier-Chevignard, 1908: 137.

59 Agradeço aos arquitetos-paisagistas Luísa Borralho e Mário Fortes, parceiros no estudo dos espécimes botânicos dos serviços *Haviland* da Casa Real Portuguesa, a identificação da flora e estas conclusões. Borralho / Fortes, 2016 (no prelo).

60 "Teve o cuidado de organizar uma verdadeira assimetria na sua decoração de flores desfolhadas, símbolo do tempo que passa". Tradução da autora. Meslin-Perrier, 1998: 177.

61 Tomasini / Rorex, 2000: 19.

62 Trabalho efetuado por Cláudio Marques, técnico superior do Palácio Nacional de Sintra, no âmbito do projeto expositivo *A Royal Lunch*. Identificaram-se 16 motivos multiflorais, 63 motivos florais simples e 9 motivos vegetais, estes últimos específicos para os pratos de sopa.

63 Rorex, 2000: 4-9. Professor Emérito do Departamento de História da Arte da Universidade de Iowa, especialista de motivos multiflorais da produção *Haviland*.

64 Em sintonia com a opinião de Dale Caldwell, colecionador e especialista de porcelana *Haviland*.

65 Opinião já enunciada por Rorex para a produção *Haviland*.

66 Na opinião de Luísa Borralho e Mário Fortes, arquitetos-paisagistas que têm vindo a trabalhar com o Palácio Nacional da Ajuda, colaborando na identificação dos espécimes botânicos representados nos serviços da Casa Real.

67 Para a formulação desta hipótese assume-se como certa a datação proposta por Chantal Meslin-Perrier para um serviço *Fleurs Saxe* da Haviland publicado no seu livro *La Porcelaine de Limoges* (editora Jean-Paul Gisserot). Meslin-Perrier, 2006: 32.

68 *Tarif des porcelaines et des faïences Haviland & Co*, 1879. Números 2400s e 2500s. Veja-se Rorex, 2000: 4; 2018: 58.

69 Rorex, 2000: 8 [Albis, 1988: 35].

70 Característica assinalada no estudo desenvolvido em 2016 por Mário Fortes e Luísa Borralho, que será publicado nas Atas dos *Colóquios de Primavera DIAITA I a III*.

71 Tomasini / Rorex, 2000: 24.

72 Lista inserida no artigo *Haviland Multiflorals: Saxon Flowers*, de junho de 2000, publicado na *Newsletter* da *Haviland Collectors International Foundation*, volume 10, número 5. O autor identificou doze motivos multiflorais ou *bouquets*.

73 Trabalho realizado a partir do artigo de Robert Rorex, mencionado na nota anterior.

74 Identificação de motivos efetuada por Cláudio Marques.

75 APNA, 10.2.2, doc. 273, *Serviço para Sintra*, fl. 2.

76 Agradeço a Sasha Lima a formulação desta hipótese.

APÊNDICE

Tabela comparativa da nomenclatura, tipologias e quantidades do serviço “Florinhas” a partir de fontes primárias, 1893-1906.

	ANTT, CR, cx. 7008, Nota de envio de Louis & Sigismond Kohn, Paris, 6 novembro 1893. Modelo: Marseille Filete d’ouro: 3546 Monograma “MP” Coroa real		**APNA, 10.2.2., *Inventário da louça e vidros pertencentes a Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria Pia*, Lisboa, 31 dezembro 1894. Serviço N.º 5.**		**APNA, cx. 10.2.1., Apontamentos de D. Maria Pia, Paris [1896], “Louça Limoges de Cintra para 60 pessoas de florinhas”.**		**APNA, 7.1.1., Fatura da *Haviland*, 6 novembro 1901.**		**APNS, Ofícios de 1903 a 1910, *Serviços de louças e vidros que estão no Real Paço de Cintra em 1906*.**	**Nomenclatura atualizada**
180	Assiettes plates 8 ½	191	Pratos guardanapo	120	Par<a> guardanapo	112	Assiettes plates 8 ½	188	Pratos de guardanapo	Prato raso
48	Assiettes creuses	60	Pratos sopeiros	24	Pratos sopeiros	22	Assiettes à soupe .	58	Pratos sopeiros	Prato de sopa
4	Plats ronds 10	15	Travessas diferentes			12	Plats ronds d’entrée 10	14	Travessas diferentes	Prato de entradas
4	Plats ronds 11									Prato de arroz (?)
4	Plats ronds 12									Prato de serviço
4	Plats ovales 12									Travessa 12
4	Plats ovales 14									Travessa 14
4	Plats ovales 16									Travessa 16
2	Plats ovales 18	16	Pratos travessos							Travessa 18
2	Plats à rigoles 20									Travessa nervurada
2	Plats à poissons 21									Travessa de peixe 21
2	Plats à poissons 24	4	“ compridas, para peixe					4	Travessas compridas para peixe	Travessa de peixe 24
2	Plats turbot à grille 16	2	Pratos para peixe, teem almas			2	Assiettes à poisson 21	2	pratos redondos	Travessa para pregado com escorredor
								2	almas dos ditos	Escorredor
4	Soupières 1e	4	Terrinas grandes					4	Terrinas grandes	Terrina
								4	Tampas das ditas	Tampa de terrina
10	Legumiers	10	Pratos cobertos					10	Pratos cobertos	Prato coberto / Legumeiro
								10	Tampas dos ditos	
10	Saucières à plts	10	Suceiras			8	Saucières & plateaux	10	Sauceiras/molheiras	Molheira
5	Saladiers feuille 1e	5	Saladeiras, teem azas					5	Saladeiras com azas	Saladeira 1º
16	Raviers ajourés 1e							16	Travessa pequenas recorta-das para conservas	Prato de conservas
1	Jardinière 1e et plateau	1	Centro de meza					1	Centro de meza	Floreira / Centro de mesa
18	Ass. à pied Marseille même décor	30	Fructeiros differentes					30	Fructeiros differentes	Fruteiro com pé
12	Compotiers hauts									Fruteiro alto
4	Jattes hautes	4	Pratos couvos					4	Pratos couvos para compota	Taças
3	Sucriers à poudre									Açucareiros polvilhadores
48	Assietes à asperges	47	Pratos com duas divisões					47	Pratos para espargos com duas divisões	Prato de espargos
4	Compotiers 3 div. 1e Rinceaux	4	Pratos com trez divisóes			12	Compotiers 3 divisions 1 Rinceaux	4	Pratos redondos com trez divisões	Prato tripartido
12	Assiettes plates 8 ½									
12	Assiettes creuses 8 ½									
48	Boîtes couvertes 6	48	Canecas com tampas, para creme cosido					48	Canecas para creme cosido	Cremeiras com tamp
8	Plateaux de pots à crème	8	Travessas quadradas, teem azas					8	Travessas quadradas com azas	Bandeja
144	Ass. plates 7 ½	144	Pratos sobremeza	120	“ sobremeza	100	Assiettes à dessert 7 ½			Prato de sobremesa Dessert dish
1	Sucrier ovale									Açucareiro oval
48	p.res genieux (?)	48	Tigellas d’almoço	24	idem [chávenas e pires] d’almoço	12	“ “ déjeuner	48	Tigellas para almoço	Chávenas almoçadeiras
		48	Pires das ditas					48	Pires das ditas	Pires
48	p.res tasses extra	48	Chávenas para chá	24	idem [chávenas e pires] para chá	12	P.. tasse thé Extra	48	chávenas para chá	Chávena de chá
		48	Pires das ditas					47	pires das ditas	Pires
48	p.res tasses café 2.e	48	Chávenas para café	24	Chávenas e pires para café	12	“ “ café 2e	48	Chávenas para café	Chávena de café
		48	Pires das ditas					46	Pires das ditas	Pires
1	Tête à tête à thé Marseille	1	Tabuleiro de louça					1	Tabuleiro	Serviço de chá para duas pessoas com tabuleiro
		1	Leiteira					1	Leiteira	Leiteira
		1	Bule					1	Bule	Bule
		1	Assucareiro					1	Assucareiro	Açucareiro
								1	Tampa do dito	Tampa de açucareiro
		2	Chávenas para chá					2	Chávenas para chá	Chávena de chá
		2	Pires das ditas					2	Pires das ditas	Pires
24	Sucriers feuille ½ t[aille]	24	Canecas para creme crú					24	Canecas para creme cru	Açucareiros / cremeiras
12	Moutardiers	12	Mostardeiras com tampas					12	Mostardeiras	Mostardeiras
								12	Tampas das ditas	Tampa de mostardeira
48	Coquetiers	48	Canecas para geleia					48	Canecas para gelado	Oveiro / Copo de gelado
		4	Travessas para espargos; teem almas			4	Plats à asperges	4	Travessas para espargos	Travessa de espargos com escorredor
								4	Almas das ditas	Escorredor
		12	Pratos d’entrada differentes					12	Pratos d’entrada differentes	Prato de entrada

NB: passível de análise de vários pontos de vista – quantidades de peças, diferentes tipologias, peças desaparecidas ou não – esta tabela permite notar, por exempo, dois casos interessantes de alteração de função: os açucareiros folha (abertos, individuais, para cubos de açúcar) registados pelo manteeiro como canecas para creme cru (natas) ou cremeiras; os oveiros como copos de geleia (*jelly cups* ou *syllabub cups*, típicos da era vitoriana), arrumados depois como copos de gelado. É possivelmente este erro de arrumação que faz com que, aparentemente, não sejam usados, dada a desadequação de tamanho, e venham a ser substituídos por peças de vidro em banquetes subsequentes ao da rainha Alexandra. Da mesma forma, a estranheza perante as peças tripartidas, destinadas ao serviço de *hors d'oeuvre*, fica patente no seu registo como "pratos de entrada differentes".

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES MANUSCRITAS

Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda (APNA)

APNA, 4.1.2., cx. 1, doc. 773, Nomeação de pessoal da Cozinha do Palácio da Ajuda.

APNA, 4.1.2., cx. 3, doc. 87, Ordem para pagamento de gratificações, Mordomia Particular, 31 maio 1904.

APNA, 4.3.2. _ 1, Apontamentos de D. Maria Pia.

APNA, 7.1.1., doc. 75, Factura da casa Haviland, 6 novembro 1901.

APNA, 10.2.1., Apontamentos de D. Maria Pia, Paris, [1896-1905].

APNA, 10.2.1., doc. 81, Correspondência da Haviland & Co., Paris, 7 novembro 1901.

APNA, 10.2.1., doc. 89, Correspondência da Haviland & Co., Paris, 1902.

APNA, 10.2.1., doc. 90, Correspondência da Haviland & Co., Paris, 14 fevereiro 1902.

APNA, 10.2.2., doc. 13, *Inventário da louça e Vidros pertencentes a Sua Magestade a rainha a Senhora D. Maria Pia*, Lisboa, 31 dezembro de 1994.

APNA, 10.2.2., doc. 323, Apontamentos do Duque de Loulé, Paris, 21 dezembro 1896.

APNA, 10.2.2., docs. 272-273, Relação do serviço que foi para Sintra, 21 março 1905.

APNA, cx. 66, doc. 501, Correspondência de D. Antónia para D. Luís, Sigmaringen, 7 dezembro 1888.

APNA, 5.II.1 (a), Livro de registo dos funcionários do Paço da Ajuda.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Fundo Arquivo da Casa Real (CR)

ANTT, CR, cx. 4842, Orçamento de *Pillivuyt & Cie*, 11 de outubro de 1888.

ANTT, CR, cx. 7008, Recibo da casa *l'Escalier de Cristal*, Paris, 17 janeiro 1895.

ANTT, CR, cx. 7008, Factura de *Pillivuyt & Cie*, 23 janeiro 1895

ANTT, CR, cx. 7009, Factura de *Pillivuyt & Cie*, 23 julho 1889

FONTES IMPRESSAS E BIBLIOGRAFIA

ALBIS, Laurens d' (1993): "Haviland et la révolution du décor 1873-1885", in *Dossier de l'art*, n.º 12, maio-junho, p. 56-62.

ALBIS, Jean d' (1988): *Haviland*, Paris, Dessain et Tolra.

ALBIS, Laurens d' (20??): *Les Haviland, une famille de porcelainiers*, Musée protestant. Disponível em https://www.museeprotestant.org/notice/haviland-une-famille-de-porcelainiers

ANDRADE, Maria do Carmo Rebello de (2011): *Maria Pia de Sabóia, Rainha de Portugal. Fotobiografia*, Lisboa, Instituto dos Museus e da Conservação/Palácio Nacional da Ajuda.

ARMINJON, Catherine/BLONDEL, Nicole (coord.) (1984): *Objets Civils Domestiques*, Paris, Imprimerie Nationale.

BLOIT, Michel (1988): *Trois Siècles de Porcelaine de Paris*, Paris, Éditions Hervas.

BORRALHO, Maria Luísa/FORTES, Mário Luís (6 maio 2016): "Flores à mesa da rainha D. Maria Pia". Comunicação apresentada ao Colóquio de Primavera DIAITA I *A Mesa e as Artes* (no prelo). Lisboa: Palácio Nacional da Ajuda, 6-7 maio 2016.

BOUILLON, Jean-Paul/MESLIN-PERRIER, Chantal (2005): *Félix Bracquemond et les arts décoratifs. Du Japonisme à l'Art Nouveau* [catálogo de exposição], Paris, Réunion des Musées nationaux. Fichtelgebirge: Deutsches Porzellanmuseum, 25 julho-25 outubro 2005 ; Beauvais: Musée départemental de l'Oise, 15 novembro 2005-14 fevereiro 2006.

BOURGEOIS, E. (ed.) (1889): *La Céramique Moderne par Le Grand Dépôt. Porcelaines, faiences et cristaux*, Paris, Imprimerie Charles Verneau.

CARNOY, Henri (dir.) (1987): *Dictionnaire Biographique International des Écrivains et des Artistes Savants*, vol. 1-4, Hildesheim/Zürich/Nova Iorque, Georg Olms.

CHAMPIER, Victor (ed.) (1889-1891): *Les Industries d'Art à l'Exposition Universelle de 1889. Supplément* à *la Revue des Arts D*écoratifs, 2 tomos, Paris, Union Centrale des Arts Décoratifs. Disponíveis em https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5568511v

CHANCENAY, Claire de (1890) : «Les étrennes de luxe», in *Le Figaro - Supplément Littéraire*, 27 dezembro 1890, p. 212. Disponível em https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k272576v

CORREIA, Cristina Neiva (2008): "*Quelques Petits Souvenirs de Sévres*. Elementos para o estudo do acervo cerâmico do Palácio Nacional da Ajuda", in *Revista de Artes Decorativas*, n.º2, Porto, Universidade Católica Portuguesa, CITAR - Centro de Investigação Académico da Escola das Artes, p. 85-122.

CÔRTE PORTUGUEZA (Junho de 1896): *Casa de Suas Magestades*, Lisboa, Ateliers Graphicos Brito Nogueira.

COUTTS, Howard (2001): *The Art of Ceramics. European Ceramic Design. 1530-1830*, New Haven/Londres, Yale University Press.

FAY-HALLÉ, Antoinette/MUNDT, Barbara (1983): *Nineteenth-century European porcelain*, London, Trefoil Books.

FERRO, Inês/FLORES, Ana (2002): *Inventário do Palácio de Queluz. Colecção de cerâmica. Palácios*, Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico.

FIRMIN-DIDOT, Ambroise (1893) (dir.): *Annuaire-almanach du commerce, de l'industrie, de la magistrature et de l'administration : ou almanach des 1.500.000 adresses de Paris, des départements et des pays étrangers*, 3 volumes, Paris. Disponíveis em https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/cb32695639f/date1893

GASPAR, Diogo (2005): *Ourivesaria e porcelana do Palácio de Belém* [catálogo de exposição], Lisboa, Museu da Presidência da República.

GASTON, Mary Frank (2000): *Collector's Encyclopedia of Limoges Porcelain*, 3ª edição, Paducah-Kentucky, Collector Books.

GIRVEAU, Bruno (2001) (coord.): *A table au XIXe siècle* [catálogo de exposição], Paris, Réunion des musées nationaux/ Flammarion. Paris: Musée d'Orsay, 4 dezembro 2001-3 março 2002.

GRISERI, Andreina/ROMANO, Giovanni (1986): *Porcellane e argenti del Palazzo Reale di Torino* [catálogo de exposição], Milão, Fabri Editori. Turim: Palazzo Reale, setembro-dezembro 1986.

HEBRARD, Adrien (dir.) (1890): «Haviland et C[ie]», in *Supplément au journal Le Temps*, 15 maio 1890, p. 12. Disponível em https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k232545g

HEUGEL, Inès (2009): *La Passion des Arts de la Table*, Paris, Éditions du Chêne.

JARDIM, Maria do Rosário (2017), "Photografias de S. M. a Rainha D. Maria Pia", in *Um Olhar Real. Obra Artística da Rainha D. Maria Pia. Desenho, Aguarela e Fotografia* [catálogo de exposição], Lisboa, DGPC/Palácio Nacional da Ajuda, p. 166-205. Lisboa: Galeria de Pintura do Rei D. Luís, 16 dezembro 2016-31 maio 2017.

LECHEVALLIER-CHEVIGNARD, Georges (1908): *La Manufacture de porcelaine de Sèvres. Histoire - Organisation - Ateliers - Musée céramique - Répertoire des marques et monogrammes d'artistes*, Paris, Librairie Renouard & H. Laurens Éditeur. Disponível em https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6449924k

LEYMARIE, Camille (1891) : «L'industrie de la porcelaine a Limoges. La Maison Haviland», in *L'art dans la vie contemporaine. Revue des Arts Décoratifs*, Paris, Union Centrale des Arts Décoratifs, p. 260-268. Disponível em https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5567460p

LOPES, Maria Antónia (2013): *Rainhas que o povo amou. Estefânia de Hohenzollern. Maria Pia de Saboia*, Lisboa, Círculo de Leitores.

LOPES, Maria Antónia (2013): "Maria Pia de Sabóia (1847-1911) Rainha de Portugal: um pilar da monarquia portuguesa e das relações Portugal-Itália", in LOPES, Maria Antónia / RAVIOLA, Blythe Alice (coord.) (2012): *Portugal e o Piemonte. A Casa Real portuguesa e os Sabóias. Nove séculos de relações dinásticas e destinos políticos (XII-XX)*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 239-299. Disponível em http://hdl.handle.net/10316/29591

MANNONI, Edith (1993): *Porcelaine de Limoges*, Paris, Massin Éditeur.

MESLIN-PERRIER, Chantal (1996): *Chefs-d'œuvre de la porcelaine de Limoges* [catálogo de exposição], Paris, Réunion des musées nationaux/Musée national Adrien Dubouché. Paris: Musée du Luxembourg, 30 janeiro-28 abril 1996.

MESLIN-PERRIER, Chantal (2006): *La Porcelaine de Limoges*, Paris, Editions Jean-paul Gisserot.

MESLIN-PERRIER, Chantal (1998): «Le Japonisme et la Porcelaine de Limoges», in *Regards et discours européens sur le Japon et l'Inde au XIXe siècle (1998: 169-178)*, atas do coloquio, Limoges, Presses Universitaires de Limoges.

MONTESINOS, Fernando (2017): *Retrato de jovem nobre, cavaleiro da ordem de Calatrava*, Coleções Em Foco, vol. 1, Sintra, PSML. Disponível em www.parquesdesintra.pt

NOBRE, Eduardo (2003): *Casa Real. Fotografias, documentos, manuscritos, memorabilia*, Lisboa, Quimera.

OREY, Leonor d' (ed.) (1999): *Mesas reais europeias: encomendas e ofertas*, atas do simpósio internacional, Lisboa, Instituto Português de Museus. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, 12-14 dezembro 1999.

PASDELOU, Sabine (2014): *Le Grand Dépôt d'Émile Bourgeois. Stratégies et risques des commerces de céramique (2e moitié du XIXe siècle)*, in *Sèvres Revue de la* Société *des Amis du Musée national de Céramique*, n.º 23, p. 103-111.

PEREIRA, Ana Marques (2000): *Mesa real. Dinastia de Bragança*, Lisboa, Inapa.

QUENEAU, Jacqueline (2006): *La grande historie des Arts de la table*, Paris, Aubanel.

RAMIRO, Elisa/SUÁREZ, Miguel (2005): *L'aventure de la porcelaine et arts de la table*, Paris, Hachette Collections.

REIS, Ana Maria Batalha (coord.) (1987): *Porcelana europeia. Reservas do Palácio Nacional da Ajuda* [catálogo de exposição], Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa: Museu Calouste Gulbenkian/Palácio Nacional da Ajuda.

RICHARDS, Sarah (1999): *Eighteenth-century Ceramics. Products for a Civilised Society*, Manchester-Nova Iorque, Manchester University Press.

ROREX, Robert (2005): "Haviland Multiflorals. Saxon Flowers", in *Haviland Collectors International Foundation Quarterly Newsletter*, vol. 10, n.º. 5, p. 4-9.

ROREX, Robert (2018): "Haviland Multiflorals. Saxon Flowers", in *Haviland Annual*, Haviland Collectors International Foundation, vol. 27, p. 58-62. [Artigo revisto e atualizado por Dale Caldwell e Karen e Arthur Levin, sob aprovação do autor]

SILVEIRA, Luís Nuno Espinha da/FERNANDES, Paulo Jorge (2013): *D. Luís*, Lisboa, Círculo de Leitores.

TOMASINI, Wallace/ROREX, Robert (2000): *Dining With Flowers. Haviland Porcelain from 1860 to 1910* [catálogo de exposição], Iowa, Haviland Collectors International Education Foundation.

VAZ, João (2016) (coord.): *Um Olhar Real. Obra Artística da Rainha D. Maria Pia. Desenho, Aguarela e Fotografia* [catálogo da exposição], Lisboa, DGPC/Palácio Nacional da Ajuda. Lisboa: Galeria de Pintura do Rei D. Luís, 16 dezembro 2016-31 maio 2017.

VOGT, Georges (1901): *Exposition universelle internationale de 1900 à Paris. Rapports du jury international. Classe 72 céramique*, Paris, Imprimerie Nationale. Disponível em https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6281606r

WENDT, Eileen (2003): *The Marseille Blank of Haviland & Co. Limoges, France. An Identification Guide*, Iowa, Haviland Collectors International Education Foundation.

Menu
ROYAL PALAIS DE CINTRA
HORS D'OEUVRE

COLEÇÕES
EM FOCO
PALÁCIOS
NACIONAIS
SINTRA QUELUZ PENA

#02 / 2019

Teresa Maranhas
Conservadora das coleções de Ourivesaria e Joalharia
Palácio Nacional da Ajuda

A PRATA DO SERVIÇO PARA SINTRA

As listagens da prata requerida à Mantearia do Real Paço da Ajuda[1], para o serviço das mesas na receção a convidados de honra noutros Paços Reais durante a última década da monarquia portuguesa[2], revelam a presença dos dois grandes grupos de prataria civil da Casa Real.

O primeiro grupo é constituído pela prata pertencente aos designados *Bens da Coroa*, de legado dinástico e de natureza inalienável, que estava reservada ao usufruto dos membros da família real, representada no caso vertente, por objetos de comodidade quotidiana. Estes, quase sempre marcados pelas iniciais "R.T." (Real Tesouro), "R.M." (Real Mantearia), ou apenas pela representação heráldica das armas reais portuguesas ou das Armas do Reino Unido, Portugal, Brasil e Algarves (1816-1826), constituem a denominada "Prata do Real Tesouro"[3].
Por ocasião da instauração do regime republicano e da nacionalização dos Palácios Reais, a "Prata do Real Tesouro" encontrava-se guardada na Casa Forte do Palácio das Necessidades, onde foi objeto de Arrolamento Judicial (1911-1913)[4], vindo depois a ser transferida, e consequentemente dispersa, pelas coleções dos Palácios Nacionais da Ajuda, Mafra, Queluz, Pena, Sintra, Necessidades, Belém, Cidadela de Cascais e do Museu Nacional Soares dos Reis.[5]

Não raramente, como veremos, eram também requeridas à Mantearia três salvas, ditas "da Baixela", reportando esta designação àquela que é conhecida como a "primeira baixela da Coroa"[6], o notável serviço de mesa encomendado em 1756 pelo rei D. José I a François Thomas Germain[7] e que esteve sempre presente nos grandes banquetes de aparato da Casa Real.

O segundo grupo é constituído pela prata de caráter pessoal, que configura os designados *Bens particulares* da família real e que estava vinculada na sua origem aos membros da Casa Real. A sua natureza sucessória e hereditária, determinou a respetiva dispersão, numa primeira fase ainda durante o período monárquico e, logo a seguir, após a implantação da República, com o processo de arrolamento judicial e confirmação de atribuições de propriedade. Muitos destes bens foram reclamados por D. Manuel II e D. Amélia, já no exílio. A dispersão da prata deste segundo grupo nos anos imediatos à implantação da República ficou também marcada pela venda em leilão de um significativo lote pertencente à rainha D. Maria Pia, como mais adiante veremos. Esta prata de caráter particular é elencada nas mencionadas listas sob designações ou títulos pouco esclarecedores e mesmo dissonantes, tais como: "Prata Lisboa", "Prata do casamento", "Prata diferente", "Prata diferente de Sua Magestade", "Christofle de Sua Magestade", "D. Pedro V", "Prata de Sua Alteza". Àqueles títulos vêm ainda juntar-se dois outros termos não menos imprecisos, "Alto relevo" e "Á Luiz XV", para designar serviços, também eles adstritos aos bens particulares, mas cuja identificação está ainda por aferir.

À luz deste contexto, importa sublinhar o caráter heterogéneo dos mencionados grupos de prata, circunstância que necessariamente enquadra o presente estudo e condiciona as identificações possíveis através deste extenso rol. Com efeito, estamos perante duas categorias consignadas a um universo extremamente diversificado e complexo de prataria civil da Casa Real, cujo estudo aprofundado, de grande abrangência cronológica, está ainda por realizar. Só uma investigação comparada de inventários, cruzada com demais documentação complementar, permitirá compreender a génese destas grandes categorias de prata, os princípios da sua gestão administrativa e utilização ao serviço da Casa Real, bem como proceder à identificação dos acervos nas coleções do Estado e de outros conjuntos de peças, cujas vissicitudes históricas e o tempo se encarregaram de dispersar.

Em virtude destas circunstâncias, o desafiante exercício que constutuiu a identificação de alguns objetos e grupos de prata em foco neste estudo, nem sempre tão assertiva quanto desejaríamos, coloca ainda muitas questões e deixa em aberto perguntas por responder.

A análise diacrónica das listagens de prata saída da Mantearia no circunscrito âmbito cronológico e para os fins em questão, permite constatar que as categorias ou classes de prata designadas são rotineiras e seguem uma sequência padronizada, agrupando sob cada um dos títulos quantidades e tipologias que pouco divergem de lista para lista. Cremos que as alterações que pontualmente ocorrem neste domínio possam ter sido determinadas por circunstâncias de vária ordem, tais como as opções relativamente à composição ornamental do eixo central da mesa, as condicionantes afetas ao próprio evento, o número de convivas ou a constituição da ementa, entre outras. A leitura comparada desta documentação permitiu ainda compreender a utilização efetiva de determinados objetos ou conjuntos que casualmente foram, noutra lista, designados pela sua função.

Foi um numeroso e complexo trem de prataria civil aquele que serviu no almoço oferecido na Sala das Pegas do Real Paço de Sintra em honra da rainha Alexandra do Reino Unido, a convite da rainha D. Maria Pia e do seu filho, o rei D. Carlos, a 24 de março de 1905. Se, nalgumas ocasiões, a documentação coeva testemunha a saída destes grupos de prata – ou, pelo menos, de grande parte deles – da Mantearia para o exterior, não especificando porém o fim a que se destinam, noutras atesta claramente a sua utilização ao serviço da Casa Real, para obsequiar, à semelhança do que sucedeu com a rainha Alexandra, outros proeminentes convidados. A *Relação dos objectos que sairam da Mantearia do Real Paço da Ajuda para o Real Paço de Sintra*[8], a 23 de julho de 1904, e deste para o Real *Chalet* do Estoril[9], a 20 de setembro do mesmo ano[10], bem como outra documentação coeva confirmam esta questão. A mencionada *Relação dos objectos,* redigida pela mão do comendador António Duarte, chefe de mesa de Sua Majestade a Rainha D. Maria Pia e responsável pela decoração da mesa do almoço oferecido em honra da Rainha Alexandra[11], que viria a ocorrer seis meses mais tarde, elenca em extenso rol os designados grupos de prata. Em modo de título, a folha de rosto anuncia: "Relação dos Objectos que sairam da arrecadação (Mantieiria) do Real Paço d'Ajuda, para este Paço de Sintra, 23 de Julho de 1904", assinada pelo próprio "O Chefe, António Duarte". Para além dos grupos da prata, o rol menciona os objetos de alumínio para o apoio ao serviço de cozinha, bem como os serviços de vidro e os de louça, estes dois últimos pertencentes, na sua totalidade, a Sua Majestade. A transferência dos objetos listados, da Mantearia do Real Paço de Sintra para o Real *Chalet* do Monte Estoril, "por ordem superior", ocorreu, como já referido,

a 20 de setembro daquele ano. António Duarte encerra o seu registo, dando conta das baixas verificadas, através da seguinte nota: ”Objetos que faltavam na ocasião da chamada para serem enviados para os seus destinos. Os seguintes: 2 garfos Christofle [e] roupa: 5 guardanapos finos”.[12]

Sucedem-se outras listagens, cronologicamente posteriores ao almoço oferecido à rainha do Reino Unido, que discriminam os referidos grupos de prata e os fins a que se destinavam, designadamente o rol de 28 de outubro de 1905, com as pratas, louças e vidros que serviram no almoço oferecido naquele dia, pelo rei D. Carlos e pela rainha D. Amélia, ao presidente francês Émile Loubet[13], no Real Paço de Sintra; a lista com a prata [...] *De sua M*[agestade] *R*[ainha] *que se emprestou às Necessidades*, a 9 de março de 1907[14] e, do mesmo dia, uma outra que discrimina o *Serviço que foi para Cintra para o chá do rei* [de] *Saxe* [da Saxónia][15] Friedrich August III, que dois dias depois esteve em Sintra a convite da rainha D. Maria Pia, ou, ainda, o repertório da *Prata de Sua Magestade para o jantar aos Expedicionários* da campanha militar africana ao Cuamato, de 17 de dezembro de 1907.[16] Neste último caso, o jantar para cerca de cento e cinquenta talheres foi realizado no próprio dia 17 na Sala da Ceia do Paço da Ajuda, a convite do rei D. Carlos e precedido, no dia anterior, pela apresentação de cumprimentos dos oficiais expedicionários à anfitriã, a rainha D. Maria Pia.[17]

A par deste constante transporte de pratas da Mantearia da Ajuda para o exterior, é credível que nos Paços Reais permanecessem alguns conjuntos de prata de utilidade corrente destinados a assegurar o funcionamento diário das mesas de Estado.[18]

Relação do Serviço que foi para Sintra

A Relação do Serviço que foi para Sintra, designada simplesmente por *Serviço para Cintra*[19] – e que serviu de ponto de partida e base à montagem da mesa no projeto expositivo “A Royal Lunch”[20] –, parece ser o resultado final e definitivo das reais necessidades de aprovisionamento de pratas, louças e vidros para o efeito. Esta dedução advém do facto de existir um outro registo da mesma relação designado por *Serviço em Cintra em 21 Março de 1905*,[21] no qual constatamos que alguns objetos de prata e bronze são precedidos pelas iniciais “nf”, anotadas a lápis, para indicar

que a respetiva rubrica *não foi*, afinal de contas, selecionada. Tal foi o caso de "1 vaso fosco", "2 floreiras", "serpentinas [e] 28 bobeches [dos] estojo[s] 10 [e] 11", "serpentinas [e] 14 bobeches [do] casamento", "candelabros [e] 24 bobeches [de] bronze", "serpentinas [de] bronze douradas e 10 bobeches"[22], "1 aro com dois vidros para dôce" e, ainda, "do Quarto de S.M. 2 peças redondas com almas de vidro"[23]. Também em relação à rubrica em que são discriminadas 8 salvas de diferentes tamanhos, individualizadas por uma referência numérica que consta gravada no reverso das peças, verificamos que algumas dessas referências se apresentam rasuradas e substituídas por outras, anotadas a lápis.

Não deixa também de ser interessante a existência de dois outros documentos anteriores à data de 21 de março de 1905 relativos à deslocação destes serviços de Lisboa para Sintra, identificados pelo mesmo título *Serviço que foi para Cintra (R. Ingleza)* pelos seus redatores. Um apresenta a data de 15 de março[24], o outro, de 16.[25] O primeiro menciona apenas os serviços de vidro que correspondem ao elenco final de peças. O segundo, de conteúdo mais abrangente, compreende pratas, louças e vidros, numa versão em tudo semelhante ao citado documento *Serviço para Cintra*. Estes documentos tornam-se particularmente relevantes pela sua datação, na medida em que esta coloca a forte probabilidade de todo o material ter sido transferido com um maior prazo de antecedência para o local de destino. O categórico pretérito perfeito de que os redatores fizeram uso ao registar Serviço *que foi* para Cintra não deixa lugar a dúvidas. Aliás, se considerarmos que a chegada da rainha Alexandra a Lisboa estava prevista inicialmente para dia 15 e que, devido ao forte temporal, aquela data foi sendo sucessivamente adiada, primeiro para 16, depois para 17 e, finalmente, para 22,[26] os dois documentos mencionados vêm em definitivo confirmar que o transporte do Serviço para Sintra ocorreu de facto mais cedo. Neste sentido, ganham nova relevância no âmbito dos preparativos para a realização do almoço em honra da rainha inglesa.

A impressionante quantidade de prata elencada nestes documentos, que nos parece estar muito para além das necessidades de um almoço para os quarenta e nove ilustres convivas alinhados no plano de mesa para o dia 24 de março de 1905,[27] poderá explicar-se com uma de duas hipóteses. Numa primeira conjetura, podemos supor que este aprovisionamento tenha sido intencionalmente planeado, por

forma a permitir que, no próprio local, o chefe de mesa, responsável pela decoração, pudesse antecipadamente equacionar algumas alternativas na conjugação de peças e conjuntos, com vista a uma melhor conceção final. Numa segunda hipótese, porventura mais provável, considerando que cinco dias mais tarde, a 29 de março, decorreria na mesma sala um outro almoço oferecido pela família real em honra do Imperador da Alemanha, Wilhelm II, somos levados a supor que uma única requisição de prata à Mantearia do Paço da Ajuda e um transporte conjunto de todos os bens necessários possam ter sido levados em conta como forma de economizar meios e simplificar procedimentos. Em qualquer uma destas versões não deveremos excluir a possibilidade de alguns conteúdos deste rol poderem ter sido colocados noutros espaços de circulação e convívio adjacentes à Sala das Pegas.

A análise detalhada da prata que integra a lista do *Serviço para Cintra* torna evidente que a prata da rainha D. Maria Pia, presente em considerável quantidade, desempenhou um importante papel nesta ocasião, quer na decoração das mesas, quer no complemento de objetos colocados em aparador ou, ainda, nos apontamentos que concorreram para a ornamentação do espaço em que se desenrolou a refeição, como adiante veremos.

Prata do Casamento

Um dos primeiros grupos de prata da soberana a ser mencionado é o do "Casamento", também designado na documentação coeva por "prata do casamento" ou "prata de Sua Magestade" e que corresponde à baixela de mesa que D. Maria Pia, então princesa de Sabóia, terá trazido de Itália quando veio para Portugal para casar com o rei D. Luís I, em 1862.[28] Trata-se de uma baixela de prata executada em Paris, nas oficinas da *Maison* Veyrat, sob a direção de Augustin-Pierre-Adolphe Veyrat (1809-1883), constituída por sessenta e uma peças em prata e cristal, um faqueiro com cento e noventa e quatro talheres, e um serviço de chá e café com seis peças. Em termos formais e estilísticos, revela uma linguagem revivalista de cariz romântico, numa evocação do estilo Louis XV, aquele que claramente viria a ser o preferido da rainha nas aquisições feitas ao longo de todo o reinado. Os seis estojos originais desta baixela, fundamentais para a deslocação das peças, neste caso para o Paço de Sintra, conservam-se hoje no acervo do Palácio Nacional da Ajuda.

[fig. 1]
Prato coberto
Augustin Veyrat
Paris, século XIX (3.º quartel)
Prata e cristal

Palácio Nacional da Ajuda
Inv. 50706

Cortesia da Direção-Geral do Património Cultural

[fig. 2]
Fruteiro triplo ou "prato montado"
Augustin Veyrat
Paris, século XIX (3.º quartel)
Prata e cristal

Palácio Nacional da Ajuda
Inv. 50756

Cortesia da Direção-Geral do Património Cultural

[fig. 3]
Fruteiro
Augustin Veyrat
Paris, século XIX (3.º quartel)
Prata e cristal

Palácio Nacional da Ajuda
Inv. 50762

Cortesia da Direção-Geral do Património Cultural

Algumas das peças de maior dimensão foram selecionadas para Sintra, como sejam as duas urnas, mas sem as respetivas tampas, designadas no documento por "vasos sem tampa"[29], a terrina ("1 terrina grande e tampa"), os dois pratos cobertos ("2 terrinas pequenas e tampas") [fig. 1], os dois fruteiros triplos ("2 pratos montados") [fig. 2], dois outros fruteiros de um prato só ("2 pratos para fructa") [fig. 3], o serviço de chá e café, sem o seu monumental tabuleiro e, ainda, a totalidade dos talheres de mesa e sobremesa.

[fig. 4]
Monograma "MP" do Prato coberto
Portugal, século XIX (3.º quartel)
Prata

Palácio Nacional da Ajuda
Inv. 50706

Cortesia da Direção-Geral do Património Cultural

O Arrolamento Judicial (1911-1913), realizado por ocasião da nacionalização dos Palácios Reais pelo novo regime republicano, descreve-o como "[...] prata com as antigas armas reaes portuguezas e italianas, [...] serviço conhecido pelo nome de «prata do casamento» que a snr.ª D. Maria Pia troxe de Italia quando veio para Portugal, segundo informação de Pedro Dias"[30]. Noutros inventários do tempo da monarquia, este serviço é sempre referenciado como pertença de D. Maria Pia. Assim sucede numa *Relação de peças de um faqueiro pertencente à rainha D. Maria Pia*, referente aos talheres desta baixela, com data de 2 de novembro de 1869,[31] no inventário da *Prata de Sua Magestade Rainha A Senhora D. Maria Pia*, lavrado em 1891,[32] no inventário da Casa Real de 1894, onde é registado sob o título *Prata com as Armas reaes Portuguesas e Italianas pertencente a Sua Magestade*[33] e, ainda, em novo arrolamento de toda a prata pertencente a D. Maria Pia, lavrado em 1907.[34]

A intrínseca ligação deste serviço à figura da rainha D. Maria Pia está patente nos próprios objetos que o compõem, quer pela gravação sistemática do seu monograma "MP" em todos eles [fig. 4], quer pela representação heráldica das armas de aliança de Portugal e Sabóia sob a coroa real, aludindo ao seu enlaçe matrimonial. O monograma da soberana marca também todas as peças de cristal, sendo neste caso composto pela inicial "M" e dois "PP" opostos, sob coroa real.[35]

[fig. 5]
Terrina
Portugal, século XIX (1.ª metade)
Prata

Palácio Nacional da Ajuda
Inv. 4330

Prata diferente

A lista do *Serviço para Cintra* prossegue com a “Prata diferente”, título sob o qual são discriminadas importantes e heterógeneas categorias de prata e alguns objetos cujo registo genérico lamentavelmente não permite a sua filiação em nenhuma dessas categorias. Para além disto, algumas tipologias compreendem objetos de distintas dimensões e decoração. A prata *diferente*, disposta aparentemente de forma aleatória, revela-se, não raras vezes, de díficil, se não mesmo impossível identificação.

A par da “prata do casamento”, referida anteriormente, concentram-se neste lote as pratas mais relevantes deste extenso rol, entre as quais alguns objetos do Real Tesouro e outros da designada “Prata Lisboa”.

A prata do Real Tesouro está representada por “12 colleiras para garrafas”, “2 cabazes arrendados”, ou seja, dois cestos, provavelmente para pão, “3 terrinas e tampas” [fig. 5], “1 mostardeira completa”, “1 galheteiro completo”, “2 tenazes para assucar” e “8 pratos de entrada diferentes”, julgamos que de diferentes tamanhos e/ou decoração. Alguns destes oito pratos, o redator não especifica quantos, pertencem à designada “Prata Lisboa”[36]. Desta mesma categoria de prata são ainda “5 colheres para sal”, “2 bules, 2 cafeteiras [e] 1 leiteira”.

Não obstante a importância das peças acima referidas, o presente lote é claramente dominado por pequenos e grandes conjuntos de prata de mesa de reconhecido valor artístico propriedade da rainha D. Maria Pia. A primazia que a soberana

[fig. 6]
Pratos
Boin-Taburet, Paris, 1897
Prata

Palácio Nacional da Ajuda
Inv. 7960 a 7963

© PSML | Foto: Luís Pavão, 2018

concedeu aos prateiros e fabricantes franceses da sua contemporaneidade, com destaque para alguns nomes de reputação internacional, está patente nas peculiares tipologias e exemplares de requintada execução que integram este rol, adquiridos maioritariamente nas últimas três décadas da monarquia.

Entre os primeiros objetos listados neste lote constam *oito fundos para garrafas* (bases para garrafa) e *quatro pratos quadrados*, de Boin-Taburet[37] [fig. 6], duas aquisições da rainha D. Maria Pia referentes aos primeiros meses de 1897, tal como o atesta a fatura de 30 de julho do ano seguinte, no valor de 2.605 francos, remetida por E. Taburet à Casa Real Portuguesa, acompanhada de uma missiva, ao cuidado do Duque de Loulé[38], Mordomo-mor da rainha[39]. Uma segunda via desta fatura seria remetida a 30 de setembro do mesmo ano, desta vez dirigida a João Benjamim Pinto[40], veador da rainha[41]. Entre outros artigos de ourivesaria, encomendados durante o mês de janeiro de 1897, identificamos os "8 Dessous de carafe argent", no valor de 600 francos, que correspondem ao conjunto cinzelado no estilo Louis XV, com caneluras irradiantes centradas pelas armas de Portugal e Sabóia, gravadas. No mês de abril, figuram os "4 plats creux carrés moulure a contours fond vermeil", no valor de 800 francos[42], os quais, no dizer de António Duarte, serviriam para "dôce"[43]. Estes pratos são merecedores de particular destaque, não apenas pela distinta elegância e simplicidade das suas linhas mas, sobretudo, por evidenciarem uma clara semelhança formal com o modelo de François Thomas Germain para a baixela da Coroa portuguesa.[44]

A fatura de Boin-Taburet e outra documentação co-relacionada levam-nos a contextualizar as circunstâncias em que, neste final de século, estas e outras aquisições da rainha D. Maria Pia foram efetuadas, numa abordagem que será, como veremos, fundamental à compreensão de outros conjuntos de prataria constantes do rol em análise e que hoje, lamentavelmente, se encontram ausentes das coleções do Palácio Nacional da Ajuda.

Com efeito, na última década do século XIX e inícios do século XX, a rainha D. Maria Pia entregou ao banqueiro Burnay uma significativa parte dos seus bens particulares, designadamente joias[45], em grande quantidade e um importante lote de pratas, como garantia de avultados empréstimos bancários que vieram colmatar a recorrente falta de liquidez que a insuficiente dotação anual atribuída à *Casa de Sua Magestade a Rainha* não permitia suprir. Os empréstimos eram pois "garantidos com o depósito de penhores, vencendo juros quando não liquidados na data prevista e deduzidos da dotação da Casa Real".[46]

Não raramente, as faturas dos credores estrangeiros eram remetidas diretamente ao banqueiro Burnay, solicitando a liquidação das dívidas. Assim aconteceu com a mencionada fatura de Boin-Taburet, agora com a data de 11 de outubro de 1898, decorridos que estavam um ano e nove meses da encomenda feita pela rainha. À fatura, o fornecedor anexou a seguinte missiva: "Monsieur Boin présente ses respectueuses salutations à Monsieur le Conte de Burnay et a l'honneur de lui remettre sous ce pli le Relevé de son compte a Sa Majesté la Reine douairière de Portugal s'élevant à frs. 2.605, Paris le 20 octobre 1898".[47]

Regressando ao lote da *Prata diferente* do *Serviço para Cintra*, identificamos um peculiar serviço para ovos quentes, constituído por uma galinha e oito pintos ("1 gallinha 8 pintos"), realisticamente cinzelados, da autoria de Edmond Tétard[48], adquirido pela soberana em maio de 1897 a Edgar Morgan, a sucursal da *Maison* Bassot, em Paris. O serviço consta de uma fatura com extensa encomenda de artigos discriminados entre os meses de setembro de 1896 e maio de 1897 e cujo valor ascendeu a 13.460 francos. O serviço para ovos, no valor de 3.800 francos, é aí referenciado como "Poule argent giselé ouvrante pour faire saucière, et oeufs argent mat", "8 Poussins argent giselé faisant coquetiers et salières"[49]. Também

neste caso, foram várias as missivas enviadas de Paris durante os meses de julho, agosto e outubro, dirigidas ao duque de Loulé e a Augusto Gomes de Araújo, solicitando a amortização da dívida. Finalmente, a 13 de novembro daquele ano, Edgar Morgan escreveu a Burnay, dando conta que a Administração da Casa de Sua Majestade lhe havia comunicado estar este titular encarregue de resgatar tais faturas.[50]

Igualmente de Edmond Tétard é o "Centro" do "estojo n.º 2", referenciado no rol do *Serviço para Cintra* como "1 estojo n.º 2 (Centro Leitão)"[51] [fig. 7], o qual integra um vasto conjunto de estojos com serviços de "prata pertencente a Sua Magestade a Rainha"[52], como mais adiante veremos. Na verdade, trata-se de uma peça importada e remarcada pelos Joalheiros da Coroa, Leitão & Irmão[53], cujo estojo, executado por estes, forrado de setim e peluche de seda, se encontra também ele marcado no interior da tampa com a sua estampilha. O referido Centro é

[fig. 7]
Centro de mesa (jardineira e *plateau*)
Edmond Tétard
Paris, c.1890
Prata e cristal

Palácio Nacional da Ajuda
Inv. 50767 e 50768

constituído por uma taça oval de cristal incolor, assente numa guarnição de prata estilo Louis XV com quatro pés e rematada nos topos por duas meias figuras femininas aladas.

Entre várias outras peças que a *Maison Ed. Tétard* forneceu à rainha D. Maria Pia, através dos Joalheiros da Coroa, identificamos mais duas, mencionadas na relação em apreço: "1 plateau, bacia e alma (Leitão)", ou seja, um *Plateau* com espelho e guarnição de prata e uma Jardineira de mesa com a respetiva alma, ambos em prata[54]. Estas duas peças são referidas sequencialmente nos inventários de 1894[55] e de 1907[56] e, apresentam-se registadas sob a mesma verba no Arrolamento Judicial[57], fazendo supor que possam ter sido usadas em conjunto. No de 1894, àquelas duas peças segue-se a referência a "6 socles" de fruteiro (soco ou base sobre o qual assenta um prato de cristal), com uma decoração em tudo semelhante ao Centro do estojo n.º 2. Também estes fruteiros são de Edmond Tétard e estão remarcados por Leitão & Irmão [fig. 8].

[fig. 8]
Fruteiros
Edmond Tétard
Paris, c.1890
Prata e cristal
Palácio Nacional da Ajuda
Inv. 10785 a 10790

Apesar da sequência com que estas peças são registadas nos inventários, certo é que o *Plateau*, o Centro com duas meias figuras aladas e os seis Fruteiros em prata e cristal formam efetivamente um conjunto para ornamento de mesa comprado por D. Maria Pia, em fevereiro de 1891, como o atesta a fatura dos Joalheiros da Coroa Leitão & Irmão referente às aquisições da soberana no primeiro semestre daquele ano. O conjunto importou em 1.350,000 réis[58]. Estranhamente, os seis fruteiros daquele conjunto não são mencionados na Relação do *Serviço para Cintra*, ao contrário do que sucede noutras ocasiões, como na *Relação dos objectos*, redigida

por António Duarte ou no rol do *Serviço para o Presidente francês*. Terão os fruteiros ficado ao serviço no *Chalet* do Estoril em setembro de 1904?
Não obstante esta circunstância e na ausência de outros importantes conjuntos de prata pertencentes à rainha D. Maria Pia, mencionados no documento em análise, como mais adiante veremos, a seleção e conjugação das peças de prata para o ornato da mesa evocativa apresentada no projeto expositivo "A Royal Lunch" conciliando o Centro, *Plateau* e Fruteiros de Edmond Tétard, refletem uma abordagem de compromisso.

Continuando com a identificação da prata de origem francesa, a referência a um prato com três divisões ("1 prato 3 divisões"), que supomos destinar-se a servir aperitivos, corresponderá a uma peça de bom cinzel e de inspiração *rocaille* em forma de folha trilobada com asa, da firma Paul Canaux & Cie.[59], cujo punção de fabrico foi usado entre 1892 e 1911.

Os referidos "12 pratos sobremesa" poderão, com muita probabilidade, corresponder ao conjunto com flores cinzeladas sobre a aba, do ourives Emile Delaire, cujo punção foi usado entre 1882 e 1920.

Os enigmáticos "10 leques" correspondem seguramente a dez Porta-menus da autoria daquele mesmo ourives, decorados com figuras trajando à maneira do século XVIII e cuja forma reproduz a de um pequeno leque. No mesmo item, as não menos indecifráveis "8 estantes" referem-se a um outro conjunto de Porta-menus da prestigiada *Maison* Odiot[60], cinzelado ao gosto Louis XV, adquirido pela rainha D. Maria Pia por 560 francos.[61]

De mais difícil identificação foram as designadas "24 espichas de S[ua] M[agestade]", bem como as outras "16" da "C[asa] R[eal]", desde logo pela própria terminologia[62]. Depois de esclarecido o significado do termo, constatamos que aquela primeira referência corresponde efetivamente a duas dúzias de Espetos para ornamentação de alimentos[63] de notável cinzel, adquiridos por D. Maria Pia à *Maison* Odiot, em março de 1897, altura em que a firma já havia sido convertida em sociedade comercial em nome colectivo, sob a designação de *Prevost, Recipon et Compagnie*.

Os dois conjuntos são rematados por quimeras [fig. 9], doze das quais seguram uma cartela que ostenta o monograma "MP" gravado. A fatura, de 1897, com vários outros artigos de prata adquiridos pela rainha, menciona-os como: "12 Brochettes Modèle dragon sans écusson au dessin long 0,13... 1.440", "12 Brochettes Modèle dragon avec écusson au dessin long 0,20... 1.440", sendo esta última verba acrescida de um valor de 30 francos para a gravação dos 12 monogramas "Gravure M.P. Couronne Royale... 30"[64]. Na missiva que enviou para o duque de Loulé a 15 de outubro de 1897, a administração da *Maison* Odiot comunicava que os mesmos já se encontravam disponíveis e, simultaneamente, reclamava os pagamentos de "longínquo" atraso, com os decorrentes constrangimentos financeiros na contabilidade da própria firma. Estavam em causa uma provisão necessária para dar início à execução de uma encomenda previamente ordenada pela soberana e a liquidação de uma remessa de artigos já enviada à Casa Real: "Monsieur le Duc, Nous avons l'honneur de rappeller à votre souvenir votre lettre du 15 Mai dernier par laquelle vous nous faitiez espèrer l'envoi prochain de la provision de Quinze

[fig. 9]
Espetos para ornamentação de alimentos
Prevost Recipon et Compagnie
Paris, 1897
Prata
Palácio Nacional da Ajuda
Inv. 11015 a 11017, 11003 a 11005

[fig. 10]
Espetos para ornamentação de alimentos
Charles Halphen, Charles Christofle & Cie., Lacroix & Lamy
Paris, século XIX (2.ª metade)
Metal prateado
Palácio Nacional da Ajuda
Inv. 10987, 10990, 10997, 11001

mil francs nécessaires pour commencer l'exécution de l'argenterie commandé par Sa Majesté La Reine Douairière de Portugal. Nous profiterons de ceci pour rappeler à votre bienveillante attention la première livraison faite et aussi les brochettes que nous tenons à la disposition de Sa Majesté, le tout forme un total de fr. 3179.60. L'époque, lointaine déjà, à laquelle remonte cette livraison nous cause une perte d'intérets que, dans votre équité, vous apprécierez certainement et nous comptons sur votre bonne obligeance pour faire hater le réglement de ce premier compte. Dans cette atente, nous vous prions d'agréer, Monsieur le Duc, nos respectueuses salutations".[65]

No inventário da Casa Real lavrado em 1907 estas peças da rainha D. Maria Pia são identificadas sob o título "Prata diferente n.º 2" como "12 Espichas grandes", "12 ditas mais pequenas, corôa monogramma"[66]. Os restantes dezasseis Espetos para ornamentação de alimentos, da C[asa] R[eal], em metal prateado e com diversos motivos decorativos como remate[67], correspondem, sem dúvida, à restante existência numérica desta tipologia no acervo[68], os quais, na sua generalidade, denotam uma inferior qualidade de execução quando comparados com os anteriores. Três apresentam marca de fabricante francês não identificado e o punção da "ANTIGA CAZA J[OS]E ALEXANDRE" na qualidade de retalhista, sete são do fabricante Charles Halphen, cinco do fabricante Christofle[69], estes últimos remarcados por WMF.B e, um último, da parceria francesa Lacroix & Lamy [fig. 10]. No inventário de 1894, sob o título "Christofle pertencente à Casa Real", são referenciados como "16 Espichas para serviço da cozinha", utilização que poderá justificar a deficiente condição física evidenciada por alguns.[70]

[fig. 11]
Molheira
Charles Christofle & Cie.
Paris, século XIX (2.ª metade)
Metal prateado

Palácio Nacional da Ajuda
Inv. 10554

[fig. 12]
Jardineira
Martin Mayer
Alemanha, c.1900
Prata

Palácio Nacional da Ajuda
Inv. 4383

O rol do *Serviço para Cintra* compreende ainda outros conjuntos de proveniência francesa executados em metal prateado, como sejam, por exemplo, as doze molheiras Christofle ("12 suceiras de Christofle")[71], que julgamos serem as pertencentes a um conjunto de catorze, com duplo bico e prato acoplado e que ostentam a marca daquele fabricante. [fig. 11]

São ainda merecedores de destaque outros objetos de fabricantes europeus como o designado vaso branco ("1 vaso branco")[72], que corresponderá ao Refrescador para garrafa do fabricante austríaco V. Mayer's Söhne, um dos mais importantes produtores de ourivesaria vienenses na transição entre os séculos XIX e XX; o "Cisne" ("1 cisne"), que claramente identificamos como sendo a Jardineira realisticamente cinzelada, da autoria do ourives alemão Martin Mayer[73], de cerca de 1900,[74] adquirida por D. Maria Pia, muito provavelmente, nos primeiros meses de 1901, por 500 francos[75] [fig. 12] ou ainda o singular conjunto formado por um jarro, seis copos e uma bandeja de formato triangular, executado pela conceituada firma de Bruxelas, Wolfers Frères[76], na transição do século XIX para o XX. Apresenta decoração ao gosto *rocaille* com conturbadas vagas marítimas, juncos, um golfinho e moluscos, evidenciando-se em todos os seus elementos a gravação das armas de Portugal e Sabóia coroadas. [fig. 13]

[fig. 13]
Serviço para bebidas
Wolfers Frères. Bruxelas, século XIX-XX. Prata.
Palácio Nacional da Ajuda
Inv. 4396, 50837 a 50843

Tal como já tivémos oportunidade de referir, à semelhança de muitos outros objetos e conjuntos presentes neste rol, também este serviço de origem belga foi recorrentemente solicitado à Mantearia para servir noutros paços reais. É muito interessante a menção que a ele é feita na já citada *Relação dos objectos que sairam da Mantearia do Real Paço da Ajuda para o Real Paço de Sintra*[77], a 23 de julho de 1904, e deste para o Real *Chalet* do Estoril, em setembro do mesmo ano. Sob o título *Prata differente de S. M. Rainha*, António Duarte anota-o da seguinte forma: "1 salva triangular para cerveja, 6 copos da dita, 1 jarro da dita", documentando assim a verdadeira utilidade deste conjunto. Supomos que a referência a uma poncheira[78] ("1 poncheira e 1 concha de bico") possa corresponder ao exemplar em prata martelada e *mixed-metals*, do conceituado fabricante americano de Rhode Island, Gorham Manufacturig Co., uma peça emblemática entre o lote de pratas encomendado por D. Maria Pia em 1884. A mesma poncheira é referida noutras listas, como acontece na *Relação dos objectos*[79], de António Duarte, designada sob o

título “Electro-plata”, como “1 Poncheira grande com azas e cachos”, “1 concha de cabo comprido”, ou ainda na lista da *Prata de S. Magestade para o jantar aos Expedicionários*[80], identificada como ”1 poncheira electoplate”.[81]

Quanto às oito salvas diferentes (“8 salvas diferentes”), depreendemos que de distintos tamanhos e decoração, identificadas pelos números “5, 13, 14, 12, 1 e 15”, pensamos poderem corresponder a exemplares da rainha D. Maria Pia. Nos inventários da Casa Real, bem como no Arrolamento Judicial, são referenciadas como de sua pertença várias salvas de fundo liso ou com discreta decoração, executadas por ourives nacionais, datadas dos séculos XVIII e XIX, algumas com o seu monograma gravado. O inventário republicano inventaria-as justamente na “Casa da Arrecadação das Pratas de D. Maria Pia”, na sequência do seguinte parágrafo introdutório: “[...] Relação dos objectos de prata, differentes [...] que segundo a informação do assistente Pedro Dias, particular, que foi da snr.ª D. Maria Pia, pertencem a esta snr.ª”[82]. O facto de noutras listas as salvas requeridas à Mantearia serem discriminadas com a respetiva numeração, sob o título “Prata differente de S[ua] M[agestade] a Rainha”, vem corroborar aquela hipótese.[83]

Já as salvas ditas da “Baixela” (“3 salvas diferentes Baixella”) são seguramente aquelas que a rainha D. Maria Pia tomou para “o seu serviço” após a morte do rei D. Luís, em cujo reverso fez marcar o monograma “MP”, distintivo do seu usufruto e factor essencial para a sua identificação no presente estudo. Com efeito, estas são as três salvas constantes da “Prata pertencente à Corôa que fica ao serviço de Sua Magestade A Rainha A Senhora D. Maria Pia”, designadas sob o título “Baixella”, cuja capitular maiúscula remete desde logo para aquela que era considerada a “primeira baixela da Coroa”: “Uma salva grande branca”, “Uma salva pequena branca” [fig. 14] e “Uma salva grande dourada”[84]. No inventário da Mantearia do Paço da Ajuda, de 1 de junho de 1894, as mesmas permanecem em arrecadação, sendo arroladas na sequência das pratas pertencentes à rainha D. Maria Pia, salvaguardadas porém pela designação “Prata da Baixella pertencente à Casa Real”[85]. Em bom rigor, apenas a “salva grande branca”[86], puncionada por François Thomas Germain, está documentada na encomenda e no registo das remessas do ourives para a Coroa portuguesa[87]. As designadas “salva pequena branca”[88], sem marcas e “salva grande dourada”[89], puncionada por F. T. Germain, estão ambas ausentes daqueles registos.

[fig. 14]
Salvas
François Thomas Germain. Paris, 1762. Prata.
Palácio Nacional da Ajuda
Inv. 10510 e 5400

Entre os quatro tabuleiros diferentes (“4 taboleiros diferentes”) julgamos poder identificar, com elevado grau de probabilidade, dois exemplares marcados com o monograma “M” gótico coroado, da rainha D. Maria II, um de João Ramos Ortiz, o outro de José Isidoro dos Santos, da primeira metade do século XIX e constantes da “Relação da prata pertencente à Casa Real, escolhida por Sua Magestade A Rainha A Senhora D. Maria Pia”, após a morte do rei D. Luís, já que todos os dados referidos documentalmente estão em consonância com a observação técnica de ambas as peças, ao que acresce o facto de terem sido marcados no reverso como o monograma “MP”.[90]

Estojos completos

No cerne deste extenso rol de prata, como que ocultos pela impenetrável e hermética designação “Estojos completos”, estão os maiores e mais aparatosos conjuntos de prata da rainha D. Maria Pia que, ao que tudo indica, tiveram um papel crucial na concepção do plano e ornato da mesa para o almoço em honra da rainha Alexandra

do Reino Unido, do dia 24 de março de 1905, na Sala das Pegas do Real Paço de Sintra. Deste exuberante núcleo, apenas uma ínfima fração se conserva no acervo das antigas coleções da Casa Real, no Palácio Nacional da Ajuda, uma vez que foi justamente esta prata, na sua quase totalidade, aquela que a rainha D. Maria Pia entregou ao banqueiro Burnay, para depósito no Banco de Portugal, como garantia de avultados empréstimos bancários, assunto já referido no início deste estudo.

Um dos aspetos mais interessantes, e de certa forma inusitado, que envolve esta questão, prende-se com o facto de constatarmos que, por ocasião da realização do almoço em honra da rainha Alexandra, este importante lote de peças já havia sido colocado sob penhora, mutuamente assegurada pelo Banco de Portugal e pela firma Henry Burnay & C.ª. Daqui se infere que, à semelhança do que sucedia com as joias, tal como verificado, também em relação às pratas a soberana mantinha a prerrogativa do usufruto. Com efeito, a prata destes estojos serviu não apenas no almoço de 24 de março de 1905, mas também por ocasião do almoço oferecido a 28 de outubro do mesmo ano ao presidente francês Émile Loubet, no chá com que a família real brindou o *rei* [de] *Saxe* em março de 1907, estes dois últimos episódios também no Real Paço de Sintra e, ainda, por ocasião do jantar oferecido aos Expedicionários a 17 de dezembro de 1907 no Paço da Ajuda, como disso dão testemunho as listagens da prata requerida à Mantearia para tais eventos.

De acordo com documento datado de 30 de junho de 1902[91], sob a responsabilidade do mordomo-mor, o valor da Prata de Sua Majestade a Rainha, no Real Paço da Ajuda, ascendia a setenta e dois contos, novecentos e nove mil, oitocentos e dez réis (72:909$810). Os valores parcelares desta soma discriminam: "Prata do casamento... 22.026,900", "Prata diferente... 17.238,110", "Prata [dos] estojos... 28.462,800", "Prata [do] quarto [de S.M. El-rei] e arrecadação... 5.182,000". Mais adiante, os conteúdos de cada uma destas categorias são desdobrados em tabela, indicando individualmente o "Peso" da prata, o seu "Preço" e o correspondente valor em "Reis". Esta terá sido, muito provavelmente, a última avaliação da prata pertencente à rainha D. Maria Pia, antes da entrega efetuada ao Banco de Portugal, já que, anexa à mesma avaliação dos bens, consta uma nota, datada de 17 de julho do ano seguinte, dando conta da entrega de alguma "prata do casamento", de "um candelabro grande" e de outra constante dos "estojos". O cotejo com a referida tabela permite concluir

que do primeiro e do último grupo de prata foram selecionados para entrega os lotes de cotação mais elevada, aqueles que, naturalmente, garantiriam um empréstimo mais frutuoso. A nota refere:

Centro do cazamento completo[92]	7.718,400
Candelabro grande	3.270,000
Estojo N.º 4 (base do centro de meza)	1.134,000
Estojo N.º 8 (4 vasos e 2 tabuleiros)[93]	3.919,000
Estojo N.º 9 (socos de fruteiros)[94]	4.008,000
Estojo N.º 10 e 11 (serpentinas)	6.842,000
Estojo N.º 13 (fruteiros e centro)	4.042,000
2 travessas	392,400
	31.325,800

Prata que foi entregue pelo Ex.mo Mordomo
no Banco de Portugal por ordem de
Sua Magestade em 17 Julho de 1903.[95]

A 21 de julho de 1903, quatro dias após a transferência da prata para o Banco de Portugal e onze anos decorridos da entrega das primeiras joias, a rainha D. Maria Pia, de novo representada pelo duque de Loulé, "contratou um empréstimo de 200 contos de réis ao Banco de Portugal e à firma Henry Burnay & C.ª, com um juro anual de 5%. Cada um dos mutuantes neste contrato – o *Contrato de empréstimo sobre penhor n.º 447* – adiantava metade da quantia emprestada. Nas condições do pagamento figuravam para amortização de capital e juros uma dotação mensal da rainha de um milhão de réis até julho de 1915, e daí em diante, até à extinção do débito, 2 666 665 réis mensais".[96]

Após a morte de Burnay em 1909, e da própria rainha D. Maria Pia em 1911, no exílio, os empréstimos que haviam sido contraídos e que ainda foram sendo amortizados após a implantação da República, entraram em incumprimento. Realizou-se então na sede do Banco de Portugal, em Lisboa, de 24 a 31 de julho de 1912, o célebre *Leilão das Jóias e Pratas que pertenceram à fallecida Rainha Sra. D. Maria Pia* [fig. 15], divulgado na imprensa portuguesa, na imprensa francesa e no New York Herald[97]. O leilão levou à praça aquele relevante acervo de prata que no referido catálogo bilingue, em português e francês, se encontra concentrado em oito sumários lotes, enunciados depois das 367 entradas reservadas às joias[98] [fig. 16, 17]. Com efeito, as abreviadas descrições em nada deixam transparecer

CATALOGO
DAS
JOIAS E PRATAS
Que pertenceram á fallecida Rainha Sr.ª D. Maria Pia
E
Cuja venda em leilão se effectuará nos dias 24 de Julho
e seguintes pelas 13 horas
No edificio do
BANCO DE PORTUGAL
Em Lisboa

CATALOGUE
DES
BIJOUX et ARGENTERIE
Ayant appartenu à feu LA REINE DE PORTUGAL D. MARIA PIA
Et qui seront vendus aux enchères publiques le 24 Juillet
et jours suivants à 1 heure de l'après-midi
AU
Siège de la BANQUE DE PORTUGAL à Lisbonne

LISBOA
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27
1912

[fig. 15, 16, 17]

Folha de rosto do catálogo e as duas páginas reservadas aos lotes de pratas.

Arquivo Histórico do Banco de Portugal
Contabilidade Geral. BP/CG/072.

Cortesia do Banco de Portugal

Pratas — Argenterie

1 — Centro de meza formado por espelhos rodeados de prata, estylo «Louis XV», em tres peças.

Surtout de table formé de glaces entourées d'argent, style «Louis XV» en trois parties.

2 — Dois baldes para gelar o Champagne.
Dois taboleiros.
Dois vasos.

Deux seaux à champagne.
Deux plateaux.
Deux vases.

3 — Duas serpentinas de sete luzes.

Deux candélabres à sept lumières.

4 — Vinte e quatro taças de crystal com pés de prata.

Vingt-quatre coupes crystal pieds en argent.

5 — Dois candelabros.

Deux candélabres.

6 — Uma jardineira, quatro compoteiras.

Une jardinière, quatre compotiers.

7 — Centro em prata cinzelada acompanhado de fructeiros em prata trançada.

Pièce du milieu en argent ciselé accompagnée de paniers en argent tressé.

8 — Duas travessas.
Um candelabro (Pastoral).

Deux plats longs.
Un candélabre (Pastoral).

a sumptuosidade e o valor artístico desta prata de exceção, executada ao gosto Louis XV nas oficinas da consagrada *Maison* Odiot[99] e marcada com o monograma coroado da rainha D. Maria Pia.

Nos inventários da Mantearia do Paço da Ajuda, entre a "Prata pertencente a Sua Magestade a Rainha", foram arrolados dezoito estojos, onze dos quais contendo a prata do fabricante Odiot. Quer o inventário datado de 1894,[100] quer o de 1907,[101] elencam toda a prata neles contida, incluindo a daqueles que, nesta última data, já havia sido entregue ao banco. O inventário de 1894 menciona claramente a propriedade dos bens fazendo-os acompanhar da referência "pertencente a Sua Magestade A Rainha A Senhora D. Maria Pia", ao que acresce ainda o registo "Prata, corôa e monogramma"[102]. Do cruzamento daqueles dois inventários ficamos a saber mais um pouco acerca destas pratas. Para o estojo n.º 4 adotam uma descrição muito semelhante, pelo que optamos por uma: "Centro de meza, composto de 3 peças, tem vidros d'espelho e guarnições de prata"[103]; para o n.º 8, o de 1907 é mais explícito: "2 bandejas douradas, 4 vasos grandes, 8 almas dos ditos, 8 aros dos ditos"[104]; para o n.º 9, ambos são semelhantes: "24 soccos para fructeiros, 35 pratos de vidro dos ditos"[105], dando a indicação clara de que existiam vidros suplentes[106]; para os estojos n.ºs 10 e 11,[107] os inventários completam-se: o de 1894 refere "4 serpentinas de sete lumes"[108], o de 1907 fala em "4 candelabros grandes"[109] [cada um dos estojos com um par]; para o n.º 13, o inventário de 1907 é mais assertivo: "4 fructeiros, 4 almas de prata dos ditos, 1 centro meza, 1 alma do dito"[110]. No inventário de 1907, os estojos N.ºs 4, 8, 9, 10, 11 e 13 encontram-se sinalizados a lápis "Banco de Portugal"[111]. O Arrolamento Judicial realizado pelo regime republicano continua a dar eco desta transferência baseando-se, para o efeito, nos inventários da Casa Real.[112]

No decorrer dos séculos XX e XXI vários lotes deste sumptuoso conjunto de prata de mesa disperso no leilão de 1912 voltaram a ser transacionados no mercado de arte:

Em 1953, o Ministério dos Negócios Estrangeiros adquiriu à *Casa Liquidadora Leiria & Nascimento Lda.* – antigo Bazar Católico – Rua da Emenda, 30, em Lisboa[113] um importante lote destinado a ornamentar a mesa em banquetes e receções oficiais

realizados no Palácio Nacional das Necessidades, sede daquele organismo. O lote incluiu as duas peças principais deste conjunto, o *plateau* com espelho constituído por três elementos [do estojo n.º 4] e o respectivo centro de mesa ou jardineira [do estojo n.º 13] [fig. 18, 19], bem como quatro fruteiros com taças de cristal [do estojo n.º 9] [fig. 20] e dois fruteiros com almas de prata [do estojo n.º 13] [fig. 21]. Estas peças permanecem hoje no Palácio das Necessidades.[114]

No contexto do mercado de arte nacional e, ainda que sem qualquer relação com o conjunto da prata disperso no leilão de 1912, é incontornável para o presente estudo a referência ao relevante lote de prata de mesa Odiot do colecionador Augusto de Athayde, leiloado em 1963 pela mesma *Casa Liquidadora Leiria & Nascimento*[115]. Sabemos hoje, pelo legado das Memórias de Maria da Graça de Athayde, mulher do colecionador, que este numeroso lote havia anteriormente pertencido ao conde de Paris, que durante os anos de exílio em Portugal habitou a Quinta do Anjinho, em Sintra, com a sua mulher a condessa de Paris e os seus onze filhos[116]. Acresce a este historial o facto de as tipologias e decoração ao estilo Louis XV desta prata de

[fig. 18]
Jardineira e *plateau* com os seus três elementos
Gustave Odiot
Paris, 1893
Prata e vidro
Palácio Nacional das Necessidades
© PSML | Foto: Luís Pavão, 2018

[fig. 19]
Jardineira e elemento central do *plateau*
Gustave Odiot
Paris, 1893
Prata e vidro
Palácio Nacional das Necessidades
© PSML | Foto: Luís Pavão, 2018

Cortesia da Secretaria-Geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros

[fig. 20]
Fruteiros com taças de cristal
Gustave Odiot. Paris, 1893.
Prata
Palácio Nacional das Necessidades
© PSML | Foto: Luís Pavão, 2018
Cortesia da Secretaria-Geral do MNE

[fig. 21]
Fruteiros com almas de prata
Gustave Odiot. Paris, 1893.
Prata
Palácio Nacional das Necessidades
© PSML | Foto: Luís Pavão, 2018
Cortesia da Secretaria-Geral do MNE

mesa serem em tudo semelhantes àquelas que a rainha D. Maria Pia possuía, como de resto o atesta a fotografia de Mário Novais que ilustra o lote apresentado no referido leilão.[117] [fig. 22]

Dois fruteiros do grande conjunto de vinte e quatro pertencentes ao mencionado estojo n.º 9 da rainha D. Maria Pia, tal como já referido, foram adquiridos pelo Palácio Nacional da Ajuda em leilão da *Dinastia*, em 1999 [fig. 23]. E mais recentemente, em março de 2018, foi colocado à venda um segundo par pela empresa *Juliarte Antiguidades*, em Lisboa. A observação direta destas peças permitiu-nos confirmar a sua autenticidade, bem como verificar a presença do monograma "MP" coroado, prova inequívoca de que pertenceram à soberana. Lamentavelmente, as duas bases foram outrora convertidas em bases para candeeiros, evidenciando os sinais dessa intervenção [fig. 24]. As taças de cristal adaptadas num passado recente mas cuja forma e espessura são claramente distintas dos originais, desvirtuam a conceção estética que presidiu ao projeto artístico de Gustave Odiot para este modelo. A 11 de outubro de 2018, este par de fruteiros (lote 731) veio a ser leiloado pela *Veritas Art Auctioneers*.[118] [fig. 25]

[fig. 22]
Centro de mesa, fruteiros e candelabros
Coleção Estúdio Mário Novais
FCG, Biblioteca de Arte e Arquivos
CFT003.31635

Cortesia da Fundação

[fig. 23]
Fruteiros
Gustave Odiot
Paris, 1893
Prata e cristal

Palácio Nacional da Ajuda
Inv. 57002 e 57003

[fig. 24]
Bases de prata dos fruteiros
Gustave Odiot
Paris, 1893
Prata

Cortesia da Veritas Art Auctioneers

[fig. 25]
Fruteiros
Gustave Odiot
Paris, 1893
Prata e cristal (taças adaptadas)

Cortesia da Veritas Art Auctioneers

Um par de refrescadores de garrafa [do estojo n.º 8] foi leiloado em Londres pela *Christie's*, em finais de 2004[119] [fig. 26] e um dos tabuleiros em Nova Iorque pela *Sotheby's*, em de outubro de 2011[120]. A imagem disponibilizada [fig. 27] permite constatar a inegável qualidade artística desta obra, cuja generosa dimensão é, também ela, de salientar.

[fig. 26]
Refrescadores de garrafa. Gustave Odiot. Paris, 1893. Prata.
© Christie's / Bridgeman Images

[fig. 27]
Tabuleiro. Gustave Odiot. Paris, 1893. Prata dourada
© Sotheby's | Cortesia da leiloeira

[fig. 28]
As rainhas Alexandra, D. Amélia e D. Maria Pia no pátio central do Paço de Sintra depois do almoço. 24 de março de 1905.

Palácio Nacional da Ajuda
Inv. 62965

© DGPC/ADF

A descrição jornalística que foi publicada com uma semana de antecedência à realização do almoço na Sala das Pegas, numa visão antecipada do que seria o cenário decorativo em redor da mesa, anunciava: "Aos cantos da sala, em vasos de prata, serão collocadas numerosas plantas, devendo apresentar a sala de jantar um aspecto encantador"[121]. Considerando a Relação do *Serviço para Cintra* e os conjuntos de prata da rainha D. Maria Pia que temos vindo a identificar, esta declaração remete-nos, impreterivelmente, para os quatro refrescadores de garrafa que integravam o estojo n.º 8, os únicos formalmente idênticos e em quantidade disponível para proporcionar uma tal disposição naquele espaço.

A julgar pelo que nos é possível observar para lá do primeiro plano de um retrato de exterior, captado a 24 de março no pátio fronteiro à Sala das Pegas, e no qual figuram a rainha Alexandra, a rainha D. Amélia e a rainha D. Maria Pia [fig. 28], o programa ornamental planeado para o espaço em que decorreu o almoço terá sido

[fig. 29]
Terrinas
Gustave Odiot
Paris, 1893
Prata

Palácio Nacional da Ajuda
Inv. 5292, 2135 e 5293

[fig. 30]
Taça do *Serviço para neve*
Gustave Odiot
Paris, 1893
Prata dourada e cristal

Palácio Nacional da Ajuda
Inv. 2642

efetivamente concretizado. Ao fundo, para lá do lance de escadas e do gradeamento de ferro que delimita o patim, entre as portadas abertas da janela da Sala das Pegas, antevemos uma peça de prata, cuja volumetria e perfil em tudo condizem com os referidos refrescadores de garrafa.[122]

A Relação do *Serviço para Cintra* contempla ainda outras peças de prata da *Maison* Odiot pertencentes aos estojos da rainha D. Maria Pia e que, ao contrário das anteriores, se conservam no acervo do Palácio Nacional da Ajuda. É o que sucede com o conteúdo do "estojo completo" n.º "12", constituído por três terrinas[123], duas redondas de diferente tamanho e uma oval, marcadas com o monograma "MP" coroado e cujos remates das tampas, cinzelados em vulto, representam vegetais[124] [fig. 29]. Estas peças são mencionadas nos inventários de 1894 e de 1907 como "2 terrinas redondas, quatro pés", "2 tampas das ditas", "1 terrina oval quatro pés", "1 tampa da dita".[125]

Identificamos ainda a presença de uma quarta peça, muito idêntica quanto à tipologia ao já mencionado "Centro" do "estojo n.º 2" mas, neste caso, de superior qualidade artística. É referenciada no rol como "1 centro do estojo n.º 14 com bacia". Trata-se de uma taça oval de cristal incolor assente numa guarnição de prata dourada, cinzelada ao gosto "rocaille" com vagas marítimas e concheados [fig. 30], que integra um *Serviço para neve*, constituído por "24 conchas para neve", "35 almas de vidro das ditas",

"24 colheres douradas, feitio de pá" e "uma dita grande comprida"[126]. Curiosamente, só a taça central deste serviço, ou "Centro" como lhe chama o redator da lista, foi selecionada para Sintra. Estaria, porventura, prevista alguma equivalência de funções entre estes dois denominados "Centros", o do estojo n.º 2 e o do estojo n.º 14? Ou destinar-se-ia esta grande taça a servir o gelado "Glace Divienne" que consta da ementa para o almoço de dia 24 de março?

Prata Odiot ao serviço da Casa Real
A última encomenda da Rainha a Gustave Odiot

75.750 francos foi a avultada quantia que a rainha D. Maria Pia despendeu na aquisição da prata de mesa Odiot[127], remetida à Casa Real em onze estojos de carvalho envernizado, forrados de flanela vermelha e marcados com o monograma da soberana. Disso nos dá conta a fatura datada de 16 de fevereiro de 1894. Considerando que em agosto do ano anterior, a propósito das terrinas, a *Maison* Odiot já havia demonstrado a sua preocupação quanto ao acondicionamento da encomenda, depreendemos que entre os meses de setembro e dezembro desse ano a mesma possa ter sido expedida para Lisboa. Esta foi, como veremos, a última remessa de prata da *Maison* Odiot sob a direcção de Gustave para a rainha D. Maria Pia.[128] [fig. 31]

As peças para o ornato da mesa abrem o elenco da fatura, totalizando 42.900 francos: "4 Candélabres LXV [Louis XV]... 12.000" (as serpentinas de sete lumes dos estojos 10 e 11), "1 Corbeille LXV... 3.000" (a jardineira com alma do estojo 13), "1 Surtout glace LXV 3 parties... 3.500" (o centro de mesa composto de três peças com espelho e guarnições de prata do estojo 4), "4 Coupes à fruits LXV... 6.400" (os quatro fruteiros com almas de prata do estojo 13), "8 Compotiers... 6.000" (correspondentes a oito bases ou "soccos" para pratos de cristal, do grande conjunto de 24 do estojo 9), "16 Assiettes... 12.000" (as restantes bases, possivelmente mais altas que as anteriores e pertencentes ao mesmo estojo)[129]. Pouco depois são mencionadas as peças complementares ao serviço de mesa, os dois grandes tabuleiros de prata dourada, "2 Grands plateaux vermeil... 6.000" e os quatro refrescadores de garrafa, "4 Sceaux à champagne... 6.400" (do estojo 8). As três terrinas ascenderam a 3.700 francos, sendo indicada a sua capacidade: "1 Soupière

FABRIQUE d'ORFÈVRERIE
Rue Basse du Rempart N.º 72
ODIOT
Vendu à M. Sa Majesté la Reine Douairière de Portugal
Paris, le 16 Février 1894

FABRIQUE d'ORFÈVRERIE
Rue Basse du Rempart N.º 72
ODIOT
Vendu à M. Sa Majesté la Reine Douairière de Portugal
Paris, le 16 Février 1894

[fig. 31]
Fatura da *Maison Odiot*. Paris, 16 de fevereiro de 1894.
O diferencial de 7.617 francos entre o valor dispendido na prata de mesa Odiot (75.750 francos) e o montante global da fatura (83.367 francos) corresponde a três outros artigos distintos: uma escrivaninha de 1.500 francos, dois tinteiros de 800 francos e um castiçal de dois lumes de 1.000 francos. Àquela discrepância associam-se ainda os custos inerentes à gravação do monograma da rainha em todos os artigos discriminados, execução dos onze estojos, gravação dos monogramas nas suas chapas metálicas, correspondentes capas protetoras, embalagem e expedição da encomenda.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

ovale pour 18 personnes... 2.000", "1 Soupière ronde pour 12 personnes... 1.000" e "1 Soupière ronde pour 6 personnes... 700" (do estojo 12). O já referido *Serviço para neve* para vinte e quatro pessoas, do qual apenas a taça principal consta da Relação do *Serviço para Cintra* ("1 Centro do estojo n.º 14 com bacia") orçou em 8.550 francos. A fatura discrimina ainda três serviços não requisitados para Sintra: um Serviço de chá e café em prata dourada para quatro pessoas que totalizou 3.200 francos, um Serviço de licor com dez copos e *Verre d'eau*, também de prata dourada e cristal, pelo valor de 2.500 francos e, finalmente, um Serviço para ovos com vinte e quatro *coquetiers* e respetivas colheres, pelo mesmo valor do anterior. Estes montantes foram acrescidos de 550 francos pela gravação do monograma da rainha em todas as peças, 2.815 francos pela execução dos onze estojos, 430 francos pelo fabrico de igual número de capas protectoras, 110 francos pela gravação das respetivas chapas metálicas com o monograma coroado e 412 francos de custos de embalagem e expedição.[130]

A 22 de junho de 1894, pouco tempo decorrido da formação da sociedade comercial em nome coletivo (31 de março de 1894) e do cancelamento do punção de fabricante

em nome individual (14 de abril de 1894), Gustave Odiot escreve ao duque de Loulé solicitando a liquidação da fatura cujo valor total ascendia a 83.367 francos[131]. A 4 de setembro do mesmo ano, envia nova missiva comunicando que a liquidação da verba transitava para a nova sociedade comercial *Prevost, Recipon et Compagnie* e que a falta de pagamento de um valor tão avultado era motivo de crescente prejuízo: "Ayant cédé ma maison, j'ai cru pouvoir laisser cette somme à la disposition de mes successeurs et je vous serais reconnaissant de vouloir bien terminer cette affaire qui entraine chaque jour une perte d'intérets sensible sur un chiffre aussi élevé. Veuillez agréer, Monsieur le Duc l'assurance de ma haute considération. Ass.: G. Odiot".[132]

Uma baixela ao estilo Louis XV

A julgar pelo teor da fecunda correspondência que a *Maison* Odiot manteve com o veador e com o mordomo-mor da soberana desde o final da década de 1890 e durante os primeiros anos do século XX, a rainha D. Maria Pia tencionava concretizar outras avultadas aquisições ao fabricante, com o intuito de dotar este núcleo de prata de mesa de outras valências e, presumivelmente, concretizar a ambição idealizada de formar uma nova baixela ao estilo Louis XV. Abordaremos aqui alguns excertos dessa extensa e circunstanciada correspondência.

Em carta remetida por João Benjamim Pinto à Casa Odiot, datada de 25 de fevereiro de 1897, o veador introduz uma questão que, segundo diz, já havia sido explanada junto do próprio fabricante, em Paris. Estava em causa a encomenda de um conjunto de pratos e talheres que a soberana pretendia comparar com outros que estavam ao serviço no Paço da Ajuda. Neste sentido, pede que lhe sejam enviadas amostras de modelos de prato, em prata e em *vermeil*, um em versão mais simples e outro mais decorado, bem como os respectivos talheres, "un plus simples l'autre Louis XV plus riche. Aussi les autres pour dessert en vermeil".[133]

Logo no começo de março, a Casa Odiot enviou um orçamento com o custo das peças cujos modelos ou protótipos se supõe terem sido enviados, já que as propostas são apresentadas sob o título "Détail des pièces envoyées comme modèles". Aí discrimina nove modelos de peças, entre as quais dois pratos de

decoração distinta em *vermeil*, três "de entrada" e dois "de entremeio". Apresenta ainda dois modelos de faqueiro, o N.º 10 e o N.º 11, este último o mais rico e mais dispendioso[134]. Sem demora, o duque de Loulé comunica à *Maison* Odiot a ordem de encomenda, de acordo como desejo da rainha: duas dúzias de pratos do modelo N.º 4, uma em prata, outra em *vermeil*, para sobremesa; oito dúzias de talheres de mesa, modelo N.º 11, oito dúzias de facas do mesmo modelo, a mesma quantidade de talheres em *vermeil* e correspondentes facas com lâmina de aço. O desenho de monograma ou armas a gravar seria enviado posteriormente.[135]

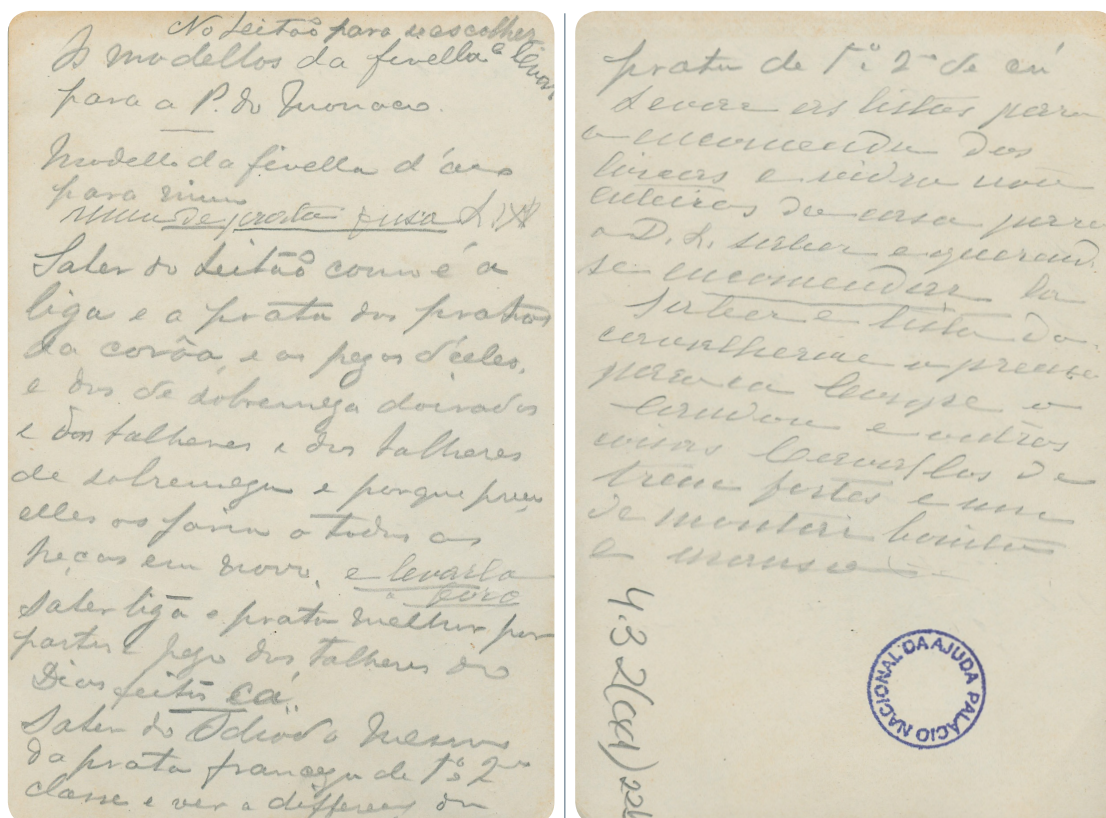
A 4 de abril, em nova missiva para a *Maison* Odiot, o mordomo-mor enuncia com particular detalhe os requisitos avançados pela soberana para esta encomenda, os quais faz acompanhar de um cartão com o desenho do contorno de um prato, em tamanho real. Os pratos de prata deveriam pesar entre 698 e 740 gramas, os garfos de sobremesa 73, as facas 98 e as colheres 77. Junto, terá enviado o modelo de armas a gravar, pois declara que "Je vous enverrez les armoiries qui doiv[ent] être gravées, la gravure doit avoir de hauteur 0,^{m}045 (quarente cinq millimetres)".[136]

A 16 de maio, o duque de Loulé deixa transparecer algum desconforto, pela impossibilidade em adiantar a verba necessária para dar início à encomenda, contrapondo que não haveria inconveniente se o processo sofresse atraso e que remeteria a soma o mais breve possível. Mais uma vez, refere as exigências da soberana no que concerne à gravação heráldica dos pratos, cujo teor merece ser enfatizado: "Sa Majesté est d'accord sur ce que vous dites au sujet des poids des objets demandés; quant aux armoiries qui doivent être gravées au centre des assiettes dans la proportion de celles gravées sur les assiettes de la Couronne, qui ont été faites par Germain dont je vous ai envoyé la grandeur sur le carton joint aux modèles expédiés. Je vous enverrai le dessin qu'on est en train de copier des assiettes Germain".[137]

Em julho de 1900, a pedido da rainha, a *Maison Odiot* voltou a apresentar novo orçamento para um faqueiro com 2.262 talheres, disponibilizado em 7 estojos, pela exorbitante quantia de 34.800 francos, da qual 30.000 francos correspondentes à execução dos talheres (que necessariamente consumiriam 118,200 Kg de prata), 2.800 correspondentes à gravação dos monogramas e 2.000 à execução dos estojos.

De acordo com as normas comerciais em vigor, era devida ao fornecedor uma provisão de 15.000 francos, relativa ao valor do peso do metal, para acionar a ordem de encomenda, tal como comunicado na missiva que acompanha o orçamento, dirigida ao duque de Loulé.[138]

Sensivelmente um ano mais tarde, foi remetido um terceiro orçamento para outro faqueiro, segundo modelo escolhido por D. Maria Pia e quantidade previamente solicitada. A nova estimativa era de 9.618 francos para um faqueiro de 438 unidades, estando já incluídos 972 francos pela gravação das armas e 500 francos pela execução do estojo em carvalho encerado. O orçamento é acompanhado de uma fotografia e do desenho das armas a gravar. O fornecedor solicita um adiantamento de 5.000 francos e comunica que o remanescente será liquidado contra entrega.[139]

A 4 de dezembro de 1902, a *Maison* Odiot remete novo orçamento dirigido à rainha, discriminando o peso e o preço unitário para as tipologias de talheres requeridas terminando com a referência aos pratos: "1 Assiete à dessert vermeil filets, contours, rubans et coquille: 500 – 145, 1 Plat d'Entremets: 750 – 170, 1 Plat d'Entrées: 880 – 200. Gravure et gainerie non comprises". Ao lado, a nota a lápis: "Saber se este preço é por peso ou por peça. Saber quanta liga existe na prata. 1902"[140]. Com efeito, a garantia da qualidade destes artigos, endossada ao teor da liga, é um aspecto que a rainha D. Maria Pia não negligencia. As suas notas manuscritas não só constituem um testemunho fiel desta preocupação como também revelam que a rainha não excluiria a possibilidade de endereçar esta encomenda aos Joalheiros da Coroa. A lápis, escreveu: "[...] Saber do Leitão como é a liga e a prata dos pratos da corôa, e os pezos d'elles e dos de sobremeza doirados e dos talheres [de mesa] e dos talheres de sobremeza e porque preço elle os faria a todas as peças em novo e <levarlo ouro>[141] [sublinhado no original]. Saber liga e prata melhor por partes e pezo dos talheres do Odiot feitos cá. Saber do Odiot o mesmo da prata franceza de 1.ª e 2.ª classe e ver a differença da prata de 1.ª e 2.ª de cá [...]"[142] [fig. 32]. Efetivamente, esta questão terá sido colocada aos Joalheiros da Coroa Leitão & Irmão, que remeteram à Casa Real o devido esclarecimento. Em papel timbrado, declaram: "Os talheres são de prata de lei de 833 millesimas o que quer dizer que em 1000 ha 167 de liga. Os talheres franceses são de prata

[fig. 32]
Apontamento manuscrito da rainha D. Maria Pia
Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda
APNA, 4.3.2., doc. 29, sem data
Cortesia da DGPC / PNA / BA

de 1.º título do toque de 950 millesimas o que quer dizer que em 1000 ha 50 de liga. Primeiros títulos: Portugues – 916, Francez – 950. Segundo título: Portugues – 833, Francez – 800".[143]

O desejo acalentado por D. Maria Pia de adquirir não só um faqueiro, mas também um conjunto de pratos Odiot, não ficou por aqui, nem tão pouco a soberana havia abandonado a ideia de ordenar uma encomenda inspirada nos modelos de Germain para a Coroa portuguesa, como de resto o testemunha outra documentação coeva analisada. De entre um conjunto de anotações manuscritas a lápis, pelo punho da rainha, em papel timbrado do Hotel Liverpool[144], não datadas, destacamos uma que seguramente se enquadra na sua estada em Paris, por ocasião de uma viagem à Europa no segundo semestre de 1905. Efetivamente, o seu conteúdo está em perfeita consonância com a proposta de orçamento enviada em dezembro desse mesmo ano.

Corridas sobre o papel à velocidade do pensamento, em modo de lembrete e anotadas nas entrelinhas numa caligrafia de árdua leitura, dificilmente conseguimos reconstituir estas anotações na íntegra. Daquilo que nos foi possível transcrever, com inevitáveis lacunas, a rainha anotou: "Odiot – prata [sublinhado no original] Jà recebi o devis. Jà encommendada mas espera dinheiro para commesar [...]. Saber-se da prata para se encommendar a que elles querem no Odiot. Encommendar-se podendo ser feito pela forma das escolhidas e Deu as explicações a prata francesa pesa mais que a portuguesa da croa [sic] de Germain da encommenda <peso da dos primeiros [?]>. Ver-se se o pezo dos da Corôa <sendo a mesma liga como> e liga se podem fazer da mesma <e menos> mas não menos sendo possível. Saber já quantas peças podem fazer por que preço e pezo agora por esta ultima encommenda que se deseja". E, logo de seguida discrimina: "Talheres – 250 facas e garfos de meza, 100 colheres, 100 garfos de sobremeza, 100 facas idem, 250 colheres para chá. Tudo foaz [sic] 12 mil francos. Quer já o principio 8 mil francos a fiz [?] encommendado".[145]

Num outro papel timbrado do Hotel Liverpool, muito provavelmente contemporâneo do anterior, a rainha tomou nota: "Quinta feira, mandar vir o Odiot as 2 da tarde, para fazer a encomenda" [sublinhado no original], "ir lá também".[146]

Na sequência do pedido da rainha e de acordo com as quantidades elencadas, a *Maison* Odiot enviou nova proposta no mês de dezembro. O valor para um faqueiro de 800 unidades era então de 12.362 francos, gravação e estojos não incluídos e necessidade de adiantamento de verba, tal como referido na nota: "Gravure et gainerie non comprises. Argent au cours de la commande". Indo ao encontro do pedido da soberana, o fabricante discrimina ainda: "Assiette L.XV Germain – 680gr, Couverts table Germain – 185gr, Couverts dessert Germain – 140gr, Couverts table L.XIV – 196gr".[147]

Longe de se deixar dissuadir pela nefasta conjuntura económica pautada por uma crónica e irreversível escassez de recursos financeiros afectos à Casa Real, a rainha D. Maria Pia deu mostras de um empenho imperturbável. Para além dos imprescindíveis pratos e talheres e da avultada encomenda remetida por Gustave Odiot, decorridos que estavam nove anos, a soberana pretendia ainda efetuar a

aquisição de mais um serviço de chá e café e de um outro par de candelabros, ambos no estilo Louis XV. Disso nos dá conta a carta enviada pelo fabricante ao duque de Loulé, a 16 de janeiro de 1902, na qual aquele refere: "Nous avons l'honneur de vous adresser ci-contre les prix que vous avez bien voulu nous demander pour Services à Thé et Café LXV [Louis XV] et pour Candélabres LXV aux modèles des photographies que vous recevrez par poste"[148]. De seguida discrimina os três modelos de Serviço para Chá e Café que propõe: o modelo "n.º1" pelo valor de "3.110 fr.", o "n.º 18" de "2.870 fr." e o "n.º 16" de "3.640 fr."[149]. Seguem-se os Candelabros, com o respetivo preço por par: "Candélabre n.º 51 à 7 lumières, hauteur 0,50 cm, Prix 3.200 fr.; Candélabre n.º 141 à 6 lumières, hauteur 0,48 cm ½, Prix 2.600 fr.; Candélabre n.º 10, à 4 lumières, hauteur 0,49 cm, Prix 2.200 fr." ou, este mesmo modelo com seis lumes, pelo preço de "2.600 fr.". O fornecedor faz ainda uma advertência quanto ao tempo necessário à execução de uma tal encomenda: "Dans le cas où Sa Majesté se déciderait pour l'un ou l'autre de ces modèles, Veuillez compter environ un mois et demi pour la fabrication des pièces".[150]

As fotografias mencionadas na correspondência conservam-se afortunadamente no acervo do Palácio Nacional da Ajuda. Todas se apresentam marcadas no verso com o carimbo da firma: "Maison ODIOT / 6 JANV. 1902 / PREVOST & C^{IE}". No anverso são identificadas com o número do modelo referido na correspondência e, no caso dos candelabros, a dimensão em termos de altura. Curiosamente, o modelo de candelabro de seis lumes "n.º 141", cujo valor orçava em "2.600 fr." tem no verso a anotação manuscrita a lápis "escolhido".[151] [fig. 33-38]

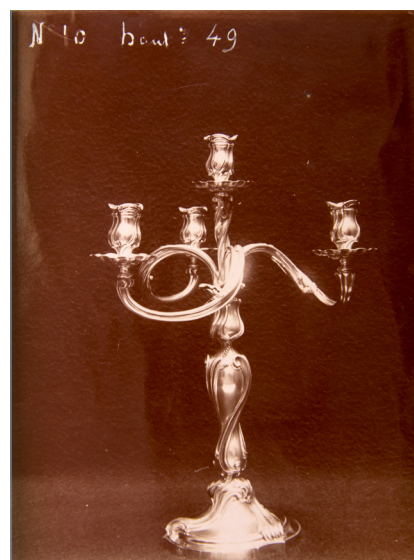
A despeito do fervoroso e incansável empenho devotado pela rainha à efectiva realização destas aquisições, a recorrente falta de liquidez para cobrir a provisão necessária à activação da ordem de encomenda nunca viabilizou tal desígnio. As anotações da própria rainha, mais do que um eco desta circunstância, são a evidência de que à soberana assistiam tão-somente duas preocupações: escolher o desejado e encomendar. Os seus apontamentos a lápis registam: "Odiot / Encommendou-se os talheres de / prata tem a lista do preciso / deu-me o Devis da quantidade / e preço, mas não começa / sem que se lhe pague a terça / parte adiantado, desejo 8 dos / 12"[152], ou ainda, "Prata de jantar, pratos e faqueiros, etc. /

[fig. 33]
Serviço de chá e café N.º 1
Maison Odiot, 1902
Palácio Nacional da Ajuda
Inv. 63484
© PSML | Foto: Cláudio Marques, 2018

[fig. 34]
Serviço de chá e café N.º 18
Maison Odiot, 1902
Palácio Nacional da Ajuda
Inv. 63486
© PSML | Foto: Cláudio Marques, 2018

[fig. 35]
Serviço de chá e café N.º 16
Maison Odiot, 1902
Palácio Nacional da Ajuda
Inv. 63485
© PSML | Foto: Cláudio Marques, 2018

[fig. 36]
Candelabro de sete lumes N.º 51
Maison Odiot, 1902
Palácio Nacional da Ajuda
Inv. 63483
© PSML | Foto: Cláudio Marques, 2018

[fig. 37]
Candelabro de seis lumes N.º 141
Maison Odiot, 1902
Palácio Nacional da Ajuda
Inv. 63481
© PSML | Foto: Cláudio Marques, 2018

[fig. 38]
Candelabro de quatro lumes N.º 10
Maison Odiot, 1902
Palácio Nacional da Ajuda
Inv. 63482
© PSML | Foto: Cláudio Marques, 2018

L.15 [Louis XV] já escolhido e encomendado na Casa / de Odiot. / Quer metade da somma da incommenda / para poder commeçar, e o resto depois".[153]

Considerando a grande quantidade de prata Odiot requisitada para o *Serviço para Cintra*, é bastante credível que as encomendas de pratos e talheres, a terem sido efectivamente concretizadas e remetidas à Casa Real, integrassem também o rol de requisições à Mantearia para o almoço em Sintra, a 24 de março de 1905.

De toda a prata constante do rol, os grandes conjuntos Odiot, lamentavelmente ausentes das coleções do Palácio Nacional da Ajuda mas que sem dúvida resultariam em perfeita sintonia com o serviço Haviland (Limoges) de inspiração *rocaille*, seriam os únicos, em quantidade e de coerência formal e decorativa, capazes de proporcionar o ornato sumptuoso de uma mesa dominada pelo estilo Louis XV, tão ao gosto da rainha D. Maria Pia.

Prata de Sua Alteza

Sobre a prata aqui mencionada, pertencente a Sua Alteza o Infante D. Afonso, duque do Porto, não nos deteremos detalhadamente, pois não se trata de prata de mesa, mas antes de um conjunto de objetos de *toilette*, provavemente um serviço, requerido à Mantearia do Paço da Ajuda, para uso pessoal de D. Afonso, em Sintra.

Prata Real Tesouro

Deste grupo de *Prata da Coroa*, mencionam-se "6 pares de castiçaes" e respetiva numeração gravada nos próprios, bem como as "12 bobeches da mantieiria", provavelmente de vidro, que seriam utilizadas naqueles. O facto de a prata do Real Tesouro contemplar vários conjuntos de modelos distintos de castiçal, pode justificar a numeração, quase nunca emparelhada, dos pares selecionados. Com efeito, cremos que possam estar em causa doze castiçais formalmente iguais, ou seja, de um mesmo modelo, motivo pelo qual a discordância numérica, na sua conjugação, deixa de ser relevante.

A já mencionada imagem fotográfica da Sala das Pegas no Real Paço de Sintra[154], onde figura um aparador exibindo algumas peças de prata, é também testemunho da utilização efetiva de castiçais do Real Tesouro. É aí visível um modelo de fuste sextavado, assente em base circular e que, à semelhança dos demais deste conjunto, se encontra marcado com as Armas do Reino Unido, Portugal, Brasil e Algarves (1816-1826) e iniciais "R.T." gravadas. Podendo ser este, ou não, o modelo que foi selecionado na Relação do *Serviço para Cintra*, tomamo-lo como exemplo [fig. 39]. Exemplares deste modelo conservam-se hoje nos acervos dos Palácios Nacionais da Ajuda, Necessidades, Mafra, Pena e Queluz.

[fig. 39]
Par de castiçais
António Joaquim de Freitas
Lisboa, século XIX (1.ª metade)
Prata

Palácio Nacional da Ajuda
Inv. 10680 e 10681

Talheres de prata, Christofle de Sua Magestade e Casa Real

Sob este título são referidos vários faqueiros, ou parte deles, de categorias distintas, em prata e em metal prateado. O primeiro, do fabricante Christofle, compreende facas, garfos e colheres de sobremesa. Por analogia com outras listagens de prata requerida à Mantearia, pensamos tratar-se de um faqueiro da Casa Real, cujo modelo designado "filets" identificamos no catálogo de 1862 daquele fabricante[155]. Segue-se a referência a um conjunto de talheres de mesa do Infante D. Afonso e um outro conjunto, igualmente de mesa, da designada "Prata Lisboa." Desta categoria de prata são também as "48 colheres para refresco douradas" e as "47 colheres para chá brancas", mencionadas mais abaixo, no rol.

Esta secção termina com a presença de um faqueiro Christofle de Sua Majestade a Rainha, adquirido por ocasião da sua viagem à Europa em 1901[156]. Decorado no estilo Louis XV e marcado com o monograma coroado "MP", é constituído por quatrocentas e sete unidades.

O faqueiro e doze lavabos Christofle, também marcados com o monograma da soberana e acompanhados dos respetivos *rince-bouche* de vidro opalino *Baccarat*, adquiridos na mesma viagem, foram entregues na Real Mantearia do Paço da Ajuda a 8 de fevereiro de 1902[157], tendo dado entrada no inventário nesse mesmo dia[158].

Um segundo registo desta entrega, assinado por José Dias Ferreira, responsável pela mesma, dá conta de apenas "dez tijellas" e "dez copos de vidro", já que "ficarão 2 [de cada] a servir", como aliás fora já anotado no anterior registo de entrega[159]. Da prata entregue na mesma ocasião constam cinco saleiros com asa e três "cabazes de palha com aros de prata", de tamanho e configuração diferentes, com as armas de aliança de Portugal e Sabóia, em prata, aplicadas sobre o vime.
A montagem da prata é da autoria do ourives Federico Tornotti, de Turim.[160]

A julgar pelo teor de uma nota datada de 16 de abril de 1902, o referido faqueiro teria chegado incompleto no anterior mês de fevereiro. A nota diz: "Vieram de Paris no dia 15 d'Abril e mandei entregar na Mantieiria ao Joaquim Ferreira 72 facas de sobremesa de Christofle que faltavam na encomenda vinda".[161]

D. Pedro V

Os talheres aqui discriminados pertencem a um faqueiro de prata incompleto, marcado com o monograma coroado "PP", referente ao rei D. Pedro V[162], executado pela *Maison* Veyrat, sob a direcção de Augustin-Pierre-Adolphe Veyrat e designação comercial *Veyrat Fils*, o mesmo fabricante da já mencionada "prata do casamento" da rainha D. Maria Pia.

Ao tempo da Casa Real, este era um faqueiro numeroso, composto por mais de 700 talheres, tal como é possível constatar pelas existências contabilizadas no acervo do Palácio Nacional da Ajuda[163], sensivelmente metade, sendo o restante arrolado no Palácio das Necessidades após 1910. Os lotes aqui inventariados viriam a ser reclamados judicialmente, como património particular, por D. Manuel II, último rei de Portugal, no exílio, através do ex-administrador da Fazenda da Casa Real e seu procurador para o efeito, Fernando Eduardo de Serpa Pimentel.[164]

Outras pratas, ainda, no final do rol

Não obstante a exorbitante quantidade de prata discriminada nesta Relação do *Serviço para Cintra*, tal como o temos vindo a analisar, constatamos com alguma surpresa que após referência aos serviços de louça e vidro, também nestes casos

pertencentes predominantemente a Sua Majestade, são ainda acrescentados alguns outros objetos de prata. Tratar-se-á, porventura, de uma conveniência de última hora ou de uma distração do redator, uma vez que são aqui acrescentadas mais oito travessas, entre as quais duas "do cazamento", grupo de prata que já tinha sido visado neste rol.

A referência a três travessas "de casquinha" indica serem peças de metal prateado e não de prata como aquelas "do casamento", tal como sucede com a travessa pertencente à baixela do Iate Real Sirius[165], também ela em metal prateado.

Salientamos ainda a presença de dois notáveis jarros de cristal incolor, para vinho, com tampas de prata realisticamente cinzeladas, uma em forma de cabeça de catatua, a outra em forma de cabeça de urso[166], ambos datados de 1900, da autoria do fabricante de Londres, William James Hornby. [fig. 40]

Utensílios

No rol do *Serviço para Cintra* e noutras relações similares, são discriminados sob este título vários objetos de utilidade corrente, necessários à logística de apoio à refeição. Se alguns variam de lista para lista, outros, como por exemplo

[fig. 40]
Jarros
William James Hornby
Londres, 1900
Prata, cristal e vidro

Palácio Nacional da Ajuda
Inv. 45952 e 45953

as "bandejas", os "tabuleiros", os "sacca-rolhas", os "alicates", as "cafeteiras" ou os "regadores" aparentam, pelo contrário, ser de utilidade permanente. No caso concreto do *Serviço para Cintra*, e porque o presente estudo aborda em particular o trem de prata requerida à Mantearia, julgamos ser pertinente enfatizar a referência feita às "5 escovas". Sendo estas escovas utensílios de utilidade polivalente, por vezes designadas genericamente como "escovas para limpeza"[167], supomos que as 5 unidades aqui mencionadas, ou parte delas, poderiam estar destinadas à limpeza da prata, já que para este efeito eram usados vários tipos de escovas. A referência colhida de uma outra Relação, datada de 1892, não deixa lugar a dúvidas: "2 escovas ovaes para limpar prata", "2 ditas compridas para limpar prata" e "1 pel de camurça"[168], outra utilidade indispensável a este trabalho de manutenção, destinada a polir e dar brilho à superfície do metal.

Algumas considerações finais

A tradição secular manteve-se até ao final da monarquia portuguesa: a prata civil ao serviço da Casa Real, independentemente da sua natureza, não estava adstrita a um único palácio, antes acompanhando a Corte nas suas deslocações e continuando a desempenhar um papel determinante na *mise en scène* do poder, no que à mesa diz respeito.

O *Serviço para Cintra*, mais do que uma relação de objetos de mesa, é a prova evidente de que a prata da rainha D. Maria Pia e o seu gosto esclarecido prevaleceram e determinaram a conceção dos cenários de convivialidade e diplomacia em torno da mesa em receções oficiais nos derradeiros anos da monarquia. [fig. 41, 42]

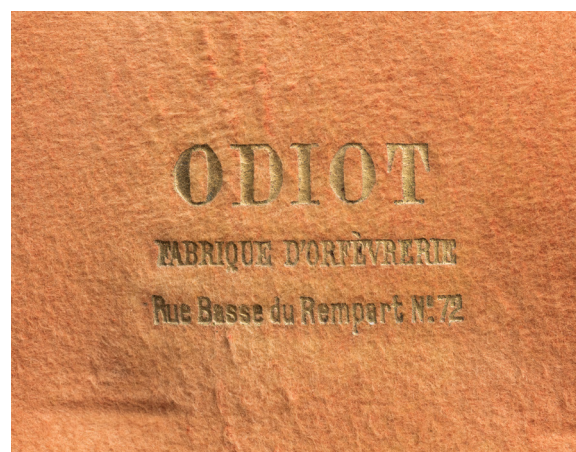
..... § .....

[fig. 41]

Estojos com prata da Maison Odiot
no acervo do Palácio Nacional da Ajuda

Gustave Odiot
Paris, 1893
Madeira de carvalho, metal, flanela

Estojo N.º 5 - Serviço de oveiros para 24 pessoas;
Estojo N.º 6 – Serviço de chá e café;
Estojo N.º 7 – Serviço para bebidas;
Estojo N.º 12 – Terrinas;
Estojo N.º 14 – Serviço para neve para 24 pessoas.
Um dos estojos do lado direito, conserva ainda os selos de lacre do Arrolamento Judicial de 1911-1913.

Palácio Nacional da Ajuda
Inv. 50641/A, 2641/A, 45146, 5293/A e 5291/A

[fig. 42]

Marca do fornecedor
no interior da tampa dos estojos:
"ODIOT / FABRIQUE D'ORFÈVRERIE / Rue Basse du Rempart N.º 72".

NOTAS

1 A Administração Geral do Palácio da Ajuda superintendia diversas repartições, entre as quais a Real Mantearia, onde se guardava todo o material necessário para o serviço de mesas da família real, da Corte e dos empregados.

2 Para melhor entendimento e rigorosa interpretação dos documentos objeto de análise deste estudo – a relação dos serviços e objetos de prata enviados para Sintra em março de 1905 –, procurámos colocá-los em paralelo com outras relações de prata requerida à Mantearia, contextualizando-os num arco cronológico de pequena amplitude. No entanto, é de salientar que as demais relações da prata aqui citadas não constituem um levantamento exaustivo para o período em referência. Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda (APNA), 10.2.2., doc. 252, *Serviço q. foi p. Cintra (R. Ingleza) 16-3-905*; APNA, 10.2.2., doc. 272, *Serviço em Cintra em 21 Março de 1905* [esta relação apresenta-se em duplicado]; APNA, 10.2.2., doc. 273, *Serviço para Cintra*, sem data.

3 Em regra, as pratas do Real Tesouro apresentam-se numeradas e marcadas com uma pequena coroa real.

4 A Prata do Real Tesouro é arrolada sob o título "Objetos de várias especies denominados «Real Tesouro»". APNA, Direcção Geral da Fazenda Pública (DGFP), *Arrolamento do Palácio Nacional das Necessidades*, vol. 7, fl. 2422-2491.

5 Sobre Bens da Coroa e Bens particulares da família real, veja-se Jardim/Monteiro, 2010: 11-48.

6 A designação de "Primeira Baixela" ficou a dever-se não só ao facto de ser esta a baixela que estava reservada aos banquetes solenes com a presença da Família Real, mas também pelo facto de a Coroa dispor de uma "segunda baixela que foi do Duque de Aveiro", confiscada para o serviço da Casa Real, em 1759, no âmbito do sequestro dos bens de D. José de Mascarenhas e Lencastre após a acusação do seu envolvimento na tentativa de regicídio. Jardim, 2002: 92-143; Vassallo e Silva, 2012: 69-91.

7 François Thomas Germain (1728-1791) foi aprendiz na oficina do pai, Thomas Germain (1673-1748) de quem herdou o atelier e uma vasta clientela real e privada. Embora tenha muitas vezes utilizado modelos do pai, aos quais modernizou pormenores, executou também grandes projetos de sua própria autoria. Foi nomeado por decreto do Conselho, a 16 de outubro de 1748, *Maître Orfèvre et Sculpteur du Roi*, tendo-lhe sido conferido o direito de ocupar o espaço que fora de seu pai, o maior das Galerias do Louvre, ainda que não tenha recebido formação de acordo com o tempo regulamentar. A 27 de setembro desse mesmo ano foi-lhe concedido, por autorização especial, o direito de registar dois punções na Corporação dos ourives parisienses. A partir de então, passou a liderar o atelier mais activo de Paris, no qual os aprendizes parecem ter sido particularmente numerosos. Nos anos subsequentes a sua produção, pautada por altos padrões de qualidade, foi desenvolvida a uma escala quase industrial. Germain era o ourives da moda e as suas obras eram sinónimo de esplendor e luxo. A grandiosa encomenda do rei D. José I a Germain reúne um impressionante serviço de mil e vinte e três peças de uma elegante linguagem barroca. A sua composição, que prevê uma mesa para 24 pessoas, traduz a adoção por parte da corte portuguesa do modelo de serviço e arte da mesa instituído em França nos finais do século XVII – *le service à la française* - composto por quatro "cobertas", cada uma com tipologias específicas de peças para a apresentação das diferentes iguarias. Era este o modelo adotado pelas cortes europeias como sinónimo de bom gosto, requinte e civilidade. Da impressionante quantidade de encomendas das casas reais de França, Portugal e Rússia, o sumptuoso serviço para o rei D. José I, obra-prima da ourivesaria francesa, foi seguramente um dos mais importantes e grandiosos trabalhos da oficina de François Thomas Germain.

8 APNA, 10.2.2., doc. 271, *Relação dos objectos que sairam da arrecadação (Mantieiria) do Real Paço d'Ajuda, para este Paço de Sintra, 23 de Julho de 1904*.

9 O *Chalet* do Monte Estoril, também conhecido por Paço do Estoril ou, simplesmente, *Chalet* da Rainha, foi adquirido por D. Maria Pia em 1893. A rainha tratou pessoalmente da sua decoração e habitou-o por períodos alargados entre 1894 e 1910. Aqui gostava de se refugiar e foi esta a sua segunda morada para além do Paço da Ajuda.

10 A transferência direta de todo o material, de Sintra para o *Chalet* do Estoril, terá como sua muito provável justificação a proximidade do aniversário da rainha D. Maria Pia, comemorado a 16 de outubro, e assinalada com a realização de um jantar no *Chalet*, como aliás era prática habitual nessa data. O Palácio Nacional da Ajuda conserva no seu acervo um exemplar do menu deste jantar.

11 *O Século*, 24 março 1905: 2. Agradecemos a Fernando Montesinos, conservador do Palácio Nacional de Sintra, o acesso às informações jornalísticas relacionadas com o almoço de 24 de março de 1905, mencionadas no presente texto.

12 APNA, 10.2.2., doc. 271, fl. 7.

13 APNA, 10.2.2., doc. 208, *Rol do serviço que serviu ao Presidente Frances em 28 de Outubro de 1905.* A rainha D. Maria Pia encontrava-se, nesta altura, a viajar pela Europa. No anterior mês de junho, o presidente Loubet já se tinha encontrado com a rainha viúva em Paris.

14 APNA, 10.2.2., doc. 211-211a, *De Sua Alteza* [e] *De Sua M.R. que se emprestou às Necessidades, 9.3.907*.

15 APNA, 10.2.2., doc. 212-212a, *Serviço que foi para Cintra para o chá do rei* [de] *Saxe a 9.3.907.*

16 APNA, 10.2.2., doc. 213, *Prata de S. M. para o jantar aos Expedicionários, 17.12.1907*.

17 De entre as várias relações de prata requerida à Mantearia do Paço da Ajuda referenciadas neste estudo, a citada Prata de Sua Magestade para o jantar aos Expedicionários é a única cujo conteúdo se destinou a ser utilizado no Paço da Ajuda. *Diario de Noticias*, 18 dezembro 1907: 1; *Diario Illustrado*, 18 dezembro 1907: 1. Agradecemos o levantamento destes periódicos a Joaquim Morais Afonso, colaborador do Palácio Nacional da Ajuda.

18 A mesa de Estado servia a família real, os dignitários de serviço e, por vezes, algum convidado.

19 APNA, 10.2.2., doc. 273.

20 Exposição evocativa inaugurada a 5 de julho de 2018. Decorreu de 6 de julho a 7 de outubro, na Sala das Pegas do Palácio Nacional de Sintra.

21 Esta relação apresenta-se em duplicado. APNA, 10.2.2., doc. 272, *Serviço em Cintra 21 Março de 1905* e *Serviço em Cintra em 21 Março de 1905 Cópia*. Tomámos como referência a primeira.

22 APNA, 10.2.2., doc. 272, fl. 3v.

23 APNA, 10.2.2., doc. 272, fl. 4. Ressalvamos aqui o facto de as "2 peças redondas com almas de vidro do Quarto de S.M." constarem efetivamente da Relação do *Serviço para Cintra.* Veja-se APNA, 10.2.2., doc. 273, fl. 1v.

24 Esta relação apresenta-se em duplicado. APNA, 10.2.2., doc. 251, *Serviço que foi p. Cintra (R. Ingueleza) a 15-3-905* e doc. 251a, *Serviço que foi p. Cintra a 15-3-905*. Tomámos como referência a primeira.

25 APNA, 10.2.2., doc. 252, *Serviço q. foi p. Cintra (R. Ingleza) 16-3-905*.

26 Sobre a visita a Portugal da rainha Alexandra e o almoço oferecido em sua honra no Real Paço de Sintra a 24 de março de 1905, veja-se o primeiro capítulo da presente publicação, da autoria de Fernando Montesinos.

27 APNA, 9.1.1., doc. 288, *Relação dos convidados por ocasião da vinda a Sintra de S.M. Rainha Alexandra, 24 de Março de 1905*.

28 D. Luís (1838-1889) ascendeu ao trono em 1861, após o falecimento prematuro e sem descendência do seu irmão D. Pedro V (1837-1861), cujo breve reinado durou apenas 8 anos (1853-1861). Após o casamento de D. Luís com D. Maria Pia de Sabóia (1847-1911), o Palácio da Ajuda foi escolhido para residência permanente da família real. Aqui habitaram o príncipe real D. Carlos e o infante D. Afonso. Após a morte do soberano, em 1889, D. Maria Pia e D. Afonso nele permaneceram até à instauração do regime republicano e consequente exílio da família real em 1910.

29 Está ainda por apurar a enigmática funcionalidade deste par de urnas que recorrentemente integram as listas de requisição de prata à Mantearia, com a impreterível advertência "sem tampa". Sabemos, todavia, que esta sua utilidade era concretizada com o auxílio daquilo que supomos ser uma concha de cabo comprido, pois é desta forma que uma delas figura numa prateleira do aparador da Sala das Pegas, no Real Paço de Sintra, em imagem fotográfica de finais do século XIX (inv. PNA 62354).

30 Pedro Carlos Moura Dias foi particular ao serviço da rainha D. Maria Pia. Residia no Paço Real da Ajuda, ocupando os espaços denominados por "Antigos aposentos de Pedro Dias, particular que foi, da snr.ª D. Maria Pia", descritos no próprio arrolamento. Após a implantação do novo regime republicano, acompanhou os arroladores judiciais que realizaram o inventário dos bens existentes no Paço da Ajuda. APNA, DGFP, *Arrolamento do Palácio Nacional da Ajuda*, vol. 4, fl. 1265-1265v.

31 APNA, 10.2.2., doc. 9, *Relação de peças de um faqueiro pertencente à rainha D. Maria Pia, 2-11-1869*.

32 APNA, 10.2.2., doc. 11, *Prata de Sua Magestade Rainha A Senhôra D. Maria Pia, 1891*.

33 APNA, 5-II-I (b), [Inventários pratas, louças, etc.], *Prata com as Armas reaes Portuguezas e Italianas pertencente a Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria Pia. Armário N.º 1, 1 Junho 1894*, fl. 1-3.

34 APNA, 5-II-2, [Inventário pratas, louças, vidros, bronzes, 1907], *Prata com as Armas Reaes Portuguezas e Italianas N.º 1*, fl. 12-15.

35 Sobre este serviço de mesa, veja-se Maranhas, 2015: 113-128. Disponível em: http://artison.letras.ulisboa.pt/index.php/ao/article/view/19/17.

36 A designada "Prata Lisboa" compreende um heterogéneo conjunto de prata de mesa, incluindo peças marcadas com a inicial "m" gótica coroada, referente à rainha D. Maria II. APNA, 10.2.2., doc. 93, *Prata Lisbôa*, sem data.

37 A *Maison* Boin-Taburet nasceu da sociedade entre o joalheiro Emile Taburet (act. 1868-1881) e o seu genro, o ourives e antiquário Georges Boin, instalada em 1880 no n.º 3 rue Pasquier, anterior morada de Taburet. Nesse mesmo ano Taburet expôs as suas obras ("Le Métal") na *Union Centrale des Arts Décoratifs* (l'UCAD). Sob a designação comercial *Boin-Taburet*, a firma participou na Exposição Universal de Paris em 1889, onde apresentou centros de mesa inspirados na obra de Juste Aurèle Meissonier (1695-1750) que lhe valeram uma medalha de ouro e, ainda, serviços de chá e café nos estilos Louis XIV e Louis XVI e uma terrina com *plateau*, executada no ano anterior para o *Jockey Club*.

Dentro dos revivalismos oitocentistas, a firma foi uma das mais acérrimas executantes do estilo Louis XV contribuindo decisivamente para a sua divulgação e para o ressurgimento da ourivesaria francesa no século XIX. Em 1900, George Boin associa-se ao ourives Henry sob a designação comercial *Boin et Henry orfèvres* e recebem o grande prémio na Exposição Universal de 1900. Em 1906, na Exposição Internacional de Milão, a casa é representada sob a designação *Henry Frères et Cie*., conservando a mesma morada. Veja-se *Les Arts Décoratifs, Centre de Documentation des Musées*, "Boin et Taburet (maison)", http://opac.lesartsdecoratifs.fr/fiche/boin-et-taburet-maison-1; Allan, 2007: 292-293.

38 APNA, 10.2.1., docs. 258 e 259.

39 D. Pedro José Agostinho de Mendonça Rolim de Moura Barreto (1830-1909), 3.º Marquês e 2.º Duque de Loulé, que já havia assumido outros cargos na Casa Civil do rei D. Luís, integrou a comitiva portuguesa enviada pelo soberano a Turim para acompanhar a vinda de D. Maria Pia para Portugal, ainda princesa de Sabóia, em outubro de 1862. Entrou para a Casa Civil da rainha como veador a 5 de novembro de 1862 e, decorridas sensivelmente duas décadas, a 12 de março de 1886, viria a ser nomeado para o cargo mais alto de Mordomo-mor. Veja-se *Corte Portugueza. Casa de Suas Magestades*, 1896: 7-8; Andrade, 2011: 139.

40 APNA, 10.2.1., doc. 287.

41 João Benjamim Pinto (1851-1914) ascendeu ao cargo de veador honorário da Casa de Sua Magestade a Rainha a 24 de abril de 1893. Acompanhou a rainha no exílio. Veja-se *Corte Portugueza. Casa de Suas Magestades*, 1896: 7-8.

42 APNA, 10.2.1., doc. 258.

43 São referidos como "4 pratos quadrados para dôce dourados por dentro". APNA, 10.2.2., doc. 271, fl. 2.

44 Referimo-nos aos oito pratos quadrangulares que integram a 3.ª Coberta da baixela. Têm o número de série "25" atribuído pelo ourives e datam de 1759-1760. Maranhas, 2002: 311-381.

Georges Boin era um importante colecionador de ourivesaria antiga. Um dos quatro gomis e respetiva bacia pertencentes à Baixela da Coroa portuguesa, com o número de série "64" e que hoje se conservam no *Musée des Arts Décoratifs*, figuraram na sua coleção. Estas duas peças integraram o lote da baixela que permaneceu no Brasil para o serviço de D. Pedro, por ocasião do regresso de D. João VI a Portugal, em abril de 1821. O referido lote viria a dispersar-se em virtude das partilhas entre os herdeiros de D. Pedro.

45 As joias, ou parte delas, terão sido entregues após a celebração do contrato, lavrado a 12 de setembro de 1892, entre a Administração do Banco de Portugal e o duque de Loulé, mordomo-mor da rainha e seu procurador para o efeito. A julgar pelo modelo de recibo de entrega de joias passado pela referida administração à rainha D. Maria Pia, com a mesma data, a soberana beneficiou do usufruto de algumas joias constantes da relação de penhores, sob o compromisso da sua posterior restituição ao banco. Veja-se APNA, 10.2.2., doc. 186.

Com efeito, uma carta remetida pelo conselheiro Augusto Gomes de Araújo, administrador geral da Casa de Sua Magestade a Rainha e seu secretário particular, à Administração do Banco de Portugal, datada de 26 de março de 1903, vem corroborar esta questão. Nela o administrador solicita que lhe seja confiado um conjunto de joias, discriminado em lista anexa, que D. Maria Pia pretenderia usar no mês seguinte, por ocasião da visita de Edward VII do Reino Unido a Portugal e pelas quais o administrador garantia assumir "pessoalmente inteira responsabilidade". Veja-se Arquivo Histórico do Banco de Portugal, Banco de Portugal. Operações Diversas. Contratos de Empréstimos s/penhor. 1843-1931. BP/OD. Agradecemos esta referência a Catarina Prelhaz.

O rei D. Carlos e a rainha D. Maria Pia foram os anfitriões de Edward VII durante a sua visita a Portugal, entre 2 e 7 de abril, devido à ausência da rainha D. Amélia, que se encontrava no Egipto com o príncipe D. Luís Filipe e o infante D. Manuel. Nos dias 5 e 6 de abril houve jantar de gala e ceia, respetivamente, no Paço da Ajuda, em honra do monarca britânico. Acerca do jantar de 5 de abril, o *Diário de Notícias* relata: "As mesas que servem ao jantar estão dispostas parallelamente. Nas paredes lateraes veêm-se os aparadores com a riquissima e preciosa baixela de prata [a Baixela Germain] que deve servir ao jantar". *Diário de Notícias*, 5 abril 1903.

46 Prelhaz, 2018: 43.

47 APNA, 10.2.1., docs. 289 e 290.

48 Casa fundada em 1880 por Edmond Tétard (1860-1901), na sequência da compra da antiga *Orfèvrerie Hugo* (estabelecida em 1851), assumindo a designação comercial *Maison Ed. Tétard*. Na Exposição Universal de 1889 foi galardoada com uma medalha de ouro e duas de prata. A casa especializou-se na produção de serviços e peças de inspiração Louis XV. Em 1901, a liderança foi assumida pelos seus três filhos, Henri, Jacques e Georges, sob a designação *Tétard Frères*.

49 APNA, 10.2.1., doc. 262.

50 APNA, 10.2.1., doc. 267.

51 O estojo, que se conserva no acervo do Palácio Nacional da Ajuda, está assinalado no exterior com a inscrição "N.º 2", a tinta preta.

52 Nos inventários de 1894 e 1907 é referenciado como "1 Centro de mesa oval com uma figura dos lados", "2 Bacias de vidro do dito" [1 bacia suplente] e, no Arrolamento Judicial, é inventariado na Arrecadação das Pratas da rainha D. Maria Pia, sob a verba N'583, sendo aqui também referido que tem "capsula" de cristal suplente. APNA, 5-II-I (b), fl. 9. APNA, 5-II-2, fl. 2. APNA, DGFP, *Arrolamento do Palácio Nacional da Ajuda*, vol. 4, fl. 1255v.-1256.

53 Maranhas, 2009: 113-129.

54 A alma é de metal prateado.

55 Sob o título "Diferentes peças de prata pertencentes a Sua Magestade", "1 Plateau com espelho", "1 Bacia do dito", "1 alma da bacia do plateau". APNA, 5-II-I (b), fl. 4-5.

56 Sob o título "Prata diferente n.º 2", "1 centro meza", "1 alma do dito", "1 base do dito com espelho". Cf. APNA, 5-II-2, fl. 17.

57 O conjunto é arrolado na Casa da Arrecadação das Pratas de D. Maria Pia, sob a verba N'662". APNA, DGFP, *Arrolamento do Palácio Nacional da Ajuda*, vol. 4, fl. 1283.

58 O conjunto é aí referido como: "6 Taças de crystal e prata Louis XV, sinzeladas...450,000; 1 Taça crystal e prata, azas figuras, Louis XV, sinzeladas...450,000; 1 Plateau espelho, Louis XV...450,000". Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Arquivo da Casa Real (ACR), cx. 6635, *Vendido a Sua Magestade A Rainha A Senhora D. Maria Pia, 30-06-1891*.

59 David Allan identifica o fabricante de joalharia e ourivesaria *Paul Canaux & Cie*., com morada no n.º 30 boulevard Malesherbes, tendo transitado para o n.º 127 rue de Turenne em 1899. Punção autoral registado a 12 de abril de 1892 e cancelado a 20 de julho de 1911. Allan, 2007: 298.

60 O apelido Odiot está na origem de uma das mais importantes e fecundas dinastias de ourives, cuja ascendência remonta a Jean-Baptiste-Gaspard Odiot (1692-1767, *maître* 1720), sucedido pelo filho Jean-Claude Odiot (1722-1788, *maître* 1754). Foi Jean-Baptiste-Claude Odiot (1763-1850, *maître* 1785), um dos filhos do segundo casamento de Claude, quem assegurou a perenidade do apelido e o elevou às mais altas instâncias da profissão. Em 1827 foi sucedido pelo filho, Charles-Nicolas Odiot (1789-1868), cujo punção (O / *une lampe antique allumée*) foi registado em 1826 e transitou para Jean-Baptiste-Gustave Odiot (1823-1912), que o averbou em seu nome em 1865 e dele fez uso até ao seu cancelamento em 1894. Por um período de doze anos, desde 31 de março de 1894 até 1906, é constituída uma sociedade comercial em nome colectivo e em comandita simples, entre Emile Prevost, Paul Edouard Recipon e o próprio Gustave Odiot. A sociedade utiliza o punção (PR C[ie] / *une lampe antique allumée*). Com a morte de Gustave termina a dinastia Odiot, cujo nome secular persiste no n.º 7, rue de la Madelaine, em Paris. A *Maison* Odiot esteve presente em quase todas as exposições ao longo do século XIX, onde obteve as mais elogiosas apreciações e prémios de reconhecimento.

As aquisições da rainha D. Maria Pia foram efetuadas, na sua grande maioria, sob a direção de Gustave Odiot, até 1894. De entre os revivalismos oitocentistas, como o neo-renascença ou o estilo Louis XVI, foi o neo-*rocaille* aquele que mereceu as preferências de Gustave e que notabilizou a sua emblemática obra.

61 Referidos como "Porte-menus Louis XV - 560 f.[rs]". APNA, 5-II-34, *Adresses e moradas dos differentes fornecedores no Estrangeiro, 1898*.

62 Segundo Luís Maria da Silva Pinto, no seu *Dicionário da Língua Brasileira*, Ouro Preto, 1832, "espicha", "Diz-se de huma porção de sardinhas enfiadas pela guelra para cural-as ao fumo, e assim de camarões, etc."; e sobre "espichar" diz que é, "Enfiar sardinhas para secal-as ao fumeiro". No *Dicionário da Língua Portuguesa* de António Moraes Silva de 1789, o sentido é precisamente o mesmo, assim como no *Vocabulário do Bluteau* (1728). Agradecemos esta informação a Hugo Miguel Crespo, investigador do Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, cujo contributo foi fundamental para a identificação destas peças.

63 O uso deste utensílio, em forma de agulha achatada de pequena dimensão, parece ter-se generalizado no decorrer do século XVIII. No século XIX, os banquetes de cerimónia não dispensavam os espetos de prata com terminais decorativos, muitas vezes alusivos à caça ou ao prato que era servido, como guarnição decorativa das grandes peças de carne, de peixe ou pudins.

O *Chef* francês Antoine Carême (1784-1833), conhecido como "le roi des chefs et le chef des rois", requisitado pelas cortes reinantes e pelas cosinhas privadas da alta sociedade parisiense, eternizou nos anais da arte culinária o *Pike à la Régence*, uma invenção sua, em homenagem ao Príncipe Regente George IV. Esta sua receita consistia num prato estufado, guarnecido de trufas, caudas de camarão e fatias de *bacon* harmoniosamente montadas em dez espetos. Jones, 2008: 65.

Pertinente, neste contexto, é também o relato de Tomás de Mello Breyner, médico da Casa Real e visita assídua no Paço da Ajuda, que por ocasião de um banquete diz ter-se dirigido à cozinha e visto "Mestre Custódio, 1.º cosinheiro do Paço, armar as travessas espetando espadinhas de prata através das gallinhas e cravando bandeirinhas de papel nos pudins". Breyner, 1930: 109.

64 ANTT, ACR, cx. 6978, Fatura *Maison* Odiot Prévost & C.[ie], *Vendu à Sa Magesté la Reine Douarière de Portugal*, 1897.

65 APNA, 10.2.1., doc. 248. Tradução da autora: "Senhor Duque, temos a honra de trazer à sua lembrança a carta de 15 de maio último pela qual anunciava que nos faria chegar em breve a provisão de quinze mil francos necessários para dar início à produção da prataria encomendada por Sua Majestade A Rainha Viúva de Portugal. Aproveitamos a ocasião para voltar a apelar à sua benevolente atenção para a primeira entrega feita e também os espetos que temos à disposição de Sua Majestade, contabilizando um total de 3179.60 francos. A época, longínqua já, a que remonta esta entrega causa-nos um prejuízo que, na sua imparcialidade, V. Exa. saberá certamente avaliar e nós contamos com o seu empenho para diligenciar o pagamento desta primeira conta. Nesta espectativa, queira aceitar, Senhor Duque, os nossos respeitosos cumprimentos".

66 APNA, 5-II-2, fl. 19.

67 Três apresentam o remate em forma de caduceu, sete em forma de punho de espada, quatro em forma de javali e outros quatro em forma de veado.

68 Estes dezasseis exemplares são, muito provavelmente, os constantes de uma listagem de objetos "Christofle da Casa Real escolhidos por Sua Magestade a Rainha A Senhora D. Maria Pia", para seu uso, após a morte do rei D. Luís, em 1889. São aí referenciados como: "Dezasseis espichas a 200 réis… 3$200". ANTT, ACR, cx. 5918, Cap. *Esclarecimentos diversos relativos à partilha da herança de S. M[de] El Rei D. Luiz*, 1889.

69 O apelido Christofle remonta a 1793 quando André Christofle, fabricante de lantejoulas estabelecido em Paris, fundou a sua empresa. O primeiro punção para o fabrico de peças em prata viria a ser registado pelo seu irmão, Isidore Christofle, ourives de profissão, em 1804. A internacionalização do apelido coube a Charles Christofle (1805-1863), sobrinho de André e Isidore, que iniciou a sua atividade em 1820 ao ingressar como aprendiz na oficina de joalharia da *Maison Calmette*, propriedade de Hugues Calmette (1794-1857), seu cunhado. Em 1825 foi admitido como sócio e em 1831 assumiu a direção da firma, registando o primeiro punção de *maître bijoutier* a 1 de agosto de 1832. Christofle tornou-se o mais importante joalheiro na cidade de Paris fabricando, para além das joias, tecidos espolinados em ouro e prata e dragonas para o exército.

Uma década volvida, direcionou os seus interesses para outro segmento do mercado: o da ourivesaria. Em 1842-1843 adquiriu os direitos de exploração de duas patentes para a utilização em França do processo de revestimento a ouro e prata por eletrólise, a dos ingleses Henry e George Richard Elkington e a do françês Henri de Ruolz. Em 1845 registou os seus punções de *maître orfèvre* e fundou com associados a empresa *Charles Christofle et Compagnie*, uma das primeiras fábricas no mundo a utilizar a eletricidade para a produção em massa de objetos em metal prateado. Em 1852, Henri Bouilhet (1830-1910) engenheiro químico de formação e sobrinho de C. Christofle foi admitido na empresa, desempenhando um papel decisivo no desenvolvimento e implementação da galvanoplastia, uma outra técnica industrial revolucionária que veio permitir a reprodução de objetos em metal. O pioneirismo industrial de C. Christofle afirmou-se na esteira de um novo ideal de progresso económico e social, pautado pela ascensão da vida burguesa e por um crescente interesse pelas artes da mesa. A empresa fabricava não apenas baixelas de uso corrente em metal prateado e dourado, mas também grandes conjuntos ornamentais de mesa em bronze e em prata maciça e, ainda, objetos de arte. A superior qualidade técnica e estética foram, desde sempre, um ponto de honra para o fundador cujo lema era: "Uma só qualidade, a melhor".

Nas mostras da *Exposition des produits de l'industrie française* de 1839, 1844 e 1849, em Paris, foi galardoada com a *médaille d'Or* e o júri da Exposição Universal de Londres em 1851 atribuiu-lhe a *Prize Medal*, a primeira grande recompensa internacional. As monumentais encomendas endereçadas a C. Christofle pelo rei Louis-Philippe, que o elegeu *Fournisseur Officiel du Roi* em 1845 e, depois, pelo Imperador Napoléon III, que o distinguiu com o título *Fournisseur de l'Empereur* em 1855, caucionaram a sua notoriedade em França e além-fronteiras. A marca Christofle tornou-se fornecedora oficial de embaixadas, ministérios, hotelaria de luxo, companhias marítimas, ferroviárias e cortes europeias. Com a morte de Charles Christofle, em 1863, o seu filho Paul (1838-1907) e Henri Bouilhet, lideraram com sucesso os destinos da empresa, cuja produção continua a ser uma referência no panorama das artes industriais francesas do século XXI.

70 APNA, 5-II-I (b), fl. 68.

71 À semelhança do exemplo anterior, também estas 12 molheiras serão as que foram escolhidas pela soberana, para seu uso, na mesma ocasião. No referido documento são descritas como: "Doze molheiras com prato pegado a 200 réis…24$000". A observação direta das peças em tudo contribui para fundamentar aquela hipótese, já que todas elas se encontram marcadas no reverso com o monograma coroado "MP" puncionado, ou com as iniciais "MP" (sem coroa) toscamente incisas no metal. ANTT, ACR, cx. 5918, cap. *Esclarecimentos diversos relativos à partilha da herança de S. Mde El Rei D. Luiz*, 1889. Estas são as mesmas 12 molheiras do inventário produzido em 1894 e com anotações cronológicas posteriores. Sob o título "Christofle pertencente à Casa Real" registam-se em arrecadação "12 suceiras com prato pegado", sendo a sua presença aí confirmada em junho de 1897, junho de 1899, março de 1900, janeiro de 1903 e janeiro de 1904. APNA, 5-II-I (b), fl. 67.

72 Para a identificação deste vaso, em muito contribuiu a análise das outras listagens de prata solicitada à Mantearia do Paço da Ajuda. Com efeito, junto deste exemplar encontramos quase sempre (mas não na Relação do *Serviço para Cintra*) a referência a um outro refrescador de garrafa descrito como "Vazo fosco com asas e carrancas com alma" ou, simplesmente, "Vaso carrancas". Trata-se de uma reprodução *fin de siècle* de um modelo de Pierre Germain (1716?-1783), também conhecido por *Germain o Romano*. Segundo diversos autores, Pierre Germain não terá tido qualquer relação de parentesco com Thomas e François Thomas Germain, embora tenha iniciado a sua atividade, como aprendiz, no *atelier* de Thomas Germain, nas Galerias do Louvre, em 1726. Em 1748 publicou *Eléments d'Orfèvrerie*, uma colectânea de cem gravuras assinadas, na sua maioria, pelo próprio como autor dos desenhos e pelo gravador Jean-Jacques Pasquier. Aí figura o modelo de vaso refrescador com carrancas (*Seau à rafraichir*, gravura 75), divulgado mais tarde por Germain Bapst, na sua obra Études sur L'Orfèvrerie Française au XVIIIe siècle [...], publicada em 1887: 197 (figura N.º 67). APNA, 10.2.2., doc. 271, fl. 2 e 10.2.2., doc. 273, fl. 1. A rainha D. Maria Pia conservava nos seus aposentos, entre outros livros de seu interesse, uma edição brochada da obra de Bapst, carimbada com o seu monograma coroado. Por ocasião do Arrolamento Judicial, a referida obra foi inventariada na Sala Verde sob a verba "Q 78" e, mais tarde, registada no inventário do acervo museológico com o número PNA 1620. APNA, DGFP, *Arrolamento do Palácio Nacional da Ajuda*, vol. 1, fl. 291 e 291v.

O designado "Vaso carrancas" foi adquirido por D. Maria Pia à Casa Boudet, 43 do Boulevard des Capucines, em Paris, em data posterior a 1886.

Dignos de nota neste contexto são ainda duas outras cópias de modelos de Pierre Germain, adquiridas pela rainha D. Maria Pia: uma Mostardeira de André Aucoc (act. 1887-1911) absolutamente fidedigna ao modelo setecentista (*Moutardier*, gravura 60) e um Açucareiro (*Sucrier*, gravura 64), evidenciando algumas diferenças de pormenor em relação à matriz e cujo punção fantasista sugere possível execução francesa. Veja-se *Elements d'Orfevrerie Divisés en deux Parties de Cinquante Feuilles Chacune Composéz par Pierre Germain Marchand Orfevre Joaillier A Paris* (1748). Disponível em: https://bibliotheque-numerique.inha.fr/collection/item/35681-elements-d-orfevrerie-composes-par-pierre-germain

73 Devemos a identificação do punção autoral desta peça a Henrique Correia Braga, perito avaliador, a quem muito agradeçemos.

74 A 1 de janeiro de 1907, esta Jardineira é registada no inventário como procedente do *Chalet* do Estoril: "Veio do Estoril 1 Cysne", "1 alma de metal dourada para o dito". Cf. APNA, 5-II-2, doc. cit.: 21.

75 Esta peça é referida como "[...] Cysne prata 500 fr. [...] 2 de Março 1901", numa lista contendo várias encomendas da rainha. APNA, 4.2.2., doc. 814.

76 A firma Wolfers foi fundada em 1848 por Louis Wolfers (1820-1892), no n.º 17 rue des Longs Chariots, em Bruxelas. Em 1885, Philippe Wolfers (1858-1929) tornou-se seu associado sob a designação *Louis Wolfers Père et Fils*. Philippe assumiu a direcção artística e concebeu inúmeros modelos que caucionaram o renome internacional da dinastia Wolfers. Com loja nas *Galeries de la Reine* desde 1886, os Wolfers foram os maiores fabricantes de ourivesaria civil belga nos finais do século XIX e primeira década do século XX. A sociedade entre pai e filho foi dissolvida em 1890 para renascer constituída por mais um associado, cuja identificação parece não ser consensual, variando a grafia, consoante o autor, entre Max Wolfers (Nys, 1998: 348) e Marc Wolfers, 1859-1953 (Aubry, 2002: 9). Nesta ocasião a loja transita para a esquina entre a rue de Montagne e a rue de Loxum. O punção (três estrelas de cinco pontas) em perímetro triangular terá sido introduzido em 1892, após a morte de Louis Wolfers ou em 1893 (Nys, 1998: 348), altura em que a produção Wolfers foi massivamente exportada para a Europa. O serviço adquirido pela rainha D. Maria Pia ostenta justamente o referido punção autoral e a marca de importação em França (cisne) usada desde 1893 (n.º 633, Beuque). Em 1897, a firma passou a ser conhecida pela designação comercial *Wolfers Frères*. A venda no exterior era assegurada por uma extensa rede de revendedores exclusivos tais como Emile Anthony, em Antuérpia (1897), Joseph Krischer Nachfahren, em Dusseldorf (1903) ou Fernand Hardy, em Liège (1904), entre outros. A firma esteve presente em várias exposições nacionais e internacionais em finais do século XIX e inícios do século XX. Após a morte de Philippe Wolfers, o seu filho Marcel assumiu a direção da empresa. Nys, 1998: 348-349.

77 APNA, 10.2.2., doc. 271, fl. 2.

78 Recipiente em forma de grande taça circular destinado a conter e a servir o ponche, bebida alcoólica habitualmente servida quente, resultante de uma mistura de vinho, aguardente e outros ingredientes como leite, água, açúcar, especiarias ou sumo de fruta.

79 APNA, 10.2.2., doc. 271, fl. 2v.

80 APNA, 10.2.2., doc. 213, fl. 1.

81 Não deixa de ser interessante esta classificação da poncheira como um objeto "electroplate", demonstrativa de que, à época, os redatores destes registos julgariam ser esta uma peça em liga de metal branco prateado e não de prata maciça. Com efeito, esta é uma peça executada em prata e outros metais (*mixed-metals*), uma conjugação absolutamente inovadora introduzida pela Gorham Manufacturing Company, entre 1875 e 1880. Veja-se Maranhas, 2019 [no prelo].

82 APNA, DGFP, *Arrolamento do Palácio Nacional da Ajuda*, vol. 4, fl. 1277v.

83 APNA, 10.2.2., doc. 208, fl. 1v.

84 APNA, 10.2.2., doc. 23, *Prata pertencente à Corôa que fica ao serviço de Sua Magestade A Rainha A Senhora D. Maria Pia*, sem data.

85 APNA, 5-II-I (b), fl. 59.

86 Palácio Nacional da Ajuda (PNA), inv. 5400. Datação: 1762. Diâmetro: 31 cm.

87 Integra o grupo de 4 salvas destinadas ao "aparelho para almoço" (pequeno-almoço) da Baixela, composto por duas chaleiras, dois escalfadores, dois bules, quatro leiteiras, quatro açucareiros e quatro salvas, ao qual não foi atribuído número de série por F.T. Germain. Fez parte da 12.ª remessa de prata da Baixela, enviada a 21 de outubro de 1762. Monteiro, 2002: 306-310.

88 PNA, inv. 10510. Sem data. Diâmetro: 22 cm.

89 MNAA, inv. 1794. Datação: 1757. Diâmetro: 32,5 cm. Agradecemos a Luísa Penalva, conservadora das coleções de ourivesaria e joalharia do Museu Nacional de Arte Antiga, a colaboração na identificação desta peça.

90 "Um taboleiro, de prata, liso, com a borda arrendada, com corôa e M. marcado com o N.º 1, pezando trez mil e nove centos grammas a 36 réis...136$500", "Um dito de prata, liso, sem pés, com corôa e M. marcado com o numero 4, pezando seis mil oito centos e quarenta grammas a 30 réis...205$200". ANTT, ACR, cx. 5918, *Relação da Prata pertencente à Casa Real, escolhida por Sua Magestade A Rainha A senhora D. Maria Pia*, cap. *Esclarecimentos diversos relativos à partilha da herança de S.M^de El Rei D. Luiz 1.º*, 1889.

Supomos que estes sejam os mesmos dois tabuleiros referenciados no Inventário de 1894, sob o título "Prata «Lisboa» pertencente à Casa Real", "1 Tabuleiro grande liso, corôa e M", "1 dito arrendado corôa e M". APNA, 5-II-I (b), fl. 65.

91 APNA, 10.2.2, doc. 270, *Valor em reis de tudo quanto existe na Arrecadação da Real Mantieiria do Paço Ajuda, Estoril, Cintra* [...], 30 de junho de 1902.

92 Este centro de mesa foi adquirido em 15 de dezembro de 2014 na *Cabral Moncada Leilões* (leilão n.º 164, lote 351), pela Direção-Geral do Património Cultural, para reintegrar as coleções do Palácio Nacional da Ajuda. Valor de arrematação: 48.000 euros. Veja-se *Antiguidades e Obras de Arte*, Lisboa, 15-16 dezembro 2014: 212-215.

93 O valor global de 3.919 réis, para o conjunto de peças pertencentes ao estojo n.º 8, é discriminado na mencionada tabela em duas parcelas distintas: para os "4 vasos brancos" o valor de "2.455,000" réis e para os "2 tabuleiros dourados" o de "1.464,000" réis. APNA, 10.2.2., doc. 270, fl. 7.

94 Duas bases deste conjunto foram adquiridas pelo Palácio Nacional da Ajuda em leilão da *Dinastia,* a 28 de outubro de 1999 (lote 240). Valor de arrematação: 4.000 euros.

95 Para além do anterior documento com a avaliação da prata e nota anexa, localizámos um outro que consiste num segundo registo justificativo da entrega da prata, em tudo semelhante à referida nota, também datado de 17 de julho de 1903 porém, sem os valores de avaliação. Em contrapartida, discrimina de forma mais detalhada o conteúdo dos estojos, como se segue: "[...] Estojo n.º 4 (base do centro de mesa), Estojo n.º 8 (4 vasos, almas, e 2 tabuleiros), Estojo n.º 9 (24 soccos, 24 vidros dos ditos), Estojo n.º 10 e 11 (4 serpentinas grandes), Estojo n.º 13 (4 fructeiros, almas, e centro) [...]". APNA, 10.2.2., doc. 82.

96 Prelhaz, 2018: 43

97 Prelhaz, 2018: 44.

98 *Catálogo das Jóias e Pratas que pertenceram à fallecida Rainha Sra. D. Maria Pia*, Lisboa, Banco de Portugal, 24-31 julho 1912: 45-46. Disponível em https://archive.org/details/CatalogoDasJoiasEPratasQuePertenceramAFallecidaRainhaSr.aD.Maria

99 Sob a direção de Jean-Baptiste-Gustave Odiot.

100 APNA, 5-II-I (b), 1894.

O facto de este inventário de pratas incluir já os estojos constantes da relação do *Serviço para Cintra*, é uma indicação segura de que a prata neles contida é da autoria de Jean-Baptiste-Gustave Odiot, já que o seu punção foi cancelado nesse mesmo ano.

101 Identificados no índice como "Serviços de prata". APNA, 5-II-2, 1907.

102 Constatamos que a única exceção é a do Centro de mesa com espelho do estojo N.º 4, cujo registo não menciona a presença do monograma. Julgamos que tal ocorrência possa ter resultado de um lapso do redator. APNA, 5-II-I (b), fl. 11, 15-16, 18-19.

103 APNA, 5-II-I (b), fl. 11. O catálogo do leilão de 1912 refere esta peça, na página 45 (lote 1), da seguinte forma: "Centro de mesa formado por espelhos rodeados de prata, «estylo Louis XV», em tres peças".

104 APNA, 5-II-2, fl. 3.

Do confronto com a entrada de catálogo do leilão de 1912, onde estas peças são descritas como "baldes para gelar o Champagne", percebemos tratar-se de refrescadores de garrafa, com respetivas almas e aros, estes para serem colocados no topo, junto ao bordo. É nestes aros, em prata lisa, que está gravado o monograma coroado "MP". Chamamos também a atenção para o facto de a referida entrada de catálogo (lote 2) contemplar apenas um par de refrescadores e respectivas almas: "Dois baldes [...] Dois vasos". Veja-se *Catálogo das Jóias e Pratas* [...], 1912: 45.

105 APNA, 5-II-2, fl. 3.

106 Os 11 pratos suplentes são aqueles que foram inventariados no arrolamento da República na designada Casa da Arrecadação das pratas de D. Maria Pia (N'1544) e que hoje se conservam no acervo. "Onze pratos de cristal, iguaes, com os bordos em curvas grandes e pequenas, iguaes e symetricas, correspondendo a gommos iguaes em expiral, fundo grosso e liso, para encaixarem nos pés a que pertencem, que são dos objetos da mesma snr.ª, empenhados no Banco de Portugal, segundo a informação de Pedro Dias, que foi seu particular". APNA, DGFP, *Arrolamento* [...], vol. 5, fl. 1445v.

107 Embora os estojos n.os 10 e 11 não figurem na Relação do *Serviço para Cintra*, a sua inclusão na presente análise é pertinente pois, recorde-se, são estes "4 candelabros grandes" de sete lumes cada, respetivas "serpentinas [e] 28 bobeches" aqueles que figuram no documento preliminar já analisado, *Serviço em Sintra 21 Março de 1905*, do qual constam, precedidos da sigla "nf", vários objetos e conjuntos declinados para a utilização no evento em causa.

108 APNA, 5-II-I (b), fl. 17.

109 APNA, 5-II-2, fl. 4.

110 APNA, 5-II-2, fl. 4.

O catálogo do leilão de 1912 refere estas peças (lote 6), inversamente, como: "Uma jardineira, quatro compoteiras". Veja-se *Catálogo das Jóias e Pratas* [...], 1912: 45.

111 APNA, 5-II-2, fl. 2-4.

112 "O estojo N.º 4 consta estar no Banco de Portugal", "Os estojos N.os 8, 9, 10 e 11 consta do livro, a lapis, estarem no Banco de Portugal", "O estojo N.º 13 consta do registo, a lapis, estar no Banco de Portugal". APNA, DGFP, *Arrolamento do Palácio Nacional da Ajuda*, vol. 4, fl. 1256v., 1259 e 1260.

113 Informação facultada pelo Embaixador Manuel Côrte-Real, a quem agradeçemos.

114 Agradecemos ao Embaixador Álvaro Mendonça e Moura, Secretário-Geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, e ao Embaixador Manuel Côrte-Real, o acesso a estas peças e a oportunidade de as fotografar.

115 Lote n.º 31: "Sumptuosa baixela de prata francesa, armoriada, composta de floreira, «plateau», dois candelabros, dois fruteiros grandes, quatro fruteiros médios e quatro pequenos (dois sem cristal). Est. [Estilo] Luís XV. Marcas francesas e punção do fabricante Odiot. Peso 34.000 gramas." *Catálogo de móveis, quadros, pratas e diversos da coleção de Arte do Ex.mo Snr. Augusto de Athayde*, Lisboa, Leiria & Nascimento, 20 abril 1963: 9. Agradecemos a Hugo Xavier, conservador do Palácio Nacional da Pena, esta referência bibliográfica.

116 Nas suas Memórias, Maria da Graça Athayde refere que por volta de 1947, o casal emprestou ao conde de Paris alguns compartimentos do Palácio Quintela-Farrobo, na Rua do Alecrim, para que aquele aí pudesse arrecadar uma série de bens vindos de França. Após ter utilizado algumas dessas peças para mobilar a Quinta do Anjinho, o conde vendeu as restantes. Sobre aqueles bens, escreveu: "Havia coisas valiosas, outras insignificantes, algumas muito bonitas, uma ou outra de mau gosto. O Augusto ficou com as cadeiras douradas que muitos anos rodearam a nossa mesa de jantar [...]. Também o centro de mesa, compoteiras de vários tamanhos, candelabros de prata Odiot". Noutra passagem acrescenta: "Durante muitos anos, reunimos a família, e alguns amigos (às vezes 80 pessoas) para a missa da meia noite e ceia de natal [...]. Vejo a mesa de 5 metros, a toalha bordada, as luzes quase intensas de mais, os pratos frios e quentes, os doces, o centro de prata a transbordar de camélias, as taças de prata e cristal, os candelabros [...]. Logo de manhã passava por todas as salas, endireitando, pondo flores, ajudando o criado de mesa a arrumar com simetria as taças do serviço que fora do conde de Paris [...]". Ataíde, 1986: 198, 192-193. Agradecemos esta referência bibliográfica a Hugo Xavier, cujo contributo foi fundamental para a identificação destas peças.

117 *Catálogo de móveis, quadros, pratas e diversos da coleção de Arte do Ex.mo Snr. Augusto de Athayde*, Lisboa, Leiria & Nascimento, 20 abril 1963: 31

118 Para além dos punções legais, as peças apresentam-se marcadas com a numeração incisa "2209" e "2379". Veja-se *Antiguidades e Obras de Arte*, Leilão 81, Lisboa, Veritas Art Auctioneers, 10-11 outubro 2018: 358-359. Valor de arrematação (lote 731, 2.ª sessão): 10.000 euros.

119 *Important Silver and Gold*, Leilão 7131, Londres, Christie's, 1 dezembro 2004. Valor de arrematação (lote 757): 38.240 libras esterlinas.

120 *Property from the Collections of Lily & Edmond J. Safra - Volumes I-VI*, Nova Iorque, Sotheby's, 18-21 outubro 2011. Valor de arrematação (lote 877, sessão 18 outubro): 34.375 dólares.

121 *O Século*, 17 março 1905: 1.

122 Agradecemos a Fernando Montesinos, conservador do Palácio Nacional de Sintra, a chamada de atenção para esta peça em prata presente na fotografia de A. Salgado. A partir das conversas mantidas no mês de janeiro de 2018, a autora associou a peça captada na fotografia com os refrescadores de garrafa da *Maison* Odiot.

123 A encomenda destas terrinas data de 1893. Em carta de 29 de Agosto daquele ano, a *Maison* Odiot solicita o retorno dos respetivos desenhos e adverte da conveniência do fornecimento das obras no interior de estojos: "[...] Je prends la liberté de vous demander si je devais faire des gaines pour la commande de S.M. la Reine Douarière de Portugal; à mon avis, il me parait indispensable de faire des coffres pour proteger ces pièces, nom seulement pendant le voyage, mais encore lorsqu'elles ne seront pas en service et quand elles devront être déplacées." APNA, 10.2.1., doc. 246, Carta da Casa Odiot para o Duque de Loulé, 29-08-1893.

124 As tampas das terrinas redondas são rematadas, uma, por uma couve-flor com folhagem, a outra, por um tomate com rama e a da terrina oval, por uma couve e ramos de salsa. Os dados técnicos destas peças são os seguintes: dimensões - terrina redonda 26×35×26cm, terrina redonda 22×31×22cm, terrina oval 27×49×27cm; Marcas - Ourives/Fabricante (O / *une lampe antique allumée*), de Jean-Baptiste-Gustave Odiot (registada 31 outubro 1865 – cancelada 14 abril 1894), (n.º 3357, Arminjon, Tome II) Maison Odiot; Exportação (cabeça de Mercúrio 1), França desde 1879, para prata de fabrico nacional de 950 milésimas, destinada a exportação (n.º 90, Beuque) e a inscrição incisa "ODIOT A PARIS", na prata. "ODIOT, FABRIQUE D'ORFÈVRERIE, RUE BASSE DU REMPART N.º 72", no estojo. Veja-se Beuque, 1984: 11; Arminjon/Beaupuis/Bilimoff, 1994: 305.

125 APNA, 5-II-I (b), fl. 18. APNA, 5-II-2, fl. 4.

126 APNA, 5-II-2, fl. 4.

127 A referida verba não inclui três outros artigos constantes da fatura: uma escrivaninha de 1500 francos ("1 Encrier LXV 3 godets... 1500"), dois tinteiros de 800 frs. ("2 Encriers LXV 1 godet... 800") e um castiçal de dois lumes de 1000 frs. ("1 Flambeau 2 lumières... 1000").

128 Não descurando outras possíveis aquisições de prata da rainha D. Maria Pia, é muito provável que a chegada desta avultada encomenda da Casa Odiot, tenha determinado a abertura do inventário de 1894 cujo primeiro registo data de 1 de junho.

129 ANTT, ACR, cx. 7008, *Vendu à Sa Majesté la Reine Douairière de Portugal*, 16-02-1894.

130 ANTT, ACR, cx. 7008, *Vendu à Sa Majesté la Reine Douairière de Portugal*, 16-02-1894.

131 ANTT, ACR, cx 7008, *Carta de Gustave Odiot para o Duque de Loulé*, 22-06-1894.

132 ANTT, ACR, cx. 7008, *Carta de Gustave Odiot para o Duque de Loulé*, 04-09-1894. Tradução da autora: "Tendo cedido a minha casa, acreditei poder deixar esta quantia à disposição dos meus sucessores e ficar-lhe-ía reconhecido se pudesse terminar este negócio que cada dia que passa acarreta um prejuízo assinalável sobre uma quantia tão elevada. Queira aceitar, Senhor Duque, o testemunho da minha alta consideração. Ass.: G. Odiot".

133 Archives de la Maison Odiot (AMO), *Carta de João Benjamim Pinto para a Maison Odiot*, 25 fevereiro 1897. Reprodução cedida por Olivier Gaube du Gers ao Palácio Nacional da Ajuda em fevereiro de 1995.

134 AMO, *Devis à Sa Majesté la Reine Douairière de Portugal,* 3 março 1897. Reprodução cedida por Olivier Gaube du Gers ao Palácio Nacional da Ajuda em fevereiro de 1995.

135 AMO, *Lettre du Duc de Loulé pour la Maison Odiot*, 17 março 1897. Reprodução cedida por Olivier Gaube du Gers ao Palácio Nacional da Ajuda em fevereiro de 1995.

136 AMO, *Lettre du Duc de Loulé pour la Maison Odiot*, 4 abril 1897. Reprodução cedida por Olivier Gaube du Gers ao Palácio Nacional da Ajuda em fevereiro de 1995.

137 AMO, *Lettre du Duc de Loulé pour la Maison Odiot*, 16 maio 1897. Reprodução cedida por Olivier Gaube du Gers ao Palácio Nacional da Ajuda em fevereiro de 1995. Tradução da autora: "Sua Majestade concorda com aquilo que disse em relação aos pesos dos objetos pedidos; quanto às armas que devem ser gravadas ao centro dos pratos na proporção daquelas que estão gravadas nos pratos da Coroa, que foram feitas por Germain e dos quais eu lhe enviei o tamanho no cartão junto aos modelos expedidos. Enviar-lhe-ei o desenho que está a ser copiado dos pratos Germain".

A observação direta das peças em causa permite confirmar que os pratos da baixela de F. T. Germain para a Coroa portuguesa têm de diâmetro cerca de 25,7 centímetros e as armas gravadas ao centro, rigorosamente, 4,5 × 4,5 centímetros (ou seja, 45 × 45 milímetros).

138 APNA, 7.1.1., doc. 66, *Devis à Sa Majesté la Reine Douarière de Portugal, Hôtel de Liverpool, 27 Juillet 1900*. *Carta da Maison Odiot para o Duque de Loulé, Hotel Liverpool, 27 Juillet 1900*.

139 APNA, 7.1.1., doc. 73, *Devis à Sa Majesté la Reine Douarière de Portugal à Lisbonne*, 29-10-1901.

140 APNA, 4.2.2., doc. 1, *Devis d'argenterie à Sa Majesté la Reine Douairière de Portugal*, 4-12-1902.

141 No sentido de saber quanto custaria dourar os pratos e talheres de sobremesa.

142 APNA, 4.3.2., doc. 29, *Apontamentos manuscritos por D. Maria Pia*, sem data.

143 APNA, 4.2.2., doc. 1c., *Leitão & Irmão Joalheiros da Coroa*, sem data.

144 Nas suas deslocações a Paris, a soberana ficava habitualmente hospedada no Hotel Liverpool, 11 rue Castiglione, no Grand-Hotel, 12 Boulevard des Capucines ou no Hotel Bristol, 3 et 5, Place Vendôme.

145 APNA, 10.2.1., doc. 455c. Agradecemos a Hugo Miguel Crespo, investigador do Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a colaboração na transcrição deste documento.

Não só nos pratos e talheres de François Thomas Germain D. Maria Pia via uma referência a seguir. Também as estatuetas em prata dourada de Ambroise Nicolas Cousinet, provenientes dos bens do duque de Aveiro e habitualmente conjugadas com a Baixela da Coroa, suscitavam o seu interesse. Nesta mesma folha de papel timbrado, mais adiante, a soberana anota: "Aucoc. Pela medida das estatuetas de prata da Corôa ver-se a medida peso e largura das que elle faz hoje para saber se quero encomendar algumas ou outras mais pequenas." APNA, 10.2.1., doc. 455c.

Numa outra folha de papel timbrado do mesmo Hotel Liverpool, D. Maria Pia anotou: "Aucoc – já fui. Figuras de prata da Corôa - masculina altura 40c., largura 36c., peso 2700. Feminina altura 39, largura 40, Peso 3100". APNA, 4.2.2., doc. 1830, *Apontamentos diversos sobre encomendas da rainha D. Maria Pia*, 1905. Efetivamente, D. Maria Pia encomendou a André Aucoc um par destas figuras, de dimensão inferior às de Cousinet, que se conservam no acervo do Palácio da Ajuda.

Refira-se que, no século XVIII, também Odiot produziu pares de estatuetas decorativas, muito semelhantes às de Cousinet, destinadas a ornamentar o centro da mesa. Pinçon/Gaube du Gers, 1990: 38.

A primazia que Gustave Odiot concedeu ao revivalismo *rocaille*, a mestria com que o interpretou e transpôs para a prata, numa linguagem tão ao gosto da rainha D. Maria Pia, levam-nos a mencionar um outro caso particularmente interessante neste contexto. Em 1883, Gustave produziu para o duque de Nemours um castiçal de dois lumes com braços assimétricos de elaborada torção espiralada que ascendem de uma base com vagas marítimas e concheados
(alt. 17 × larg. 19 cm), claramente inspirado na obra de Thomas Germain (1673-1748), e que hoje se conserva na Coleção Odiot. A rainha D. Maria Pia encomendou uma cópia exata deste modelo e uma variante, esta em tudo semelhante à anterior, mas de apenas um lume (alt. 16 × larg. 13,7 cm). A primeira é aquela a que já fizémos referência neste estudo e que integra a fatura da Maison Odiot dos onze estojos com prata de mesa, datada de 16 de fevereiro de 1894 ("1 Flambeau 2 lumières... 1000". Veja-se nota de rodapé 127). Pinçon/Gaube du Gers, 1990: 25.

146 APNA, 10.2.1., doc. 455d.

147 APNA, 7.1.1., doc. 98, *Devis de Couverts à Sa Majesté la Reine Douarière de Portugal*, 21-12-1905.

148 APNA, 7.1.1., doc. 81, *Devis de Services à Thé et Café. Devis de Candélabres*, 16-01-1902.

149 Os três serviços são constituídos por sete elementos, sendo indicadas as respetivas capacidades de conteúdo e, no caso do tabuleiro, a dimensão: "Bouilloire Fontaine 15 tasses, Cefetière 6 tasses, Théière 6 tasses, Sucrier 6 tasses, Pot à crème 6 tasses, Bol 6 tasses, Plateau à anses de 0,55". APNA, 7.1.1., doc. 81.

150 APNA, 7.1.1., doc. 81.

151 Fotografia de serviço de chá e café "n.º 1", PNA, cx. 45, inv. 63484, Fotografia de serviço de chá e café "n.º 18", PNA, cx. 45, inv. 63486, Fotografia de serviço de chá e café "n.º16", PNA, cx. 45, inv. 63485. Fotografia de candelabro "n.º 51", PNA, cx. 45, inv. 63483, Fotografia de candelabro "n.º 141", PNA, cx. 45, inv. 63481, Fotografia de candelabro "n.º 10", PNA, cx. 45, inv. 63482.

152 APNA, 4.2.2., doc. 1924 [relação de diversas encomendas feitas em Paris, em papel timbrado do Hotel Liverpool], sem data.

153 APNA, 4.4.2., doc. 1916, *Encomenda para se fazer lá fôr*, maio 1905.

154 APNA, inv. 62354.

155 Trata-se efetivamente de uma reedição do catálogo de 1862, realizada em 1868 ou em data posterior a este ano já que o preço de alguns artigos foi à data atualizado com a nota: "Prix modifiés à partir du 1er juin 1868. VOIR TARIF SPÉCIAL". O garfo e colher do modelo "filets" figuram com o n.º "2" e a faca com o n.º "26", aos quais se sucedem vários outros talheres de serviço. ANTT, ACR, livro 7780, *Orfèvrerie Christofle. Tarif de l'Orfèvrerie Argentée et Dorée*, Paris, Firmin Didot frères, 1862: 3, 10.

156 A rainha D. Maria Pia efetua esta sua viagem entre os meses de junho e dezembro de 1901. Desloca-se a Itália para ir assistir ao batizado da princesa Iolanda, a primeira filha do rei de Itália, Vittorio Emanuele III, sobrinho da soberana. Visita Roma, Veneza, Aix-les-Bains, Paris, Viena, Munique e Sigmaringen.

157 APNA, 4.2.2., doc. 468, *Christofle Viagem 1901*.

158 O seu registo é feito no Inventário de 1894, com data de 8 de fevereiro de 1902, precedido da nota "Deu entrada" e com as respetivas quantidades discriminadas sob o título: "Christofle pertencente a Sua Magestade A Rainha A Senhora D. Maria Pia". APNA, 5-II-I (b), fl. 24.

Identificamos este mesmo faqueiro no inventário de 1907, sendo referido "Em arrecadação" sob o título: "Christofle diferente n.º 5". As suas tipologias encontram-se anotadas a lápis com a seguinte observação: "Viagem 1901". APNA, 5-II-2, fl. 45.

159 APNA, 10.2.2., *Christofle entregue pelo Snr. José Dias na Arrecadação da Real Mantieiria do Paço d'Ajuda*, 8-2-1902.

160 A rainha D. Maria Pia adquiriu vários outros objetos de prata e utilidades domésticas a este ourives italiano.

161 APNA, 3.1.2., doc. 45, 16-4-1902.

162 Este terá sido o faqueiro adquirido por D. Pedro V por ocasião do seu casamento com D. Estefânia, em 1858.

163 Conservam-se no acervo do Palácio Nacional da Ajuda, 119 facas, 130 garfos e 78 colheres de sobremesa, 25 colheres de chá e 12 garfos de mesa, estes últimos adquiridos no leilão de bens de D. Manuel II (lote 219). Veja-se o catálogo *Colecção de Objectos pessoais Memorabília e Antiguidades de Sua Majestade El-Rei D. Manuel II e Sua Majestade a Rainha D. Augusta Vitória*, Lisboa, Palácio do Correio Velho, 4-5 novembro 1992: 59. Refira-se que este lote de 12 garfos não está corretamente identificado no catálogo. O monograma coroado é de D. Pedro V e não de D. Luís I.

No inventário da Casa Real, lavrado em 1894, identificamos estes talheres aí registados como "Prata D. Pedro V, teem corôa e PP em alto relevo – pertencente à Casa Real". APNA, 5-II-I (b), fl. 61.

164 Fernando Eduardo de Serpa Pimentel (1853-1929), Militar da arma de Engenharia, chegou a Coronel. Foi nomeado Inspector Geral do Real Palácio (Oficial às ordens) a 26 de março de 1893 e foi o último administrador geral da Fazenda da Casa Real, exonerado a 21 de outubro de 1910. Foi procurador em Portugal do rei D. Manuel II durante o exílio. Veja-se *Corte Portugueza*; Soares, 2016: 50.

Foram reclamadas por D. Manuel II e efetivamente entregues várias tipologias do faqueiro de D. Pedro V constantes do Arrolamento Judicial efetuado no Palácio das Necessidades, em 1910, a saber: 39 facas ("16241"), 24 garfos ("16243") e 24 colheres de sobremesa ("16238"), 48 colheres douradas para neve ("16239"), 99 garfos ("16242"), 100 facas ("16240") e 48 colheres de mesa ("16237"). APNA, DGFP, *Arrolamento do Palácio Nacional das Necessidades*, vol. 7, fl. 2331v-2334.

165 O Iate Real Sirius foi uma embarcação de recreio encomendada pelo rei D. Luís em 1876 e construída no Telheiro das Galeotas Reais, à Junqueira. Foi inaugurado a 14 de abril de 1877, na presença dos monarcas e posteriormente oferecido à rainha D. Maria Pia. Era equipado com uma baixela de mesa e um faqueiro, ambos em metal prateado, do fabricante inglês Stephen Smith & Son., um serviço de chá e café em prata e um outro de toucador, em prata e cristal, estes de produção nacional. O primeiro, de Augusto César Trindade Machado, o segundo com duas peças marcadas por Guilherme Soares e as restantes sem marcas.

166 Sendo efetivamente um jarro decantador com tampa em forma de cabeça de urso, o redator da lista refere-o como "garrafa com tampa de prata lobo". APNA, 10.2.2., doc. 273, fl. 2v.

167 APNA, 10.2.2., doc. 271, fl. 6v.

168 APNA, 10.2.2., doc. 204, *Relação de todos os objetos que foram da arrecadação da Mantieiria do Real Paço d'Ajuda para o serviço da mesa de Estado e mais mesas no Real Paço de Sintra por ocasião da jornada em Junho de 1892*, fl. 4v.

APÊNDICE

Fontes manuscritas provenientes do Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda.

Transcrições da autora.

Serviço que foi p. Cintra (R. Ingueleza) a 15-3º-905
Vidros Nº 2 de S. M.
Copos p. agua 80
Copos p. bordeaux 80
Copos p. rheno 80
Copos p. madeira 111
Copos p. Champagne 80
Copos p. licôr 30
Copos p. raminhos 80
Copos p. porto 80
Canecas p. ponche 80
pratos p. neve 80
tijellas dos dedos, copos, e pratos 80
garrafas e rolhas 24
jarros 16
Vidros Nº 27 veneza
foram por 48
só os copos p. licôr é q. foram 30
garrafas e rolhas 16
jarros 12

APNA, 10.2.2., doc. 251

Este documento compreende duas relações de idêntico conteúdo: aquela que aqui se transcreve e que se utiliza como referencial neste estudo (doc. 251) e, uma segunda, sem a indicação "R. Ingueleza" no título (doc. 251a).

Fólio 1

Serviço que foi p.[para] Cintra (R. Ingueleza) a 15-3º-905

Vidros n.º 2 de S.M.
Copos p. agua 80
Copos p. bordeaux 80
Copos p. rheno 80
Copos p. madeira 111
Copos p. champagne 80
Copos p. licôr 30
Copos p. raminhos 80
Copos p. porto 80
Canecas p. ponche 80
pratos p. neve 80
tijellas dos dedos, copos e pratos 80
garrafas e rolhas 24
jarros 16

Vidros n.º 27 veneza
foram por 48
só os copos p. licôr é q.[que] foram 30
garrafas e rolhas 16
jarros 12

APNA, 10.2.2., doc. 252

Fólio 1

Serviço q.[que] foi p.[para] Cintra (R. Ingleza) 16-3-905

Alto relevo

1 bule, 1 cafeteira, 1 leiteira
1 assucareiro (st) [sem tampa], 1 tijella

Á Luiz 15.º

1 chaleira, grisete, triangulo
1 bule, 1 leiteira, 1 cafeteira
1 assucareiro (s.t.), 1 tijella

Casamento

6 fundos p. g.^{s} [garrafas]
2 vasos sem tamp.^{s} [tampas]
1 terrina grande
2 terrinas pequenas
12 colleiras p. g.^{s}
2 saleiros e 4 colheres
1 assuc.^{o} (s.t.), 1 bule, 1 cafeteira
1 leiteira, 1 suceira
chaleira grisete e triangulo
2 pratos montados
2 pratos p. fructa
sob.^{as} 12 facas, 12 garfos, 12 colheres
meza 30 facas, 30 garfos, 12 colheres
12 colheres p. refresco
11 colheres p. chá
8 facas folhas de prata

Prata christ.^{o} [Christofle] **e casquinha dif.^{e}** [diferente]

2 peças p. charutos
4 pratos dif.^{tes} feitios e tamanhos
4 pratos quadrados
1 vaso branco
8 fundos p. g.^{s}
1 galinha e 8 pintos
1 cisne (pato)
8 salvas dif.^{s} n.^{os} 0 - 5 - 13 - 14 - 12 - 1 - 13 - 15
4 taboleiros dif.^{tes} veio / cazamento [a lápis]
12 colleiras p. g.^{s} (RT)
1 paliteiro (R.T.)
6 saleiros e 6 colheres
10 leques e 8 estantes
1 prato com 3 divisões

Fólio 1v

Estojos complectos n.^{os} 4 - 6 [rasura a lápis] - 8 - 9 - 12 - 13
1 jarro com figura
10 fundos p. g.^{s} (casquinha)
1 jarro, 6 copos e 1 salva triangulo
~~24~~ <12> espichas de S.M. e 16 christ.^{e} da C.R.
12 suceiras christ.^{e} (4 são da meza)
1 poncheira e concha de bico
5 saleiros christ.^{e} de S.M.
2 cabazes arrendados (R.T.)
3 terrinas e tampas (R.T.)
1 Estojo Leitão n.º 2 (centro)
12 pratos sobremeza
2 travessas compridas
3 salvas dif.^{s} baixella
5 colheres p. sal (Lx.ª)
4 tampas dos rechaud[s] redondas
2 tampas dos rechaud[s] ovaes
4 espatulas p. neve
4 tenazes p. espargos
4 tenazes p. assucar
2 tenazes p. salada
2 conchas p. sopa
4 conchas transf.^{s} [transfuradas] para assucar
2 bules, 2 cafeteiras e 1 leiteira (Lx.ª)
1 bule, 1 caf.^{a} [cafeteira], 1 leit.^{a} [leiteira] e 1 assuc.^{o} [açucareiro] de christ.^{e}
1 mostardeira complecta (R.T.)
1 galheteiro complecto (R.T.)
1 plateau, bacia e alma (Leitão)
1 centro do estojo n.º 14 com bacia
2 tenazes p. assuc.^{r} [açúcar] prata (R.T.)
8 pratos de entrada dif.^{s} prata (R.T. e Lx.ª)
2 peças dour.^{s} [douradas] com almas de vid.^{o} <?> (do q.^{to} [quarto] S.M.)
2 travessa cazamento, 2 (R.T.)
3 travessas casquinha, 1 sirius
4 tenazes p. salada
4 espatulas p. neve
4 tenazes p. espargos
4 conchas transforadas
4 tenazes p. assucar

Fólio 2

Prata de S.A.

1 bacia, 1 jarro, 1 tijella, 1 copo
1 peça oval, 2 redondas, almas e tamp.^{s}
1 dita mais pequena, idem
4 depositos redondos peq.^{s} [pequenos] idem
2 caixas compridas idem
1 caixa mais peq.^{a} [pequena] idem
2 escovas p. cabello idem
2 escovas para fato idem
4 g.^{s} [garrafas] rolhas e fundos de prata idem
1 leiteira e 1 centro com bacia idem

Prata do Real Thesouro

6 pares de castiçaes n.^{os} 19-49×5 - 5×20 - 20×63 - 56×15 - 17×2 - 73
4 tinteiros complectos
12 boubeches (da mantieiria)

Talheres prata, christ.^{o} de S.M. e C.R.

Christ.^{e} 24 facas sob.^{a} [sobremesa], 24 garf.^{s}, 24 colheres
de S.A. meza 96 facas, 96 garfos, 48 colheres
Lx.ª meza 51 facas, 39 garfos, 54 colheres
Christ.^{e} S.M. meza 66 facas, 66 garfos, 30 colheres
Christ.^{e} S.M. sob.^{a} 66 facas, 66 garfos e 30 colheres
para chá ou café   30 [a lápis]

D. Pedro 5.º sob.^{a}

102 facas, 136 garfos, 24 colheres
Lx.ª 48 colheres p. refresco dour.^{s}
Lx.ª 47 colheres p. chá branc.^{s}

Louça de Alcantera

100 pratos guardanapo
30 pratos sopa
30 copos p. agua meias canas de S.M.

Utencilios

2 corta arame
1 sacca rolhas
4 bacias
2 zarelhos
1 rechaud
2 regadores
1 pucaro
5 escovas
2 paus d'anta [?]
1 pá p. brazas
10 taboleiros
3 cafeteiras

Fólio 2v

Vidros n.º 2 de S.M.

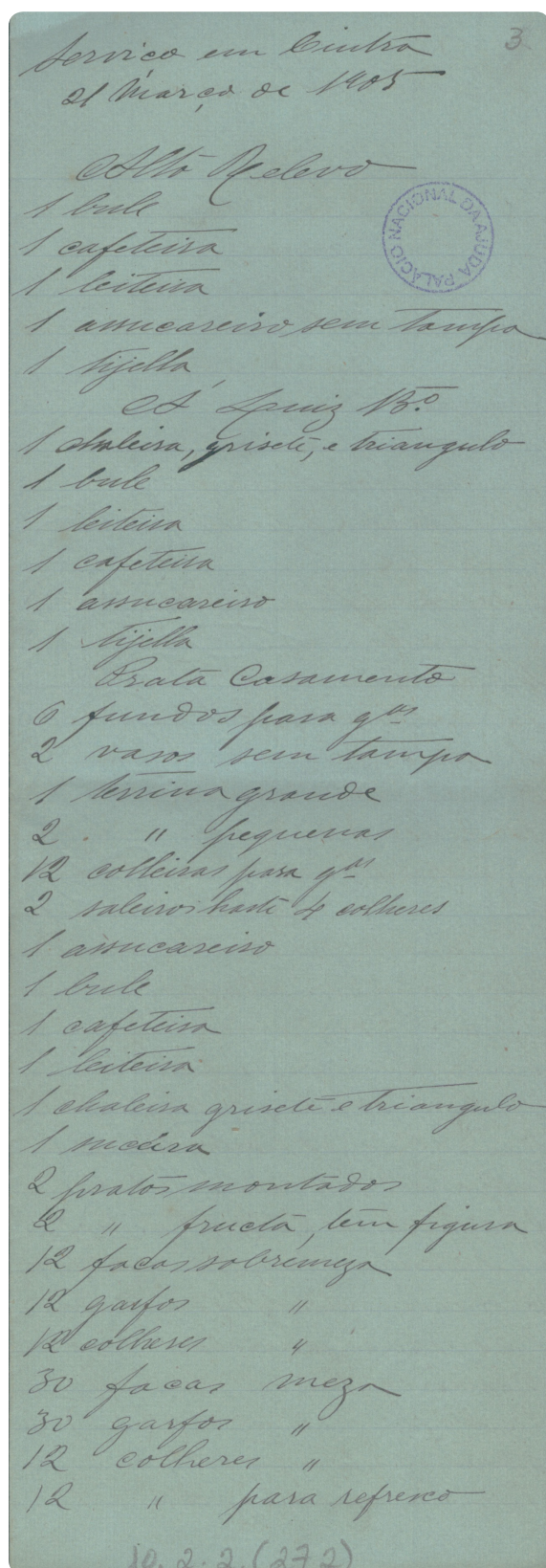
foi por 80 os copos p. agua, bordeaux,
rheno, champ.[e], raminhos, porto,
tijellas dos dedos, copos, e pratos, canecas,
e pratos p. neve, madeira 111, licôr 30
garrafas e rolhas 24 e jarros 16

Vidros n.º 27 veneza S.M.

foi por 48 os copos p. agua, rheno,
bordeaux, madeira, porto, taças,
tijellas e pratos dos dedos, e copos p. licôr
30, garrafas e rolhas 16, jarros 12

1 poncheira tampa e concha n.º 14 S.M.
serv.[o] toucador meias canas ao alto S.M.
3 frascos e tamp.[s], 1 g.[a] e 1 bacia

Louça n.º 4 de S.M.

pratos sopeiros 100
pratos de guardanapo 500
pratos de sobremeza 300
pratos p. espargos 80
pratos de entrada dif.[s] 16 24 [a lápis]
travessas p. conservas ovaes 24
travessas p. conservas meias luas 12
travessas dif.[s] tamanhos 26 [a lápis]
saladeiras 8
assucareiros sem tampas 8
tijellas de almoço e pires ----
chavenas p. chá e pires 80
chavenas p. café e pires 50
travessas p. peixe (florinhas) 2
jarros ou g.[s] com tampa e fundo de P[prata] 2
garraf.[s] (catatua e lobo) 2

APNA, 10.2.2., doc. 272

Este documento compreende duas relações (com a mesma cota de registo arquivístico, doc. 272) de idêntico conteúdo: aquela que aqui se transcreve e que se utiliza como referencial neste estudo e, uma segunda, com a indicação "cópia".

Fólio 3

Serviço em Sintra
21 Março de 1905

Alto relevo

1 bule
1 cafeteira
1 leiteira
1 assucareiro sem tampa
1 tijella

Á Luiz 15.º

1 chaleira, grisete, e triangulo
1 bule
1 leiteira
1 cafeteira
1 assucareiro
1 tijella

Prata Casamento

6 fundos para g.as
2 vasos sem tampa
1 terrina grande
2 terrinas pequenas
12 colleiras para g.as
2 saleiros haste 4 colheres
1 assucareiro
1 bule
1 cafeteira
1 leiteira
1 chaleira grisete e triangulo
1 suceira
2 pratos montados
2 pratos fructa, tem figura
12 facas sobremeza
12 garfos sobremeza
12 colheres sobremeza
30 facas meza
30 garfos meza
12 colheres meza
12 colheres para refresco

Fólio 3v

Prata casamento

11 colheres para chá
8 facas sobremeza folhas prata

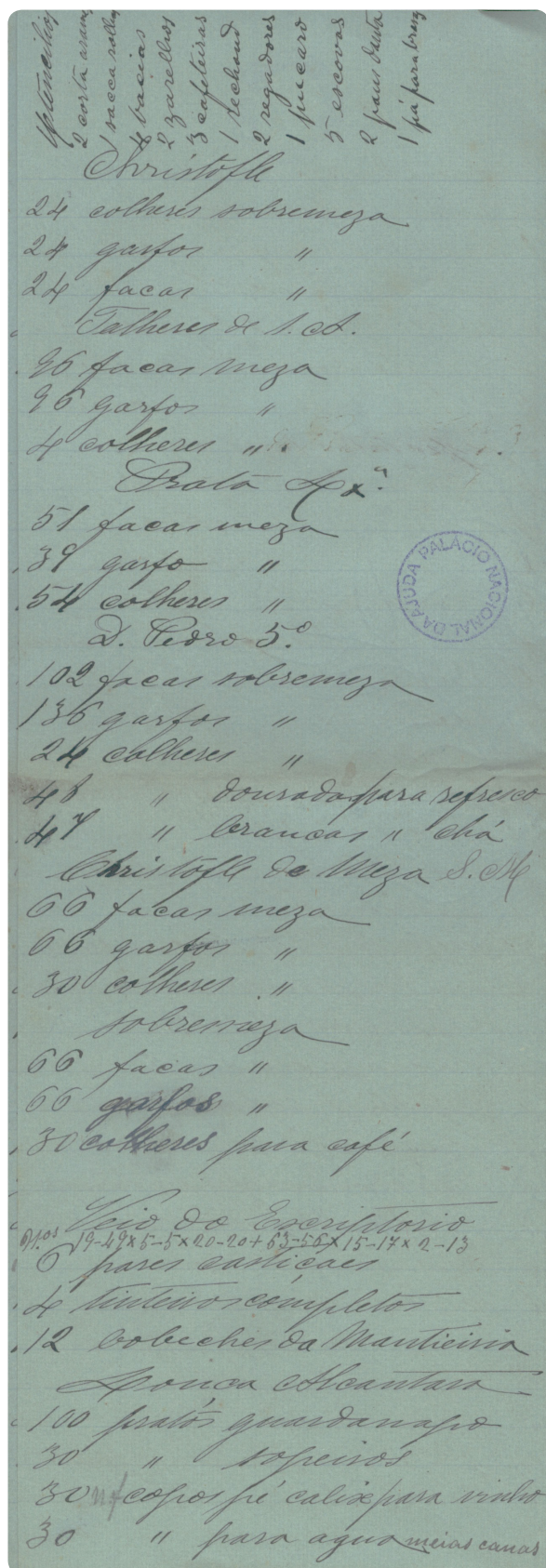
Prata Dif.^{te}

2 fructeiros para charutos
4 pratos dif.^{es} feitios e tamanhos
4 pratos quadrados
1 vaso branco
1 vaso fosco *não foi* [a lápis]
8 fundos para g.^{as}
1 gallinha 8 pintos
1 cisne
8 salvas dif.^{es} n.^{os} 13<ou>-14/<13-0>-4/<12>-5-1-15<2>
2 floreiras
4 tabuleiros dif.^{tes}
12 colleiras (R.T.)
1 paliteiro
6 saleiros e colheres
10 leques 8 estantes
nf [a lápis] serpentinas 28 bobeches estojo 10-11
nf [a lápis] serpentinas 14 bobeches casamento
nf [a lápis] candelabres 24 bobeches (bronze)
Estojos completos n.^{os} 4, 6, 8, 12, 13
1 prato 3 divisões
1 jarro com figura
10 fundos para g.^{as} (casquinha)
1 jarro 6 copos 1 salva triangulo
estojos n.^{os} 9 soccos e vidros
24 espichas de S.M. 16 C. Real
nf [a lápis] serpentinas bronze douradas e 10 bobeches
12 suceiras Christofle (4 são da meza)
1 poncheira, concha de bico
5 saleiros Christofle de S.M.
2 cabazes arrendados (R.T.)
3 terrinas e tampas (R.T.)
1 bacia Leitão (centro)

Fólio 4

1 aro com dois vidros para dôce *n.f.* [a lápis]
12 pratos sobremeza
2 travéssas compridas
3 salvas Baixella
5 colheres para sal (Lx.ª)
4 tampas dos rechauds redondos
2 tampas dos rechauds ovaes
4 espatulas para neve
4 tenazes para espargos
4 tenazes para assucar
2 tenazes para salada
2 conchas para sopa
4 conchas transfuradas para assucar
2 bules
2 cafeteiras
1 leiteira
1 bule 1 cafeteira 1 leiteira 1 assuca/reiro de Christofle
1 mostardeira completa
1 galheteiro completo
do Quarto de S.M. 2 peças redondas
com almas de vidro *n.f.* [a lápis]

Prata de S.A.

1 bacia 1 jarro
1 tijella 1 copo
1 peça oval
2 peças redondas alma e tampa
1 peça redonda mais pequena idem
4 depositos redondos pequenos idem
2 caixas compridas idem
1 caixa mais pequena idem
2 escovas para cabello
2 escovas para fato
4 g^{as} [garrafas] rolhas fundos de prata
1 leiteira

Fólio 4v

Utencilios [No topo da folha, anotado na vertical]
2 corta arame
1 sacca rolhas
4 bacias
2 zarelhos
3 cafeteiras
1 rechaud
2 regadores
1 pucaro
5 escovas
2 paus danta [?]
1 pá para brasas

Christofle
24 colheres sobremeza
24 garfos sobremeza
24 facas sobremeza

Talheres de S.A.
96 facas meza
96 garfos meza
4 colheres meza

Prata Lx.ª
51 facas meza
39 garfos meza
54 colheres meza

D. Pedro 5.º
102 facas sobremeza
136 garfos sobremeza
24 colheres sobremesa
48 colheres douradas para refresco
47 colheres brancas para chá

Christofle de meza S.M.
66 facas meza
66 garfos meza
30 colheres meza

Sobremeza
66 facas sobremeza
66 garfos sobremeza
30 colheres para café

Veio do Escriptório
<N.os 19 - 49x5 - 5x20 - 20+63 - 56x15 - 17x2 - 13>
6 pares castiçaes
4 tinteiros completos
12 bobeches da mantieiria

Louça Alcantara
100 pratos guardanapo
30 pratos sopeiros
30 *n.f.* [a lápis] copos pé calix para vinho
30 copos para agua meias canas

APNA, 10.2.2., doc. 273

Fólio 1

Serviço para Cintra

Alto relevo

1 bule, 1 cafeteira, 1 leiteira, 1 assuca/reiro, 1 tijella

Á Luiz 15.º

1 chaleira, grisete, triangulo

1 bule 1 cafeteira 1 leiteira 1 assuca/reiro 1 tijella

Casamento

6 fundos para g.^{as}

2 vasos sem tampa

1 terrina grande e tampa

2 terrinas pequenas e tampa

12 colleiras para g.^{as}

2 salleiros 4 colheres

1 assucareiro 1 bule 1 cafeteira

1 leiteira 1 suceira

1 chaleira, grisete, triangulo

2 pratos montados

2 pratos para fructa

12 colheres 12 garfos 12 facas sobremeza

12 colheres 30 garfos 30 facas meza

12 colheres para refresco 11 ditas para chá

8 facas folhas prata

Prata dif.^{te}

2 peças para charutos

4 pratos dif.^{tes} feitios e tamanhos

4 pratos quadrados

1 vaso branco

8 fundos para g.^{as}

1 gallinha 8 pintos

1 cisne

8 salvas dif.^{tes} 0-5-13-14-12-1-13-15

4 taboleiros dif.^{tes}

12 colleiras para g.^{as} (R.T.)

1 paliteiro

6 saleiros e 6 colheres

Fólio 1v

10 leques 8 estantes
1 prato 3 divisões
estojos completos n.^{os} 4, 8, 9, 12, 13
1 jarro com figura
10 fundos para g.^{as} casquinha
1 jarro 6 copos (c.m)
1 salva em triangulo
24 espichas de S.M. 16 espichas C.R.
12 suceiras de Christofle
1 poncheira e 1 concha de bico
5 saleiros de Christofle S.M.
2 cabazes arrendados R.T.
3 terrinas e tampas R.T.
1 estojo n.º 2 (Centro Leitão)
12 pratos sobremeza
2 travéssas
3 salvas dif.^{tes} Baixella
5 colheres para sal (Lx.ª)
4 tampas dos rechauds redondos
2 tampas dos rechauds ovaes
4 espatulas para neve
4 tenazes para espargos
4 tenazes para assucar
2 tenazes para salada
2 conchas para sopa
4 conchas transfuradas para assucar
2 bules 2 cafeteiras 1 leiteira (Lx.ª)
1 bule 1 cafeteira 1 leiteira 1 assucareiro Christofle
1 mostardeira completa (R.T.)
1 galheteiro completo (R.T.)
1 plateau, bacia e alma (Leitão)
1 centro do estojo n.º 14 com bacia
2 tenazes para assucar (R.T.)
8 pratos entrada dif.^{tes} R.T. e Lx.ª
2 peças douradas com almas de vidro
(do quarto de S.M.R.)

Fólio 2

Prata de S.A.
1 bacia 1 jarro 1 tijella 1 copo
1 peça oval, 2 redondas almas e tampas
1 dita mais pequena idem
4 depositos redondos pequenos idem
2 caixas compridas idem
1 caixa mais pequena idem
2 escovas para cabello idem
2 escovas para fato idem
4 g^as rolhas e fundos prata idem
1 leiteira 1 centro com bacia idem

Prata Real Thesouro
6 pares castiçaes n.^os 19, 49, 5, 5, 20, 20, 63, 56, 15, / 11 + 2 + 13
4 tinteiros completos
12 bobeches (da mantieiria)

Talheres prata, Christofle de S.M. e C.R.
christofle 24 facas sobremeza 24 garfos 24 colheres,
de S.A. meza 96 facas 96 garfos 48 colheres
Lx.ª meza 51 facas 39 garfos 54 colheres
christofle S.M. 66 facas 66 garfos 30 colheres
christofle sobremeza 66 facas 66 garfos 30 colheres
para chá ou café

D. Pedro 5.º sobremeza
102 facas 136 garfos 24 colheres
Lx.ª 48 colheres para refresco, douradas
Lx.ª 47 colheres para chá, brancas

Louça Alcantara
100 pratos guardanapo
30 pratos sopa
30 copos para agua meias canas, S.M.

Utencilios
2 corta arames
1 sacca rolhas
4 bacias
2 zarelhos
10 taboleiros
3 cafeteiras
1 rechaud
2 regadores
1 pucaro
5 escovas
2 paus danta [?]
1 pá para brasas

Fólio 2v

Vidros n.º 2 de S.M.
foi por 80 os copos agua, bordeaux, rheno,
champagne, raminhos, porto, tijellas dos
dedos, copos, e pratos, canecas, e pratos
para neve, madeira 111 licôr 30
g.^{as} 24 e rolhas, jarros 16

Vidros n.º 27 (veneza) (S.M.)
foi por 48 os copos para agua, rheno,
bordeaux, madeira, porto, taças tijel/las
e pratos, fincoglass [finger glass], copos para licôr
30 – garrafas e rolhas 16 jarros 12

1 poncheira, tampa, concha, n.º 14 de S.M.
serviço toucador meias canas ao alto c. m [?]
3 frascos e tampas 1 garrafa 1 bacia

Louça n.º4 de S.M.
pratos sopeiros 100
pratos guardanapo 500
pratos sobremeza 300
pratos espargos 80
prato entrada dif.^{te}
travéssas para conservas ovaes 24
travessas para conservas meia lua 12
travessas dif.^{es}
saladeiras 8
assucareiros sem tampa 8
chavenas para cha e pires 80
chavenas para café e pires 50
travéssa peixe (florinhas) 2
jarros ou g.^{s} com tampas e fundo de prata 2
garrafas com tampas de prata (catatua e lobo) 2
2 travessas cazamento, 2 Real Thesouro
3 travessas casquinha 1 sirius

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES MANUSCRITAS

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Arquivo da Casa Real (ACR), cx. 5918, *Christofle da Casa Real escolhidos por Sua Magestade A Rainha A Senhora D. Maria Pia*, cap. *Esclarecimentos diversos relativos à partilha da herança de S. M[de] El Rei D. Luiz*, 1889.

ANTT, ACR, cx. 5918, *Relação da Prata pertencente à Casa Real, escolhida por Sua Magestade A Rainha A senhora D. Maria Pia*, cap. *Esclarecimentos diversos relativos à partilha da herança de S.M[de] El Rei D. Luiz 1.º*, 1889.

ANTT, ACR, cx. 6635, *Vendido a Sua Magestade A Rainha A Senhora D. Maria Pia*, 30 junho 1891.

ANTT, ACR, cx. 6978, Fatura da *Maison* Odiot Prévost & C.[ie], *Vendu à Sa Magesté la Reine Douarière de Portugal*, 1897.

ANTT, ACR, cx. 7008, *Vendu à Sa Majesté la Reine Douairière de Portugal*, 16 fevereiro 1894.

ANTT, ACR, cx 7008, *Carta de Gustave Odiot para o Duque de Loulé*, 22 junho 1894.

ANTT, ACR, cx. 7008, *Carta de Gustave Odiot para o Duque de Loulé*, 4 setembro 1894.

Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda (APNA), 3.1.2., doc. 45, 16 abril 1902.

APNA, 4.2.2., [doc. 1], *Devis d'argenterie à Sa Majesté da Reine Douarière de Portugal*, dezembro 1902.

APNA, 4.2.2., [doc. 1c.], *Leitão & Irmão, Joalheiros da Coroa*, sem data.

APNA, 4.2.2., [doc. 468], *Christofle Viagem 1901*.

APNA, 4.2.2., [doc. 814].

APNA, 4.2.2., [doc. 1830], Apontamentos diversos sobre encomendas da rainha D. Maria Pia, [1905].

APNA, 4.2.2., [doc. 1916], *Encomenda para se fazer lá fôr,* [maio 1905].

APNA, 4.2.2., [doc. 1924], *Relação de diversas encomendas feitas em Paris pela rainha D. Maria Pia*, sem data.

APNA, 4.3.2., [doc. 29], *Apontamentos manuscritos por D. Maria Pia*, sem data.

APNA, 7.1.1., doc. 66, *Devis à Sa Majesté la Reine Douarière de Portugal*, 27 julho 1900.

APNA, 7.1.1., doc. 73, *Devis à Sa Majesté la Reine Douarière de Portugal*, 29 outubro 1901.

APNA, 7.1.1., doc. 81, *Devis des Services à Thé et Café. Devis de Candélabres*, 16 janeiro 1902.

APNA, 7.1.1., doc. 98, *Devis de Couverts à Sa Majesté la Reine Douarière de Portugal*, 21 dezembro 1905.

APNA, 10.2.1., doc. 246, *Carta da Casa Odiot para o Duque de Loulé*, 29 agosto 1893.

APNA, 10.2.1., doc. 248.

APNA, 10.2.1., doc. 258.

APNA, 10.2.1., doc. 259.

APNA, 10.2.1., doc. 262.

APNA, 10.2.1., doc. 267.

APNA, 10.2.1., doc. 287.

APNA, 10.2.1., doc. 289.

APNA, 10.2.1., doc. 290.

APNA, 10.2.1., doc. 455c.

APNA, 10.2.1., doc. 455d.

APNA, 5-II-I (b), [Inventários pratas, louças, etc. 1894].

APNA, 5-II-2, [Inventário pratas, louças, vidros, bronzes, 1907].

APNA, 5-II-34, *Adresses e moradas dos differentes fornecedores no Estrangeiro, 1898*.

APNA, 9.1.1., doc. 288, *Relação dos convidados por ocasião da vinda a Sintra de S.M. Rainha Alexandra, 24 de Março de 1905*.

APNA, 10.2.2., doc. 9, *Relação de peças de um faqueiro pertencente à rainha D. Maria Pia*, 2 novembro 1869.

APNA, 10.2.2., doc. 11, *Prata de Sua Magestade Rainha A Senhôra D. Maria Pia,* 1891.

APNA, 10.2.2., doc. 23, *Prata pertencente à Corôa que fica ao serviço de Sua Magestade A Rainha A Senhora D. Maria Pia,* sem data.

APNA, 10.2.2., doc. 82.

APNA, 10.2.2., doc. 93, *Prata Lisbôa*, sem data.

APNA, 10.2.2., doc. 186.

APNA, 10.2.2., doc. 204, *Relação de todos os objectos que foram da arrecadação da Mantieiria do Real Paço d'Ajuda para o serviço da mesa de Estado e mais mesas no Real Paço de Sintra por ocasião da jornada em Junho de 1892*, fl. 4v.

APNA, 10.2.2., doc. 208, *Rol do serviço que serviu ao Presidente Frances em 28 de Outubro de 1905*.

APNA, 10.2.2., *Christofle entregue pelo Snr. José Dias na Arrecadação da Real Mantieiria do Paço d'Ajuda*, 8 fevereiro 1902.

APNA, 10.2.2., doc. 211-211a, *De Sua Alteza* [e] *De Sua M.R. que se emprestou às Necessidades*, 9 março 1907.

APNA, 10.2.2., doc. 212-212a, *Serviço que foi para Cintra para o chá do rei* [de] *Saxe a 9.3.907*.

APNA, 10.2.2., doc. 213, *Prata de S. M. para o jantar aos Expedicionários, 17.12.1907*.

APNA, 10.2.2., doc. 251, *Serviço que foi para Cintra (R. Ingueleza) a 15.3.905*.

APNA, 10.2.2., doc. 252, *Serviço que foi para Cintra (R. Ingleza) 16.3.905*.

APNA, 10.2.2, doc. 270, *Valor em reis de tudo quanto existe na Arrecadação da Real Mantieiria do Paço Ajuda, Estoril, Cintra 89.153.710. Valores dados pelos Snrs. Boaventura dos Reis Costa e Ex^{mo}. Snr. Mordomo-mor*, 30 junho 1902.

APNA, 10.2.2., doc. 271, *Relação dos objectos que sairam da arrecadação (Mantieiria) do Real Paço d'Ajuda, para este Paço de Sintra, 23 de Julho de 1904.*

APNA, 10.2.2., doc. 272, *Serviço em Sintra 21 Março de 1905*.

APNA, 10.2.2., doc. 273, *Serviço para Cintra,* sem data.

APNA, Direcção Geral da Fazenda Pública (DGFP), *Arrolamento do Palácio Nacional da Ajuda*, vol. 1, 4 e 5.

APNA, DGFP, *Arrolamento do Palácio Nacional das Necessidades*, vol. 7.

Archives de la Maison Odiot (AMO) [hoje em coleção particular], *Carta de João Benjamim Pinto para a Maison Odiot*, 25 fevereiro 1897.

AMO, *Devis à Sa Majesté la Reine Douarière de Portugal, 3 Mars 1897*.

AMO, *Carta do Duque de Loulé para Maison Odiot*, 17 março 1897.

AMO, *Carta do Duque de Loulé para a Maison Odiot*, 4 abril 1897.

AMO, *Carta do Duque de Loulé para a Maison Odiot*, 16 maio 1897.

Arquivo Histórico do Banco de Portugal, Banco de Portugal. Operações Diversas. Contratos de Empréstimos s/penhor. 1843-1931. BP/OD.

FONTES ICONOGRÁFICAS

Coleção de fotografia do Palácio Nacional da Ajuda. Caixas 18, 30 e 45.

Coleção Estúdio Mário Novais, Fundação Calouste Gulbenkian-Biblioteca de Arte e Arquivos.

FONTES IMPRESSAS

ATAÍDE, Maria da Graça de (1986): *Uma vida qualquer. Portos, temporal e âncoras*, 2.º vol, Braga, Pax.

CÔRTE PORTUGUEZA (Junho de 1896): *Casa de Suas Magestades*, Lisboa, Ateliers Graphicos Brito Nogueira.

GERMAIN, Pierre (1748): *Elements d'Orfevrerie Divisés en deux Parties de Cinquante Feuilles Chacune Composéz par Pierre Germain Marchand Orfevre Joaillier A Paris*, Paris, [chez l'auteur].

BANCO DE PORTUGAL (1912): *Catálogo das Jóias e Pratas que pertenceram à fallecida Rainha Sr.ª D. Maria Pia*, Lisboa, Banco de Portugal, 24-31 julho 1912.

RECURSOS ELECTRÓNICOS

Christie's Lot Finder

https://www.christies.com/lotfinder/searchresults.aspx

http://www.christies.com/lotfinder/lot/a-pair-of-french-silver-wine-coolers-mark-4408187-details.aspx?from=searchresults&intObjectID=4408187&sid=0e4eb4df-c39e-4f60-b535-bdcd07b9fabc

Les Arts Décoratifs - Centre de Documentation des Musées

http://opac.lesartsdecoratifs.fr

MatrizNet - Catálogo coletivo online dos Museus e Palácios Nacionais portugueses

http://www.matriznet.dgpc.pt

Sotheby's Lot Finder

https://www.sothebys.com/en/search-results.html

http://www.sothebys.com/en/auctions/results.html

http://www.sothebys.com/en/auctions/ecatalogue/2011/property-from-the-collections-of-lily-edmond-j-safra-n08822/lot.877.html

Veritas Art Auctioneers

https://veritas.art/search

https://veritas.art/lot/importante-par-de-fruteiros-odiot-para-s-m-a-rainha-d-maria-pia-de-portugal-19498974

BIBLIOGRAFIA

ALLAN, David (2007): *Le couvert & la coutellerie de table française du XIXe siècle,* Dijon, Éditions Faton.

ANDRADE, Maria do Carmo Rebello de (2011): *Maria Pia de Sabóia, Rainha de Portugal. Fotobiografia,* Lisboa, Instituto dos Museus e da Conservação/Palácio Nacional da Ajuda.

ARMINJON, Catherine/BEAUPUIS, James/BILIMOFF, Michèle (1994): *Dictionnaire des poinçons de fabricants d'ouvrages d'or et d'argent de Paris et de la Seine, 1838-1875*, Tome II, Paris, Imprimerie Nationale.

AUBRY, Françoise/ADRIAENSSENS, Werner (2002): *Philippe Wolfers. Civilisation et Barbarie* (dir. Dominique Allard), Bruxelles, Fondation Roi Baudouin.

BAPST, Germain (1887): Études sur l'Orfèvrerie Française au XVIIIe siècle. Les Germain, Orfèvres-Sculpteurs du Roy, Paris, J. Rouam.

BEAUFILS, Mylène/GROS, Anne (2017): "Luxe, table et volupté. L'orfèvrerie Christofle". *Le Temps des Collections. VIe Édition. 2017-2018* [catálogo da exposição], Milano, Réunion des Musées Métropolitains Rouen Normandie/Silvana Editoriale, p. 38-51. Notre-Dame-de-Bondeville: Musée de la Corderie Vallois [*Luxe, table et volupté. L'orfèvrerie Christofle*], novembro 2017-maio 2018.

BEUQUE, Emile (1984): *Dictionnaire des Poinçons officiels français & étrangers anciens et modernes de leur création (XIVe siècle) à nos jours*, Tome I, Paris, F. de Nobele.

BLUTEAU, Raphael (1712-1728): *Vocabulario Portugues e Latino*, Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesu.

BREYNER, Tomás de Mello (1930): *Memórias do Professor Thomaz de Mello Breyner, 4.º Conde de Mafra, 1869-1880,* Lisboa, Parceria António Maria Pereira.

CABRAL MONCADA LEILÕES (2014): *Antiguidades e Obras de Arte*, Leilão n.º 164, Lisboa, Cabral Moncada Leilões, dezembro 2014.

DESTI, Marc/ROLLAND-VILLEMOT, Bénédicte (2009): *À La Table d'Eugénie. Le service de la Bouche dans les palais impériaux* [catálogo da exposição], Paris, Réunion des musées nationaux. Paris: Musée National du Château de Compiègne, outubro 2009-janeiro 2010.

DINASTIA (1999): *Catálogo de Antiguidades com peças raras*, Lisboa, Dinastia - Antiquários, Leiloeiros e Galeria d'Arte, outubro 1999.

FERRIÈRE, Marc de (1991): "Christofle. 150 ans d'art et de reve". *Dossier de l'Art*, n.º 2, Dijon, juillet-août 1991. [Numéro publié àl'occasion de l'exposition "Christofle, 150 ans d'orfèvrerie", presentée au Logis royal du Château de Loches, du 15 juin au 15 septembre 1991].

JARDIM, Maria do Rosário/MONTEIRO, Inês Líbano (2010): "A Prata do solene aparato da Coroa portuguesa a partir da segunda metade do Século XVIII. Identificação de um conjunto de 23 obras dos sécs. XVI a XVIII". *Revista de Artes Decorativas*, n.º 4, Porto, CITAR/UCP, p. 11-48.

JARDIM, Maria do Rosário (2002): "Ao Serviço da Corte no Reinado de D. Maria I", *A Baixela de Sua Magestade Fidelíssima. Uma Obra de François Thomas Germain*, (dir. e coord. Isabel Silveira Godinho), Lisboa, Ministério da Cultura/Instituto Português do Património Arquitectónico, p. 92-143.

JONES, Kathryn (2008): *For The Royal Table. Dining at the Palace*, Royal Collection Publications.

LEIRIA & NASCIMENTO (1963): *Catálogo de móveis, quadros, pratas e diversos da coleção de Arte do Ex.mo Snr. Augusto de Athayde*, Lisboa, Leiria & Nascimento, abril 1963.

MARANHAS, Teresa (2009): "A coleção da Casa Leitão & Irmão no acervo do Palácio Nacional da Ajuda". *Actas do II Colóquio Português de Ourivesaria,* Porto, Universidade Católica Portuguesa, p. 113-129.

MARANHAS, Teresa (2015): "A Baixela de Prata da Casa Veyrat para a rainha D. Maria Pia. Um Serviço de mesa emblemático no acervo do Palácio Nacional da Ajuda". *Revista ARTisON*, n.º 1, Artes Decorativas (dir. SERRÃO, Vítor/SOARES, Clara Moura), Lisboa, ARTIS - Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, p. 113-128. Disponível em http://artison.letras.ulisboa.pt/index.php/ao/article/view/19

MARANHAS, Teresa (2018) [no prelo]: "O Gosto Americano de uma rainha: a prata Gorham Manufacturing Co. na Casa Real", in ORNELLAS E CASTRO, Inês (coord.), *Mesa, Artes e Poder*, Lisboa, Relógio d'Água Editora.

MARANHAS, Teresa (2002): "Tabela Técnica", in GODINHO, Isabel S. (coord.), *A Baixela de Sua Magestade Fidelíssima. Uma Obra de François Thomas Germain*, Lisboa, Ministério da Cultura/Instituto Português do Património Arquitectónico, p. 311-381.

MONTEIRO, Inês Líbano (2002): "Tabela Documental", *A Baixela de Sua Magestade Fidelíssima. Uma Obra de François Thomas Germain*, (dir. e coord. Isabel Silveira Godinho), Lisboa, Ministério da Cultura/Instituto Português do Património Arquitectónico, p. 306-310.

NYS, Wim (1998): *De la Belle Époque à l'Art Nouveau. L'orfèvrerie belge 1868-1914* [catálogo da exposição], Anvers, Députation permanente du Conseil provincial d'Anvers. Anvers: Provinciaal Museum Sterckshof – Zilvercentrum, setembro - dezembro1998.

Orfèvrerie Christofle. Tarif de l'Orfèvrerie Argentée et Dorée. Paris: Firmin Didot frères, 1862. (ANTT, ACR, Lv. 7780).

PALÁCIO DO CORREIO VELHO (1992): *Coleção de Objetos pessoais memorabilia e antiguidades de D. Manuel II e D. Augusta Vitória*, Lisboa, Palácio do Correio Velho, novembro 1992.

PINÇON, Jean-Marie, GAUBE DU GERS, Olivier (1990): *Odiot l'Orfèvre,* Paris, Sous le Vent.

PINTO, Luís Maria da Silva (1832): *Dicionário da Língua Brasileira*, Ouro Preto.

PRELHAZ, Catarina (2018): "O grande leilão…". *Agenda de estudos do Banco de Portugal*, (dir. Bruno Proença) nº6, Lisboa, BdP - Banco de Portugal, p. 42-45.

RÉUNION DES MUSÉES NATIONAUX (1995): *Nouvelles acquisitions du département des Objets d'art 1990-1994* [catálogo da exposição], Paris, Réunion des musées nationaux. Paris: Musée du Louvre, 1995.

SILVA, António Moraes (1789): *Dicionário da Língua Portuguesa*.

SOARES, Luís Filipe da Silva (2016): *O Palácio Nacional da Ajuda e a sua afirmação como Museu, 1910-1981* [tese de doutoramento], Lisboa, FCSH da UNL.

VASSALLO E SILVA, Nuno (2012): "Encomenda, uso e colecionismo de ourivesaria no século XVIII: a Mantearia da casa de Aveiro em 1752". *Revista de História da Arte*, n.º 9, Arquitectura, Urbanismo e Artes Decorativas. Séculos XVII e XVIII (coord. MOURA, Carlos/MARQUES, Cátia Teles e), Lisboa, Instituto de História da Arte da FCSH da UNL, p. 69-91. Disponível em https://run.unl.pt/bitstream/10362/16724/1/RHA_9_ART_4_NVSilva.pdf

#02 / 2019

PALÁCIOS
NACIONAIS
SINTRA QUELUZ PENA

Maria João B. M. Burnay
Conservadora da coleção de Vidros
Palácio Nacional da Ajuda

OS MELHORES VIDROS PARA AS GRANDES OCASIÕES:

SERVIÇOS DA RAINHA D. MARIA PIA

No âmbito da grande ação de política diplomática realizada por D. Carlos I, várias visitas foram trocadas entre o rei de Portugal e outros chefes de Estado estrangeiros durante o seu reinado. Num período em que o soberano pensava em consolidar as relações de amizade com as coroas britânica e alemã, Portugal receberá assim em 1905, entre outros ilustres visitantes, em janeiro os duques de Connaught[1] e entre 22 e 25 de março a rainha Alexandra do Reino Unido, suas filhas, as princesas Maud e Victoria, e genro, o príncipe Carl da Dinamarca. Poucos dias depois seguir-se-á o imperador Wilhelm II da Alemanha.

No decurso destas visitas, os Paços Reais da Ajuda, Belém, Necessidades e Sintra, foram preparados para a recepção e alojamento das figuras de Estado, sendo os seus interiores arranjados. Periódicos como a *Illustração Portugueza* iam desvendando os vários locais onde os ilustres visitantes pernoitaram, passearam e passaram seus dias.

A Sala das Pegas do Paço da Vila de Sintra foi escolhida para alguns almoços formais. A azáfama dos preparativos era grande. Nada poderia falhar. Para estas ocasiões, algumas peças foram transferidas do Paço da Ajuda para o Paço de Sintra. Foram elaboradas listas dos objetos para as cerimónias e uso pessoal dos convidados, listas essas que iam sendo modificadas de acordo com os requisitos, não só das refeições mas também das necessidades dos anfitriões e convidados. Numa relação de 16 de março de 1905[2] observam-se, para além dos serviços de prata de grande valor, outros objetos menores, alguns utilitários, e, finalmente, um serviço de louça de Alcântara, o serviço de louça N° 4 de Sua Majestade[3] e os vidros mais elegantes: os denominados Serviços N° 2 e N° 27,[4] ou seja os serviços adquiridos pela rainha D. Maria Pia em Viena, na casa *J&L Lobmeyr*, e em Murano, na *Compagnia di Venezia e Murano*, respetivamente.

Nas relações de peças enviadas para o Paço de Sintra em 1905, constavam ainda um serviço de toucador (*toilette*) "de meias canas ao alto", composto por três frascos com tampa, uma garrafa e uma bacia. São objetos que vieram complementar um conjunto que se achava no Palácio Nacional de Sintra[5]. Este magnífico serviço é constituído por peças em cristal incolor decoradas com largas caneluras oblíquas lapidadas. Cada uma tem a representação do monograma "MP", relativo à rainha D. Maria Pia, com iniciais entrelaçadas e encimadas por coroa real de cinco hastes perladas, gravadas, douradas e inseridas numa reserva. Atualmente conta com nove peças: duas esponjeiras com tampa (PNS5584 e 5585), dois frascos de perfume com rolha e tampa (PNS5582 e 5583), uma caixa para sabonete (PNS5578), uma caixa para escovas (PNS5577), uma caixa para pó de arroz (PNS5581), uma caixa para pó de dentes (PNS5581) e um copo (PNS5580). Foi comprado em janeiro de 1896, no estabelecimento *Escalier de Cristal*, em Paris.[6] Em 1888, já tinha sido adquirido pela rainha um conjunto (PNA VID0011) do mesmo modelo para o Paço da Ajuda[7], tendo sido retiradas peças deste para Sintra, posteriormente.[8]

A firma *Escalier de Cristal* foi fundada em Paris em princípio do século XIX por Mme veuve Désarnaud, no Palais Royal nºs 162 e 163. Distinguiu-se no fabrico de móveis e objetos em cristal com montagens em bronze dourado, especialmente os que foram produzidos quase no final do reinado de Louis-Philippe d'Orléans, rei dos Franceses entre 1830 e 1848.[9]

Um gosto particular pela mesa

Durante a sua permanência em Portugal, de 1862 a 1910, a rainha D. Maria Pia realizou várias viagens pela Europa. Visitou Madrid, Paris, Nice, Viena, Londres, Carslbad, Turim, Roma, Veneza, Murano, entre muitas outras cidades. Nas agendas, nos cadernos de notas e apontamentos pessoais da rainha e das suas damas camareiras, bem como nas faturas e catálogos de compra, há indicações dos estabelecimentos comerciais que a soberana visitava durante as suas viagens. Nessas ocasiões, a rainha entrou em armazéns de revenda como os *A La Paix*, *Grand Dépot* ou *Bon Marché*, e nas lojas de fabricantes como *Baccarat*, *Moser*, *J&L Lobmeyr*, e *Compagnia di Venezia e Murano, Salviati & Co.*, entre outros. Tomou assim contacto com o que de melhor se produzia na indústria vidreira do

velho continente. Por vezes, também encomendava através de completíssimos catálogos ilustrados que chegavam ao Paço da Ajuda. Em documentação existente, como os inventários dos serviços de mesa e de outros conjuntos, e as listas de "quebrados", constatamos que tudo era rigorosamente controlado, durante e após as refeições, no caso da perda ou dano de alguma peça.

Eram características pessoais da rainha o culto pela decoração e o gosto pelas artes aplicadas, onde se incluem os objetos de mesa e a sua ornamentação. As pratarias e porcelanas, toalhas, luminárias e seus acessórios, serviços de vidros e tantos outros objetos que foi reunindo ao longo da sua vida, não só para refeições do quotidiano mas também para as ocasiões mais formais, e outras, em horas de lazer como os piqueniques, ainda estão presentes nas coleções dos Palácios Nacionais, em particular no Palácio Nacional da Ajuda. Por essa razão é possível reconstituir, ainda nos dias de hoje, uma mesa da corte portuguesa da segunda metade do século XIX e início do século XX, em todo o seu esplendor.

A mesa régia, e a sua apresentação e etiqueta, detêm nos rituais e no dia-a-dia da Casa Real Portuguesa um lugar muito particular, um importantíssimo lugar de representação. É por isso que os serviços presentes deveriam estar à altura das ocasiões.

Nas coleções da Casa Real destacamos, pela sua qualidade superior, o importante conjunto dos grandes serviços de mesa em cristal. Todos mostram decorações como os monogramas coroados relativos aos soberanos, "CJPB" (Carlota Joaquina, Princesa do Brasil), "M" (Maria I), "PP" (Pedro V); "LL" ou "L1" (Luís I), "LM" ou "ML" (Luís I e Maria Pia), "M" ou "MP" (Maria Pia), ou simplesmente a coroa real e outras representações heráldicas como as armas de Portugal ou Portugal-Sabóia. São igualmente adornados com douragens, esmaltagens e gravações.

Representativos dos hábitos de sociabilidade e etiqueta da corte portuguesa oitocentista e de início do século XX, os serviços de cristal adquiriram um lugar e um estatuto importante na mesa. As transparências e o brilho complementavam a beleza dos serviços de porcelana, das baixelas de prata ou prata dourada e das toalhas adamascadas. O toque final era dado com a decoração de flores, quase

sempre em profusão, em jarras de cristal, nos *surtouts* ou centros de mesa, e em grinaldas suspensas em redor da mesa. A luz das velas nos candelabros ou castiçais era coada por pequenos abajures em papel pintado ou recortado, comprados em França na casa *Royer*, objetos ainda existentes nas coleções do Palácio Nacional da Ajuda.

Na verdade são poucos os serviços de mesa de vidro, propriedade da coroa portuguesa, anteriores aos reinados de D. Luís e de D. Carlos, que chegaram aos nossos dias. Salientam-se algumas peças do serviço denominado "do Ramalhão", um conjunto com peças anglo-irlandesas e de outros fabricantes europeus pertencente à rainha D. Carlota Joaquina de Borbón, algumas adquiridas enquanto princesa do Brasil (1788-1816), que se encontra repartido entre os Palácios da Ajuda, Sintra e Vila Viçosa; algumas peças de serviços de D. Maria II dispersas entre os Palácios da Ajuda, Queluz e Vila Viçosa; e o serviço "Corôas e PP"[10], aquisição que reporta ao reinado de D. Pedro V, da casa *Rihouet Lerosey*[11], em França[12]. Este último terá sido posteriormente acrescentado por seu irmão, o rei D. Luís, ao encomendar o serviço "LL", já com o seu monograma coroado, ao mesmo fabricante francês[13]. Estavam contemplados igualmente nos bens da coroa os "Vidros dos galheteiros da Prata do Real Tesouro da Casa Real" e, por fim, os "Vidros do barco Syrius"[14], o iate real de D. Luís e D. Maria Pia lançado ao mar em 1877. Todos os outros grandes serviços, alguns já obtidos durante o reinado de D. Luís (1862-1889) e, posteriormente, pela sua consorte, provavelmente até 1905, eram propriedade de D. Maria Pia. A jovem rainha, quando da sua chegada a Portugal, confrontou-se seguramente com uma parca herança e terá sentido a necessidade de valorizar e aumentar o legado de sua Casa, pondo-a em contraponto com o fausto de outras cortes europeias. Foi assim agregando mais baixelas de prata, serviços de cerâmica, vidros e outros objetos para a mesa, da melhor qualidade.

A implementação do "serviço à russa" nas normas da etiqueta à mesa, como hábito diário da casa burguesa e aristocrata, conduziu à criação de uma grande diversidade de objetos, cada qual com a sua função definida. Por outro lado, havia que bem guarnecer a casa de jantar, uma nova e recente criação burguesa de finais do século XVIII, que atingiu a sua sofisticação máxima no início do século XX.[15]

Esta mudança de hábitos, associada ao avanço da tecnologia industrial e da química do vidro, foram determinantes para o incremento da produção vidreira na segunda

[fig. 1]
Rótulos de bebidas para colocação nas garrafas e decantador do serviço "de Veneza" com coleira da baixela de prata da *Maison Veyrat*

Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda
APNA, 10.4.

© Direção-Geral do Património Cultural
Cortesia da DGPC e da Biblioteca da Ajuda

© PSML | Foto: e.m.i.g.u.s photography, 2018

metade século XIX, período em que os fabricantes apresentaram sugestivos e atraentes modelos, novas formas e cores, divulgados através dos catálogos e nas grandes Exposições Universais, que a família real portuguesa conheceu e visitou. Foi necessária uma produção em larga escala de modo a satisfazer a exigência e as necessidades das elites.

Nas regras de etiqueta do "serviço à francesa" no século XVIII, os copos não eram apresentados na mesa. Cada comensal era servido de bebida pelo copeiro, sempre atento, que se encontrava ao seu lado. Em contraponto, no século XIX, os conjuntos de garrafas, em conjugação com os jarros para a água e os copos, tomaram o seu devido lugar e estatuto na mesa[16]. As garrafas para os vinhos diversos, decantados, eram devidamente identificadas com rótulo em prata [fig. 1].

Estas peças deveriam ser dispostas simetricamente, um exemplar ao alcance de cada duas pessoas, alternando a garrafa de vinho branco com a de vinho tinto. A garrafa de vinho tinto nunca era posta diretamente na toalha para não a manchar, mas sobre uma base ou bandeja, e era coberta com um guardanapo. Os vinhos servidos pelos "moços de prata" eram anunciados previamente e em voz baixa. Competia aos homens servirem as senhoras, se houvesse necessidade.[17]

Enquanto não eram servidos, os vinhos e os licores e copos restantes conservavam-se no aparador. Os brancos e do Reno mantinham-se em refrescadores. No caso dos vinhos de Bordéus, era aconselhável introduzir as garrafas numa vasilha de água morna, cinco minutos antes da sua abertura para desenvolver o seu gosto.[18]

No "serviço à russa" – considerado o serviço indicado para almoços e jantares formais a partir da segunda metade do século XIX – a refeição apresentava-se aos convidados montada numa sequência de iguarias que começava com pratos ligeiros e finalizava com sobremesas, cada prato com a sua bebida correspondente. Foi sobretudo a partir de 1830 que se começou a dispor de três a seis copos do mesmo modelo, em losango, quadrado ou retângulo, diante do prato[19]. Segundo a Condessa de Gencé (1872-1951/1965)[20], podia-se colocar na mesa diante de cada conviva até seis copos, sendo que o número e a forma variavam consoante os vinhos a servir. Eram assim colocados em triângulo na seguinte ordem: um copo grande à esquerda, mais um à direita para o vinho de Colares ou Bordéus, e copo para vinho da Madeira. Quando eram necessários mais de três copos, os suplementares colocavam-se com a mesma disposição se as dimensões da mesa assim o permitissem[21]. Num serviço de quatro copos colocava-se, da esquerda para a direita: o copo grande e o copo para vinho de Colares ou Bordéus; à frente destes o de vinho da Madeira e atrás a taça para o Champagne. Se o vinho do Reno entrava em cena, não se colocaria o copo para Madeira, mas sim o copo correspondente em cristal de cor[22]. O cozinheiro João da Matta, na sua "Arte de Cosinha" (1876),[23] indica que à direita de cada lugar se dispunham os copos precisos para todo o jantar: copo para água, copo para Madeira, copo verde para o vinho do Reno ou *Sauterne*. Se houvesse variedade de vinhos de Bordéus ou outros, punham-se tantos copos quantas as qualidades desses vinhos.[24]

Também se pousava por vezes à sobremesa um pratinho de cristal para servir a "neve" ou sorvete. E no final, quando se retirava o último prato, era a vez dos lavabos e pratos, que eram cheios de água com uma gota de água de rosas[25]. No "Manual de civilidade e etiqueta" (1845) de Jacinto da Silva Mengo[26], funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros, referem-se os lavatórios como conjunto de prato, lavabo e copo para lavar a boca (*rince-bouche*) a colocar no final da refeição. O comensal introduzia os dedos de ambas as mãos na tijela para os lavar e logo a seguir, pegando no copo já com água morna, bochechava um pouco e tapando a cara com a mão despejava discretamente esta água no lavabo.[27]

Em relação à ordem das bebidas, depois da sopa podia ser servido o vinho da Madeira; com o peixe e entradas frias o vinho do Reno, Sauterne ou Bucelas num copo colorido[28]; com as entradas quentes e com os assados conjugava bem o vinho de Bordéus, de Colares ou Borgonha. Com a sobremesa podia ligar bem um Champanhe, às vezes precedido de um Porto[29], Moscatel ou Malvasia. O licor geralmente acompanhava o café.

Os serviços de mesa

A rainha Alexandra do Reino Unido chegou a Lisboa no dia 22 de março com alguns dias de atraso devido aos temporais ocorridos durante o percurso. A família real portuguesa brindou em sua honra com o almoço oferecido no dia 24 no Paço da Vila de Sintra.

A mesa do almoço, "artisticamente ornamentada" na Sala das Pegas, mostrava uma "riquíssima baixela" e "grande profusão de jarras com flores, predominando as camélias e violetas". Foi o comendador António Duarte, chefe de mesa da rainha D. Maria Pia, a pessoa encarregue dos preparativos, escolhendo para esta ocasião o serviço "denominado de Veneza".[30]

Nesse dia colocaram-se, para além das garrafas de vinho e jarros de água, cinco copos em cada lugar, das seguintes tipologias: para água, vinho do Reno, Bordéus, Madeira e Porto, e à sobremesa, os lavabos com seus pratos. Um licor terá sido servido no final da refeição. Como no menu constam bebidas com designações

genéricas de "Vins et Liqueurs", não se sabe com exatidão os vinhos escolhidos para os visitantes reais. Foram levados da Ajuda para Sintra seis "fundos" ou bases de garrafas, da chamada "Prata do Casamento", e oito "fundos" de garrafas de "prata diferente".[31]

O "Serviço Nº 27", da *Compagnia di Venezia e Murano*[32]

A 27 de setembro de 1901, a "Cronaca cittadina. S. M. Maria Pia di Savoja Regina di Portogallo", do jornal *La Voce di Murano*, descreve que no verão[33] daquele ano a soberana visitou em Veneza vários estabelecimentos de vidro veneziano, como os conceituados *Fratelli Testolini*, *Salviati*, *Jesurum & Co.* e *Pauly & Co.* Contudo, foi na loja da *Compagnia di Venezia e Murano* onde se deixou cativar por um soberbo serviço de mesa em *cristallo*, que encomendou para 50 pessoas, acrescentando na decoração as armas da aliança de Portugal e Sabóia [fig. 2].

[fig. 2]
Serviço de mesa da *Compagnia di Venezia e Murano*
Vidro transparente incolor. Esmaltes. Dourado.
1875-1903, datação atribuída.
De esquerda para direita: decantador de vinho, jarro de água, copo para água, vinho tinto, taça de champagne, copo para vinho do Reno (vidro vermelho) e da Madeira.
Palácio Nacional da Ajuda
Inv. PNA22889

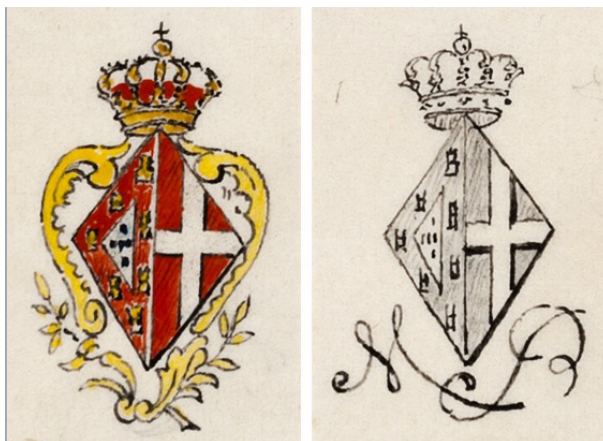
Os modelos do serviço eram exatamente iguais ao dos que tinham sido escolhidos por sua cunhada e prima, Margherita de Sabóia (1851-1926), rainha consorte do Reino de Itália. Ambos os serviços foram decorados por um artista de renome, Francesco Toso Borella e poderam ser publicamente apreciados na sede da *Compagnia di Venezia e Murano* no mês de setembro de 1901[34]. As aquisições da rainha Margherita destinaram-se a algumas das residências reais italianas, nomeadamente o Palazzo Margherita, em Roma.[35]

O grande serviço padrão *Regina Margherita* [fig. 3] adquirido por D. Maria Pia na *Compagnia di Venezia e Murano* está datado de entre os anos de 1875 e 1903, dando entrada no Real Paço da Ajuda a 24 ou 25 de abril de 1903, dois anos depois de ter sido encomendado[36]. Como no tempo da Casa Real esteve arrumado nos armários Nº 17 e Nº 27, este serviço acabou por tomar estas numerações de identificação. De cariz historicista, conta atualmente com 437 peças. Compreende copos para água, vinho de Bordéus, vinho do Reno (copo em vidro vermelho rosado), Madeira, Porto e licor, taças para Champagne, lavabos e pratos respetivos, garrafas para vinho e jarros para água.

À exceção das taças e pratos, todas as peças foram decoradas com fios de vidro moldado em forma de lágrima em cada uma das facetas, numa técnica tipicamente muranesa: *mezza stampaura*.[37] Todo o serviço mostra decoração de mosquetas em esmalte branco, filetes dourados preenchidos por mosquetas douradas e padrão estilizado de volutas e aletas interligadas, igualmente dourado e aplicado a frio. Os copos exibem no pé um botão esférico com caneluras oblíquas.

A decoração de Francesco Toso Borella foi completada com a representação heráldica das armas da rainha D. Maria Pia, pintadas a esmalte policromo (vermelho, prateado, verde, branco e castanho) e dourado. Apresenta escudo fantasia partido, tendo à sinistra as armas de Sabóia e, à destra, as armas de Portugal, assentes sobre cartela barroca. São encimadas por coroa real de cinco hastes aparentes perladas, forrada de vermelho.[38] [fig. 4]

[fig. 3]
Modelo de copo do serviço padrão *Regina Margherita*. 1901 (?)
Palácio Nacional da Ajuda
Inv. PNA22889

Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda
APNA, 10.2.2., cx.3 (1866-1910), doc. 93, sem data.

[fig. 4]
Composição heráldica com as armas reais da aliança de Portugal e Sabóia. Pormenores da figura 3.

Este conjunto, entre outros, encontrava-se guardado na denominada Casa da Arrecadação das Pratas da Rainha D. Maria Pia, no piso térreo do Palácio da Ajuda, quando foi elaborado o Arrolamento Judicial após a implantação da República.[39]

O serviço padrão *Regina Margherita* continua a ser fabricado nas vidrarias de Murano nos dias de hoje – como a do mestre Davide Fuin – no seu modelo revivalista do século XIX, ou em outras versões de design contemporâneo, por exemplo na vidraria de Alberto Striulli.

O serviço nº 27 no Real Paço de Sintra

Relação das quantidades transferidas do Palácio da Ajuda, a partir das relações de época.

48 copos para água
48 copos para vinho do Reno
48 copos para vinho de Bordéus
48 copos para vinho da Madeira
48 copos para vinho do Porto
48 taças para Champagne
30 copos para licor
16 garrafas para vinho e rolhas respetivas
12 jarros para água
48 lavabos e pratos respetivos

Uma história de ressurgimento: Antonio Salviati

Pode-se afirmar que a aparição do serviço padrão ***Regina Margherita*** no tempo da rainha D. Maria Pia deveu-se, efetivamente, a uma personagem fulcral na indústria vidreira muranesa: António Salviati (1816-1890).

Em 1859, depois de um longo período de recessão na indústria vidreira veneziana, devido às ocupações francesa e austríaca, António Salviati, um conceituado advogado de Vicenza, transitou da sua cidade natal para Veneza onde abriu a fábrica ***Salviatti Dott. Antonio fu Bartolomeo***, com o objetivo de recuperar as manufaturas e o património ao abandono desde há décadas. Fê-lo com Antonio Colleoni, o presidente da Câmara de Murano e o abade Zanetti. Previamente, graças à contratação de mestres como Lorenzo Radi, algumas técnicas quase desaparecidas, como o vidro calcedónio, tinham sido recuperadas. Por outro lado, a pesquisa de documentação em arquivos e a procura de objetos das vidrarias antigas em antiquários devolveram, aos poucos, as memórias da ancestral produção de Murano àquela indústria que renasceu de forma surpreendente.

[fig. 5]
Fachada do Palazzo Barbarigo, antiga sede da *Compagnia di Venezia e Murano*.

Salviati quis ir mais longe enveredando por uma estratégia de internacionalização. Em 1862 Salviati e Radi conquistaram uma medalha de ouro na Exposição Universal de Londres, sendo que algumas peças foram doadas ao The South Kensington Museum (atual Victoria & Albert Museum). Em 1866, quando Veneza se libertou da ocupação austríaca e se tornou parte do Reino Unido de Itália, começou o período de grande expansão económica, principalmente a partir do momento em que Salviati se associou ao arqueólogo e diplomata Sir Austen Layard e entraram capitais britânicos na nova empresa, a Salviati & Co, com sede em Londres e fábrica em Veneza, no Palazzo da Mulla. Na Exposição Universal de Paris de 1867, a firma Salviati destacou-se pela singularidade e ecletismo dos cerca de quinhentos modelos apresentados, que mostravam muita fantasia, cor e criatividade. D. Luís e D. Maria Pia, entre outros monarcas e chefes de Estado, assistiram à abertura da segunda ***Exposition Universelle***, a convite do imperador Napoléon III. A casa Salviati, como sabemos, também esteve presente.

No ano de 1872, o nome da firma mudou para ***The Venice and Murano Glass and Mosaic Company Limited*** (Salviati & Co.) e nela laboraram artistas do vidro soprado como Antonio Seguso, Giovano Barovier e Angelo Ongaro.[40] Em 1877, Salviati termina a sociedade com os ingleses, sendo então criadas duas novas empresas: a ***Compagnia di Venezia e Murano***, sob direção de Layard, com sede e *showroom* no Palazzo Barbarigo, e a ***Salviati Dott. Antonio***, sob direção do fundador, também em Veneza.

O "Serviço Nº 2", da *J&L Lobmeyr*[41]

No dia 29 de março, poucos dias depois do almoço da rainha Alexandra, e no mesmo local, o Paço da Vila de Sintra, foi oferecido um almoço em honra do Kaiser Wilhelm II. Como já referido, por ocasião da visita a Sintra da soberana britânica foi utilizado o serviço "de Veneza", mas desta vez optou-se por um "finíssimo"[42] serviço proveniente das melhores vidrarias da Boémia, da firma *J&L Lobmeyr*. Convém lembrar que estes dois serviços ricos para mesa de Estado, pertencentes à rainha D. Maria Pia, tinham sido transferidos dias antes da Ajuda para Sintra, destinados a serem usados nestes almoços[43]: o serviço Nº 27 para o almoço da rainha Alexandra, que integrou 49 comensais, e o serviço Nº 2 para o almoço do imperador da Alemanha, para cerca de 80 pessoas.

A mesa de Wilhelm II apresentou, para além dos copos de água, vinho de Bordéus, Reno, Champanhe, Porto e Madeira, lavabos e pratos para a sobremesa, as canecas e pratos para neve, copos para licor, as garrafas e os decantadores[44], e ainda um importante complemento, revelador do máximo requinte da etiqueta da Corte, os copos de "raminhos", onde eram depositados pequenos buquês de flores com que os convivas, no final da refeição enfeitavam a lapela.

O designado serviço Nº 2,[45] comprado na casa *J & L Lobmeyr* em Viena, servia 88 pessoas[46]. Também aparece descrito nas relações como serviço de "feitio em gomos com armas reais"[47]. Terá sido adquirido pela rainha D. Maria Pia na sua passagem pela Áustria na viagem de 1888, tendo sido enviada a segunda fatura em maio de 1889.[48] Uma outra encomenda foi efetuada a 17 de dezembro de 1894.[49] Com esta segunda compra, o conjunto chegou a servir 150 pessoas[50]. Muito completo, contempla garrafas para água e vinho e jarros para vinho de Bordéus, garrafas para licor, copos de pé baixo, copos para cerveja, taças e *flutes* para Champagne, copos para vinhos de Bordéus, da Borgonha e Jerez, cálices para licor, copos verdes para vinho do Reno, canecas para ponche, lavabos e seus pratos, copos e pratos para geleia, e para neve, copos para lavar a boca (*rince-bouche*), copos para raminhos e galheteiros. [fig. 6, 7, 8]

[fig. 6, 7, 8]

Serviço de mesa da casa *J&L Lobmeyr*, modelo nº 126 "mit Goldrand"

Vidro transparente incolor. Esmaltes.
1865-1895, datação atribuída.

De esquerda para direita: copo para cerveja, água, vinho de Bordéus, flute de champanhe, copo para vinho da Madeira, cálice para vinho do Porto e cálice para licor.

De esquerda para direita: lavabo com prato e copo para lavar a boca, copo para ponche com prato (ponche romain), garrafa para licor, copo alto para lavar a boca, copo para flores (raminhos).

De esquerda para direita: garrafa para vinho, garrafa para vinho, garrafa com asa, jarro para água.

Palácio Nacional da Ajuda
Inv. PNA22920

© DGPC/ADF | Foto: Luisa Oliveira, 2017

Este serviço de cristal, cujas peças são em gomos lisos salientes, correspondia ao modelo nº 126 "mit Goldrand", ou seja, decorado com fio de ouro nos bordos, filetes dourados na base, bem como representação heráldica de escudo fantasia português assente sobre cartela, pintado com esmaltes policromos (vermelho, verde, branco e azul) e ouro, fabricado a partir de 1865.

Foi muito provavelmente fabricado em vidrarias boémias[51] que trabalhavam para a casa *Lobmeyr*, em alguma das fábricas *Meyr's Neffe* localizadas nas florestas daquela região, em Winterberg ou Leonorenhain.[52] O cristal da Boémia tem como principais características a transparência, dureza e brilho quase semelhantes ao cristal de rocha. A Boémia veio suplantar a fabricação de vidro veneziano sobretudo a partir do século XVII, não só pelo seu ótimo cristal mas também pela novidade das técnicas decorativas como a gravação e a lapidação.

Esta companhia, sediada em Viena, foi fundada em 1823 por Joseph Lobmeyr (1792-1855). Pouco tempo depois começou a destacar-se pelas peças decorativas de qualidade excepcional que exibia na sua loja, ainda hoje existente no nº 26 da *Kartnerstrasse*, e tornou-se fornecedora da corte imperial austro-húngara.

Quando em 1860, os filhos de Joseph – Joseph Jr e Ludwig – sucederam a seu pai, a firma tomou o nome de *J&L Lobmeyr*. Em 1864, Ludwig torna-se o único proprietário da firma e foi ainda um dos responsáveis pela fundação do Museu de Artes Aplicadas de Viena de Áustria (atual Museu de Artes Decorativas - *MAK Vienna*). Agora pioneiro na produção de cristal Austro-Boémio, apresentou os seus melhores modelos nas primeiras exposições universais.

Na exposição Universal de Paris, em 1867, distinguiram-se as peças decoradas "à grega" com lapidação e gravação em cristal incolor, entre outros exemplares de beleza inexcedível. Em 1873, na Exposição Universal de Viena, exibiram peças ricamente decoradas com motivos indo-persas e islâmicos, criados por numerosos artistas do movimento historicista austríaco, como Joseph Stork e Joseph Salb, entre outros, que obtiveram grande sucesso. Em 1878, na Exposição Universal de Paris, apresentaram mais modelos de inspiração oriental, bastante apreciados pelo grande público. Em 1902, Stephan Rath, sobrinho de Ludwig Lobmeyr, ingressa na firma, que ainda hoje pertence aos seus descendentes.[53]

Outro serviço de mesa para o Real Paço de Sintra

O "Serviço Nº 1", da *Baccarat*[54]

No início do século XX, em data desconhecida, outro relevante conjunto foi transferido do Paço da Ajuda para o Paço da Vila de Sintra, lugar onde ainda se encontra. Trata-se do Serviço N° 1, que pela sua decoração foi no tempo da Casa Real denominado de "xadrês" ou "biquinhos". Corresponde ao modelo *Gladstone* da fábrica *Baccarat*, um soberbo conjunto em cristal adquirido por D. Maria Pia em Paris no armazém *Grand* Dépot. *E Bourgeois*, em 1894.[55]

Seguiram-se novas aquisições de peças naquele estabelecimento, em 1896 [fig. 9] e na viagem realizada no ano de 1901, em que a rainha viúva comprou peças em falta e mais sessenta e cinco *flutes* de Champagne[56]. Anos mais tarde, conforme anotações numa relação dos serviços de vidro em arrecadação em Sintra (no Paço da Vila) e Estoril (no *chalet* da rainha), parte deste serviço foi transferido definitivamente para o palácio sintrense[57]. O serviço era bastante usado pois no ano de 1905 verificou-se mais uma reposição de peças[58].

10.2.1 (nº 435)

GRAND DÉPÔT
PORCELAINES · FAÏENCES · CRISTAUX
FRANÇAIS & ANGLAIS
E. BOURGEOIS
Assortiment de Vases à fleurs, Cache-pots, Jardinières
Belles et grandes pièces faïence artistique
MAISON SPÉCIALE
pour Service de Table & Dessert
SUCCURSALE: 33, RUE ST FERRÉOL À MARSEILLE.
21, RUE DROUOT au coin de la rue de Provence
PARIS

Fº du Grand Livre

M Double de Commande Doit

Pour les Réclamations Indiquer le Fº du Grand Livre. Paris, le 21 Décembre 1896 Vente exclusivement au comptant.

Service Cristal Gladstone

18	Verres à Eau	Nº 2	6 75	121 50
18	" Bordeaux	" 4	5 40	97 20
24	" Sauterne	" 3	6 ..	144 ..
18	Coupes Champagne		7 50	135 ..
60	Verres Vin du Rhin		7 50	450 ..
60	" Madère	" 5	4 25	255 ..
60	" Porto	" 5 bis	4 25	255 ..
36	" Liqueur	" 6	4 ..	144 ..
60	" Punch à la Romaine		5 50	330 ..
60	Assiettes à glace		5 50	330 ..
12	Carafes à Vin		13 ..	156 ..
6	Brocs à Eau		18 ..	108 ..
60	Bols, gobelets & plateaux		20 ..	1200 ..
36	Verres à Bière		8 50	306 ..
60	" à gelée		5 50	330 ..
12	Coupes à Dessert		30 ..	360 ..
720	Chiffres & Couronnes royales gravés dorés		3 ..	2160 ..
				6881 70

PALÁCIO NACIONAL DA AJUDA

[fig. 9]
Nota de encomenda do serviço de mesa, modelo "Gladstone", da *Baccarat*, nos armazéns *Grand Dépot*, datada de 21 de dezembro de 1896.

Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda
APNA, 10.2.1., cx. 2 (21.12.1896-22.07.1897), doc.7 (435).

Cortesia da DGPC e da Biblioteca da Ajuda

Os objetos, em cristal, são finamente decorados em três secções lapidadas: a primeira em ponta de diamante simples, a segunda em ponta de diamante-estrela de seis pontas e a terceira em facetas largas ou cânulas em forma de dardo. Os copos têm pé em balaústre, facetado, com um serrilhado em cada aresta, e base circular com estrela lapidada [fig. 10]. Os copos de vinho do Reno, em cristal transparente incolor, são dobrados a cristal transparente verde [fig. 11]. Todas as peças mostram a representação heráldica do monograma "MP" coroado, gravado e dourado, relativo a D. Maria Pia.

[fig.10]
Dez copos com pé, de diferente tipologia, do serviço de mesa da *Baccarat*, em cristal transparente incolor (copo para vinho do Reno, dobrado a cristal transparente verde).

Cristal lapidado e gravado. Serviço adquirido entre 1894 e 1901.

De esquerda para direita: copo para água, vinho de Sauterne (copo grande), Sauterne (pequeno), vinho do Reno, espumante, taça para champagne, copo para vinho da Madeira, Bordéus e cálices para Porto e licor.

Palácio Nacional de Sintra
Inv. PNS3813, PNS3806, PNS3853, PNS3965, PNS4000, PNS3763, PNS4202, PNS4149, PNS4238, PNS4274.

[fig.11]
Copo para vinho do Reno
Palácio Nacional de Sintra
Inv. PNS3965

O catálogo impresso (finais do século XIX - início do século XX) daquele estabelecimento, mostra alguns modelos do serviço *Gladstone*, bem como as peças que o compunham e respetivos preços, em tabela anexa [fig. 12, 13]. Era vendido em conjuntos para 6, 12, 18 ou 24 cobertas, sendo ainda, quando era o caso, somado na fatura o preço de monograma ou armas de família ("Specimens de Chiffres et Armoiries").[59]

[fig.12]
O Serviço *Gladstone* representado como modelo nº 235, na "Planche 27" do catálogo dos Armazéns *Grand Dépot*

GRAND DÉPOT, 21 et 23, rue Drouot, PARIS

PRIX DE LA PLANCHE N°27, CRISTAUX

Tous les Services sont composés comme suit :

SERVICE 6 COUVERTS
6 VERRES à Eau
6 — à Bordeaux
6 — à Madère
6 FLUTES à Champagne
1 CARAFE à Eau
1 — à Vin

SERVICE 12 COUVERTS
12 VERRES à Eau
12 — à Bordeaux
12 — à Madère
12 FLUTES à Champagne
2 CARAFES à Eau
2 — à Vin

SERVICE 18 COUVERTS
18 VERRES à Eau
18 — à Bordeaux
18 — à Madère
18 FLUTES à Champagne
4 CARAFES à Eau
4 — à Vin

SERVICE 24 COUVERTS
24 VERRES à Eau
24 — à Bordeaux
24 — à Madère
24 FLUTES à Champagne
6 CARAFES à Eau
6 — à Vin

PIÈCES COMPOSANT LES SERVICES	Nº 233 SERVICE NAPLES TAILLÉ A LOSANGES, FLOTS JAMBE TAILLÉE	Nº 234 SERVICE LAVALLIÈRE TAILLÉ A DIAMANTS, PIERRERIES A 8 FACETTES	Nº 235 SERVICE GLADSTONE TAILLE OUVRAGÉE DE DIAMANTS ÉTOILÉS ET OLIVES, JAMBE TAILLÉE
Verre à Eau	5 »	5 75	6 75
» Bordeaux	4 25	5 25	5 40
» Madère et Vins de Liqueurs	3 50	4 75	4 25
Liqueurs	3 »	4 50	4 »
Flûte à Champagne	4 50	5 25	5 60
Coupe à Champagne	6 75	6 50	7 50
Carafe à Eau	15 »	16 50	15 »
» à Vin	12 50	15 »	13 »
Broc à Vin fin	18 »	20 »	18 50
Compotier haut, 3 pièces	20 »	30 »	31 »
Couvre-Fromage et Plateau	20 »	22 »	27 »
Service de 6 couverts	130 »	157 50	160 »
» de 12 couverts	260 »	315 »	320 »
» de 18 couverts	420 »	504 »	508 »
» de 24 couverts	578 »	693 »	696 »

SPECIMENS DE CHIFFRES ET ARMOIRIES

GRAND DEPOT. — Nº 85 Armoirie .... 10 »
GRAND DÉPOT. — Nº 86 Armoirie .... 5 »
GRAND DÉPOT. — Nº 87 Armoirie .... 7 »
GRAND DÉPOT. — Nº 88 Armoirie .... 4 »

PARIS. — IMP. CHARLES VERNEAU, 114, RUE OBERKAMPF

[fig.13]
Conjuntos apresentados, modelos e respetivas tabelas de preços dos serviços da "Planche 27". Catálogo dos Armazéns *Grand Dépot*.

Este grande serviço para um número entre 63 a 78 pessoas, é constituído atualmente por 976 peças: garrafas grandes e pequenas [fig. 14], jarros e copos para água [fig. 15], copos grandes e pequenos para vinho *Sauterne*, copos para vinho de Bordéus de dois tamanhos, do Reno, espumante, da Madeira, e Champanhe (taças e flutes), copos de cerveja [fig. 16], canecas para ponche, taças para geleia, cálices de Porto e licor, pratos para neve, lavabos e respectivos pratos, copos para lavar a boca (*rince-bouche*) [fig. 17] e, finalmente, fruteiros. Uma das peças (PNS4360) tem uma etiqueta com a inscrição: "Baccarat France" [fig. 18]. Quase todas as peças têm uma etiqueta retangular branca e vermelha, com numeração relativa ao Cadastro dos Bens do Domínio Público[60], levado a cabo no Palácio Nacional de Sintra entre 1938 e 1941 por Jorge da Cruz Reis, 2º conservador do Palácio na altura.

[fig.14]
Garrafas para vinho, com rolha
Palácio Nacional de Sintra
Inv. PNS3686 (esquerda), PNS3690 (direita)

[fig.15]
Jarro e copo para água
Palácio Nacional de Sintra
Inv. PNS3719 (jarro), PNS3813 (copo)

Parte deste conjunto encontrava-se a uso da rainha-mãe, até à implantação da República, no Palácio da Ajuda. Estava guardado na casa da Arrecadação das pratas, por ocasião do Arrolamento Judicial[61]. A maior parte deste serviço, pelo menos desde 1905, já se encontrava no Paço da Vila de Sintra, e servia 60 pessoas[62]. O conjunto que se encontrava no Paço da Ajuda apresentava números díspares em cada tipologia, mas estima-se que serviria cerca de 20 pessoas.

[fig.16]
Copo para cerveja, caneca para ponche e taça para geleia

Palácio Nacional de Sintra
Inv. (de esquerda para direita) PNS4073, PNS4329, PNS4364

© PSML | Foto: e.m.i.g.u.s photography, 2018

[fig.17]
Lavabo com prato e copo para lavar a boca

Palácio Nacional de Sintra
Inv. PNS4579 (lavabo), PNS4487 (prato), PNS4625 (copo)

© PSML | Foto: e.m.i.g.u.s photography, 2018

[fig.18]
Marca identificativa da fábrica *Baccarat*, colada na superfície da base de uma das taças para geleia do serviço de mesa da rainha D. Maria Pia

Trata-se da única etiqueta de papel ainda na própria peça e apresenta a inscrição "BACCARAT FRANCE", usada a partir da década de 1860.

Palácio Nacional de Sintra
Inv. PNS4360

© PSML | Foto: Cláudio Marques, 2010

A *Baccarat* e os Armazéns *Grand Dépot*

A fábrica *Baccarat*, fundada em 1764 pelo abade de Metz, numa aldeia da floresta dos Vosges que lhe deu o nome, a cinquenta quilómetros de Nancy, é uma das mais prestigiadas cristalarias francesas. Em 1816, Aimé Gabriel d'Artigues, industrial já com tradição na área do vidro, tomou o rumo da fábrica, chegando a ter cerca de 300 operários.

Em 1823, a *Baccarat* apresentou, pela primeira vez, os seus serviços de mesa em cristal incolor lapidado. As suas peças de cor e em vidro opalino também ganharam destaque neste período. Em 1946, as bolas pisa papéis decoradas com canas de vidro policromas *Milefiori*, criação de Pietro Bigaglia em Murano, foram lançadas no mercado com enorme sucesso.

Em termos cronológicos, depois de Veneza, da Boémia e da Grã-Bretanha, caberá também à França, ao longo de todo o século XIX, evidenciar-se na produção de um cristal de grande transparência e brilho e na inovação e perfeição técnica conseguidas.[63]

Após a guerra franco-prussiana em 1870-1871, a *Baccarat* ganhou outro impulso, sobretudo com o sucesso obtido na Exposição Universal de 1878, em Paris, onde se distinguiram sobretudo as peças japonistas, que encantaram pela sua modernidade e que também não escaparam à rainha D. Maria Pia[64]. Considerada glória nacional de França, todos os chefes de Estado, incluindo o imperador Napoléon III, incluíram nas suas baixelas um ou mais serviços da *Baccarat*, que nunca mais cessou, até aos dias de hoje, de pesquisar e experimentar outras técnicas vidreiras e seguir novas tendências.[65]

A marca *Baccarat* também estava representada nos Armazéns *Grand Dépôt*. Estes armazéns de revenda foram estabelecidos em 1862 por M. Émile Bourgeois (1832-1926) na esquina entre a Rue Drouot e a Rue de La Provence. Em 1889, as suas galerias de exposição ocupavam cerca de dois mil metros de superfície. Eram especializados em todo o tipo de faianças, porcelanas e cristais, de modelos variados e dos melhores fabricantes, acessíveis a todo o tipo de clientela. No número 21 da Rue Drouot podiam-se encontrar belos lustres e candelabros em cristal lapidado, *surtouts* de mesa

em cristal gravado e cinzelado, jarros "de estilo" com montagens em prata, serviços de *toilette* e uma grande diversidade de serviços de mesa em cristal lapidado, gravado e dourado, "como não existia igual nem em França nem em Inglaterra"[66]. Estes armazéns estiveram representados na Exposição Universal de 1889, nas classes 19 e 20, classe III, nas secções de cerâmica e vidro. Na Exposição Universal de 1900, em Paris, ganharam uma medalha de prata.

Catálogos como o de 1882 eram ilustrativos do que deveria ser mostrado numa mesa burguesa do século XIX[67], mostrando serviços do melhor gosto, com nomes sugestivos. Um serviço modelo era composto, geralmente, por copos de água, de vinho Bordéus, Madeira e taça ou/e *flute* de Champagne. Mas também se podia juntar jarros de água e garrafas de vinho e os cálices de licor. Pela exigência e complexidade de etiqueta em casas ou palácios, os serviços mais completos poderiam já incluir outro tipo de peças, como compoteiras, taças para geleias, taças de gelados, copos para lavar a boca (*rince-bouches*) e objetos decorativos escolhidos pelos clientes mais abastados[68]. São exemplo os adquiridos pela rainha de Portugal, D. Maria Pia, que incluem dezenas de tipologias, com variadíssimas funções.

····· § ·····

NOTAS

1 O príncipe Arthur (1850-1942), duque de Connaught, era irmão do rei Edward VII do Reino Unido e, portanto, cunhado da rainha Alexandra.

2 Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda (APNA), 10.2.2., doc. 252, *Serviço que foi para Cintra (R. Ingleza)*, 16 de março de 1905.

3 Sobre os dois serviços de louça aqui mencionados, veja-se o segundo capítulo da presente publicação, da autoria de Cristina Neiva Correia.

4 Alguns serviços no Real Paço da Ajuda tomavam a numeração dos armários onde estavam arrumados.

5 Números de inventário: de PNS5577 a PNS5585.

6 APNA, 10.2.1., cx. 2, doc. 6, *Faturas e carta sobre a aquisição de peças de um serviço de toilette à casa Escalier de Cristal*, 22 de outubro de 1896, 13 e 15 de julho de 1887. Transcrição das peças do serviço: "(...) 1 Cuvette Victoria (?), taillé côtes / torses medaillon relevé / 1 Chiffre MP (?) et couronne / royale grave doré / (...) 1 bol à eponge (...), / 1 corps de boîte à poudre (...) / 1 cuvette Victoria cl. Blanc (...) / 1 Bol à éponge (...) / 1 Corps de boîte à poudre (...)".

7 Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Casa Real (CR), cx. 6979, *Fatura do estabelecimento Escalier de Cristal*, 18 de janeiro de 1888.

8 APNA, Direção Geral da Fazenda Pública (DGFP), *Arrolamento do Palácio Nacional da Ajuda*, vol. 5, Lisboa, 1911.

9 Ledoux-Lebard, 1984: 190.

10 Os serviços "do Ramalhão", "Corôas e PP" e outras peças "Differentes", faziam parte integrante dos "Vidros da Casa Real" no "Sumário dos diferentes serviços de vidros existentes no Real Tesouro do Paço da Ajuda". Veja-se APNA, 10.2.2, doc.37, Lisboa, sem data.

11 ANTT, Arquivo Histórico do Ministério das Finanças (AHMF), CR, cx. 4540, doc. 73, *Fatura da Fábrica de Porcelanas e Cristais Rihouet, Lerousey*, 20 de maio de 1858.

12 Comprado por ocasião do seu casamento com a rainha D. Estefânia e que apresenta o seu monograma coroado.

13 ANTT, AHMF, CR, cx. 4703, doc. 110, *Fatura da Fábrica de Porcelanas e Cristais Rihouet, Lerousey*, 22 de dezembro de1863.

14 APNA, 5-II-1 (b), *Inventários Pratas, Louças, etc.*, Lisboa, sem data.

15 No início do século XX, destacam-se as famosas casas de jantar em estilo Arte Nova de Émile Galé, em França.

16 Heugel, 2005: 117.

17 Heugel, 2005: 135.

18 Mata, 1900: 306.

19 Heugel, 2005: 125.

20 Comtesse de Gencé é o pseudónimo de uma dama francesa não identificada que escreveu uma dos manuais mais conhecidos sobre boas maneiras e regras de etiqueta. Publicado pela primeira vez em língua francesa em finais do século XIX, provavelmente em 1895 de acordo com Maria Teresa Santos Cunha, a primeira edição em português foi lançada em 1909, com o título *Tratado de Civilidade e Etiqueta*. Veja-se Cunha, 2004: 4.

21 Gencé, 1912: 134.

22 Gencé, 1912: 134.

23 Obra fundamental cuja primeira edição data de 1876. Contém cerca de trezentas páginas com receitas originais dos principais jantares organizados pelas famílias reais de Portugal e imperial Brasileira. Apresenta todos os detalhes dos banquetes confecionados na época para a família real portuguesa, bem como as receitas completas de todas as iguarias e pratos servidos, com enorme rigor e riqueza de detalhes.

24 Matta, 1900: 303.

25 Matta, 1900: 305.

26 Em 1845 é publicado em Lisboa o *Manual de civilidade e etiqueta (ornado de estampas) para uso da mocidade portugueza e brazileira pelo Cavalheiro*, sem indicação de autoria, sendo correntemente atribuído a Jacinto da Silva Mengo, nomeadamente por Inocêncio Francisco da Silva, no seu *Dicionário Bibliográfico Português*.

27 Mengo, 1845: 46-48.

28 Gencé, 1912: 117 e 118.

29 Gencé, 1912: 128.

30 *O Século*, 24 e 25 março 1905. Sobre a visita a Portugal da rainha Alexandra e o seu impacto na imprensa, veja-se o primeiro capítulo da presente publicação, da autoria de Fernando Montesinos.

31 APNA, 10.2.2., doc. 272, *Serviço em Sintra 21 Março de 1905*. Sobre os serviços e objetos em prata transferidos do Palácio da Ajuda para o de Sintra, veja-se o terceiro capítulo da presente publicação, da autoria de Teresa Maranhas.

32 Palácio Nacional da Ajuda, número de inventário PNA 22889.

33 Segundo o *Diario Illustrado* a rainha visita a cidade de Veneza os dias 2, 3 e 4 de setembro de 1901. Agradecemos esta informação a Fernando Montesinos, conservador do Palácio Nacional de Sintra. *Diario Illustrado*, 2 e 6 setembro 1901: 1.

34 *La Voce di Murano*, 27 setembro 1901: 62. Mentasti/Tonini, 2015: 36 e 37.

35 Mentasti/Tonini, 2015: 37.

36 APNA, 5-II-1 (b), doc. 126, *Inventário de pratas, louças, etc*., sem data.

37 Técnica decorativa cujo processo consiste na aplicação de fios de vidro moldado, na vertical e na parte inferior da bolha de vidro, após o seu sopro e fundição. A operação conclui-se soprando a peça no interior de um molde.

38 Burnay, 2015: 124 e 125.

39 APNA, DGFP, *Arrolamento do Palácio Nacional da Ajuda*, vol. 5, Lisboa, 1911.

40 Barr, 1998: 20.

41 Palácio Nacional da Ajuda, número de inventário PNA 22920.

42 *Diario Illustrado*, 30 março 1905: 1. Agradecemos esta referência a Fernando Montesinos, conservador do Palácio Nacional de Sintra.

43 APNA, 10.2.2., doc. 252, *Serviço que foi para Cintra (R. Ingleza)*, 16 de março de 1905.

44 APNA, 10.2.2., doc. 252, *Serviço que foi para Cintra (R. Ingleza)*, 16 de março de 1905.

45 Como consta nos inventários de época.

46 APNA, 10.2.2., cx. 1, *Real Mantearia e Real Tesouro; Relação das Louças e das Pratas e Vidros*, sem data.

47 APNA, 10.2.2., doc. 37, *Sumário dos diferentes serviços de vidros existentes na arrecadação do Real Tesouro do Paço da Ajuda*, Lisboa, sem data.

48 ANTT, AHMF, CR, cx. 7004, *Fatura de J&L Lobmeyr*, Viena, 3 de maio de 1889.

49 ANTT, AHMF, CR, cx. 7008, *Fatura de J&L Lobmeyr*, Viena, 17 de dezembro de 1894.

50 APNA, 10.2.2., cx. 2, doc. 33, *Relação dos serviços de vidro em Arrecadação no Palácio da Ajuda*, sem data.

51 Estas vidrarias estavam localizadas em território da atual República Checa.

52 Os nossos agradecimentos ao Sr. Peter Rath, da casa *J&L Lobmeyr* de Viena, pelas informações prestadas sobre o fabrico destes modelos.

53 Cappa, 1998: 32.

54 Palácio Nacional de Sintra, número de inventário PNS3677 a PNS4647.

55 APNA, 5.II.1(5), *Inventários das pratas, louças e vidros*.

56 APNA, 7.1.1., *Fatura dos Armazéns Grand Dépot*, 19 de março de 1902.

57 APNA, 10.2.2., doc. 28, *Relação dos serviços de vidro em arrecadação em Sintra e no Estoril*, sem data.

58 APNA, 10.2.1., cx. 1, doc. 109, *Relação de encomendas feitas em diversos estabelecimentos em Paris na viagem da Rainha D. Maria Pia em 1905*.

59 Bourgeois, E. (ed.) [189?-190?]: planche 27.

60 Iniciativa da Direcção-Geral da Fazenda Pública, Repartição de Património, realizada ao longo de vários anos, que compreendia, entre outros objetivos, o registo de todos os bens dos museus e palácios nacionais.

61 APNA, DGFP, *Arrolamento do Palácio Nacional da Ajuda*, vol. 4, Lisboa, 1911, fls. 1393v a 1395.

62 APNA, 10.2.1., cx. 1, doc. 10, *Relação de encomendas feitas em diversos estabelecimentos em Paris na viagem da Rainha D. Maria Pia em 1905*.

63 Heugel, 2005: 114.

64 A coleção do Palácio Nacional da Ajuda conserva, entre muitas outras peças decorativas e conjuntos, uma quantidade considerável de jarras e um licoreiro, da *Baccarat*, decorados com gravações e douragens de motivos inspirados em gravuras japonesas.

65 Cappa, 1998: 170.

66 Em catálogos de armazéns de revenda os produtos eram apresentados com textos e imagens atraentes e persuasivos, de modo a promovê-los e a motivar a sua compra. É o caso dos catálogos ilustrados do *Grand Dépot*, como *La Céramique Moderne par Le Grand Dépôt. Porcelaines, faiences et cristaux*, editado por E. Bourgeois em 1889.

67 Catálogos com pranchas ilustradas, a páginas inteiras, que apresentavam peças de diversas tipologias para venda.

68 Veja-se o sítio web *Le Verre, le Cristal et la Pâte de Verre*, "Emile BOURGEOIS (1832-1926) propriétaire du «Grand Dépôt» et éditeur reconnu (France)", https://leverreetlecristal.wordpress.com/2014/02/18/emile-bourgeois-1832-1926-proprietaire-du-grand-depot-et-editeur-reconnu-france. Última consulta: 6 janeiro 2018.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES MANUSCRITAS

Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda

10.2.2., doc. 15, *Relação do serviço de cristal de Murano*, sem data (1901?).

10.2.2., doc. 28, *Relação dos serviços de vidro em arrecadação em Sintra e no Estoril*, sem data.

10.2.2., doc. 251-251(a), *Serviço que foi para Cintra (R. Ingleza)*, 15 de março de 1905.

10.2.2., doc. 252, *Serviço que foi para Cintra (R. Ingleza)*, 16 de março de 1905.

10.2.2., doc. 272, *Serviço em Sintra em 21 Março de 1905*, 21 de março de 1905.

10.2.2., doc. 273, *Serviço para Cintra*, sem data.

10.2.2., cx. 1, *Real Mantearia e Real tesouro, Relação da Louças e das Pratas e Vidros*, sem data.

10.2.2., cx. 2, 21, doc. 2265, *Relações das quantidades existentes nas diversas secções dos Palácios da Ajuda, Sintra e Estoril (pratas, vidros, loiças, etc.)*. [Serviço Nº 27. Entrada no Paço da Ajuda em 24 de abril de 1903]

10.2.2., cx. 2, 33, *Relação dos Serviços de vidro em Arrecadação no Palácio da Ajuda*, sem data.

10.2.2., cx. 2, 37, *Sumário dos diferentes serviços de vidros existentes na arrecadação do Real tesouro do paço da Ajuda*, sem data.

10.2.1., cx. 1, doc. 109, *Relação de encomendas feitas em diversos estabelecimentos em Paris na viagem da Rainha D. Maria Pia em 1905*.

10.2.1., cx. 2, doc. 6, *Faturas e carta sobre a aquisição de peças de um serviço de toilette à casa Escalier de Cristal*, datadas de 13 e 15 de julho de 1887 e 22 de outubro de 1896.

10.4., Cartões Casa Real.

7.1.1., *Fatura dos Armazéns Grand Dépot, de 19 de Março de 1902*.

5-II-1 (b), doc. 126, *Inventário de pratas, louças, etc.* [Serviço Nº 27. Entrada no Paço da Ajuda em 25 de abril de 1903]

5-II-1 (5), *Inventários das pratas, louças e vidros*.

5-II-5 (164), *Relação dos serviços de vidro*, 1907. [Serviço Nº 27. Observação a lápis: "Viagem 1901. Veneza"]

Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda

Direção Geral da Fazenda Pública, *Arrolamento do Palácio Nacional da Ajuda*, vol. 4, 1911.

Direção Geral da Fazenda Pública, *Arrolamento do Palácio Nacional da Ajuda*, vol. 5, 1911.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa

Fundo Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Casa Real, caixas 4540, 4703, 6979, 7004 e 7008.

FONTES IMPRESSAS

BOURGEOIS, E. (ed.) (1889): *La Céramique Moderne par Le Grand Dépôt. Porcelaines, faiences et cristaux*, Paris, Imprimerie Charles Verneau.

BOURGEOIS, E. (ed.) [189 ?-190 ?]: *La Cristallerie Française par Le Grand Dépôt*, Paris, Imprimerie Charles Verneau.

DUMAS, François-Guillaume (dir.) (1904): *Almanach des gourmands. Fondé par Grimod de la Reynière en 1803. Continué sous la direction de F.G. Dumas*, Paris, Librairie Nilsson.

GENCÉ, Condessa de (1912): *Tratado de Civilidade e de Etiqueta*, Lisboa, Guimarães & C.ª Editores.

MATTA, João da (1900): *Arte de Cosinha*, 4ª ed. corr., Lisboa, Typ. Universal.

MENGO, Jacinto da Silva (1845): *Manual de civilidade e etiqueta (ornado de estampas) para uso da mocidade portugueza e brazileira pelo Cavalheiro*, Lisboa. Typ. da Soc. Propagadora dos Conhecim. Uteis.

BIBLIOGRAFIA

BAROVIER MENTASTI, Rosa (2010): *Galanteria di Vetro. Il Resorgimento vetrario di Murano nella colllezione de Boos-Smith* [catálogo da exposição], Venezia, Marsiglio. Veneza: Istituto Veneto di Scienze, Lettere ed Arti, março-junho.

BAROVIER MENTASTI, Rosa/TONINI, Cristina (2013): *Fragile. Murano, chefs d'oeuvre de verre de la Renaissance au XXIe siècle* [catálogo da exposição], Paris, Gallimard. Paris: Musée Maillol, março-julho.

BARR, Sheldon, (1998): *Venetian Glass. Confections in Glass 1855-1914*, New York, Harry N. Abrams Inc.

BURNAY, Maria João Botelho Moniz (2016): *Ricordo di Venezia. Vidros de Murano da Casa Real Portuguesa* [catálogo da exposição], Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda. Lisboa: Palácio Nacional da Ajuda, julho- janeiro.

CAPPA, Giuseppe (1998): *Le Génie Verrier de l'Europe. Témoignages de l'Historicisme à la Modernité (1840-1998)*, Hayen Belgique, Pierre Mardaga éditeur.

CUNHA, Maria Teresa Santos (2004): «Os dizeres das regras. Um estudo sobre manuais de civilidade e etiqueta». *III Congresso Brasileiro de História da Educação*, Curitiba, PUC/PR e SBHE.

ENNÈS, Pierre (2006): *Histoire du Verre. Au Carrefour de L'Art et de L'Industrie. Le XIXe Siècle*, Paris, Massin.

HEUGUEL, Inès (2005): *La Passion des Arts de la Table*, Luçon, Éditions du Chêne.

LEDOUX-LEBARD, Denise (1984): *Le Mobilier Français du XIXe (1785-1889) Siècle. Dictionnaire des Ébénistes et des Menuisiers*, Paris, Les éditions de l'Amateur.

LIEFKES, Reino (1997): *Glass*, London, V&A Publications.

VERITÀ, Marco (2014): "Secrets and Innovations of Venetian Glass between the 15th and the 17th centuries: Raw materials, Glass melting and Artefacts". *ATTI Classe di Scienze Fisiche, Matematiche e Naturali. Study Days on Venetian Glass. Approximately 1600's*, tomo 172, fascicolo 1, Venezia, Istituto Veneto di Scienze, Lettere ed Arti.